REVISTA DA SEMANA

N.º 51

CrS 5,00 em todo o Brasil

20-12-47

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

1947

A

SUA CLIENTELA E AMIGOS

CELINO POMPEU

DESEJA

BOAS - FESTAS

E UM PROSPERO

ANO - NOVO

1948

UM caso pitoresco surgiu na Câmara dos Deputados na semana passada: um deputado carioca do PSD, cuja ação, naquele órgão, tem sido inteiramente nula, — o sr. José Fontes Romero, querendo cavar amizades entre os jornalistas acreditados junto àquela casa legislativa, apresentou um projeto inteiramente absurdo, no sentido de que cada um deles recebesse cinco mil cruzeiros como "abono de Natal", por conta da verba de pagamento dos deputados, de que havia uma sobra, em razão de faltas de vários representantes do povo. O projeto, entretanto, não chegou a ser discutido, pela simples razão de que os rapazes da imprensa repeliram, com energia, a gorgeta, tendo o próprio deputado José Fontes Romero ido retirá-lo, encabulado... Em suma: o representante do PSD perdeu mais uma bela ocasião de ficar calado... e de braços cruzados! Outra novidade que eclodiu pessimamente na capital... O ato impensado e arbitrário do sr. Edgard Estrela, inspetor geral do Trânsito, proibindo os carros particulares de fazerem lotação, a partir de primeiro de janeiro... Com o tráfego cada vez mais deficiente, é êsse o presente de Ano Novo que o incrível sr. Estrela, o homem estratosférico, resolveu dar aos cariocas... Enfim, quase tôda a imprensa está contra êsse absurdo, sendo de esperar que uma autoridade superior faça o sr. Estrela recuar do seu sinistro propósito... Foi uma pena que a Comissão dos Direitos do Homem, presidida pela sra. Eleanor Roosevelt, viúva do grande presidente Roosevelt e, ela própria, uma campeã da igualdade social, não tenha aprovado a indicação para que fôsse considerada crime a discriminação racial ou religiosa. Essa rejeição serve para mostrar que os êrros de um povo forte, de uma grande potência, como os Estados Unidos, onde são frequentes os linchamentos de negros, têm de ser tolerados como coisa boa e justa, mesmo que não seja nem justa, nem boa... Depois disso, em que espécie de "direitos" irá falar a tal Comissão, — se de antemão recusa aos homens de todos os credos e de tôdas as raças o direito à igualdade de oportunidade e de acesso a todos os lugares? Em Portugal tudo vai muito bem, segundo diz mestre Oliveira Salazar, mas apesar de ir tudo muito bem, foram mandados a julgamento no Tribunal Militar o vice-almirante Cabeçadas e mais trinta e um militares e civis, implicados na "tentativa de subversão de 10 de abril último". Os principais acusados militares mencionados na referida decisão, além de Cabeçadas, são: os generais José Marques Godinho, Vasco Carvalho, Corregidor Martins, Antonio Maia; coronéis Luís Gonzaga Thaleu Carlos Afonso dos Santos, Celso de Magalhães, comandante Pires de Matos; major Sarsfield Rodrigues; capitães Vasques de Macedo, Carlos Vilhena e tenente José Gaita. Os acusados civis são os doutores Joaquim Ribeiro, Teófilo Carvalho dos Santos Carneiro Franco, Castanheira Lobo, Celestino Soares, João Soares, Joaquim da Silva Araujo, Francisco Viveiros Pinto, Antonio Ferreira de Carvalho, engenheiro Monteiro de Barros, José Tenreiro, Adelino Cabral, Francisco Correia dos Santos, Manuel Feteira, Mucio Feteira, Maldonado de Freitas, João Cabeçadas, Amadeu Gaudêncio e José Talaças. Quanto aos mais, em Portugal, "tout va bien, tout va très bien"... Em Madrid, um tribunal franquista proferiu sentença contra 114 estudantes, acusados de atividades subversivas nas faculdades". Franco é um anjo... Os estudantes é que são uns bandidos. Na Espanha, também, "tout va bien, tout va très bien"... Os Estados Unidos estão treinando militarmente a Turquia. Cresce a agitação no mundo árabe e prosseguem os distúrbios da Palestina. Estão tensas as relações entre a União Soviética e a França. A primeira em enérgica nota protesta contra a detenção de cidadãos russos pela polícia francesa. Terminou a greve de Roma e De Casperi anuncia a remodelação de seu govêrno. Londres rejeitou a proposta de Moscou sôbre o tratado de paz com o Japão. Aí estão algumas das principais manchetes de domingo. Estreiou terça-feira, no João Caetano, uma grande companhia israelita com o famoso ator Jacob Ben Ami e a não menos famosa atriz Berta Gerstein. O escritor francês Jean Cocteau, em carta autógrafa, acaba de autorizar um teatrólogo brasileiro a traduzir para a companhia Dulcina-Odilon sua famosa peça "A Aguia de Duas Cabeças" (L'Aigle A Deus Têtes), de grande sucesso internacional. Realizaram-se segunda-feira às eleições para a diretoria da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, no biênio 1948-1949. Saiu vencedor o candidato à presidência sr. Luís Iglezias. A Polícia também comete crimes? Sim, às vezes êla entra em concorrência com os ladrões e desordeiros... Uma das grandes desordens da semana foi uma briga de cinco valentes da Polícia Especial, com um investigador, por causa de uma mulher que abandonara êste por um daquêles. E um dos furtos, ou melhor, uma série de furtos, descobertos durante a semana, tinha um elemento da polícia como autor. Aqui está o que, a respeito, publicou o "Diário Carioca": "Em novembro do corrente ano, a firma proprietária da casa comercial "A Inovação", apresentou queixa ao titular da Delegacia do 8.º D. P. por estar sendo furtada metòdicamente, em mercadorias, montando já o prejuizo a Cr$ 28.050,10. Foi encarregado das diligências o investigador Zenóbio Amorim, que ontem resolveu o caso. Apurou êste policial que o responsável pelo roubo era o detetive Manuel do Carmo Castilhas, de 45 anos, casado, residente à rua Augusto Severo, 88, ap. 32. Êsse funcionário da polícia, pretextando comprar algo, entrava naquela casa comercial e fazia o pedido. Depois, de posse de um talão canhoto, fornecido pelo empregado da casa, a fim de ser quitada a conta na caixa, o detetive fingia se aproximar do "guichet" e retirava-se a seguir. Na rua, carimbava com a palavra PAGO o talão e mandava seu filho Celso Carmo, de 18 anos, ou José de Oliveira Pinho, seu amigo, receberem as mercadorias. O investigador Amorim deteve os dois últimos citados quando com talões criminosamente legalizados pelo detetive Castilhas, pretendiam retirar mais algumas "compras". O delegado do 3.º distrito ordenou a prisão do policial desonesto, assim como o prosseguimento das diligências." Mais dor de cabeça para o general Lima Câmara, — coitado! — cada vez mais obrigado a vigiar a polícia, de que é chefe... E, por hoje, é só... Até a próxima vez!

No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dôres no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre.**

De ação suave e gôsto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo dêsse remédio antes e depois das festas infantís.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

Na página à direita: Jersey Joe Walcott, o negro de mais de trinta anos de idade, que por duas vezes conseguiu impor ao campeão mundial Joe Louis espetaculares "knock-downs". Notem a cara feroz do adversário de Joe Louis e a atitude de derrota do campeão mundial, espapaiando-se na lona. Num dêsses "knock-downs" o juiz Ruby Goldstein contou até sete. Mas na decisão final, — por pontos, — a imprensa grita que houve "marmelada".

Em cima: Joe Louis, na balança, e Joe Walcott, apertando-lhe a mão, numa foto tirada no Madison Square Garden, durante a pesagem dos contendores, pouco antes do encontro que ia custando ao primeiro o cinturão de ouro do campeonato mundial de box.

UM NOVO CAMPEAO OU UM SIMPLES METEORO?

JERSEY JOE WALCOTT, O SENSACIONAL PUGILISTA NEGRO, LEVOU À LONA O CAMPEÃO MUNDIAL DE PÊSO PESADO JOE LOUIS, EM LUTA VERDADEIRAMENTE MAGNÍFICA — JOE LOUIS É, PRÀTICAMENTE, UM CAMPEÃO SEM TÍTULO .. — QUANDO O VENCEDOR É VAIADO PELO PÚBLICO...

Por GEORG ZINBOORG (Especial para "REVISTA DA SEMANA")

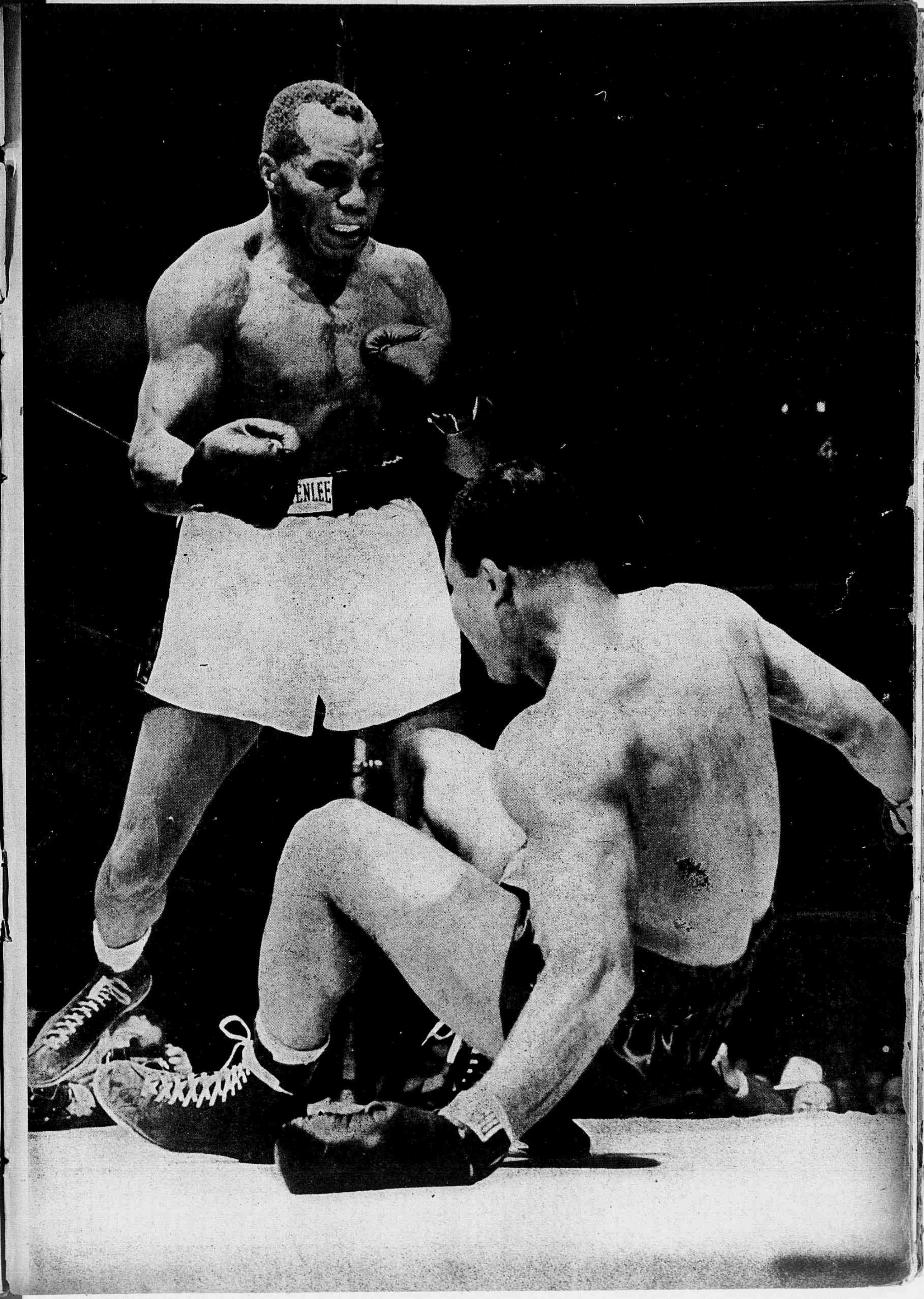
(Fotos da KEYSTONE PRESS AGENCY, cedidas com exclusividade a êste semanário)

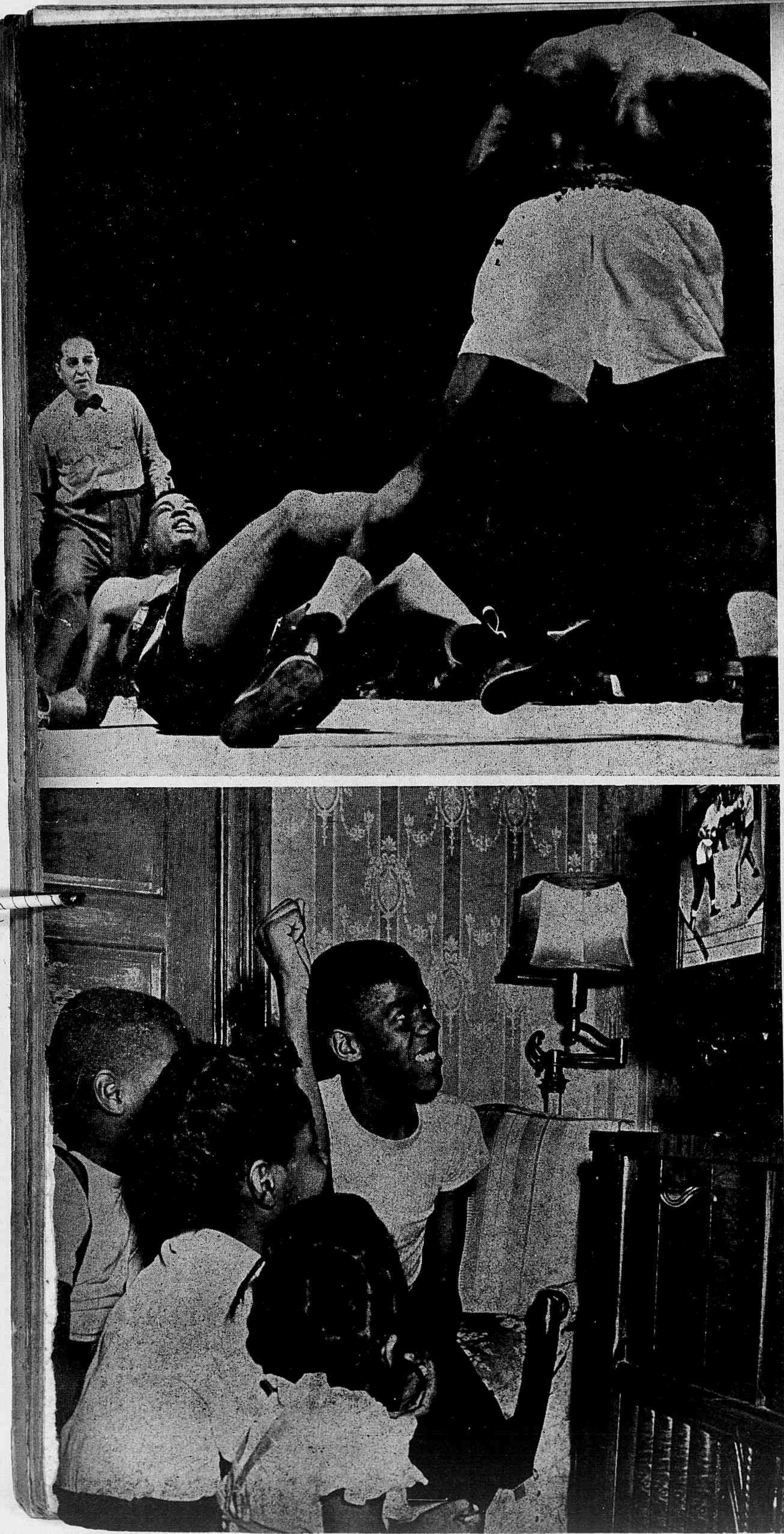
NOVA YORK, dezembro — Os círculos esportivos de Nova York ainda não se recobraram inteiramente da tremenda surpresa que a todos reservou a última peleja pugilística, em disputa do campeonato mundial, realizada no Madison Square Garden, — o templo do box. Os cronistas estavam mais do que céticos em relação ao desfecho da luta. "Joe Louis vai fazer uma simples exibição", diziam alguns articulistas. "Vai ser um mero passeio no quadrilátero", escreviam outros observadores. Houve até um dêsses comentadores de gaiatices da Broadway que disse: "No Jack Dempsey's ontem à noite o barman sugeriu que fôsse permitido a Joe Louis lutar de calças compridas e paletó saco, para poupar-lhe o trabalho de trocar de roupa por alguns instantes apenas"...

Em suma: todos achavam que Jersey Joe Walcott ia ser "sôpa", era um pugilista "mambembe", um "borocochô" do box. Para completar essa falsa impressão cooperavam três diferentes circunstâncias: primeira, Jersey Joe Walcott era um homem de mais de trinta anos; segunda, era pai de seis filhos, portanto um homem com muitas preocupações de família; terceiro, já servira como "sparring partner" de Joe Louis (e, aliás, afirmava haver, um dia, posto o campeão mundial de box no chão com um direto). Joe Louis desmentira essa última asserção, — e palavra de campeão faz lei. Êle acentuou que nem se lembrava de que tivesse usado seu adversário em perspectiva como saco de pancadas no passado...

Contudo, um homem de mais

Joe Louis, preparado para enfrentar Jersey Joe Walcott, fez esta fotografia para a publicidade antecipada da peleja. Êle próprio, como muitos outros, inclusive a totalidade dos cronistas esportivos, tinha Jersey Joe Walcott na conta de um candidato "borocochô"...


ENLEE



A out a fase sensacional da luta, quando Joe Louis, o campeão mundial de pêso-pesado, tombou pela segunda vez sob a poderosa manopla de Jersey Joe Walcott. O juiz Ruby Goldstein aguarda que Jersey se afaste para o canto neutro, afim de iniciar a contagem, — que, desta vez, iria até dez...

de trinta anos e com família numerosa tirara, antes, o título máximo das mãos do seu detentor. Êsse homem se chamou Jim Braddock. E' verdade que êle não passou de um meteoro, logo eclipsado por outro de brilho mais intenso do que o seu. Mas acontece que a fama de Joe Louis era tanta que a ninguém ocorrera a idéia de que o pouco menos que anônimo Jersey Joe Walcott pudesse arrancar-lhe êsse título inopinadamente das mãos. Trava-se o encontro. Surpresa geral! Joe Louis, o poderoso Joe Louis, o gigante da arena, o homem que derrotara Baer, Schmeling, Carnera, Godoy e quantos tentaram enfrentá-lo, tombava ao solo, martelado por Jersey Joe Walcott. Da primeira vez, o juiz Ruby Goldstein contara apenas dois. Mas, mais tarde, há outra queda e, dessa vez, o juiz conta até sete! Joe Louis, — que mais tarde alegou haver fraturado uma das mãos no duro crânio do seu adversário, — foi atingido sucessivamente ficando com um ôlho fechado, o nariz esborrachado, as orelhas ardendo! Como era possível aquilo? Com certeza Joe Walcott fôra realmente "sparring partner" de Joe Louis e, astuciosamente, estudara os pontos fracos do adversário, num trabalho paciente, meticuloso, científico mesmo... A luta terminou com a vitória, por pontos, de Joe Louis, mas essa vitória foi, na verdade, uma derrota para o campeão, tal a celeuma que despertou. O público, que enchia literalmente o Madison Square Garden, numa curiosidade que parecia injustificada, em face dos prognósticos sôbre a mediocridade da luta que, afinal, foi uma das mais empolgantes batalhas da história do pugilismo, vaiou de maneira ruidosa e irreverente o campeão mundial Joe Louis, bem como os membros da comissão de pugilismo, que deram a estranha decisão por pontos em favor do **demolidor de Chicago.** Ao passo que Joe Louis era solenemente vaiado, Jersey Joe Walcott era entusiàsticamente aplaudido pelos que assistiram, vibrando de emoção, sua magnífica "performance". Os cronistas esportivos, por sua vez, criticaram com acidez e indignação a decisão dos árbitros, afirmando que houvera "marmelada", que não tinha havido justiça, que a parcialidade dos julgadores era manifesta. Assim, embora teòricamente Joe Louis seja ainda o campeão mundial,

(Cont. na pág. 84)

Na casa de Jersey Joe Walcott, em Nickel Street, 329, na cidadezinha de Camden, Estado de New Jersey, cinco dos filhos do pugilista negro assistem, pela televisão, a empolgante luta de que o papai quase saiu campeão...

A supremacia dos espetáculos rádio-teatrais na linha de programações das emissoras cariocas, animou a determinadas pessôas a tentarem o rádio. Ida Szofron, que vocês conhecem como Ida Gomes, foi uma delas. Secretariando importante estabelecimento de ensino, a nossa biografada, ao ouvir uma das muitas apresentações do "Teatro de Amadores", sentiu-se atraída pelo microfone, a ponto de procurar Átila Nunes e solicitar inscrição para um "test". Se como professora ela soube ganhar simpatia dos alunos, como rádio-atriz mereceu o beneplácito do público, passando a formar entre as melhores estrêlas do "brodcasting" brasileiro. Artista dramática, com perfeita noção da arte de dizer ao microfone, tão logo terminou seu contrato na Educadora, viu-se contratada pela Tupi, onde, sob a orientação de Olavo de Barros, viveu papéis marcantes. Atuou no "Grande Teatro da PRG-3", tomou parte nas histórias em capítulos e desempenhou vários papéis no "Teatro Religioso", da Tamôio. Recentemente, atraída por melhor contrato, transferiu-se para a Globo, onde continúa a exibir suas excelentes qualidades artísticas. Ida Gomes nasceu na cidade de Krosnick, na Polônia, a vinte e cinco de setembro de 1923. Possúi o curso de contadora e sente-se satisfeita em ser rádio-atriz, uma vez que sempre ambicionou trabalhar no rádio. Sua grande emoção viveu-a quando foi classificado em primeiro lugar no programa "Em busca de talentos", irradiado pela Nacional.

CASTRO Barbosa, essa figura sorridente que com Lauro Borges dá vida à divertidíssima PRK-30, transmitida pela Nacional às sextas-feiras, às 20,30 horas, iniciou sua carreira artística, na qualidade de intérprete de música popular. Formando dupla com Jonjoca, Castro Barbosa constituiu uma das maiores atrações da Rádio Club do Brasil, ao tempo em que essa emissora desfrutava de enorme popularidade. Depois de alcançar estrondosos sucessos como cantor, o nosso focalizado passou a explorar outro gênero que, por sinal, manteve inalterado seu prestígio entre os rádio-ouvintes. Surgiu com Lauro Borges, fazendo "Piadas do Manduca", então escrito pelo radialista Renato Murce. Trabalhou em outros programas de sabôr humorístico, sempre ao lado de Lauro Borges. Mais tarde, em companhia dêste, transferiu-se para a Rádio Mayrink Veiga, aí permanecendo pelo espaço de um ano; quando ingressou no elenco da PRE-8, sua atual estação. Castro Barbosa, além de viver o Megatério Nababo de Alicerce, da famosa PRK-30, toma parte em "Piadas do Manduca", irradiado aos domingos e "Revista Tran-Chan", posta em onda aos sábados. Em quase tôdos êstes cartazes, êle personifica o português, fazendo-o com muita graça. Vivendo exclusivamente de suas atuações no rádio, Castro Barbosa colabora na redação de programas em que aparece, escrevendo "sketchs", fazendo paródias e arrumando trocadilhos. Para o carnaval de 1948, êle tem pronta uma alegre marchinha.

GENTE DE RADIO

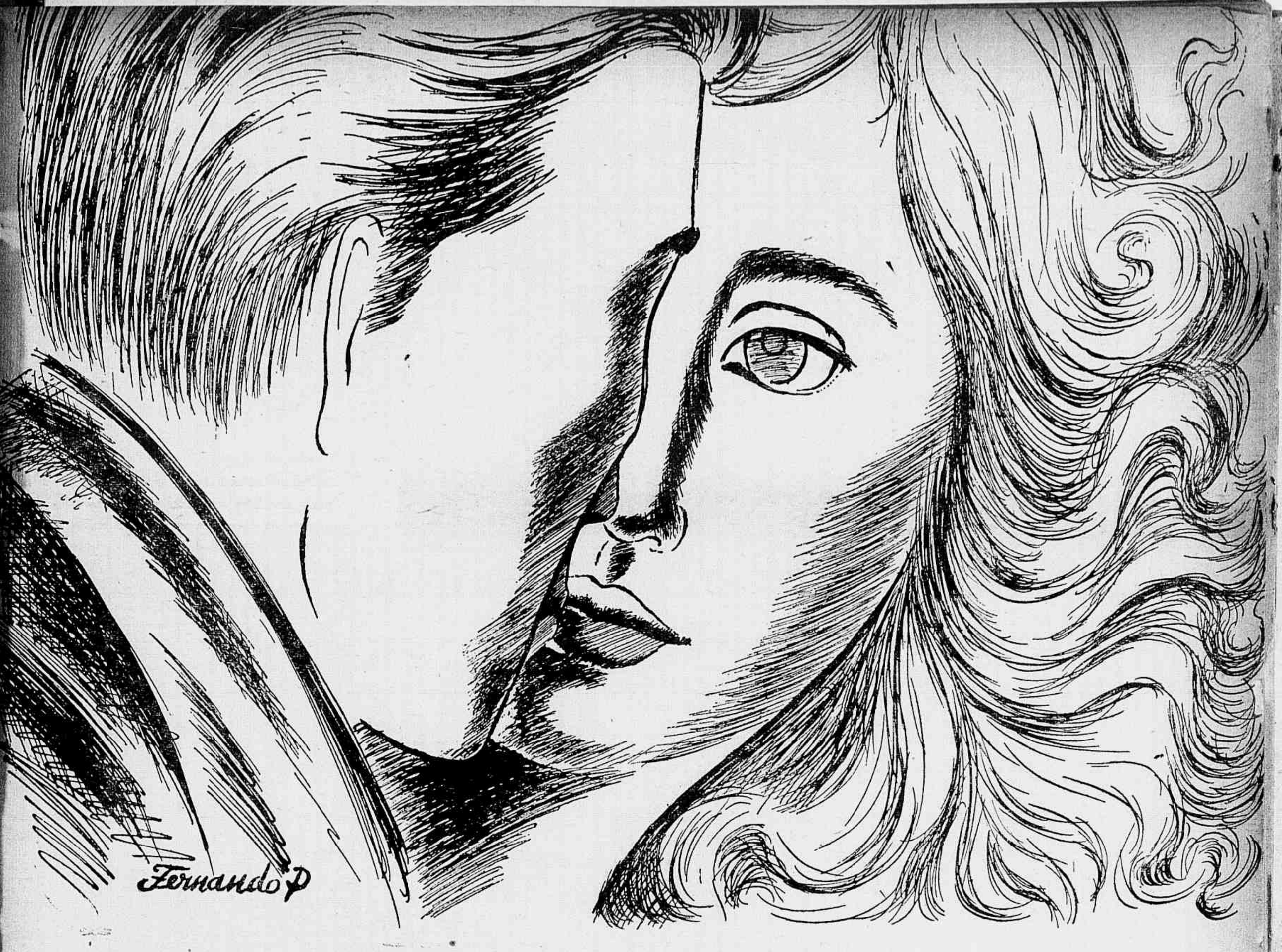
DE QUATRO EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

A quantos sintonizam a Rádio Club do Brasil, não é desconhecida a voz de Altanir Ferreira. Ativo no desempenho de suas funções, êle contribui para o bom êxito dos programas de auditório que essa estação apresenta, além de colaborar nos outros setores da PRA-3. Como auxiliar de Jorge Murad, quando êste aí comandava a "Pensão do Salomão", conseguiu despertar a atenção do público para sua pessoa, sem ser preciso fazer grandes alardes nem tampouco usar métodos inconfessáveis. Hoje atuando ao lado de César Freiras, no "Bazar de Novidades", Altanir continúa a ser o locutor sóbrio e discreto que a Rádio Club do Brasil escolheu para os programas de responsabilidade. A êle cabe, ainda, a leitura do comentário da PRA-3, e o comando de alguns cartazes interessantes. Radicado há muito no convívio da família radialista, êle sabe fazer distinção aos que possuem valôr e acata com aprêço os comentários da crônica radiofônica, sôbre a sua conduta ao microfone. Animador vivo, prendendo o auditório com suas "blagues". Altanir Ferreira já rejeitou diversas propostas para atuar em estação de maior categoria. E' que êle se considera recompensado de seus esforços na Rádio Club do Brasil. Sua distração predileta é o "foot-ball", torcendo por um club que está colocado. E' bom consumidor de café, não acredita em "tiro" e quando lhe sobra tempo, não perde uma sessão do Cineac.

SE a Vicente Celestino cabe um lugar de destaque no "broadcasting" nacional, o mesmo acontece a Gilda de Abreu. Com um passado invejável no teatro, a espôsa do autor de "Ébrio", triunfou no rádio brasileiro, firmando-se como vitoriosa novelista. "Mestiça", ora posta em livro, é um dos trabalhos mais atraentes da conhecida artista e sua transmissão pela Nacional alcançou o sucesso desejado. "Pinguinho de gente", outra história em capítulos, que está sendo filmada, manteve o êxito da precedente, assegurando bons direitos autorais a sua autora. Militando no teatro, Gilda veio a conhecer Vicente Celestino, do qual se tornou espôsa. Com êle, levou à efeito vitoriosas temporadas artísticas, sendo que, não há muito, esteve como primeira figura do elenco que estreiou no João Caetano levando à cena várias operetas. No cinema, apareceu em "Bonequinha de Seda", filme que chegou a ser exibido em Portugal. Mais tarde, passou a diretora, tendo produzido "Ébrio", película que alcançou bôa aceitação. Agora, ultima "Pinguinho de gente" e pretende rodar muito breve, "Aleluia". No teatro, fez papel de destaque na revista "Canção Brasileira" e pertenceu a diversos elencos. Quanto ao rádio, tomou parte no "Teatro de operetas", da Rádio Mayrink Veiga, onde cantou diversas composições de Franz Lehar e outros. Gilda de Abreu, segundo declarações feitas à REVISTA DA SEMANA, pretende escrever livros infantis e ingressar no jornalismo.

NUM PAÍS VASTO...
A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO
O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem de nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.
NATAL
J. PESSOA
RECIFE
CAMPINA GRANDE
MACEIÓ
ARACAJU
SALVADOR
VITÓRIA
RIO
Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condição de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.
ITUIUTABA
UBERLÂNDIA
ARAGUARI
UBERABA
RIO
A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento de nossa economia.
RIO
SÃO PAULO
LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS
Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398



ERA véspera de Natal e Maria de Lourdes sentia, bem no fundo da sua alma, uma grande tristeza, uma sensação de pungente desconfôrto.

Insensivelmente ia enfeitando aquela pequena árvore, que desde bem cedo sintetizava todo o seu interêsse, todos os seus cuidados.

Nem ela mesma sabia por que se encontrava ali, prendendo bolinhas, pingentes, estrêlas, com um máximo de paciência, com a ternura de sempre.

— Por costume? Por tradição? — perguntou a si mesma, enquanto apertava na mão a última estrelinha de prata.

Sim, por tradição. Ela se lembrava agora dos outros anos, das outras árvores, das outras vésperas de Natal.

Ali mesmo, naquela salinha bonita, ali mesmo, naquele apartamento, testemunha silenciosa dos melhores momentos da sua existência, ali mesmo...

...E naquelas cortinas cheias de flores, onde seus olhos se detiveram, principiaram a projetar-se, como num pequeno «écran», numa sequência doce, imagens de momentos inesquecíveis.

. . . . . .

Há muito tempo, há muitos anos, ela e Fernando tinham chegado àquele apartamento.

Haviam entrado com o pé direito, de mãos dadas, como duas crianças que, de olhos muito abertos, iam descobrir coisas novas num mundo desconhecido.

No seu vestidinho esporte, Maria de Lourdes mais parecia uma menina, no afã de tudo conhecer depressa, de ver tudo ao mesmo tempo. Nos seus olhos azuis, muito azuis, estava esteriotipada a grande, a imensa alegria de, finalmente, se encontrar em seus próprios domínios, ao lado daquele grandalhão que Deus havia trazido de longe, de mundos distantes, para o seu mundo, para aquêle mundo que era só seu.

Igual, terrivelmente igual a ela, — como sempre dizia Maria de Lourdes, — Fernando era bem uma dádiva do Destino, cheio de otimismo e jovialidade, sempre bom e compreensivo, na constante preocupação de garantir a ela, sua companheira, uma felicidade sem nuvens, uma existência sem preocupações.

Bastava que os olhos azuis de Maria de Lourdes se fixassem em algum ponto distante, que o seu pensamento vagasse atrás de um motivo fútil, para que Fernando interferisse logo:

— Pronto, coração, não penses mais. Já sei, estás pensando nisto, naquilo e naquilo. Não te preocupes, vou resolver.

E o seu interêsse por Maria de Lourdes, bem na razão direta do seu muito-querer, chegava, por vezes, a mostrar-se, a si próprio, como importuno, naquela ânsia de adivinhar, nas nuances daqueles olhos meigos, ou nos movimentos inquietos dos seus lábios, todos os pequenos segredos de seu coração.

Êsse mundo, que só aos dois pertencia, ia ser invadido por uma multidão de convidados, na véspera de Natal; pessoas da família, ansiosas por saberem coisinhas da vida deles, da maneira como passavam os dias, as horas, os minutos.

Desde cedo Maria de Lourdes se encontrava numa luta terrível para limpar, arrumar, espanar, pôr toalhinhas bordadas nos móveis, confeccionar doces de receitas complicadas. Era preciso fazer tudo para evitar críticas ou insinuações.

Mal tinham batido as quatro, quando foi distraída de sua extenuante tarefa pela campainha da porta. Era característico o toque de Fernando, ela sentia uma pancadinha no intimo, por isso correu ao seu encontro.

— Oh, como demoraste! Ainda falta uma porção de coisas. As cortinas... Lembras-te, Fernando, daquelas cortinas de flores, de que tanto gostas? Temos ainda que colocá-las, faço questão de estreá-las neste primeiro Natal.

E foi arrastando Fernando, ainda carregado de embrulhos, sem mesmo pensar que entre eles poderia estar o seu Papai Noel. Ela queria as cortinas, e nada mais:

— Querido, sei que vens cansado, mas preciso da tua ajuda. Auxilia-me a colocar as cortinas. Sobe nesta cadeira, pois, alto como és, acharás muito fácil.

Depois de ter atendido mil pedidos idênticos, sempre solicitados com aquela candura que êle tanto apreciava em Maria de Lourdes, ela saltou repentinamente ao seu pescoço, encheu-o de meiguices e, com os olhos azuis bem fixos nos de Fernando, jogou a sua surpresa:

—Sabes que vamos festejar agora mesmo o nosso Natal, sem ceias, sem convidados, sem ninguém? Já imaginaste, querido, o que seria a nossa primeira noite de festas, no meio de pessoas que pensam e sentem de maneira diferente de nós? Tu não sabes que êles pertencem a um mundo que não é o nosso?

— Companheira — era assim que quase sempre se tratavam — por favor, não sejas criança grande. Pensa no que vão dizer...

— Não tenhas receio. Êles terão logo a sua festa, a que também estaremos presentes, mas agora, querido, será só para nós... E, enquanto assim falava, Maria de Lourdes ia pondo sôbre a toalha branca, que ela mesma bordara, pratos de doces, de castanhas, de nozes e passas, um mundo de coisas.

Talvez pela grande felicidade que fruia naqueles instantes, que ambos desejariam prender para sempre, ela ria, ria muito, num riso contagioso que muito divertia Fernando.

Mas, em determinado momento, com os olhos cheios de água, em que o azul era mais brilhante que nunca, Maria de Lourdes quis fazer o seu brinde. Dominada por uma estranha emoção, levantou o copo, onde ainda havia um pouco de vinho branco, e falou entre lágrimas e sorrisos:

— Aqui termina a nossa Festa de Natal, companheiro. Deixa que eu peça a Papai Noel que nos una bem, de corpo e alma, para toda a vida, para todos os instantes, sempre e só um do outro.

...E assim foi a primeira véspera de Natal. Uma festa sem convidados, um tête-à-tête adorável, que amalgamou mais e mais num só sêr, numa só vida, aquelas duas vidas.

(Continua na pág. 106)

Conto de **LOLA KNEIP DE MELO**

NATAL

Ilustração de **FERNANDO PEREIRA**

NÚPCIAS NA SOCIEDADE CARIOCA

Enlace Lidia Acosta Bertozzi - Murilo Marinho de Aquino

REALIZOU-SE, no dia 6 dêste mês, o enlace matrimonial da senhorita Lidia Acosta Bertozzi com o senhor Murilo Marinho de Aquino. A noiva é filha do senhor João Alfredo Bertozzi e da senhora Rosario Acosta Bertozzi, e o noivo é filho do senhor Mario Figueira de Aquino e da senhora Odete Marinho de Aquino. O elegante acontecimento mundano, que entrelaçou duas ilustres famílias da sociedade carioca, reuniu na Igreja da Santíssima Trindade, à rua Senador Vergueiro, uma numerosa e seleta assistência, representativa dos nossos meios sociais. A cerimônia religiosa foi oficiada por D. Oscar Figueira de Aquino, tio do noivo, servindo de padrinhos, por parte da noiva, o senhor Jocelyn Peixoto e a senhorita Maria Luiza Abate, e por parte do noivo, os seus pais. O ato civil foi paraninfado, por parte da noiva, pelo casal Manoel Xavier Sobrinho Carneiro da Cunha, e por parte do noivo, pelo senhor Gabriel Figueira Marinho e senhorita Nair Marinho.

Terminada a solenidade religiosa, o casal João Alfredo Bertozzi ofereceu recepção em sua residência da rua Cândido Gaffrée, quando mais uma vez os noivos e seus progenitores tiveram renovadas as demonstrações de apreço e amizade por parte do grande número de amigos que compareceram à elegante reunião.

"REVISTA DA SEMANA" colheu os flagrantes ilustrativos dêste registo durante a benção nupcial na Igreja da Santíssima Trindade, mostrando os nubentes, seus pais, padrinhos e convidados em algumas fases da cerimônia.

A esquerda: A senhorita Lidia Acosta Bertozzi, dando entrada no templo, pelo braço de seu pai, senhor João Alfredo Bertozzi. No segundo plano, à direita da noiva, está a sua progenitora, senhora Rosario Acosta Bertozzi. Em baixo: Os noivos durante a assinatura do termo nupcial.

Ao alto: A esquerda, os padrinhos da noiva no religioso, senhor Jocelyn Peixoto e senhorita Maria Luiza Abate, na assinatura do termo nupcial. A direita: Cumprindo idêntica formalidade, as testemunhas do noivo, senhor Mario Figueira de Aquino e senhora Odete Marinho de Aquino, seus pais. Em baixo: Após o ato litúrgico, os noivos, acompanhados de seus pais e padrinhos, do oficiante D. Oscar Figueira de Aquino, e da: "demoiselles d'honneur", senhoritas Maria Luiza Carneiro da Cunha e Helenita Cavalcante e meninas Tania Maria Leite Aquino e Regina Lucia Evaristo de Morais posam para a objetiva da "REVISTA DA SEMANA".

UM CONJUNTO DE 1.800 RESIDÊNCIAS EM SANTOS

O QUE SERA' A MONUMENTAL CIDADE DOS MARITIMOS

Reportagem de **ELIZEU MAGALHÃES**

SOB a operosa administração do dr. Milton Soares de Sant'Ana, o Instituto dos Marítimos está empenhado na execução de um grandioso programa de trabalho que é parte integrante do plano gigantesco de assistência social traçado pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra em benefício dos trabalhadores brasileiros.

A Prefeitura Municipal de Santos, em São Paulo, deverá aprovar brevemente o projeto apresentado pelo Instituto dos Marítimos para a construção de um grande e moderno conjunto residencial para seus contribuintes, totalizando 1.800 residências em vários grupos e tipos de apartamentos, para uma população provável de 8.650 pessoas, destacando-se no projeto as casas de dois pavimentos que obedecem ao mesmo estilo arquitetônico do conjunto.

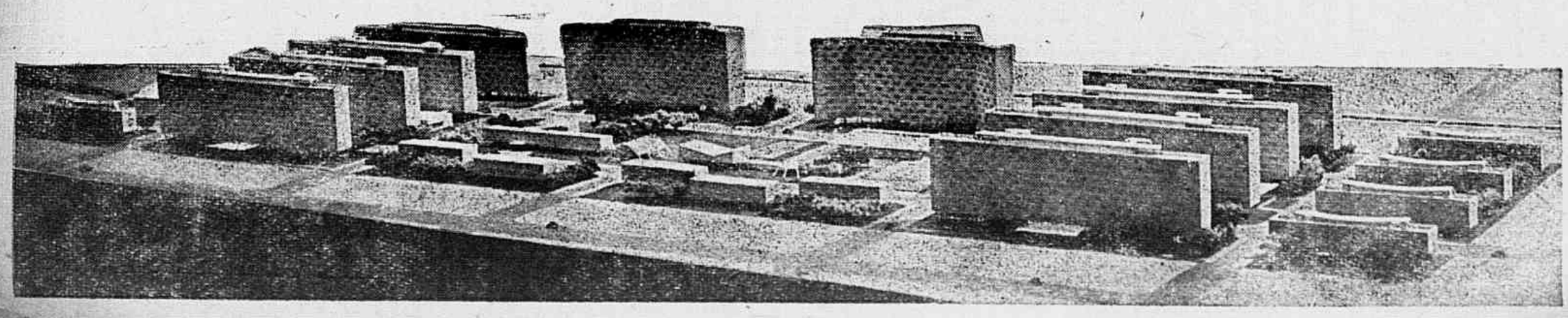
A Cidade dos Marítimos possuirá também escola com capacidade para 2.400 alunos, mercados em moldes de cooperativa, clubes, cinema, ambulatório e demais serviços que possibilitarão aos seus habitantes boas condições de vida sob todos os aspectos.

Os edifícios de 9 andares possuirão elevadores externos, atendendo de 3 em 3 andares, o que representa apreciável economia de espaço, e melhor aproveitamento da área a ser construída, emprestando por outro lado uma nota de originalidade a êsse tipo de construção.

As residências do monumental conjunto serão vendidas aos associados-contribuintes, por meio de financiamento em 20 anos, a juros módicos, e com seguro em "causa-mortis".

Pondo em relêvo mais uma vez a ação esclarecida e progressista do dr. Milton Soares de Sant'Ana, um dos fiéis executores da notável obra social que o preclaro Presidente Eurico Dutra incluiu patriòticamente no seu programa de govêrno, é de justiça declarar que a ação do Professor Ademar Fonseca, diretor do Departamento de Inversões do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, muito tem contribuído para o êxito dos grandes empreendimentos do referido Instituto.

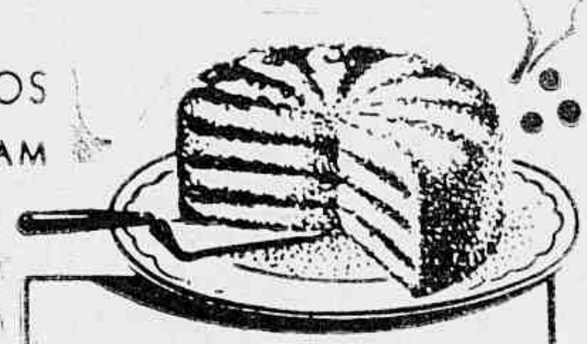
NESTA PÁGINA ESTAMPAMOS DUAS MAGNÍFICAS PERSPECTIVAS DA "MAQUETTE" DO IMPONENTE CONJUNTO RESIDENCIAL



Natal!

Símbolo da Religião
Tradição da Família

DEPOIS DOS CULTOS RELIGIOSOS
OS FESTEJOS NATALÍCIOS SE EVIDENCIAM
NAS MESAS PREPARADAS
COM ESMERO E COM FARTURA.



BÔLO DE NATAL

- 500 grs. de açúcar
- 400 grs. de manteiga
- 350 grs. farinha de trigo
- 150 grs. Maizena Duryea
- 12 gemas e 6 claras
- 1 cálice grande de cognac
- 1 cálice grande vinho do Porto
- 250 grs. amendoas moidas
- 250 grs. passas sem caroço
- 4 paus de chocolate
- 150 grs. doce de laranja ou cidra
- 1 colher, das de sopa, de canela.

Bate-se a manteiga com açúcar, as gemas batem-se separadamente, juntam-se as claras batidas em neve, bate-se ainda um pouco e mistura-se com a manteiga e açúcar, e os demais ingredientes, sendo que o chocolate deverá ser derretido em 1 xicara de leite.

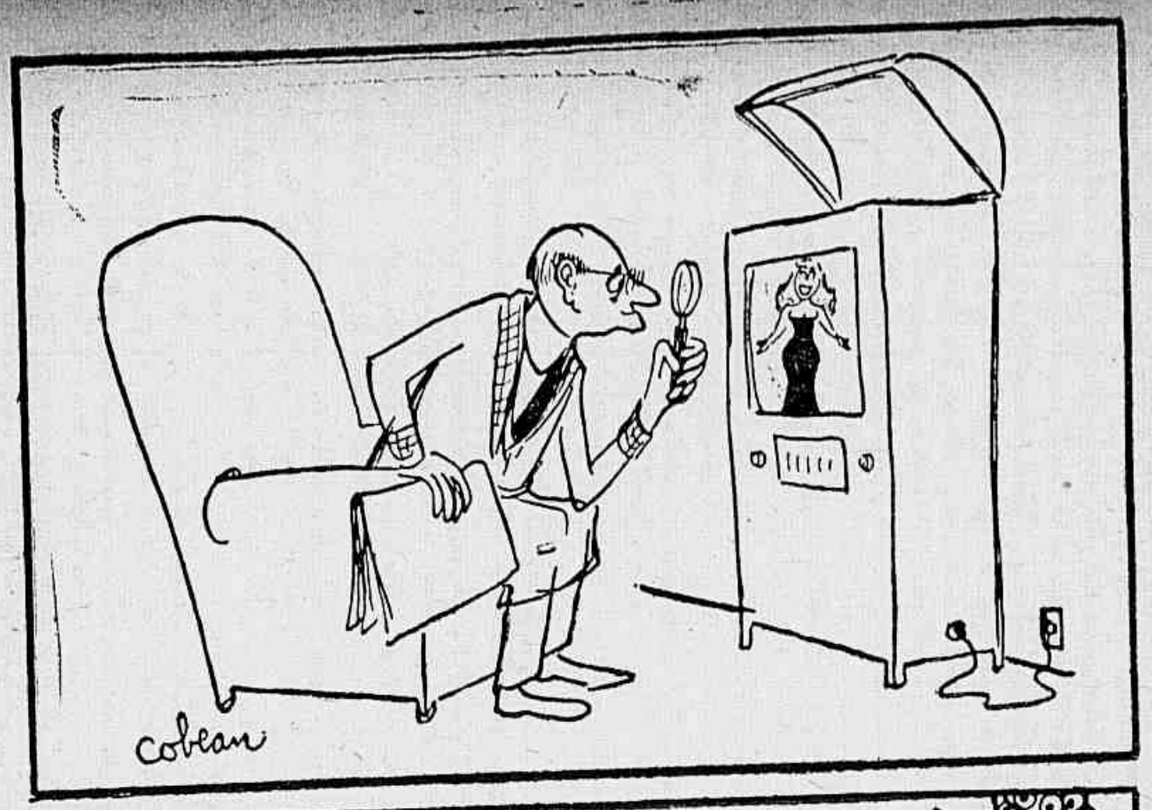
Asse-se em 3 formas lisas e bem untadas de manteiga. Quando pronto, recheie-se com uma geléia de damasco e cobre-se todo com suspiro feito com 4 claras e 8 colheres de açúcar e polvilha-se com amendoas e nozes torradas, moidas, enfeitando-se em cima com nozes.

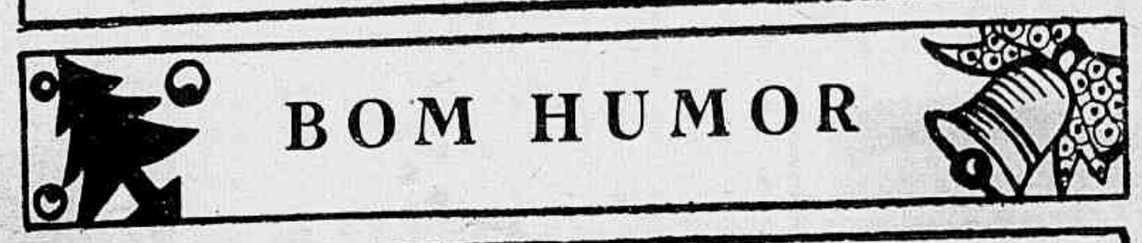
O COMPLEMENTO DE SUA MESA
SERÁ O SABOROSO
BÔLO DE NATAL
COM A INSUPERAVEL

MAIZENA

DURYEA

MARCAS REGISTRADAS





BOM HUMOR

— Meu nome é Maria Celeste, rua dos Araujos, 20, com 34 anos e ainda SOLTEIRA!

— Veja, querida, como todos êles estão olhando para a minha roupa nova!

TUDO PARA AS ARTES GRÁFICAS

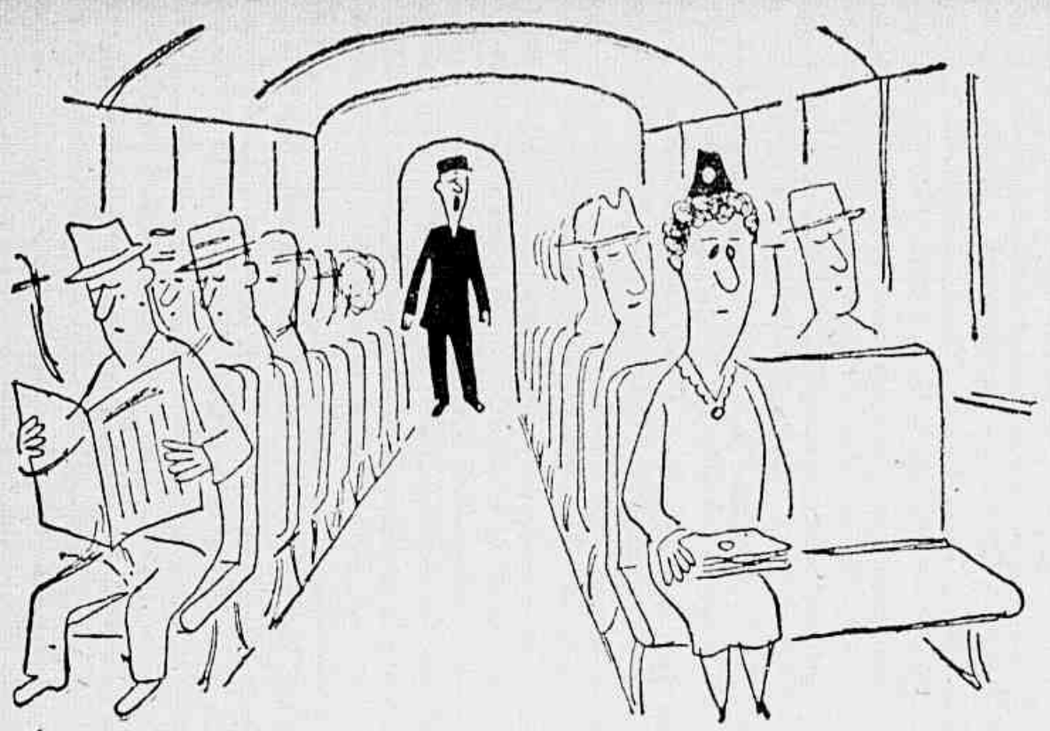
MASSA PARA ROLOS
— "NEVADA" —
FUNDIÇÃO DE ROLOS

MAQUINAS GRAFICAS
EM GERAL
TINTAS GRAFICAS

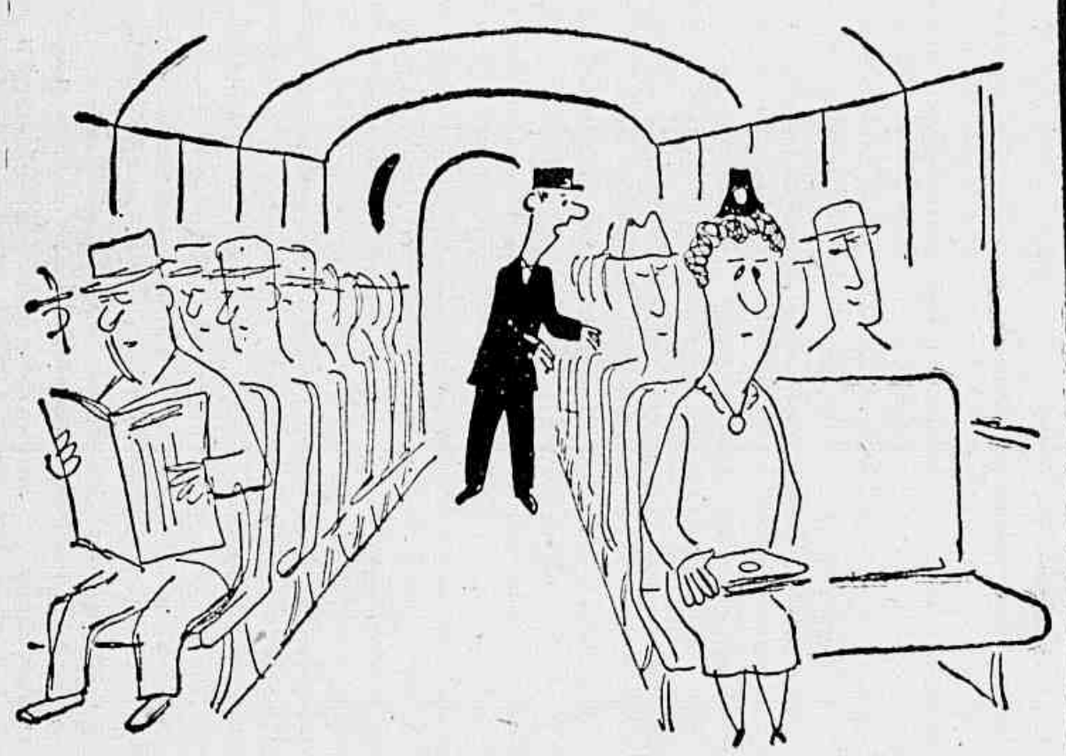
Feliz Natal e Próspero Ano Novo é o que desejamos aos nossos amigos e clientes

AV. SALVADOR DE SÁ, 7
FONE: 32-1740

RIO DE JANEIRO



— Bilhetes, por favor!



— Bilhetes, por favor!

— Bilhetes, por favor!

— Bilhetes, por favor!

Ousadia e beleza em suas unhas!

Criado para a personalidade desenvolta e vibrante da mulher moderna — ACAPULCO é o novo tom ousado do esmalte Fátima. Nas suas unhas, ACAPULCO simboliza beleza irradiante e dinâmica. E ACAPULCO é, ainda, a côr que vem com esta deslumbrante conquista exclusiva de Fátima — a qualidade Super-Creme de luxo.

O Super-Creme de luxo é um esmalte perfeitamente cremoso, de viscosidade e densidade tão bem controladas, que, ao aplicar-se, estende sôbre as unhas uma película plástica de aderência imediata e brilho indelével. Quando a senhora procurar a qualidade Super-Creme de luxo, exija esmalte Fátima, em seu inconfundível e tôjo azul.

Fátima continua à venda, também, no popular tamanho comum.

Novo Esmalte

FÁTIMA

Pelo gres 41-47

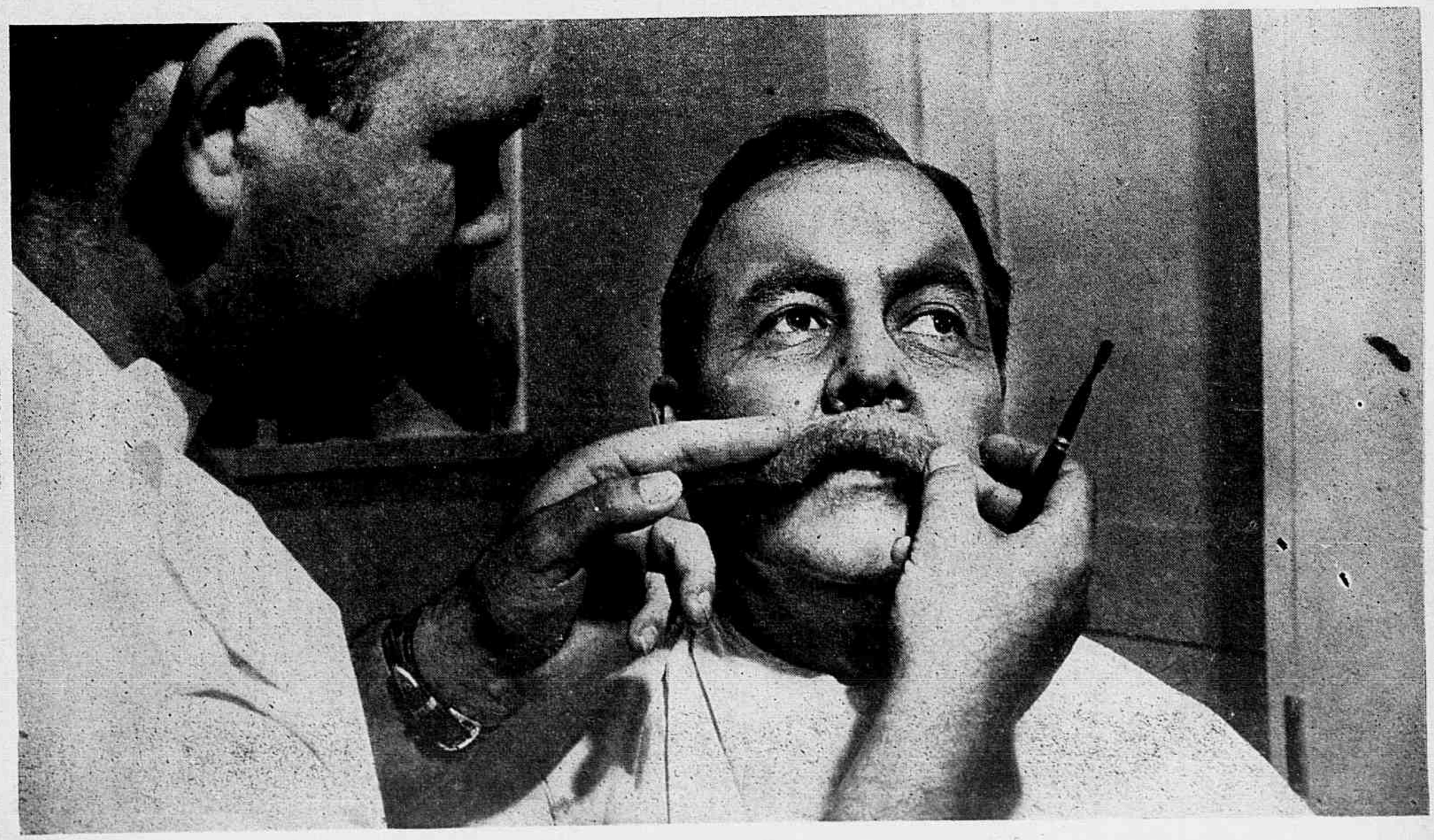
Na página à esquerda: Hollywood, quando precisa de qualquer ex-presidente dos Estados Unidos, já falecido, fabrica-o. E quando esse ex-presidente é Theodore Roosevelt, o ator indicado é quase sempre Sidney Blackmer. Aqui o temos ao natural, antes de ser submetido à caracterização. Ao alto: Sidney Blackmer é um dos atores do cinema que mais tem personificado o antigo presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt. Vemo-lo aqui diante de Gene Hibbs, técnico da Warner, que estuda o retrato de "Teddy" Roosevelt antes de começar o trabalho.

HOLLYWOOD FABRICA UM PRESIDENTE!

COMO, ATRAVÉS DA PERÍCIA DE UM TÉCNICO EM "MAKE-UP", O ATOR SIDNEY BLACKMER SE CONVERTE NO FALECIDO THEODORE ROOSEVELT.

COMO Herbert Hoover, como Frankin Delano Roosevelt, como Harry S. Truman, Theodore Roosevelt foi um dos presidentes dos Estados Unidos que o nosso país conheceu pessoalmente. Depois de ter deixado o poder que exerceu, primeiro, como vice-presidente em exercício, por morte do presidente McKinley, tràgicamente assassinado, e depois como presidente eleito por um período de quatro anos, o grande homem de Estado visitou o Brasil, fazendo uma longa viagem através do nosso "hinterland", em companhia do hoje general Cân-

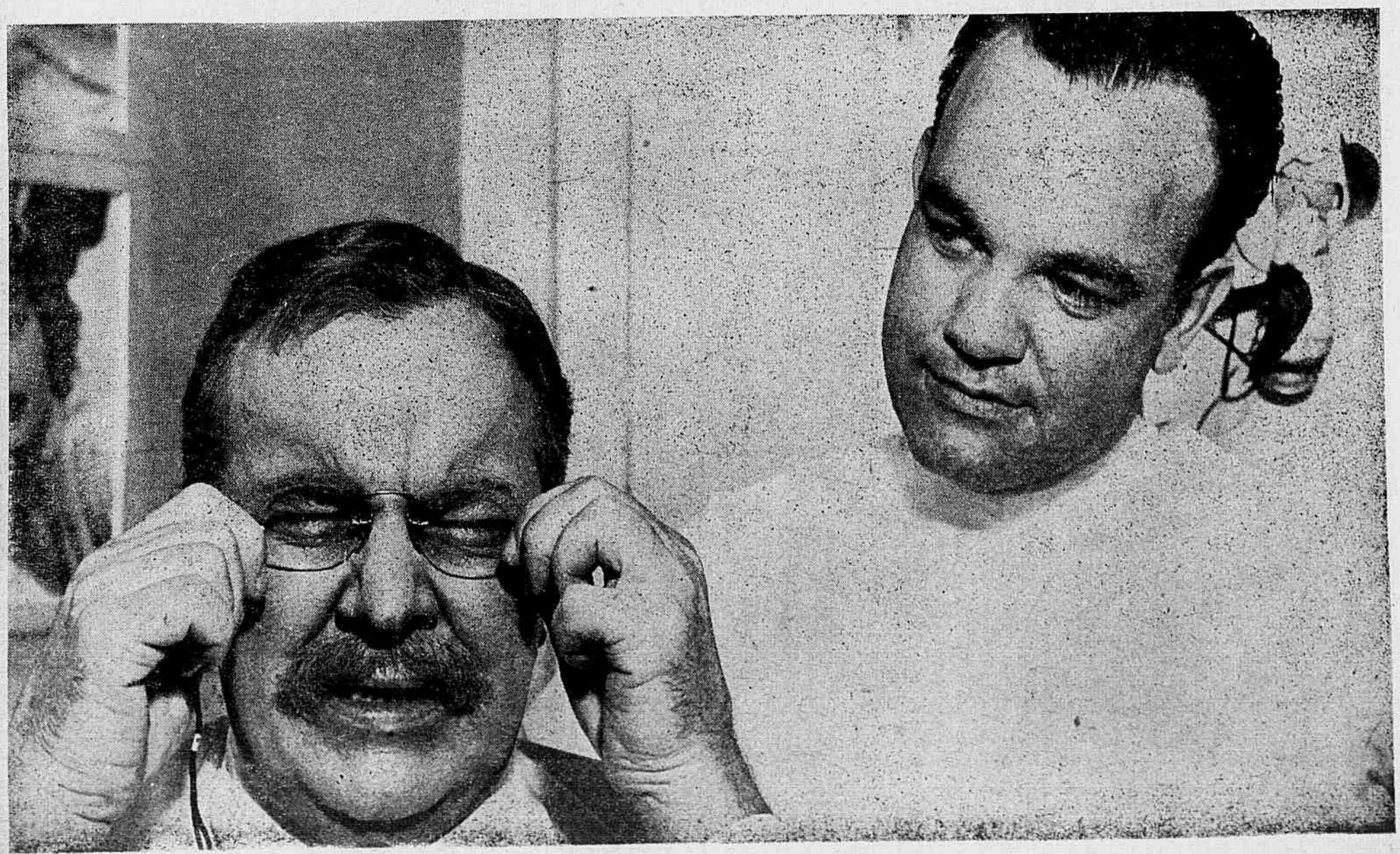
À esquerda: Gene Hibbs aplica tintas preta e branca na face de Sidney Blackmer, cada uma em seu devido lugar, de acôrdo com o tom claro ou escuro de cada região, depois do que os espalha com esponja apropriada, para o exato sombreado do rosto. À direita Uma vez espalhado o cosmético nas "nuances" necessárias, o maquilador aplica a substância colante para a fixação do bigode, já na sua mão. Note-se os tons claro-escuros da pele, nas saliências e depressões, resultantes da aplicação das tintas na foto anterior.



Ao alto: Aplicado o bigode, reprodução exata do original, que habitava o rosto de Theodore Roosevelt, já está quase pronta a caracterização. Os cabelos e sobrancelhas de Sidney Blackmer já haviam sido previamente tratados, recebendo os cortes e preparativos necessários.

dido Mariano Rondon. Essa excursão está documentada no livro que publicou em 1912, sob o título de "Through the Brazilian Wilderness", ilustrado com muitas fotografias. Tendo estado em contacto com os nossos homens públicos mais ilustres da época, como Oswaldo Cruz, Lauro Muller e outros, Theodore Roosevelt foi um grande e sincero amigo do Brasil. Pode-se dizer que foi êle o iniciador da obra de aproximação entre as nações do nosso continente, de que seu ilustre sobrinho, Franklin Delano Roosevelt, seria, trinta anos mais tarde, o continuador. Foi no seu govêrno que começou a tomar forma prática o panamericanismo, através da Conferência do Rio de Janeiro, na qual os Estados Unidos estiveram representados pelo seu ilustre secretário de Estado, o sr. Elihu Root. Ainda vivem, no Rio, muitos contemporâneos da visita do coronel Theodore Roosevelt ao Brasil. O herói da guerra de Cuba, antigo chefe de Estado, pelo papel que exerceu, pela sua movimentada atuação guerreira, à frente dos "Rough Riders", espécie de cavalaria irregular, naquele conflito hispano-americano, como pela importância decisiva de seu período de govêrno, — ligado a realizações transcendentes como a abertura do canal de Panamá, — tem sido frequentemente objetivada no cinema, em filmes como "Mensagem a Garcia", por exemplo. Ainda agora, a película cinematográfica "Ever the Beginning", da United States Pictures, a ser distribuida pela Warner Brothers, mostrara o ilustre chefe de Estado e pioneiro da "Política de boa vizinhança". Nessa película, de que a "star" austriaca Lilli Palmer e o jovem ator americano Sam Wanamaker são os intérpretes principais, cabe ao ator Sidney Blackmer fazer o papel de "Teddy" Roosevelt. A reportagem que estampamos, exclusiva de "REVISTA DA SEMANA", no Brasil, mostra a evolução dessa magistral caracterização, uma das mais perfeitas de quantas têm sido realizadas nos estúdios de Hollywood.

Em baixo: Pronta a sua obra, Gene Hibbs fica de lado enquanto Sidney Blackmer coloca o "pince-nez" de Theodore Roosevelt, assumindo logo a expressão característica do ex-presidente, que tanto pode significar miopia como ranzinzince. Na página à direita: E aquí está Theodore Roosevelt, personificado por Sidney Blackmer, como aparecerá em "Ever the Beginning", película da United States Pictures a ser distribuida pela Warner Bros., com Lilli Palmer e Sam Wanamaker nos principais papéis.



TRÊS NATAIS

ESCRAGNOLLE DORIA

MESMO sem ler história, de tantas lições inaproveitadas pelos povos, sabe a maioria da humanidade o significado para esta do natalício de Cristo.

O Natal do Redentor divide a história universal e o seu aglomerado de séculos mal fixados ou precisos, em duas éras inconfundibilíssimas, a éra antes e a éra depois de Cristo, aquela vinda dos mais obscuros tempos hesitantemente calculados, a éra cristã, assinalada pela luz de um nascimento humano-divino, de longa data anunciado por profetas cujos avisos a Bíblia registra.

O César Augusto romano, em cujo reinado nasceu Jesus, ficou com o seu govêrno de marca sempiterna pelo berço da Criança Inigualável, fadada a eterno Cristo Rei, de império sôbre milhares e milhares de corações que tenham de pulsar sôbre a terra.

O Brasil, ao qual a armada do Descobrimento entregou a Cruz por vistoso presente a multiplicar, jamais deixou de ter o Natal pela sua mais querida efeméride popular, mesmo entre os não-católicos.

Desde que o Brasil é Brasil, êle tem o Natal por um dia e uma véspera das mais felizes, obrigando a esquecer em festas tudo quanto os onze meses anteriores a dezembro possam ter trazido de dôres e desventuras.

Para celebrar 25 de Dezembro, em tôrno da Árvore de Natal reunem-se todas as idades, a infância ignorante da vida, a mocidade, tonta de inexperiência, a virilidade já amargurada, a velhice em desencanto de quase tudo, senão de quase todos.

Ao redor da Árvore de Natal, aliás de tradição protestante, pois a cristã consagra o presepe e suas ingênuas figuras, tudo é rumor, alegria, esperança de receber um Ano Novo trazendo cornucópia de venturas.

Saudado, assim, o presente Natal, pelo que como todos os Natais passados êle encerra de comovedor, mesmo neste século XX, tão lúgubre para o homem, recordemos algumas datas históricas que nos fastos nacionais se relacionam com a data de 25 de Dezembro, sempre feriada pelos governos brasileiros unidos ou não à religião católica.

NATAL DE 1591

Desde o Descobrimento foi o Brasil cobiçado por alienígenas. E não o será ainda hoje? Em 1591 a cobiça limitava-se ao saque exercido por piratas tão expressivamente denominados em francês como écumeurs de mers.

Em 1591 era um de tais Tomás Cavendish. Salteador de mar, classe numerosa na época, julgando ser pela rapina o bem do próximo, quando ao menos as aves rapinantes só assaltam para comer.

Correndo costas do Brasil, Cavendish foi ter ao nosso litoral do sul, aportando a Santos, a vila que desde albor de nossa história tanto tem dado que escrever a historiadores.

Na noite de 24 para 25 de Dezembro de 1591 o chefe Cavendish ajunta os seus aventureiros, põe-nos em dois barcos e dá-lhes missão de entre escuridade, a de assaltar Santos.

Homens, mulheres, crianças, massa de umas trezentas pessoas celebram Natal na igreja da vila ouvindo a missa da meia-noite, a do galo, segundo a tradição popular.

O ofício divino ainda em meio, o bando de Cavendish põe o templo em cêrco e portas tomadas. Quem lhes tomava conta ficou, sem dúvida, a invejar os destacados para a roubalheira na vila santista ao favor da noite.

Durante dois meses, para êles intermináveis, os moradores de Santos tiveram de suportar a odiosa presença dos inglêses de Cavendish e seus comandados, cuja principal ocupação de invasores era ajuntar tudo quanto de valor pudessem carregar e destruir o que não pudessem levar, aliás o que se observa até hoje quando se trata de vencedores e de vencidos, o praticado em 1591 praticado em 1947.

Em 1592 a corsariada de Cavendish tornou a Santos, com os propósitos do ano anterior, mas desta vez encontrou a gente santista não mais na igreja, não mais na noite de Natal, sim na praia, para defesa da vila, dispostos os defensores a não consentir que os inglêses de novo «limpassem a terra», no dizer de documento da época, no qual «limpar» equivalia a roubar.

Repelido em vários pontos da costa do Brasil, Cavendish não tornou à patria Inglaterra. Morreu em viagem para ela, talvez para sepultura largado às ondas, como tanto acontece aos que sucumbem durante travessia de mar alto.

NATAL DE 1599

25 de Dezembro deste ano raia feliz no Rio Grande do Norte. E' nele dia de instalação, a de uma vila significativamente chamada Natal, o predicamento de vila de suma honra para qualquer povoação do tempo colonial.

Aspectos do Rio antigo. Negros escravos conduzindo presentes de Natal. Desenho de Maurice Rugendas, na "Voyage Pittoresque Dans le Brésil".

Para lembrança de religião possuia já a vila fortaleza defensora, a dos Reis Magos, recordando os potentados do Oriente que tinham ido a Belém levar a Jesus os simbólicos presentes do ouro, da mirra e do incenso.

Desde 1599 o nome de Natal condecora a terra principal norte-riograndense e oxalá jamais acuda à mente brasileira a idéia de mudar aquêle nome consagrado por séculos em pátria cristianizada.

NATAL DE 1868

Trazido o Brasil à guerra do Paraguai, para o Brasil o Natal passava triste, tantos e tantos lares privados dos seus, nesse variar ou falta de noticias ocasionados por todas as guerras.

Em dezembro de 1868 a campanha do Paraguai anunciava fim próximo, comandados três exércitos aliados opostos a Lopez por aquêle marquês de Caxias cujo nome, a poder de vitórias, se ia gravando cada vez mais fundo na história do seu pais e também na da América do Sul.

Tendo corrido muito na sua famosa Dezembrada, na véspera do Natal de 1868, Caxias estava em Lomas Valentinas reunindo contra elás, último reduto de Lopez, fôrças e bandeiras brasileiras, argentinas e orientais.

Mal o dia se descortinou nas nossas linhas para véspera de Natal, uma bandeira branca foi aos ares, calou fogo, anunciando hora de parlamentar, entregue a parlamentário paraguaio uma nota de intimação a Lopez de depor as armas, nota e resposta a ela consignadas nas **Efemérides Brasileiras** pelo insigne esmerilhador que sempre foi o Barão do Rio Branco, de contínuo entre livros, documentos, notas e mapas, afinal constituindo tudo isto a razão de ser da vida do estudioso.

Aos três generais intimantes respondeu Lopez, criado no despotismo e voz única no seio do povo emudecido longamente na constância de sucessivas ditaduras.

Segundo relação oficial paraguaia, disse Lopez aos seus intimadores: «O exército nacional, em grito unânime, protestou vingança dêste novo ultraje à nação e ao govêrno, ultraje feito justamente no momento em que os bons filhos da pátria estão dando as mais relevantes provas das virtudes cívicas que os distinguem, pelejando dia e noite para salvar a pátria das garras de seus inimigos». Quando palavras pomposas podem recobrir falsidades, Lopez a falar em garras... primeiro abatidas em 1864 sôbre o nosso inditoso coronel Carneiro de Campos.

Negando render-se, El Supremo declarou-se disposto a tratar paz de condições honrosas para os beligerantes, rejeitada, pois, a intimação da deposição de armas.

Cada parlamentário voltou às suas linhas de combate, desapareceu a bandeira branca, o Natal de 1868 troando em canhoneios e transcorrido entre morte e destruição.

Não passaram assim também os Natais das duas últimas guerras mundiais? Não se acham em preparo ainda maiores conflitos armados e seus futuros Natais? Glória a Deus nas alturas, mas para a paz onde estão os homens de boa vontade?

CASA DAS NOVIDADES
Casa das novidades
Fazendas e armarinho
Elegante sortimento de tecidos de alta moda nacionais e estrangeiros
IMPORTAÇÃO DIRETA
PADRÕES EXCLUSIVOS
Artigos
para crianças, secção completa e especializada em confecções
A CASA DAS NOVIDADES agradece a preferência dos seus gentís clientes, desejando-lhes as maiores felicidades em 1948.
BOAS-FESTAS
FELIZ ANO NOVO
AV. N. S. COPACABANA, 611
FONES: 27-1192 — 47-3788

SOCIAIS TURFISTAS

Ao alto — Grupo feito nos salões do Hipódromo da Gávea, vendo-se o ministro Oswaldo Aranha, o sr. João Borges Filho e outros destacados elementos da nossa alta sociedade, quando o presidente da Assembléia das Nações Unidas era ali recepcionado. Em baixo: o ministro da Aeronáutica falando durante a entrega do bronze correspondente ao Prêmio Santos Dumont. Recebeu-o o sr. A. J. Peixoto de Castro Junior.

Em cima: aspecto da "pelouse", no dia 7 dêste mês. À direita: o momento em que o ministro Oswaldo Aranha descia do avião que o trouxe dos Estados Unidos.

MAIS uma tarde de gala viveu o Hipódromo Brasileiro, no domingo 7. Na véspera, havia regressado dos Estados Unidos o ministro Oswaldo Aranha, membro do Conselho Consultivo do Jockey Club Brasileiro, cuja diretoria promoveu ao eminente patrício uma grande recepção. Ao aeroporto Santos Dumont compareceram numerosos diretores da nossa sociedade turfista, tendo à frente o presidente João Borges Filho. Viu-se, então, como a recepção promovida pelo Jockey Club ao sr. Oswaldo Aranha se transformou numa festa cívica de grande brilho, à qual compareceu uma imensa multidão que acolheu entusiàsticamente o presidente da Assembléia das Nações Unidas.

No dia imediato, uma esplêndida tarde turfista teve lugar no Hipódromo Brasileiro, à mesma comparecendo o ministro Oswaldo Aranha, que foi delirantemente aplaudido pela enorme assistência presente. Naquela tarde, o ministro da Aeronáutica, tenente-brigadeiro Armando Trompowsky, fez entrega ao sr. Peixoto de Castro do bronze que o Ministério da Aeronáutica ofereceu ao proprietário do cavalo ganhador do Prêmio Santos Dumont, nas corridas levadas a efeito em homenagem aos aviadores.

Dos acontecimentos daqueles dois dias, REVISTA DA SEMANA colheu os flagrantes que ilustram estas páginas, que mostram mais uma etapa de intenso brilho social vivida pela nossa tradicional e elegante sociedade carreirista.

A direita: aspecto da grande manifestação popular em que se transformou a recepção promovida pelo Jockey Club ao sr. Oswaldo Aranha. Em baixo: outro flagrante da "pelouse", no dia 7, em que, como sempre acontece, se exibiu a encantadora elegância das nossas graciosas patrícias.

O HORLA

8 de Maio. — Que dia admirável!

Passei tôda a manhã estendido na erva em frente da minha casa, debaixo do enorme plátano que a cobre, e a abriga com a sua sombra.

Gosto desta terra e gosto de aqui viver, porque é aqui que tenho as minhas raízes, que ligam um homem à terra onde nasceram e morreram os seus antepassados, que o ligam ao que aí se pensa e ao que aí se come, aos usos como aos alimentos, às locuções locais, às entoações dos camponeses, aos perfumes do solo, das aldeias e do próprio ar.

Gosto da casa onde nasci. Das janelas, vejo o Sena que corre, ao longo do meu jardim, por trás da estrada, quase até minha casa o grande e largo Sena que vai de Ruão ao Havre, coberto de barcos que passam à esquerda, ao fundo, Ruão a grande cidade de tetos azuis, sob o conjunto dos campanários góticos, São inumeráveis, pequenos ou grandes dominados pela flecha de ferro coado da catedral e cheios de sinos que soam no ar azul das belas manhãs, mandando até nós o seu doce e longínquo zumbido de ferro, o seu canto de bronze, que a brisa me traz, ora mais fraco, ora mais forte, conforme ela cai ou se levanta.

Como estava linda a manhã!

Pelas onze horas, um longo comboio de navios arrastados por um rebocador, do tamanho de uma mosca, e que arquejava de cansaço vomitando um fumo espesso, desfilou diante da grade.

Atrás de dois palhabotes inglêses, cujo pavilhão vermelho ondulava no céu, vinha um soberbo três mastros brasileiro, todo branco, admiràvelmente limpo e brilhante. Saudei-o não sei porque, tal foi o prazer que tive em o ver.

12 de Maio. — Há alguns dias que tenho um bocadito de febre; sinto-me doente, ou antes, sinto-me triste.

Donde vêm estas influências misteriosas, que mudam em desânimo a nossa felicidade e a nossa confiança em aflição? Dir-se-ia que o ar, o ar invisível está cheio de Poderes desconhecidos, de que sofremos a misteriosa vizinhança. Acordo cheio de alegria, com vontade de cantar — Porquê? — Desço ao longo do rio e, de repente, depois de um curto passeio, regresso desolado, como se me esperasse em casa alguma desgraça. — Porquê? — E' um arrepio de frio que, ao roçar-me a pele me abalou os nervos, e assombrou a alma? E' a forma das nuvens ou a côr do dia, a côr das coisas, tão variável, que, passando pelos olhos, me perturbou o pensamento? Sabe-se lá? Tudo o que roçamos sem conhecer, tudo o que tocamos sem apalpar, tudo o que encontramos sem distinguir, tem sôbre nós, sôbre os nossos órgãos e por intermédio deles sôbre as nossas idéias, sôbre o próprio coração, efeitos rápidos, surpreendentes e inexplicáveis.

Como é profundo êste mistério do Invisível! Não podemos sondá-lo com os nossos sentidos miseráveis, com os nossos olhos que não sabem ver o muito pequeno, nem o muito grande, o muito perto nem o muito longe, os habitantes de uma estrêla, ou os habitantes de uma gôta de agua... com os nossos ouvidos que nos enganam porque nos transmitem os vibrações do ar em notas sonoras. São fadas que fazem êsse milagre de mudar o movimento em ruído e que por esta metamorfose dão origem à música, que torna cantante a agitação muda da natureza.. com o nosso olfacto mais fraco do que o do cão... com o nosso gôsto que mal pode distinguir a idade do vinho! Ah! se tivéssemos outros órgãos que realizassem, em nosso favor, outros milagres, que coisas poderíamos ainda descobrir à nossa volta!

16 de Maio. — Decididamente estou doente! Andava tão bem no mês passado! Tenho febre, uma febre atroz, ou antes, um enervamento febril que torna a minha alma tão doente como o corpo. Tenho sem cessar, esta sensação terrível de um perigo que ameaça, esta apreensão de uma desgraça que chega ou da morte que se aproxima, êsse pressentimento que é decerto o ataque de um mal ainda desconhecido, que germina no sangue e na carne.

18 de Maio. — Acabo de consultar o médico porque não podia dormir. Achou-me o pulso rápido, a pupila dilatada, os nervos vibrantes mas sem nenhum sintoma alarmante. Tenho de me submeter às duchas e beber brometo de potássio.

25 de Maio. — Nenhuma mudança! Na verdade o meu estado é bizarro. A medida que a noite se aproxima, invade-me uma inquietação incompreensível, como se a noite escondesse uma ameaça terrível para mim. Janto depressa e experimento ler depois; mas não compreendo as palavras; apenas distingo as letras. Ca...inho, então no salão, de um lado para o outro, sob a opressão de um temor confuso e irresistível, o mêdo do sono e o mêdo da cama.

Pelas duas horas subo para o quarto. Mal entro, dou duas voltas à chave e carro os fechos; tenho medo... abro os Não receava nada, até agora... abro os armários e espreito debaixo da cama; escuto... escuto... o quê?... Não é estranho que um simples mal estar, uma perturbação circulatória, talvez, a irritação de um filete nervoso, um pouco de congestão, uma pequeníssima perturbação no funcionamento tão imperfeito e tão delicado da nossa máquina viva, possa tornar o mais alegre e o mais valente dos homens num melancólico e num poltrão!

Deito-me em seguida e espero o sono como quem espera o carrasco. Espero com o horror da sua vinda e o coração bate, e as pernas tremem; e todo o meu corpo estremece no calor dos lençóis, até ao momento em que caio de repente no sono, como se caísse para me afogar, num abismo de água estagnada. Não o sinto chegar como outrora, êsse sono pérfido, escondido perto de mim, que me espreita que me vai agarrar pela cabeça, fechar-me os olhos, aniquilar-me.

Durmo — muito tempo — duas ou três horas — depois um sonho — não — um pesadêlo que me oprime. Sinto bem que estou deitado e que durmo... Sinto-o e vejo-o... e sinto também que alguém se aproxima de mim, que me contempla e me apalpa, sobe para a cama, ajoelha-se sôbre o meu peito, agarra-me o pescoço entre as mãos e aperta... aperta... com tôda a fôrça para me estrangular.

Debato-me, manietado por esta atroz impossibilidade que nos paralisa, nos sonhos; quero gritar, não posso; quero mexer-me — não posso; — experimento, arquejando em esforços terríveis, voltar-me e expulsar êste sêr que me esmaga e que me abafa, — não posso. E acordo de repente, aterrado, coberto de suor. Acendo a vela. Estou só.

Depois desta crise, que se renova tôdas as noites, adormeço, enfim, sossegado, até de manhã.

21 de Junho. — O meu estado continúa a agravar-se. Mas que tenho eu? O brometo não fêz nada; as duchas não fizeram nada.

Há pouco, para fatigar o corpo já de si tão cansado, fui dar uma volta pela floresta de Roumare. Pensei primeiro, que o ar fresco, leve e doce, o cheiro das ervas e das fôlhas, me verteria nas veias um sangue novo, e no coração uma nova energia. Tomei por uma grande avenida de caça, depois voltei para La Bouille, por uma álea estreita, entre duas fileiras de árvores desmesuradamente altas, que punham entre mim e o céu um teto verde, espesso, quase negro

De repente, senti um arrepio, não um arrepio de frio, mas um estranho arrepio de angústia.

Apressei o passo, inquieto por me ver sòzinho no bosque, amedrontado sem razão, estùpidamente, por aquela solidão profunda. De repente, pareceu-me que era seguido, que me caminhavam nos calcanhares, muito perto, quase a tocarem-me.

Voltei-me bruscamente. Estava só. Atrás de mim apenas vi a álea direita e larga, deserta, alta, temìvelmente deserta; e à minha frente continuava também a perder-se de vista, absolutamente semelhante, aterradora.

Fechei os olhos. Porquê? E pus-me a rodar sôbre um calcanhar, muito depressa, como um pião. Quase caí. Reabri os olhos; as árvores dançavam? a terra flutuava? tive que me sentar. Depois, ah! depois esqueci-me por onde tinha vindo. Idéia bizarra. Bizarra. Idéia bizarra.

Não sabia absolutamente nada. Parti pelo caminho da direita e achei-me de novo, na avenida que me tinha conduzido ao meio da floresta.

3 de Junho. — A noite foi horrível. Vou ausentar-me durante algumas semanas. Uma pequena viagem deve restabelecer-me, decerto.

2 de Julho. — Regresso. Estou curado. De resto fiz uma excursão encantadora. Visitei o monte Saint-Michel que não conhecia.

Que visão, quando, como eu, se chega a Abranches, ao fim do dia. A cidade está sôbre uma colina; e conduziram-me ao jardim público que fica no extremo. Soltei um grito de admiração. Uma enorme baía, estendia-se diante de mim a perder de vista, entre duas costas afastadas que se perdiam ao longe, na bruma; e no meio desta imensa baía amarela, sob um céu doirado e claro, elevava-se no meio das areias, sombrio e ponteagudo, um monte estranho. O sol acabava de desaparecer e no horizonte ainda flamejante, desenhava-se o perfil dêste fantástico rochedo que ostentava no cimo um fantástico monumento.

Logo que amanheceu fui visitá-lo. O mar estava baixo como na tarde da véspera e eu via erguer-se diante de mim, à medida que me aproximava, a surpreendente abadia. Depois de algumas horas de caminho, cheguei ao enorme bloco de pedras que sustenta a pequena cidade dominada pela grande igreja. Tendo subido a rua estreita e rápida, entrei na mais admirável habitação gótica, construída para Deus, na terra, vasta como uma cidade, cheia de salas baixas, esmagadas sob as abódadas e altas galerias, que frágeis colunas sustentavam.

Entrei nesta gigantesca jóia de granito, leve como uma renda, coberta de tôrres, de campanários esbeltos com escadas torcidas e que lançam no céu azul dos dias e céu negro das noites, as suas cabeças bizarras, eriçadas de quimeras, de diabos, de animais fantásticos, de flores monstruosas e ligadas umas às outras por delicados arcos trabalhados

Quando cheguei ao cimo, disse ao monge que nos acompanhava: "Como se deve sentir bem aqui, meu Padre"!

Êle respondeu: "Há muito vento, Senhor" e pusemo-nos a conversar, vendo subir o mar que corria sôbre a areia e a cobria de uma couraça de aço.

E o monge contou-me histórias, tôdas as histórias do lugar, lendas, sempre lendas.

Uma delas impressionou-me bastante. As pessoas da terra, que vivem no monte, pretendem que, de noite, se ouve falar nas areias, e que se ouvem balir duas cabras, uma com voz forte, outra com voz fraca. Os incrédulos afirmam que são os gritos das aves marinhas, que ora se assemelham a balidos, ora a gemidos humanos; mas os pescadores retardatários, juram ter encontrado, vagueando sôbre as dunas, entre duas marés, à volta da pequena vila tão afastada, um velho pastor, cuja cabeça, sempre coberta pelo manto, nunca ninguém viu, e que conduz, caminhando adiante dêle, um bode com figura de mulher, ambos com compridos cabelos brancos, falando sem cessar, questionando numa língua desconhecida, parando de repente de gritar para balir com tôda a fôrça.

Disse ao monge: "Acredita nisso?"

Êle murmurou: "Não sei".

Repliquei: "Se existissem na terra outros sêres diferentes de nós, como seria possível que nunca os tenha visto, nem eu?"

Respondeu: "E vemos nós a centésima milésima parte do que existe?

Olhe o vento, por exemplo, que é a maior fôrça da natureza, que derruba os homens, abate os edifícios, desenraíza as árvores, levanta o mar em montanhas de água, destrói as falésias, e atira os grandes navios para os rochedos, o vento que mata, que assobia, que geme, que muge, — já o viu, e por ventura poderá vê-lo? E no entanto, existe".

Calei-me diante dêste simples raciocínio. Êste homem era talvez um sábio ou um tolo. Não poderia afirmá-lo com certeza, calei-me. O que êle dizia, já eu tinha pensado muitas vezes.

3 de Julho — Dormi mal: com certeza existe aqui uma influência febril, porque o meu cocheiro sofre do mesmo mal. Ontem, ao regressar, notei a sua singular palidez. Preguntei-lhe:

— Que tem, Jean?

— E' que não posso descansar, Senhor. As minhas noites devoram os meus dias. Desde que o Senhor partiu, que isto me deu como um mau olhado.

Os outros criados passam bem, mas eu, ando com mêdo que isto me torne a dar.

4 de Julho. — Decididamente, o mal voltou. Recomeçam os meus antigos pesadelos. Esta noite senti alguém acocorado sôbre mim e que com a boca na minha, bebia a minha vida nos meus lábios. Sim, extraía-a da minha garganta como faria uma sanguessuga. Depois, saciado, levantou-se e acordei de tal modo pisado, quebrado, acabrunhado que não podia mexer-me.

Se isto assim continuar ainda alguns dias, é quase certo que terei de partir novamente.

5 de Julho. — Terei perdido o juízo? O que se passou na noite de ontem é de tal modo estranho, que a minha razão perde-se quando penso nisso.

Fechei a porta a chave como costumo, agora fazer tôdas as noites; depois, como tinha sêde, bebi meio copo de água e reparei por acaso que a garrafa estava cheia até à rôlha de cristal.

Em seguida, deitei-me e caí num dos meus sonhos horríveis, ao qual fui arrancado, cêrca de duas horas depois, por uma comoção mais terrível ainda.

Imaginem um homem que dorme, a quem assassinam e que acorda com uma faca num pulmão, e que agoniza, coberto de sangue, sem poder respirar, e que vai morrer, e que não compreende nada e eis o meu estado.

Tendo enfim recuperado o juízo, tive de novo sêde; acendi a vela e dirigi-me à mesa onde tinha colocado a garrafa. Peguei nela e inclinei-a sôbre o copo; não saíu nada.

Estava vazia. Estava completamente vazia.

Primeiro, não compreendi nada; depois, de repente, senti um abalo tão terrível, que tive de me sentar, ou antes, caí numa cadeira. Depois levantei-me de um salto para olhar à minha volta. E voltei de novo a sentar-me, enlouquecido de espanto e de mêdo, diante do cristal transparente. Contemplava-o com os olhos fixos, procurando adivinhar. Tremiam-me as mãos. Tinham então bebido a água? Quem? Eu? eu decerto. Só poderia ter sido eu. Era então sonâmbulo, vivia sem o saber, esta dupla vida misteriosa que nos faz pensar se existem em nós dois sêres diferentes, ou se um sêr estranho desconhecido e, invisível, anima, por momentos, quando a nossa alma está entorpecida, o nosso corpo cativo, que lhe obedece como a nós próprios, talvez mais do que ao nosso próprio sêr?

Ah! quem compreenderá a emoção de um homem, são de espírito, bem acordado, de razão clara e que olha aterrado através do vidro de uma garrafa, um pouco de água desaparecida enquanto que dormia. E fiquei ali até de manhã, sem ousar voltar para a cama.

6 de Julho. — Endoideço. Também beberam a água esta noite, ou antes bebi-a.

Mas fui eu? Quem seria? Quem? Oh! Meu Deus! Endoideço. Quem me salvará?

10 de Julho. — Acabo de verificar factos surpreendentes.

Decididamente estou doido! No dia 6, antes de me deitar, pousei sôbre a mesinha vinho, leite, água, pão e morangos.

No dia 7 renovei a experiência, que deu o mesmo resultado.

No dia 8, suprimi a água e o leite. Não tocaram em nada.

No dia 9, enfim, voltei a pôr sôbre a mesa a água e o leite, sòmente, tendo o cuidado de envolver as garrafas em panos de musselina, e de atar as rôlhas. Depois, esfreguei os lábios, o queixo, e as mãos, com plumbagina.

Atacou-me um sono invencível, seguido de atroz despertar. Não me tinha mexido; nem sequer os lençóis estavam manchados. Corri para a mesa. Os panos que envolviam as garrafas, estavam imaculados. Desatei os fios que prendiam as rôlhas, palpitando de terror. Tinham bebido a água tôda. Tinham bebido o leite todo. Ah! meu Deus!...

Vou partir já para Paris.

12 de Julho. — Paris. Tinha então perdido a cabeça nos últimos dias! Deve ser jogo de da minha imaginação enervada, a não ser que seja sonâmbulo de verdade, ou que tenha sofrido uma dessas influências verificadas, mas inexplicáveis até agora, a que chamam sugestões.

Em qualquer dos casos, o meu terror reinava pela demência e vinte e quatro horas de Paris, foram suficientes para recuperar o meu equilíbrio.

Ontem, depois das compras e das visitas que me fizeram passar na alma corrente de ar novo e vivificante, acabei à noite no "Théatre Francais". Representou-se uma peça de Alexandre Dumas, filho, e êste espírito vivo e poderoso, acabou de curar-me. Na verdade,

Conto de
GUY DE MAUPASSANT

Ilustração de
ANA ZAGORSKA

a solidão é perigosa para as inteligências que trabalham. E' preciso termos à nossa volta, homens que pensem e que falem. Quando ficamos sós, durante muito tempo, povoamos a vida de fantasmas.

Muito alegre, regressei ao hotel pelos "boulevards". Ao acotovelar a multidão, pensava, não sem ironia nos meus temores, nas minhas suposições da outra semana, porque acreditei, sim acreditei que um ser invisível habitava debaixo do meu teto. Como a nossa cabeça é fraca e se perturba e desorienta depressa, logo que um pequeno facto incompreensível nos impressiona!

E em lugar de concluirmos por estas simples palavras: "não compreendo porque a causa me escapa" imaginamos logo mistérios aterradores e poderes sobrenaturais.

1º de Julho. — Festa da República. Passei pelas ruas. Os petardos e as bandeiras divertiam-me como a uma criança. E' no entanto bastante estúpido estar alegre em data fixa, por decreto do govêrno. O povo é um rebanho imbecil, ora estùpidamente paciente, ora ferozmente revoltado. Diz-se-lhe: "Diverte-te". Êle diverte-se. Diz-se-lhe: "Vai combater com o vizinho". Êle vai combater. Diz-se-lhe: "vota pelo Imperador". E êle vota pelo Imperador. Depois diz-se-lhe ainda: "Vota pela República". E Êle vota pela República.

Os que o dirigem, são tão tolos como êle; mas em vez de obedecerem a homens, obedecem a princípios, que apenas podem ser ingênuos, estéreis e falsos, pelo próprio facto de serem princípios, quer dizer, idéias consideradas exactas e imutáveis, nêste mundo onde não há certeza de nada, já que a luz e o som não passam de ilusão.

15 de Julho. — Vi ontem algumas coisas que me perturbaram muito. Jantei em casa da minha prima, Mme. de Sablé cujo marido comanda o regimento de caçadores 76, em Limoges. Encontrei-me lá com duas senhoras, novas, das quais uma delas era casada com o doutor Parent, que se ocupa muito de doenças nervosas e das manifestações extraordinárias e que dão lugar, nesta ocasião, às experiências sôbre hipnotismo e sugestão.

Falou-nos, durante muito tempo, dos resultados prodigiosos obtidos por alguns sábios ingleses e pelos médicos da escola de Nancy.

Os factos que êle apresentou, pareceram-me de tal modo esquisitos, que me declarei completamente incrédulo.

"Estamos, afirmava êle, prestes a descobrir um dos mais importantes segredos dêste planeta; porque, decerto, haverá outros igualmente importantes em estrêlas. Desde que o homem pensa, desde que sabe dizer e escrever o seu pensamento, que êle se sente rodeado por um mistério impenetrável para os seus sentidos grosseiros e imperfeitos e experimenta sugerir, pelo esfôrço da sua inteligência, a impossibilidade dos seus órgãos. Quando esta inteligência estava ainda no estado rudimentar, esta obsessão dos fenômenos invisíveis, tomou as formas banalmente aterradoras. Daqui nasceram as crenças populares no sobrenatural, as lendas dos espíritos errantes, das fadas, dos gnomos, dos fantasmas, direi mesmo a lenda de Deus, porque as nossas concepções acêrca do Criador, seja qual fôr a religião de que provenham, são as invenções mais medíocres, mais estúpidas e as mais inacreditáveis que saíram do cérebro amedrontado das criaturas. Nada mais verdadeiro que estas palavras de Voltaire: "Deus fêz o homem à sua imagem mas o homem pagou-lhe na mesma moeda".

Mas há pouco mais de um século, parece-me pressentir alguma coisa nova. Mesmer e outros puseram-nos sôbre um caminho inesperado, e há quatro ou cinco anos, sobretudo, que chegámos a resultados surpreendentes".

A minha prima, muito incrédula também sorria. O doutor Parent disse-lhe: Quer que experimente adormecê-la, minha senhora?

— Pois sim doutor, com prazer.

Sentou-se numa cadeira e êle começou a olhá-la fixamente, fascinando-a. Quanto a mim, senti-me, de repente, um pouco perturbado, o coração a bater, a garganta apertada. Via as pálpebras de Mme. de Sablé, tornarem-se pesadas, a bôca crispar-se, o peito ofegar.

Ponha-se por trás dela, disse o médico.

Coloquei-me atrás dela. Êle pôs-lhe entre as mãos um cartão de visita, dizendo-lhe: "Isto é um espelho: que vê lá dentro?"

Ela respondeu:

— Vejo o meu primo.

— Que está êle a fazer?

— Está a torcer o bigode.

— E agora.

— Tira uma fotografia do bolso.

— Qual fotografia?

(Continua na pág. 84)

O Quarto

O homem falava com voz muito humilde, sem destacar as palavras, de maneira monótona. A temperatura era abafada no consultório de paredes brancas. As janelas cerradas não deixavam entrar a mínima viração. Dr. Sérgio ouvia o cliente, de olhos semi-cerrados, inclinando às vezes para trás o corpo acabrunhado de calor; a cadeira giratória fazia então um ruído cacete, o homem parava um pouco e as mãos tremiam mais, o médico abria os olhos, o cliente prosseguia como que encorajado.

— "O senhor quer que eu conte tudo direitinho, não doutor? Vou ver se me lembro, se não esqueço nada do que aconteceu nestes últimos tempos, mas... a memória, às vezes prega peças"...

Interrompeu-se um instante, parecendo juntar idéias, olhou sem ver o recorte dos prédios altos muito nítidos, como um desenho caprichoso, sôbre o céu azul-ferrete, continuou então com um ar cauteloso, medindo as palavras, pesando-as, com temor, um temor humilde de não ser rigorosamente exato.

— "No princípio viviamos bem, vida de pobre é certo — deitando cedo, levantando de madrugada, economizando daqui, dali... mas a gente tinha satisfação também, tinha os domingos, os cinemas... Anita era boa dona de casa, boa mãe. Trabalhadeira. As crianças andavam limpinhas, bonitas. Dinheiro na mão dela rendia muito. Me ajudava com as costuras e tinha mesmo talento pr'aquilo porque a nossa casa começou a ficar cheia de freguesas grã-finas. Ela precisou até arranjar uma menina pr'ajudar na máquina. Mariazinha na escola tirava notas boas, já estava tomando corpo de mulher apesar de só ter quatorze anos, mas grandalhona assim parecia mais. Anita sonhava pra ela a Escola Normal, uma cadeira de professora depois. Carlinhos era mais enfezado, mais miúdo, mas também nessa questão de estudo não dava trabalho. Luiza ainda era pequenininha, andava agarrando nas paredes. De noite me subia pelas pernas com aquele jeito engraçado, pedindo histórias."

A voz tremeu mais, tremeram quase convulsas as mãos. Ele prosseguiu:

— "Só depois, só agora é que eu soube que aquilo era a felicidade. Naquele tempo trabalhava muito, tinha prazer de ver a família prosperar, só nisso pensava e quando punha a cabeça no travesseiro era para dormir um sono pesado e sem sonhos. Um dia, na hora do almôço, Anita me apareceu com uma idéia que decerto andava ruminando fazia muito tempo: — Por que não comprávamos uma casa a prestações? Respondi que era maluquice, que não tínhamos dinheiro, que os meus lucros de mecânico não eram muito certos, dependiam do movimento da garage, da boa vontade do patrão... Minha mulher disse que era uma judiação aquele desperdício dos aluguéis, dinheiro que ia embora, que não voltava mais. Eu achei que ela como sempre tinha razão. E aquilo que no princípio parecia impossível foi ganhando fôrça e no fim de pouco tempo era uma idéia aceita. O meu patrão conhecia uma companhia financiadora, êle próprio me acompanhou, me levou lá. Homem bom aquele! Achamos uma casa pequena na Aclimação. Tinha um jardinzinho na frente e um bom quintal. Era jeitosa, ainda não habitada. A cozinha linda, branquinha, o banheiro embutido como nos palacetes de luxo. A patroa ficou louca, só falava naquilo, duplicava o trabalho pra provar que o dinheiro sobrava no fim do mês e podíamos assumir aquele compromisso folgados. Fizemos o negócio. Me lembro bem da primeira noite que dormimos lá. Anita falava, falava, no quarto empilhado de trastes. Eu deitado na cama achava graça no entusiasmo dela. Estava de camisola mas não me decidia a deitar. Andava de um lado para outro excitada. Fazia planos. Íamos criar galinhas... (Parecia até que a nossa propriedade era uma chácara!) Ela podia muito bem subir o feitio dos vestidos, as freguesas sobravam.

— Venha para a cama, o mundo não vai acabar. Amanhã você tem tempo de organizar a nossa vida!

Mas parecia mesmo uma criança, tanta era a sua alegria.

— Você reparou naquela fita da Judy Garland, a casa pequena com umas cortinas tão engraçadinhas?

Eu dizia que não, não tinha reparado em nada. Estava com sono, queria dormir. Ela se impacientava, queria ajudar a minha memória, depois dizia que ia arranjar para o nosso quarto e para a sala umas cortinas assim engomadinhas como umas dançarinas. Acabou deitando, apagando a luz, mas percebi que ficou acordada muito tempo, voltada para o teto, cheio de felicidade. Eu que nunca fui muito dessas coisas me entusiasmei pela casinha. Ficou um brinco. O soalho espelhava, as portas esmaltadas luziam e as janelas tiveram logo as suas cortinas engomadas, presas no meio com laços de fitas, lembrando mesmo as cinturas fininhas das dançarinas. Todos gabavam a graça dos enfeites, o capricho do arranjo. Era um dom de Anita fazer primores quase sem gastar. Eu cuidava do quintal nos domingos. Construí um galinheiro e comecei a formar uma horta. Os dias corriam sem a gente perceber. Quando veio o Natal tivemos uma festinha. Na hora da ceia acendemos tôdas as velas do pinheiro e apagamos as luzes. O efeito era tão bonito, a felicidade da gente era tanta que parecia fita de cinema, romance, conto de fada, que sei lá. Uma coisa esquisita me travou a garganta assim como se tivessem apertando com fôrça, as lágrimas vieram vindo e era impossível resistir. Então saí para fora porque era uma vergonha um homenzarrão como eu chorar diante dos filhos. Me lembro bem do céu muito claro e das sombras que as rosas brancas faziam no canteiro. Lá dentro o rádio teceava uma coisa sentida e bonita. Ouvi as crianças baterem palmas e a voz da patroa, grave e diferente, dizendo qualquer coisa de maneira pausada e solene. Acendi um cigarro, percebi que tinha as mãos molhadas das lágrimas. Comecei a andar no jardim de um lado para o outro. Anita veio me encontrar. O vestido dela no escuro parecia mais branco, como que desprendia luz. Toquei nele com respeito, era como se tivesse uma Nossa Senhora diante de mim naquela noite de Natal. Mas Anita muito simples não percebia quanto era gran-

CONTO DE HELENA SILVEIRA

da frente

de, e foi dizendo com aquele jeito natural muito dela:

— Você se comoveu, eu vi... a gente é tão feliz, acha até que não merece.

Abraçou-se comigo. Percebi que estava chorando também. Por cima de nós o céu era uma coisa maluca de estrêlas. Senti dentro de mim uma fôrça incrível. Se fôsse preciso naquele momento acho que suspenderia a casa nos meus braços.

Houve um instante de silêncio. Dr. Sérgio levantou-se, foi até a janela, pareceu espiar fora. O homem assoou-se, depois com voz meio quebrada:

— "A gente fala essas coisas e é como se estivesse vivendo novamente, mas eu acho que caceteio o senhor, doutor, devo passar por cima disso tudo".

Dr. Sérgio, disse que não, não. Contasse o que a memória guardara tudo de bom e de ruim que ela havia retido naqueles últimos tempos. Não acrescentou que não era apenas o médico de moléstias nervosas quem pedia, mas o eterno curioso da vida, o homem que se debruçava sôbre as misérias e as felicidades com o mesmo brilho analítico no olhar. Retomou seu pôsto atrás da escrivaninha. As mãos do cliente tremiam, tremiam... êle cerrou os olhos para deixá-lo à vontade. Dali a minutos a voz prosseguiu, reafirmando-se:

— "No princípio tudo saiu como a patroa pensou. Pagávamos as prestações da casa direitinho, a vida era fácil, a gente tinha o que queria. Quando chegava do trabalho, lá longe, já ouvia o barulho da máquina de Anita. As coisas começaram a mudar quando em julho Carlinhos teve pneumonia. Foi assim de repente, apareceu com febre alta. Ficamos assustados, chamamos o médico... Depois de tanto tempo, olhando para trás eu sei, eu vejo tudo direitinho. A desgraça entrou em nossa casa com aquele homem que não era máu... era igual a muitos outros — queria ganhar dinheiro na sua profissão e isso era justo. Os pedreiros ganham construindo casas e os engenheiros levantando pontes, fazendo plantas... e tudo o mais é assim movido por um interêsse. A gente sabe que é certo, que é justo mas nem por isso quando eu me lembro da figura do Dr. Cardoso na cabeceira de meu filho deixo de pensar num corvo."

Dr. Sérgio sorriu, imperceptivelmente, pensando que êle próprio era um estranho corvo branco ouvindo a história daquele pobre doente, ávido daquelas misérias, daquele humano desconhecido que êle representava. Alheio a tudo o que não fôsse a própria recordação o homem continuou:

— "Meu filho perdeu a saúde pra sempre. Venceu a pneumonia é certo, mas ficou o pobre como um trapo. Largado, abatido, os ossos aparecendo, amarelinho, que dava pena. E vieram as receitas, as injeções... Mais tarde as radiografias os exames de escarro... Um dia o Dr. Cardoso me disse no consultório, como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se comentasse o tempo bom ou máu, se ia chover de tarde ou fazer sol:

— Seu Armando, o seu filho está tuberculoso."

Ele foi pr'aquele sanatório em São José dos Campos. Eu mesmo fui deixar êle lá. Paguei adiantado um mês. Falei com o diretor, com as enfermeiras, pedi que olhassem muito o meu Carlinhos. Expliquei como êle era agarrado com a mãe, como era bom e quietinho, como ia sofrer longe da gente. Deixei êle deitado numa cama limpinha e levei pra me consolar a idéia de que ia ser bem cuidado, que ia sarar, e que tanto sacrifício de dinheiro ia ser compensado quando mais tarde êle voltasse para a casa.

No trem fechava os olhos, via meu filho acenando com aquele risinho triste no rosto branco e miúdo... Aquilo era muito forte para mim, seu doutor, só quem tem filhos pode compreender.

Anita ficou diferente desde então. Corajosa, trabalhando mais ainda, o corpo curvado sôbre a máquina tão curvado que ela ficou depois para andar com aquela posição defeituosa, a cabeça inclinada... Muito corajosa, mas com uma tristeza nos olhos, um jeito de sorrir... Eu peguei um serviço para fazer de noite. Tínhamos dívidas. Só a doença de Carlinhos tinha comido três contos, e ainda tinha a mensalidade do hospital, os extraordinários...

Às vezes me deitava tão cansado, tão cheio de preocupações que não podia dormir. Percebia que Anita ficava também acordada até tarde, mas nem eu nem ela diziamos nada. Se a gente falasse qualquer coisa parece que então o sofrimento tomaria maior volume. Era essa a impressão que eu tinha que não sei se o senhor entendeu bem... O silêncio cobria a nossa tristeza como um pano, não deixava que vissemos ela inteirinha. Nunca falávamos de Carlinhos, era como um acôrdo entre nós dois. Dois meses depois a patroa foi ao sanatório. Chegou de olhos vermelhos, não quis comer, subiu direito pro quarto. Eu fui atrás dela. Estava sentada na cama, no escuro, chorando. Eu não disse nada, peguei na mão dela, comecei a acariciar. A pele estava áspera, cheia de calos, lembrei do tempo de noivado, quando era macia, e eu tocava nela quase a medo, como quem toca veludo. Comecei a pedir perdão, não sabia bem do que, mas pedia, achava que tinha um pouco a culpa daquilo tudo. Ela chorou mansamente, sem queixume, muito tempo, uma coisa de cortar o coração, depois quando acalmou foi falando no menino, que estava melhorzinho, que tinha engordado um pouco, que nos últimos tempos a febre cedeu... Nós precisávamos arranjar mais dinheiro, disse depois, queria que Carlinhos tivesse do melhor: muita manteiga, muitos ovos, muita fruta...

Outro dia li numa revista que tuberculose é doença curável, que não é mais aquele fantasma de antigamente. E' doença curável pra gente rica, seu doutor, como é que pobre pode curar tuberculose? Pra nós era diferente. Enquanto pude arranjar dinheiro arranjei, até do modo que o senhor vai ver, mas a verdade é que nunca faltou nada pro meu filho. Essa doença encangalhou a nossa vida, acabou com a minha saúde. Hoje sou um trapo

(Cont. na pág. 90)

ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO

To Renata de Fio
Cristaras greetings
Joan Crawford

Em cima: Ann Sheridan e Geraldine Brooks. Em baixo: Humphrey Bogart. Três nomes da Warner Bros. Dois consagrados, um que não tardará a sê-lo. Ann está terminando "Silver River", com Erroll Flynn: Humphrey Bogart acaba de terminar "Dark Passage", com Lauren Baccall. Geraldine Brooks, uma novata, é veterana dos palcos da Broadway, e teve excelente desempenho em duas grandes películas. A primeira, "Mansão da Loucura" (Cry Wolf), com Barbara Stanwyck e Errol Flynn, e a outra, "Fogueira de Paixão" (Possessed), com Joan Crawford e Van Heflin.

AS BOAS-FESTAS DE HOLLYWOOD

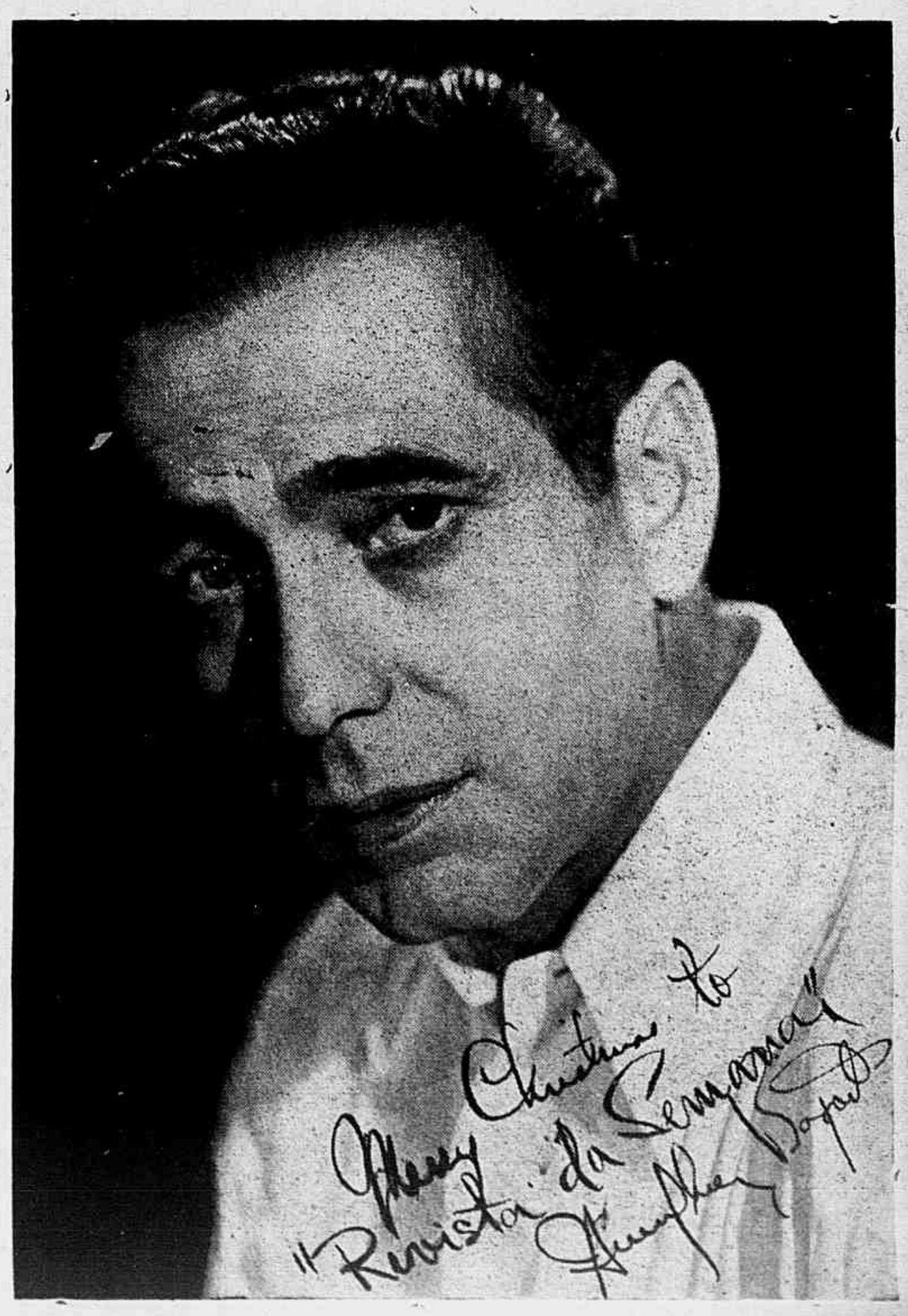
ATRIZES E ATORES FAMOSOS ENVIAM VOTOS DE FELIZ NATAL À "REVISTA DA SEMANA" E A SEUS LEITORES...

HOLLYWOOD não usa mais os tradicionais cartões impressos a côres, com alegorias sugestivas, por ocasião do Natal. Melhor do que êsses cartões, que não variam muito de aspecto e de inspiração, valem as palavras de cordialidade e de simpatia escritas sôbre uma fotografia, que é a mais recente imagem de quem nos enviam êsses votos de felicidades. Em suas relações com a imprensa, é isso o que usam as atrizes e atores famosos. E é essa a realidade que se espelha nestas páginas de "REVISTA DA SEMANA":

Nossos leitores já bem conhecem o espaço que costumamos reservar às coisas do cinema, procurando divulgar sempre reportagens alusivas a personalidades de relêvo da cinematografia. E não só os nossos leitores mas também a gente ilustre de Hollywood, astros, estrêlas, diretores, etc., estão a par dêste nosso contínuo esfôrço pela divulgação de suas realizações, especialmente através das entrevistas e reportagens do nosso correspondente especial, Luís Serrano. Representando "REVISTA DA SEMANA" e "A CENA" na capital do cinema, Luís Serrano não descansa em busca de novidades para os nossos leitores, abordando não só os grandes astros mas também todos aqueles que pelo seu talento começam a aparecer como verdadeiras promessas na arte cinematográfica. Mantendo há vários anos um correspondente especial em Hollywood, temos semana após semana focalizado em nossas páginas a vida dos estúdios, os grandes acontecimentos artísticos, ascenções meteóricas e quedas desastrosas de atores e atrizes, sucessos e fracassos de películas caras e trabalhosas, enfim, tudo quanto interessa ao fã de cinema.

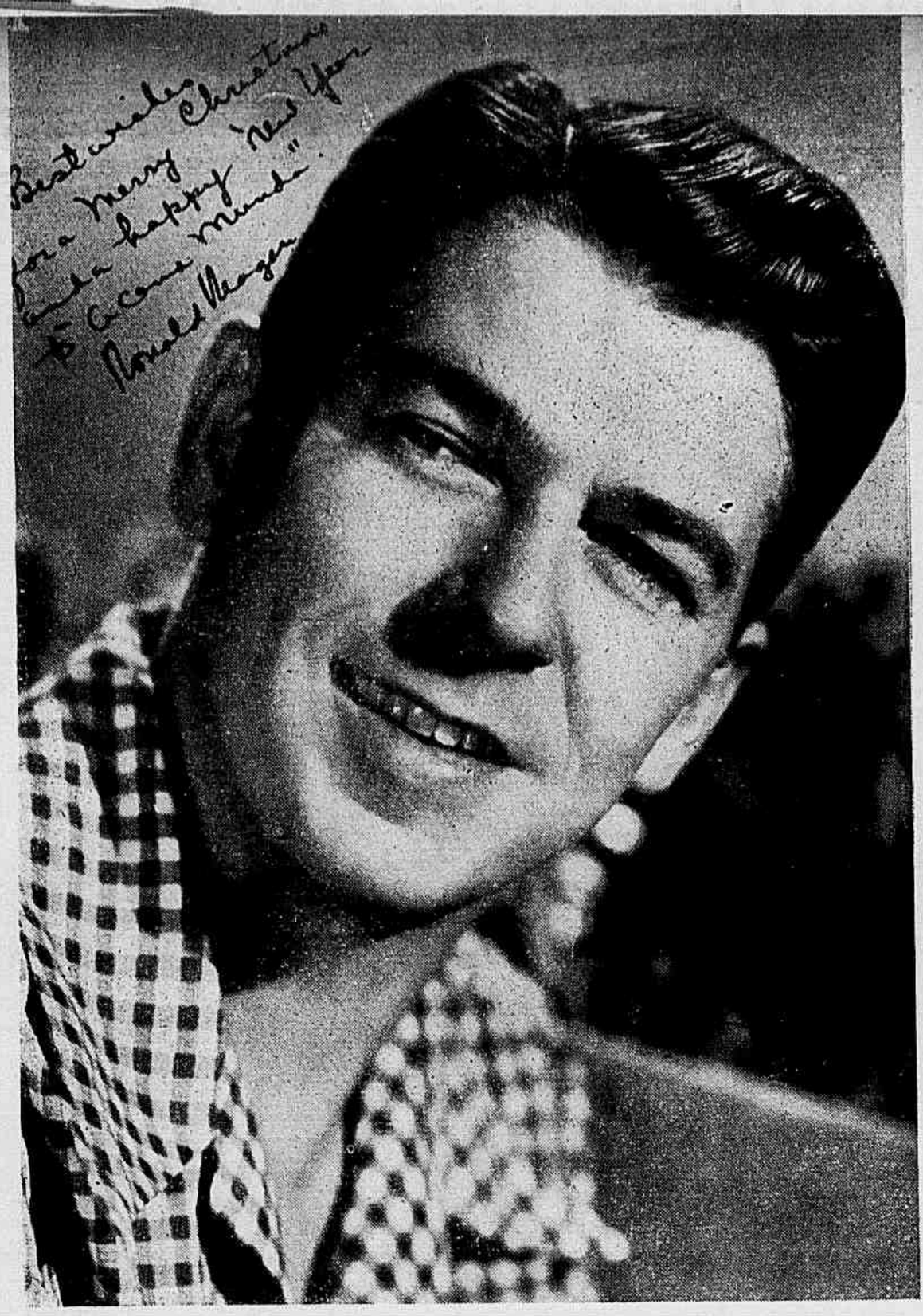
Procurados pelo nosso correspondente Luís Serrano, grandes e pequenos de Hollywood há muito reconheceram em "REVISTA DA SEMANA" a amiga sincera, sempre pronta a revelar ao povo do Brasil os seus grandes sucessos e os detalhes de seus trabalhos nos estúdios, não deixando de lado, também, a vida particular de cada um, no lar, longe das câmeras e dos refletores. E é por isso, por bem conhecer o nosso contínuo esfôrço em fazê-los crescer no conhecimento e admiração públicos, que os artistas do cinema sempre se lembram da "REVISTA DA SEMANA" em épocas como a das festas de Natal e Ano Novo. E já é uma tradição em nossos números de Natal a apresentação de

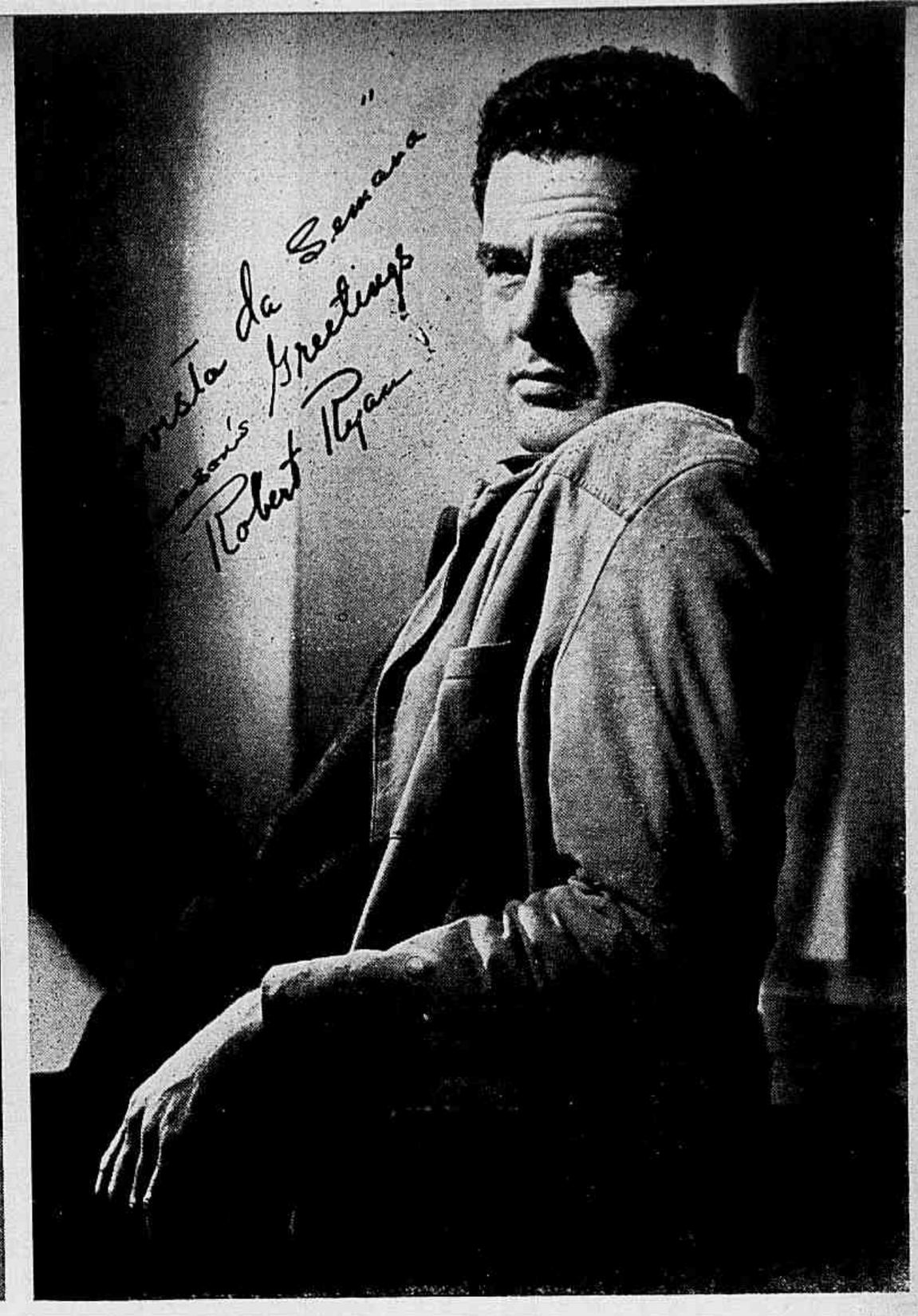
(Cont. na pág. 84)



Na página à esquerda: Joan Crawford é uma veterana que volta. Depois de alguns anos por baixo, reapareceu nas telas simplesmente conquistando um "Oscar" da Academia, pelo seu magnífico trabalho em "Alma em Suplício". Em seguida, a grande revelação dramática dos últimos tempos estrelou "Acordes do Coração" e "Fogueira de Paixão", ambos, como o primeiro, na Warner. Atualmente, Joan acaba de terminar "Daisy Kenyon", da Fox, com Dana Andrews e Henry Fonda.

Em cima, à esquerda: A adorável Marguerite Chapman, atualmente trabalhando com Robert Young em "Relentless", tecnicolor Cavalier para a Columbia; e à direita: Lucille Ball, heroína de "Her Husband's Affairs", também da Columbia, com Franchot Tone. Em baixo, à esquerda: Robert Mitchum, um novato já consagrado como grande intérprete, completou, há pouco, excelente "performance" em "Crossfire", para a RKO Radio; e à direita: Denis Morgan, o sempre jovem veterano da Warner Bros., que anda novamente em plena forma com as pequenas, tendo terminado recentemente "My Wild Irish Rose".





Em cima, à esquerda: Ronald Reagan, o esposo de Jane Wyman, que aos poucos recupera a velha posição, está filmando "That Hagen Girls", "contra" Shirley Temple; e à direita, o novato Robert Ryan, contratado da RKO Radio, que vem avançando com firmeza para o estrelato. Em baixo, à esquerda: a sempre adorável "madame Nick Charles", Myrna Loy, que depois de alguns anos de interrupção vem aí em "The Song of the Thin Man", como sempre com William Powell; e à direita: a grande coadjuvante Eva Arden, da Warner Bros., cujo mais recente desempenho foi em "Alma em Suplício", com Joan Crawford.

Em cima, à esquerda: a linda Merle Oberon, que nunca sái do cartaz, e à direita: a expressiva Ellen Drew, que está fazendo "The Swordsman", na Columbia, com Larry Parks, um rapaz que começou a aparecer depois que personificou Al Jolson e que completa esta página, em baixo, à direita, com Cary Grant; à esquerda: o magnífico comediante de tantos bons filmes, que estará breve em nossas telas em "Solteirão Cobiçado", com Myrna Loy e Shirley Temple. Na página à direita: a querida de todos, Deanna Durbin, que veremos dentro em pouco em "Deliciosa Mentira", da Universal-International, com Donald O'Connor.

Cherie Chin Pogue
Beau

O RIO DE JANEIRO DE HA' 126 ANOS E O DE HOJE

ATRAVÉS DOS ANÚNCIOS

Por DIENO CASTANHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

HA' 126 anos o Rio de Janeiro não passava de uma cidade colonial, edificada à beira da praia, com ruas estreitas, sem calçamento. Nesse ano, 1821, a 26 de fevereiro, o povo do Rio amotinou-se por não querer D. João VI confirmar as decisões das côrtes portuguesas que preparavam a constituição. Ao povo aderiram as tropas do exercito e da marinha. Foi preciso, para acalmar os ânimos, que o principe D. Pedro comparecesse ao terraço do teatro de São João (que depois se chamou S. Pedro e hoje João Caetano) no então largo do Rocio (hoje Praça Tiradentes), para ler em voz alta um decreto em que seu augusto pai declarava aceitar a Constituição que se fazia em Portugal.

Por essa época é que começaram a surgir no Rio de Janeiro os primeiros jornais. Dentre os jornais dêsse tempo, o que teve vida mais longa foi o "Diario do Rio de Janeiro", fundado em 1821, e que, embora tendo sofrido várias interrupções e mudanças de formato, só desapareceu em 1878.

Há 126 anos ninguém supunha que anuncio de jornal fôsse algo que pudesse ser cobrado, para produzir rendimento. Tanto assim, que no 1.º número do diário citado, que veio à luz a 1.º de junho de 1821, pode-se ler a seguinte declaração:

"Neste Diário se inserem gratuitamente todos e quaesquer Annuncios ou Noticias particulares, que convenhão, e seja licito imprimir; para o que deverão ser entregues na loja de livros de Manoel Joaquim da Silva Porto, rua da Quitanda, á esquina da de S. Pedro, ou lançados na Caixa, que alli estará exposta ao Publico tão somente até ás 4 horas da tarde, na certeza de que serão inseridos com a maior promptidão possivel e com toda a rasoavel imparcialidade.

Todas as pessoas, que quizerem promover este tão util estabelecimento, subscrevendo pelo modico preço de 640 reis mensalmente, o poderão fazer a todo o tempo na loja do mesmo Diario, acima dita, e obterão a vantagem de que este lhes será entregue em suas proprias casas, infallivelmente até ás 8 horas e meia da manhã".

A venda avulsa era feita ao preço de 40 réis, importância bastante elevada se se levar em conta o valor do dinheiro naquela época em que circulavam moedas de ouro de 6$400 e 4$000!

Tudo, porém, nessa época era feito por processos que hoje nos parecem estranhos. A sinceridade de quem propunha um negócio era real e quase que se pode dizer palpável, como evidenciam êstes anúncios.

"Quem quizer comprar por vinte dobras, ou duzentos e cincoenta e seis mil réis, pagando a meia eiza, hum escravo, de 18 a 19 annos, e que he muito bom boliciro, e barbeiro, he de Nação Moçambique, e tem boas qualidades, sendo para advertir que bebe alguma cachaça, por cuja principal razão deseja seu dono vendello; falle com Domingos Lopes dos Santos, assistente na rua dos Ourives, e proximo á do Ouvidor".

"Vende-se uma escrava por preço tão favoravel, que será incrivel no tempo presente, por tal comprá-la; a mesma escrava não tem vicio e é quitandeira e só tem contra si uma figura desagradavel — é o motivo porque se vende".

Como se vê, o vendedor procura despertar o desejo da compra dizendo que o artigo é pechincha, que tem grandes vantagens (não tem vícios e é quitandeira). E o motivo da venda "não desagradará o comprador" como dizem hoje os anuncios classificados. O dono só queria desfazer-se da pobre preta porque esta era feia.

Neste gênero havia também anúncios que lidos hoje impressionam dolorosamente:

"Vende-se uma perfeitissima engomadeira, que coze muito bem, lava e cozinha, grávida de 8 mezes, por 600$000; e outra boa cozinheira e lavadeira com uma cria de dous mezes por 450$000; na rua do S. Antonio n. 7".

Que coisa triste. Custa-nos hoje a crer que há um século se vendiam entes humanos como se fossem animais; "com uma cria de dous mezes". E o nascituro apontado como vantagem especial. Voltemos a página que esta se nos apresenta demasiado sombria.

Vamos encontrar já nessas éras remotas o início de coisas que hoje nos parecem as últimas novidades. Não há muito tempo foi lançado na praca um lombrigueiro fabricado com óleo das sementes da abóbora. Seus fabricantes declaravam, na bula, que a descoberta das propriedades vermifugas das "cucurbitáceas", era coisa recente. O anúncio abaixo, porém, nos prova que tal descoberta é um pouco mais antiga do que se julga:

"O Doutor Mongeny, Medico na Ilha de Cuba, recomenda como remedio heroico contra a taenia, huma massa feita com abobora tresca, tres onças, mel seis onças, repartida em tres doses, tomadas com intervallos de huma hora entre cada dose. Diz ter feito expulsar com esta composição taenias que tinhão resistido a todos os methodos conhecidos".

Outra "novidade" que se aperfeiçoou durante a última guerra, mas de que já se cuidou em 1821, é a deshidratação dos alimentos.

Quando os anúncios não eram em número suficiente para encher as quatro páginas do jornal, segundo declarava um editorial do mesmo, publicavam-se noticias sôbre as últimas descobertas da ciência. E entre elas vemos a seguinte:

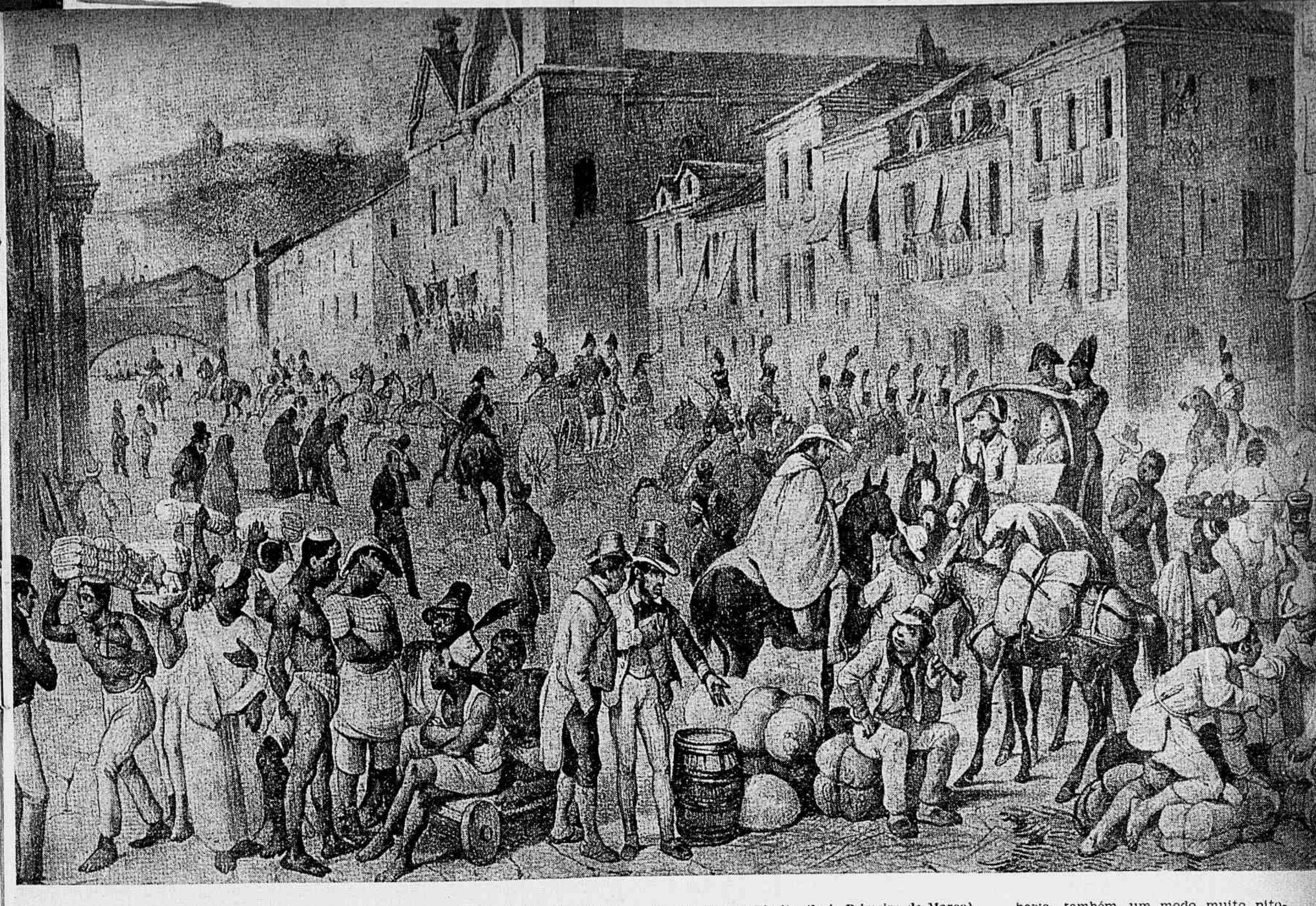
"Noticia interessante sobre a subsistência do Exército em Campanha.

Extrahida do Tomo X. dos Annaes das Sciencias, nas Letras: em Paris.

"O Diretor Geral dos viveres acaba de propor, para subsistencia do Exercito em Campanha, hum pó resultante de pulverização dos legumes farinhosos e das carnes seccas. Cada soldado poderia levar com sigo huma certa porção deste pó, o qual lançado em agoa a ferver, dará huma nutrição substancial".

Lendo êsses anúncios não só se pode

Imagem do Rio de Janeiro antigo — A cidade vista do Mosteiro de São Bento. — Desenho de Maurice Rugendas, na "Voyage Pittoresque dans le Brésil".



Imagens do Rio de Janeiro antigo. — Aspecto da rua Direita (hoje Primeiro de Março). Por Maurice Rugendas.

ter uma idéia do modo de negociar dêsse tempo, como também do modo de viver. Em matéria de iluminação, por exemplo, nossos avós estavam bem mal servidos, embora talvez êles não pensassem assim, visto que não podiam estabelecer a comparação que hoje fazemos entre as lâmpadas fluorescentes e as incandescentes. As lâmpadas daquele tempo eram "rescendentes" ao cheiro de sebo. Eis a prova em anúncio do "Diário do Rio de Janeiro", já êste ano da Independência, 7 de dezembro de 1822:

"Quem quizer comprar vellas de sebo, chegadas proximamente do Porto, dirija-se a rua Direita, n. 38, (D R. J. 7-12-1822)".

Atualmente, para se fazer propaganda de um medicamento, precisamos ter muito cuidado com os regulamentos da Saúde Pública. As fórmulas devem ser registadas, licenciadas e, ainda assim, nos anúncios é preciso dizer as coisas com muito "jeito". Antigamente não. Qualquer curioso fazia a sua "mixorofada", engarrafava-a e anunciava o seu "cura tudo" com a maior desfaçatez:

"Quem quizer comprar alguns vidros do medicamento Gratia Probatum, que serve para várias enfermidades, como seja pedra na bexiga e areias, indisposições do estomago, dos bofes e do figado, asma, tosse, feridas e chagas interiores, a subida da madre, e os males que della provem, cura o escorbuto, a hidropezia, lombrigas e sezões, feridas cancerozas, além de muitas outras molestias, como se vê da receita do mesmo remedio, que se acha traduzida em Portuguez, e se vende com os mesmos vidros a 600 réis cada hum, na loja da Fazenda do largo do Capim canto da rua do Sabão; e na mesma loja se vende garrafas de Ellexeire estomatico de longa vida, para debilidade do estomago, e sangue pela boca, e outras molestias procedidas do mesmo estomago, cujo remedio tem sido bem approvado, e muitos que tem usado delles se achão bons".

(D. R. J. 9-9-1825)

Ninguém, naquela época se preocupava, entretanto, com farinhas, leite em pó irradiado ou não, vitaminas sintéticas, etc. para alimentar as crianças que por qualquer motivo não podiam ser amamentadas ao seio.

Nada de trabalho com mamadeiras de vidro. O processo era muito mais prático e quiçá mais saudavel: . .....

VENDAS

"Quem quizer comprar huma cabrita propria para criar crianças, he muito boa de leite, e muito mança tem criado já 3 crianças vende-se por que não se preciza mais della; quem pretender dirija-se a ponta de Manoel Caetano Pinto n. 54, na casa de hum Corrieiro".

(D. R. J. 2-7-1832).

Em matéria de viagens maritimas parece que também não era usual o confôrto. Sair para alto mar em uma "barca" de três mastros, solta sôbre as ondas como gavetinha de caixa de fósforos na enxurrada da sargeta, demandava coragem.

Mas era êsse o meio de transporte usual, como vemos:

Noticias Maritimas

"Para Lisboa, a sahir com toda a brevidade a superior, e bem conhecida Barca Amizade, forrada, e pregada de cobre, tem excellentes, commodos para passageiros, e já tem parte da carga a bordo; quem mais quizer carregar ou ir de passagem dirija-se á Rua Direita n. 103".

(D. R. J. 2-7-1832).

Mesmo em terra firme, a segurança pessoal era, nessa época, algo bem precário.

Conquanto ninguém corresse o risco de ser atropelado por um automóvel, havia o perigo constante de ser atacado por ladrões, até mesmo dentro de sua própria casa:

ROUBOS

"No dia 28 para o 29 de Junho p. p., das 2 até ás 4 horas da manhã, foi assaltada a casa do Commendador Fr. Luiz Teixeira Lobo, por huma quadrilha de ladrões de 20 a 30 homens, amarrarão o Feitor, os escravos, arrombarão a parte de cima da casa e roubarão

(Segue uma lista dos objetos roubados).

Hoje em dia parece que estamos voltando a essa época, pelo menos no que se refere à segurança.

E que dizem a isto, publicado, no "Jornal do Comércio", há 100 anos?

— "Um moço português, com 28 annos de idade, de reconhecida conduta, tendo 26 ou 28:000$ rs., bem estabelecido e desempenhado, deseja tomar estado com uma senhora de familia honesta e capaz, que tenha o mesmo dote, pouco mais ou menos, quer seja em dinheiro, quer em bens. Dirigir-se em carta fechada com as iniciais A. X. C.".

Prático. Não acham? Naquele tempo já era assim. Bem dizia o rei Salomão que não há nada novo debaixo do sol.

A parte mais interessante dêsses anuncios classificados, entretanto, é aquela que se denominava, então: "Noticias Particulares" e que muito mais tarde viria a se chamar "A Pedidos" ou "Secção Livre", onde o individuo se desabafa, despejando a bilis e chamando à ordem devedores relapsos e intrigantes:

"O Sr. Diogo José Cocin 1.º Tenente da Marinha queira ir a Praça da Constituição, loja de ferrage n. 18 a fim de concluir certo negocio que o dito Sr. não ignora".

"O abaixo assignado tento noticias, que no Correio se acha huma carta para ser entregue ao Muito Reverendo Vigario da Freguesia de Santa Rita, esta fora aberta pelo Muito Reverendo Coadjutor da mesma o Sr. Padre João Soares da Mota, o qual só tem conspirado fortemente contra o credito do annunciante, dizendo ser elle o auctor da dita carta, o que he falso, e por este motivo espera da conhecida probidade e honra do Sr. Reverendo Motta, não atire pedradas ao telhado do annunciante, attendendo a que he composto de mimozo vidro, e que se pode quebrar Ruiz Procopio de Sá e Vasconcellos".

Contra os desmandos dos poderosos havia, também, um modo muito pitoresco de reclamar:

"Roga-se segunda vez ao illustrissimo Senado, ou a Policia, queirão por piedade, já que não o fazem por obrigação, lançar suas vistas sobre esta tao infeliz e abandonada rua dos Arcos, mandando limpar a valla que sahe junto ao Passeio Publico, pois desde Quinta Feira que forão 17 de Abril, não chove, e a rua acha-se no mesmo estado de inundação, que certamente não daria passage se os dous moradores junto a valla não tivessem feito huma ponte, e lagedo tudo a sua custa. Oh! desgraçada sorte donde vim eu fazer hum predio, que me andou por mais de quatro contos de réis! Queiram por quem he lembrar-se destes mizeraveis habitantes de S. M. I.; mizericordia, mizericordia. Valha-nos S. M. I.

(D. R. J. 3-5-1826).

Lembramos êste sistema aos que se acham aborrecidos com alguma irregularidade e já se cansaram de reclamar por outros meios.

As vezes os processos antigos dão melhores resultados que os modernos.

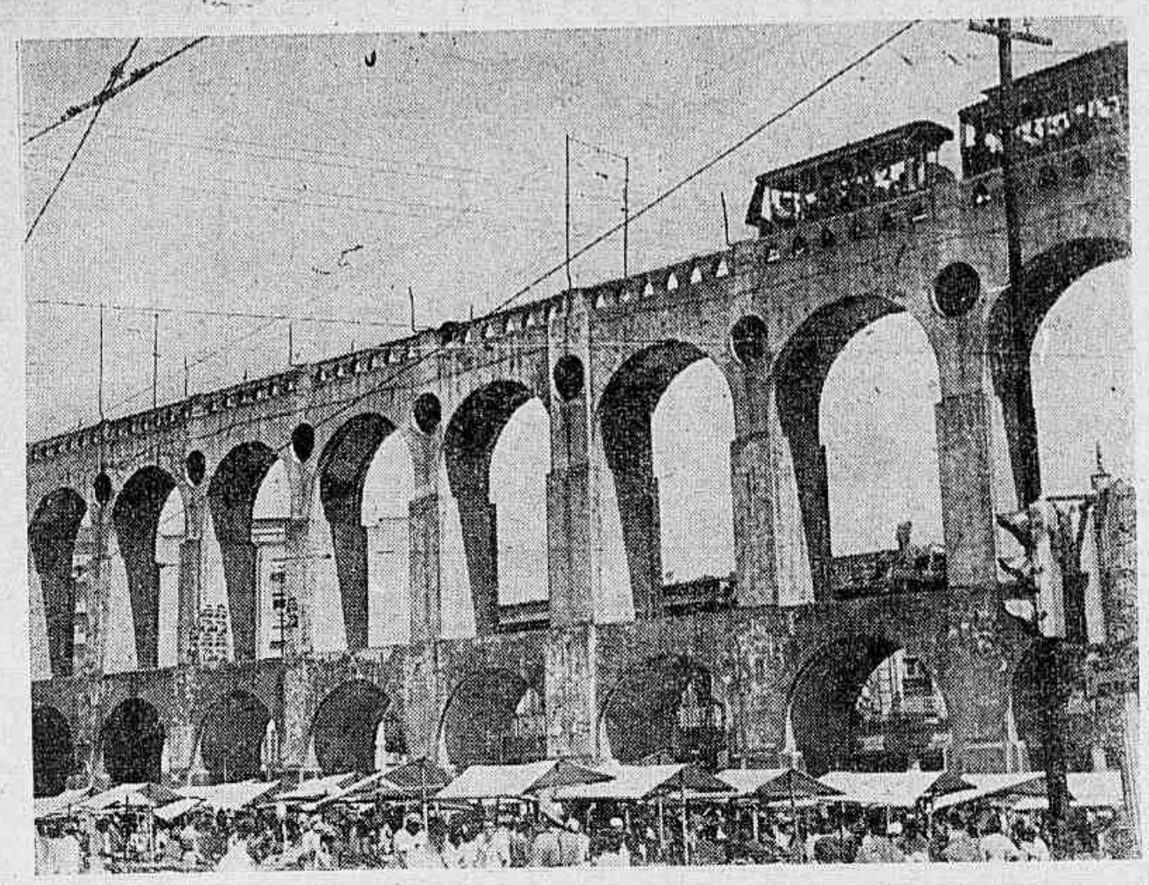
O que havia de mais interessante na época, em matéria de propaganda, eram os anúncios de um jornaléco humoristico, denominado: — "A Marmota". Vejamos:

A MARMOTA

"N. 43 de Terça-feira 4 do corrente, "é o melhor que se pode desejar! Vende-se por 80 rs. mas só a questão da moça de 200 contos, que quer casar, "vale pataca e meia"!... A proposta veio no n. 41 (que se acha á venda nas lojas do costume), e neste — n. 42 — vem a resposta de um pretendente, dada com todos os fff e rrr! Além desta, há muitas outras vistas interessantes, variadas, attrahentes, e arrebatadoras! A ella leitores!...

Acha-se na loja desta typographia, rua dos Ourives n. 21, e nas outras do costume".

Tão sedutor nos pareceu que requisitamos a coleção da tal "Marmota" à Biblioteca Nacional. Que decepção! Jamais vimos humorismo tão insípido. Mas tudo se explica. Eram sátiras dirigidas um tanto veladamente, a indivi-



O Rio de ontem, que ainda é o de hoje: os Arcos e seu mercado.

duos bastante conhecidos naquele tempo. Só quem os conhecia poderia perversamente rir-se ao ver a fama que a "Marmota" lhes jogava.

Eis um anúncio curioso dessa época:

DEVE OU NÃO DEVE
O
HOMEM CASADO
BATER
EM SUA MULHER

Paradoxo conjugal
(Traduzido do francês)

"(Ser um grande marido é cousa mais difícil do que ser um grande homem).

Acaba de ser publicado e está á venda na Rua do Rozario, 44, casa da Onça. Preço 1$000. As pessoas do interior que quizerem receber esta obra podem mandar o importe ao Sr. Leon Jehl em Santos".

Hoje, uma obra como essa talvez não se vendesse fàcilmente. Já ninguém mais tem dúvidas sôbre o assunto. A opinião mais difundida é de que na mulher não se bate com uma flor. Com um cabo de vassoura dá melhor resultado.

Querem ficar com água na boca? Pois vejam êstes anúncios de 1832:

"Vende-se doce de goiabada de superior qualidade. a 160 rs a libra em caixões de 6 a 8 libras, quem levar porção se dará mais em conta; na rua do Conde, 51".

E êste, da mesma época, só para "amargar" os que andam, hoje, em busca de um "cantinho" para morar:

"Está para alugar a casa da rua da Ajuda, 47 — Tem acomodações para familia grande. Por mez 14$000".

Quem é obrigado, hoje, a pagar 30 ou mais cruzeiros por uma refeição indigesta e insossa, veja êste anunciozinho, bem mais moderno:

"GRANDE HOTEL DU BRESIL
62 — Rue Gonçalves Dias — 62
Antiga dos Latoeiros
Almoço: dous pratos a escolher da lista, pão, manteiga, sobre-mesa, café com leite, ou chá 1$000.
Jantar: sopa, tres pratos a escolher da lista, pão, meia garrafa de vinho, sobre-meza, café, 1$500.
Pensionistas por mez, 60$000.
(D. R. J. 12-12-1837).

★

Êste era o Rio de ontem. Vejamos o de hoje: em vez de alguns jornaisinhos pequeninos e incipientes, tem hoje a nossa capital mais de vinte diários, noticiosos e altamente informativos, além de excelentes revistas ilustradas. Mas a propaganda, hoje, não é mais um favor que se presta aos amigos, como em 1821. E' um serviço que se presta ao anunciante e, como tal deve ser cobrado. E cobra-se o que vale. Para prová-lo vejamos a tabela de um dos nossos matutinos.

Preço por centímetro:

1.ª página (máximo 2x15) ..	100,00
2.ª página	24,00
3.ª página	28,00
4.ª página (máximo 2x15) ..	100,00
5.ª página	20,00
6.ª ou 7.ª — indeterminada	14,00
7.ª página	18,00
Fim do noticiário	10,00
Idem — Seções determinadas	12,00
Anúncios — até 132 cms.	6,00
Anúncios — maior de 132 centímetros	8,00
Sociais	24,00
Penúltima página	20,00
Ultima página (máximo 50 cms)	60,00

Um anúncio de 4 centímetros por uma coluna, que naquela era passada valeria, no máximo: "muito obrigado", vale, hoje, de Cr$ 24,00 a Cr$ 400,00, conforme a colocação.

O preço das assinaturas também mudou. Já não custam 640 réis por mês:

PREÇO DAS ASSINATURAS

Um ano .. .. Cr$	90,00
Nove meses .. .. Cr$	70,00
Seis meses .. .. Cr$	50,00
Três meses .. .. Cr$	30,00
Assinatura mensal (só para esta Capital) .. .. Cr$	10,00

Por isso, um jornal ou revista é considerado, atualmente fonte de renda:

REVISTA — VENDO

"Esportiva. Registrada. Sem dívidas. Ofertas com preço para 28551, na portaria dêste jornal".

Também, em matéria de simplicidade, de sinceridade, da parte de alguns anunciantes, pelo menos, já não há tanta "pureza dalma". Nossos tetravós, se tinham um escravo "páu dagua" e queriam desfazer-se dêle, anunciavam-no como tal. Hoje em dia encontram-se nos jornais anúncios assim:

"Emprêgo certo para qualquer pessoa de ambos os sexos, bem apresentada, que faça questão de ganhar dinheiro, falar com o Sr. X, Avenida Passos n.º tantos."

E a pessoa que se apresenta no endereço citado para obter o "emprêgo certo" descobre que se trata de vender algo que ninguém quer comprar e que se êle conseguir colocar 50 ou 100 por dia, terá um ordenado fixo de Cr$ 800,00.

Alguns ingênuos tentam e colocam 20 ou 10, nos dois ou três primeiros dias. Depois não conseguem vender mais nenhum, pois esgotou-se a lista das pessoas pertencentes ao seu círculo de relações. E, lá se foi o "emprêgo certo". Para o anunciante, entretanto, o negócio foi bom, pois, de qualquer modo foram vendidas algumas unidades, sòmente em troca de pequena comissão. Aquele vendedor se vai, mas como o anúncio é permanente, outros virão... Enfim não só na propaganda, como em todas as modalidades de negocio há os sinceros e os que o não são...

Há 100 anos esta cidade de São Sebastião era alumiada por lampeões de azeite de peixe e as residências a velas de sebo, como vimos no anúncio. Hoje, os focos elétricos jorram sua luz para

Imagens do Rio de Janeiro antigo. O cáis dos Mineiros (atual Arsenal de Marinha), visto por Maurice Rugendas.

todos os lados, dando às amplas avenidas um aspecto festivo. E, para o interior dos edifícios, residências ou não, eis o que se oferece:

APARELHO DE ILUMINAÇÃO ELÉTRICA.

"Vende-se por preço módico uma instalação completa de luz fluorescente para residência grande ou escritórios. A luz fluorescente não cansa a vista e não faz sombra. Tratar com....

Adeus, ó velas de sebo! O Rio de Janeiro de hoje dispensa o vosso concurso.

Antigamente, quem precisava de uma cozinheira comprava-a, para tôda a vida, por 300 mil réis. Hoje, terá que pagar o dôbro dessa importância, ou mais, à própria criada, mas... todos os meses:

COZINHEIRAS:

"Para casa de pequena família de tratamento precisa-se de uma boa cozinheira de forno e fogão, que seja pessoa séria. Não se faz questão de côr. Ordenado 600 cruzeiros."

E tem de a tratar muito bem, pois se não... fica sem cozinheira. Progresso, pelo menos do ponto de vista sociológico.

Nesses tempos remotos os devedores relapsos eram chamados para cumprirem o seu dever por meio de anúncios em que se pedia para comparecerem a tal ou qual parte "afim de concluir certo negocio que o mesmo não ignorava".

Atualmente, porém, há processos mais práticos e mais modernos de cobrar dívidas:

"Dívidas — Compram-se ou efetua-se rapida cobrança de qualquer título ou dívida, no Rio ou nos Estados. Adianta custas em inventários em determinados casos. Consultas sem compromisso. Tratar à rua tal, 183, sala 201, com o Dr. Fulano".

Os nossos antepassados diziam, como quem acha uma exorbitância, haver adquirido uma casa, na rua dos Arcos, por 4 contos (atualmente diríamos 4 mil cruzeiros).

Pois hoje em dia, uma simples "gaveta" num prédio em Copacabana, bem, mais longe do que a rua dos Arcos, custa, pelo menos, 48 vezes mais:

COPACABANA

"A 20 metros da praia — Apartamento de quarto, sala, saleta, terraço, banheiro de luxo e cozinha completa. Edifício em construção. Preços: 195, 205, 212 mil cruzeiros".

Se quisermos uma casa em vez de um pedaço dela, o preço atingirá alturas que dariam vertigens aos modestos habitantes do Rio de Janeiro dos tempos da infância de D. Pedro II.

ZONA SUL

VENDEM-SE AS SEGUINTES PROPRIEDADES: (Diretamente)

2 prédios da Av. Princesa Isabel com 20,00 de testada, por Cr$ 2.500.000,00. Prédio da Rua Dias da Rocha, esquina com Cinco de Julho, excelente residencia, Cr$ 850.000,00.

Prédio da Rua Goulart, próprio para pequena incorporação, Cr$ ..... 650.000,00.

Prédio da Rua Barata Ribeiro, esquina com Paula Freitas, com belissima testada pela Rua Barata Ribeiro, Cr$ 1.600.000,00.

Belíssima esquina da Av. Rainha Elizabeth com rua Canning, com projeto para 40 apartamentos, Cr$ .. .. 1.000.000,00.

Isso lá, em Copacabana, praia deserta e inacessivel até há pouco tempo.

No centro chegamos a uma valorização de 875 vezes. Aquí está a prova

CENTRO

"Magnifico terreno à Rua Carlos de Carvalho com testada de 35,00 e fundos pela Rua do Senado. Otimo local para grande incorporação. Cr$..... 3.500.000,00."

O Rio de hoje, — o Rio dos negócios imobiliários, das cozinheiras a 600 cruzeiros mensais e das enseadas que estão sendo aterradas...

E note-se que em 1826, o que valia 4 contos era uma casa na rua dos Arcos e o que hoje vale 3 milhões e meio de cruzeiros é o terreno sòmente, a bem maior distância, lá para a rua do Senado. E essa valorização se deu em sòmente 121 anos.

Vejamos, para finalizar, quanto subiu o preço da alimentação em 80 anos. Compare-se o anúncio do Grande Hotel du Brésil, que publicamos atrás, com estes:

"Pensão comercial, nova administração, refeição farta e variada na mesa e a domicilio. A única que leva a domicilio pratos feitos a Cr$ 15,00.

"Dá-se pensão a casal, por Cr$ ... 1.500,00, a rapaz por Cr$ 600,00. Também, entrega a domicilio".

Considerando bem, o aumento não foi de alarmar.

Em 1867 era uma refeição completa, com vinho, sobremesa e café, por 1.000 réis. Hoje é um prato feito por Cr$ 15,00.

Aí está o que foi e o que é o Rio de Janeiro em menos de 150 anos, espaço de tempo bem pequeno para a vida de uma cidade.

Por êsses anúncios se vê que o progresso da Cidade Maravilhosa tem sido vertiginoso. A vila provinciana onde grassava a febre amarela e onde se gastavam velas de sebo, transformou-se na cidade moderna, limpa e bonita, onde à noite piscam os olhos multicores de centenas de anúncios luminosos. E isso enquanto o diabo esfrega um olho...

Imagens do Rio antigo — Mercado do Cais dos Mineiros. Por Maurice Rugendas (da "Voyage Pittoresque dans le Brésil").

Natal
Festa das Famílias.
Festa da Cristandade

Sempre novidade em artigos de bom gôsto para cavalheiros e meninos

Grande variedades de artigos para as festas de NATAL e ANO BOM

A TORRE EIFFEL
Ouvidor
97 - 99

Lúcia Margarida dos Santos, que se vê ao piano, toma parte no recital de alunos de Ana Carolina, com grande sucesso.

MÚSICA

AINDA OS ESTREIANTES — UM RECITAL DE ALUNOS — NA ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA — A CAPITAL, O INTERIOR E A ARTE — O CANTO CORAL

De ROBERTO LYRA FILHO

(Para a "REVISTA DA SEMANA")

SEMPRE que foi possível, registramos, com tôda a simpatia, a estréia de jovens artistas. Depois dos anos árduos de preparação, a palavra de estímulo e compreensão para os que estão iniciando sua carreira vale como um consolo, despertando o desejo de novas conquistas. E é assim que se poderá criar, entre nós, um ambiente de densa cultura musical.

E' interessante notar que essa nossa iniciativa encontrou, em todos os centros de preparações de novos músicos, a mais grata repercussão. Semanalmente recebemos notícia do efeito benéfico, tonificador, das expressões de nosso entusiasmo pelo esfôrço e pela persistência com que essas turmas de gente moça se atiram ao estudo, aplicadas e inteligentes, familiarizando-se com os segrêdos da técnica, dominando a teoria da arte.

Nesse trabalho, aliás, não esquecemos de salientar o esfôrço dos mestres, sempre abnegados, procurando despertar, em realizações, as qualidades de cada discípulo, orientando-os, amparando-os em seus desânimos, moderando os seus arroubos com os conselhos da experiência.

CAPITAL, INTERIOR E ARTE

Assim, temos buscado, inclusive no interior, a notícia das organizações dedicadas à música. Se, aquí, no Rio, são tantas as dificuldades que se opõem às iniciativas culturais, é possivel calcular quanta determinação é necessária para que, em Goiaz, por exemplo, vingue e se desenvolva uma sociedade Pro-Arte. E, no entanto, precisamente em Goiaz, a Pro-Arte existe e exerce uma atividade cuja alta significação cultural não deve ser subestimada.

Aquí pelo Rio, temos mestras como Ana Carolina, a quem aludiamos, recentemente, antecipando com alguns comentários o recital de alunos daquela eminente educadora. Comparecemos àquela festa, em que o aproveitamento de cada um era demonstrado na execução das obras escolhidas, com seguro critério, sem dúvida pela professora, de acôrdo com as possibilidades e o gráu de adiantamento dos jovens intérpretes.

Infelizmente não nos foi possivel ouvir todos os jovens. Assim mesmo, verificamos que Ana Carolina está encontrando, em seus discípulos, aptidões extraordinárias e que êstes sabem

corresponder às luminosas lições da mestra.

Lúcia Margarida dos Santos, por exemplo, uma das jovens entregues à orientação de Ana Carolina, soube honrar a professora, trazendo, na sua contribuição ao programa, um exemplo de qualidades que definem um talento digno de especial menção. Graciosa de atitudes, indicou, em interpretação destacada, quanto promete o seu temperamento e a sua sensibilidade.

CANTO CORAL

Sob a direção de Joanídia Sodré, a Escola Nacional de Música tem apresentado uma série de iniciativas do mais alto valor.

Para quem busca, principalmente, êsses talentos novos a que aludimos, para quem procura familiarizar-se com os jovens que estão iniciando sua carreira, a Escola Nacional de Música, naturalmente, é um campo aberto à curiosidade e à simpatia.

Os recitais que são organizados, apresentando, ora os professores, ora os alunos, vão deixando uma impressão de competência e segurança dos primeiros, à qual se acrescenta o prazer de averiguar as possibilidades e as esperanças dos segundos.

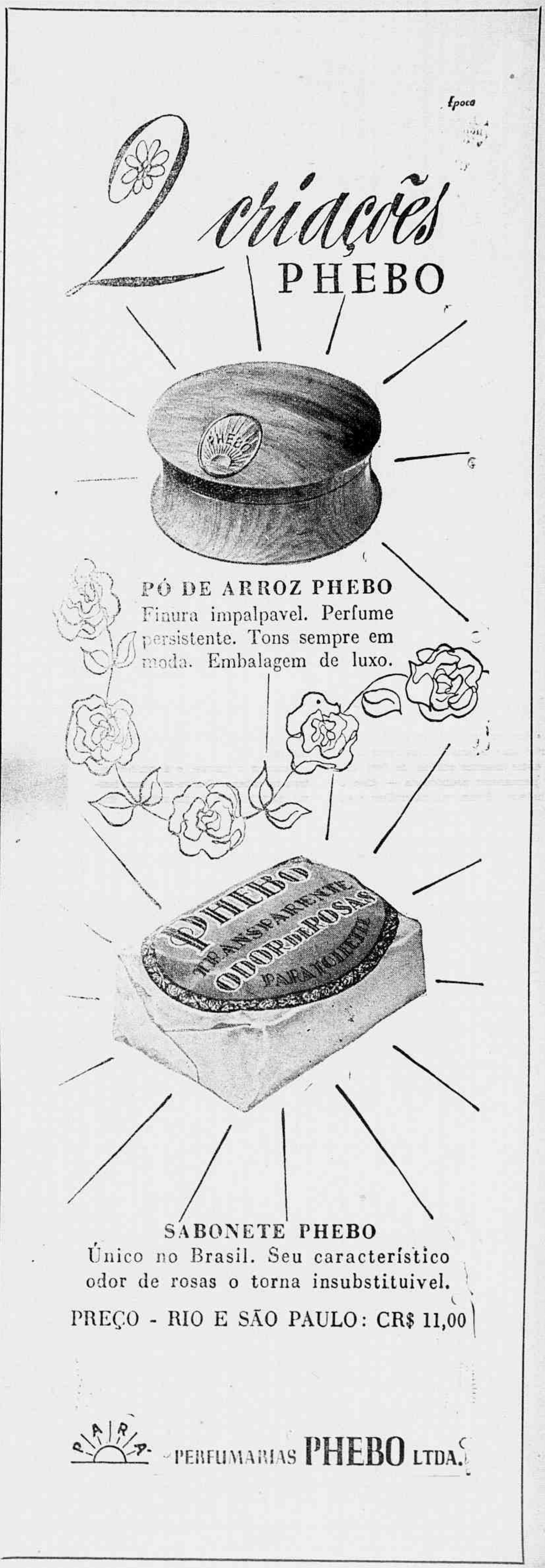
Evidentemente, não se espera encontrar, em cada um que se apresenta, um gênio em botão, um Cortot imaturo, um Casals em formação, um Toscanini em perspectiva. Não. Sabemos que a maior parte daqueles moços se dissolverá no exército anônimo dos professores, no grupo dos acompanhadores, no conjunto das orquestras. Mas o nível geral é, inegavelmente alto. E, assim, pela média, é que poderemos medir se está se formando, na realidade, uma geração de músicos que, nos mais diferentes setores, nas posições mais destacadas como em postos de menor relêvo, vão contribuir para êsse objetivo superior, que é a criação de um ambiente a que não seja estranha a música, um ambiente em que a música encontre compreensão. Só assim é que se poderá abrir caminho para as figuras representativas, para as personalidades marcantes.

Aludindo à Escola Nacional de Música e aos recitais escolares, queremos fazer uma referência especial ao recital de canto coral, organizado pela prof. Maria Luiza de Matos Priolli que registramos com prazer.

Sempre atribuímos grande importância ao canto coral. Parece-nos, realmente, que, no canto coral, praticado habitualmente, se define e simboliza uma forma especial de compreensão e entendimento. A influência que se exerce no espírito dos que a praticam, com sincero devotamento, se exerce, no canto coral, no sentido de criar uma mentalidade de grupo, de trabalho em comum, de sadia solidariedade que não se encontra no canto de um solista.

A prof. Priolli, dirigindo seus alunos, conseguiu, com efeito, despertar, no conjunto que formou, aquela homogeneidade indispensável ao sucesso do canto coral. A ela, os nossos parabens.

A prof. Maria Luiza Priolli dirige côro de alunos seus, na Escola Nacional de Música.



O Lenço de Santa Verônica

Conto de SELMA LAGERLOF

Ilustração de A. ZALUAR

Tradução de ROSINHA DE MENDONÇA LIMA

O reinado do Imperador Tibério estava nos seus últimos anos, quando um pobre trabalhador de vinha e sua mulher vieram morar numa cabana abandonada, que ficava sôbre um monte do país das Sabinas. Eram estrangeiros e viviam completamente isolados, afastados do convívio de qualquer ser humano.

Certa manhã, quando o lavrador abriu a porta, encontrou, com grande surpresa, uma velha mulher acocorada no seu limiar. Estava embrulhada em ampla capa cinzenta e dava mostras de grande pobreza. Apesar disso, o seu aspecto respeitável impressionava tanto que, quando ela se ergueu e se dirigiu a êle, o homem pensou nas divindades que, no dizer das lendas, costumavam visitar os mortais disfarçadas em mulheres velhas.

— Meu amigo, — disse a anciã ao lavrador — não te admires de eu ter dormido esta noite junto à tua porta. Meus pais viveram nesta cabana e eu aqui nasci há noventa anos atrás. Não a sabia habitada, pensava encontrá-la no abandono.

— Admirar-me-ia se pensasses o contrário; uma cabana situada nesta altura, entre desertas colinas, de fato, devia permanecer abandonada — disse o vinhateiro. Porém, minha mulher e eu vimos de uma terra distante e, como estrangeiros pobres, não nos foi possível encontrar melhor lugar para viver. Mas, para quem vem, como tu deves vir, cansada e esfaimada, depois de uma tão longa viagem que nunca devias ter empreendido nessa idade avançada, talvez seja mais agradavel encontrá-la ocupada por criaturas humanas, do que pelos lobos das montanhas. Terás, pelo menos, uma cama para descansar, uma tigela de leite de cabra e uma fatia de pão, se te dignares aceitar.

A velha sorriu levemente, mas sorriso tão fugaz que não dissipou a expressão de profunda tristeza estampada em seu rosto.

— Gastei tôda a minha mocidade nestas montanhas — disse ela. — Ainda não esqueci o meio de arrancar o lobo ao seu covil.

E naquele momento demonstrava tal vigor e energia que o camponês não duvidou que, a despeito da adiantada idade, ela ainda possuísse fôrça bastante para lutar com os ferozes animais da floresta.

Renovou o convite; e a mulher entrou na cabana. Sentou-se e, sem hesitar, partilhou da frugal refeição. Embora parecesse estar muito satisfeita comendo o grosseiro pão embebido em leite de cabra, o homem e sua mulher pensaram: "De onde virá esta velha errante? Parece estar mais habituada a comer faisões servidos em travessas de prata do que a beber leite em tigelas de barro."

De quando em quando, ela levantava os olhos da comida e os relanceava à volta, como para se certificar de que, de fato, regressara à cabana. O pobre e antigo lar de paredes de taipa e chão de terra não sofrera grandes mudanças. A velha assinalava aos hospedeiros os traços ainda visiveis de cães e vários animais de caça que seus pais, para divertir os filhos pequenos, tinham desenhado nas paredes.

Na alta prateleira julgava ver ainda os fragmentos da terrina de barro que ela mesma usava quando recolhia o leite.

O homem e sua mulher pensaram ainda: "Não resta a menor dúvida de que ela nasceu nesta cabana; porém, seguramente deve ter feito coisas mais importantes na vida do que ordenhar cabras, bater manteiga e preparar queijo."

Notaram, também, que, de vez em quando, ficava absorta em seus pensamentos, parecendo tôda entregue, com

amargura e ansiedade, aos tempos passados.

Finalmente, ergueu-se da mesa. Agradeceu gentilmente a hospedagem que lhe tinham proporcionado e dirigiu-se para a porta.

Então, o vinhateiro, tendo a intuição de sua extrema pobreza e abandono, exclamou:

— Se não me engano, quando te arrastaste, a noite passada, até estas alturas, não vinhas com a intenção de partir tão depressa. Se és, na verdade, tão pobre quanto pareces, era, com certeza, teu desejo permanecer aqui até o fim da vida. No entanto, porque nos encontraste ocupando o teu velho lar, queres partir."

A pobre velha, vendo que seus pensamentos tinham sido adivinhados, nada negou.

— Mas esta cabana esteve abandonada por muitos anos; pertence, portanto, a ti, que a ocupaste — disse a velha. — Não tenho mais nenhum direito a ela.

— E' a casa de teus pais -- replicou o camponês — e, por conseguinte, é tua e não nossa. Além disso, somos moços e tu muito velha; compete, pois, a nós, partir.

Ouvindo isto, a mulher pareceu verdadeiramente assombrada. Aproximou-se do homem e ficou a olhá-lo, como se não tivesse compreendido o que queria dizer com aquelas palavras.

Então chegou a vez de a jovem espôsa tomar parte na conversa.

— Se me permitisses uma opinião — disse ela ao marido — eu sugeriria que perguntasses à nossa hóspede se não prefere considerar-nos como seus filhos e permitir que fiquemos aqui para lhe dispensarmos nossos cuidados. Que adianta entregar-lhe esta cabana e deixá-la aqui abandonada? Seria horrível permanecer sem uma companhia nesta solidão. E como viveria? Era o mesmo que condená-la a morrer de fome.

A velha mulher aproximou-se mais ainda do homem e de sua espôsa e os olhou atentamente.

— Por que falais assim? — perguntou ela. — Por que sois tão misericordiosos para comigo? Vós sois estrangeiros!

Então, a mulher respondeu:

— Porque nós mesmos, uma vez, recebemos uma grande misericórdia.

II

E foi assim que a pobre velha veio morar na cabana do lavrador de vinha.

E tomou-se de grande amizade por aquele casal. Principalmente por nunca lhe terem perguntado de onde viera ou quem era, e por compreenderem que não gostaria de ser interrogada.

Uma tarde, quando o trabalho do dia estava terminado e todos três se tinham sentado num degrau da rocha junto à cabana, para partilhar o jantar, viram um homem idoso surgir no caminho.

Era alto e de compleição robusta, com ombros largos de gladiador. Seu rosto tinha expressão dura e carrancuda, de sobrancelhas espessas sôbre olhos cercados de profundos sulcos. O ricto da bôca manifestava amargura e desprêzo. Caminhava com o porte altivo e movimentos rápidos. Vestia roupa comum.

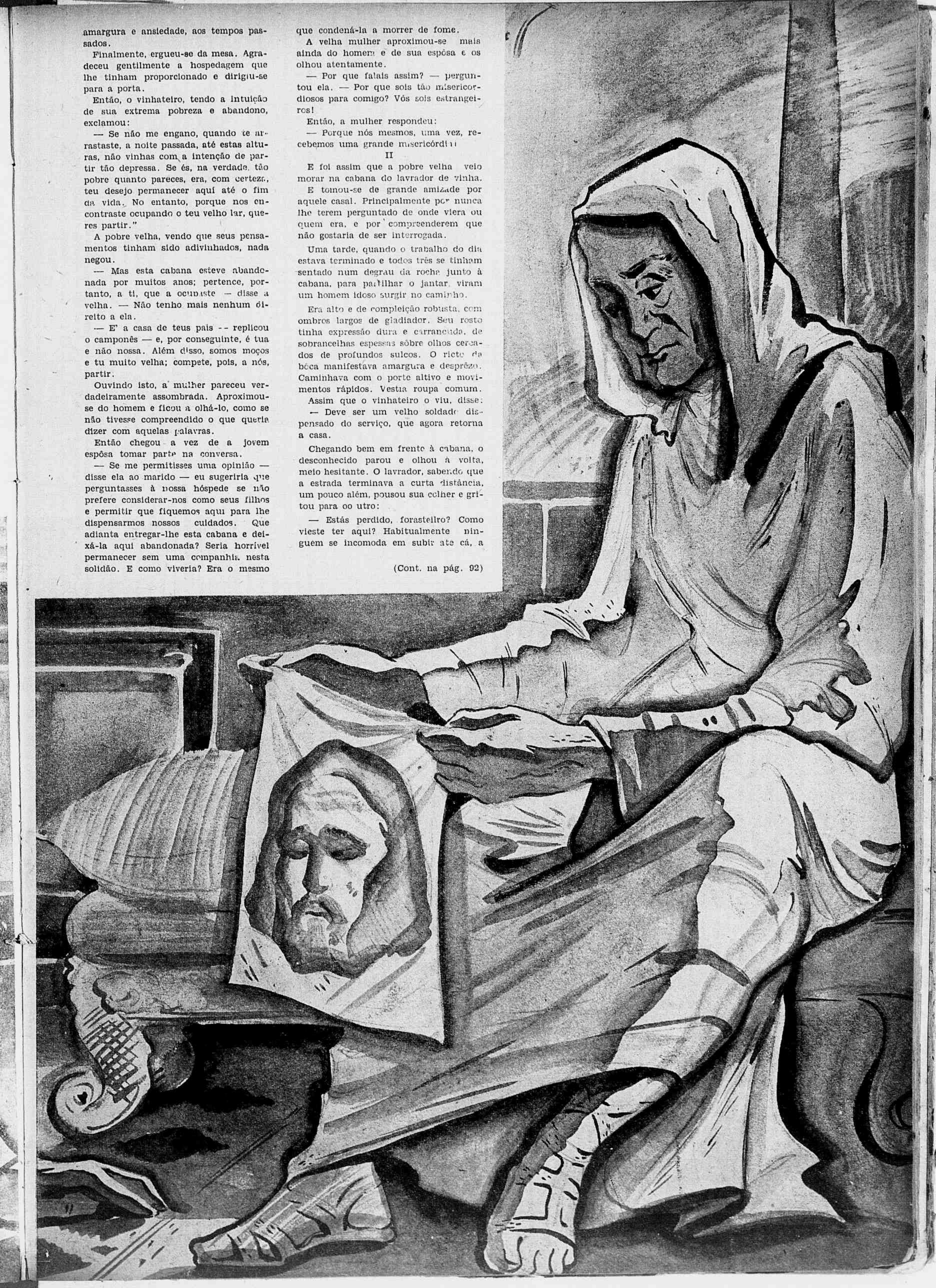
Assim que o vinhateiro o viu, disse:

— Deve ser um velho soldado dispensado do serviço, que agora retorna a casa.

Chegando bem em frente à cabana, o desconhecido parou e olhou à volta, meio hesitante. O lavrador, sabendo que a estrada terminava a curta distância, um pouco além, pousou sua colher e gritou para o outro:

— Estás perdido, forasteiro? Como vieste ter aqui? Habitualmente ninguem se incomoda em subir até cá, a

(Cont. na pág. 92)

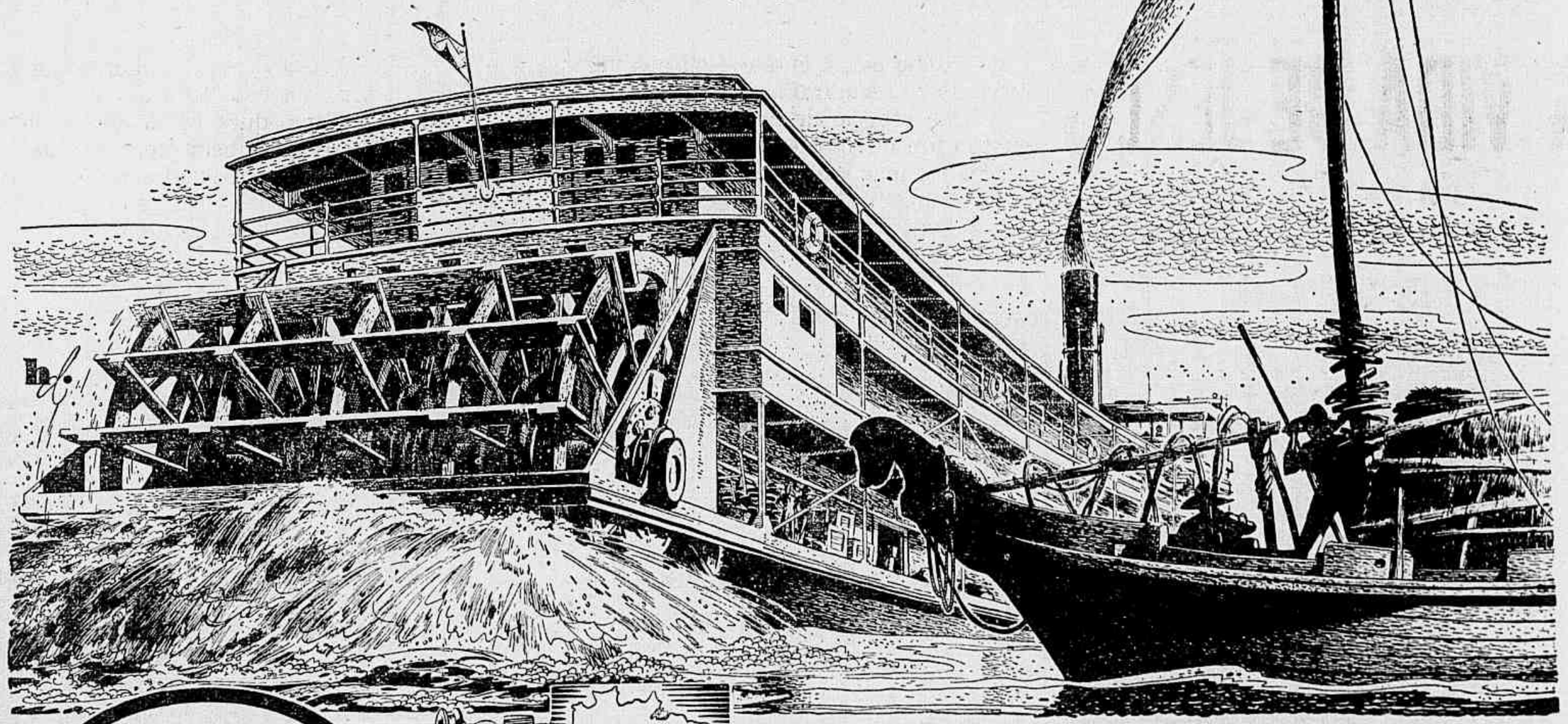


★ **Trabalhando com Esso, Brasil afora**

Da "Porteira do Mundo", rio abaixo, o São Francisco rasga o peito do Brasil, numa das mais uteis e movimentadas vias fluviais do continente. Por ele sobem e descem as barcaças e os valorosos "gaiolas", mensageiros do progresso, em cujo bojo, mercadorias e passageiros, valores materiais e humanos, se transportam pelo famoso "Vale das Maravilhas".

VÃO E VOLTAM À "PORTEIRA DO MUNDO"

Nesse afan de ida e volta por aquelas invias paragens — como em muitos outros misteres por outros pontos deste gigante Brasil — Esso está presente, através da variedade de seus produtos petrolíferos, como testemunha e personagem do progresso brasileiro.



Onde quer que uma máquina funcione, em trabalho de transporte ou de produção, a Standard Oil oferece sua assistencia técnica — elucidando problemas de lubrificação — e seus produtos específicos.

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★

McCann

Cristo na arte — "A adultera aos pés de Jesus" — quadro de Rembrandt, pertencente à National Gallery, de Londres.

A VIDA DE JESUS

(4 A. C. — 29 D. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela "REVISTA DA SEMANA", com a Livraria do Globo, de Porto Alegre

ESTRANHO moço aparecera em Capernaum — um carpinteiro de Nazaré, chamado Jesus, filho de José. Um dia, contava-se, o moço andava junto ao mar da Galiléia quando viu dois pescadores, Simão e André, lançando suas redes, "Vinde comigo", disse, "e eu vos farei pescadores de homens." E tal era o poder de sua personalidade, que os pescadores abandonaram o trabalho e o seguiram.

Aonde quer que fosse, entre as aldeias da Galiléia, atraía multidões de pessoas para escutar a música da sua voz. Em Capernaum, um oficial romano chegou-se a êle e pediu que lhe salvasse o filho, que jazia paralítico na cama. E Jesus disse: "Vai para junto de teu filho. Assim como creste, te seja feito." E no mesmo instante — contava o povo de Capernaum — o menino curou-se.

"Êste homem tem poderes divinos", comentavam entre êles os aldeãos da Galiléia. — Vi-o com meus próprios olhos, — disse um jovem barqueiro, — realizar um dos seus milagres. Nós íamos navegando no mar da Galiléia. De repente se levantou uma tempestade. Tínhamos certeza que o barco ia virar. Jesus dormia como se nada estivesse acontecendo. Ficamos tão assustados que o acordamos e lhe pedimos que nos salvasse. "Não temais", disse êle; e então falou aos ventos. E os ventos o escutaram, e se aquietaram.

— Que espécie de homem é êste, — perguntou um ouvinte espantado, — que até os ventos e o mar lhe obedecem?

— Alguns dizem, — sussurrou outro, — que é João Batista ressuscitado.

— E' o que Herodes Antipas acredita, — observou um terceiro.

— Mas eu — declarou o barqueiro, — creio que êle é maior que João Batista. Por minha parte, estou convencido que Jesus de Nazaré é o Messias.

II

Já aos doze anos, êle revelara a personalidade independente do investigador da verdade. Quando seus pais o trouxeram a Jerusalém, entrou em discussão com os rabinos reacionários do Templo judeu. Seu espírito inquiridor insistia em fazer passar os dogmas da tradição pelo filtro da sua razão. "Por que me procuráveis?", perguntou, quando os pais ansiosos o encontraram no Templo. "Não sabeis que me convém fazer perguntas a respeito de meu Pai?" Estranhas palavras na boca de um menino. Seus progenitores estavam acostumados a obedecer, e não fazer perguntas. "Êles não compreenderam", lemos no Evangelho segundo S. Lucas, "as palavras que lhes dizia."

O que Jesus fez nos dezoito anos seguintes, não se sabe. Mas, ao trinta anos de idade, vemo-lo deixar sua aldeia natal e errar pelas margens do Jordão, onde se reúne aos adeptos de João Batista. João era mais arrebatado e menos terno que Jesus. Não se interessava tanto em salvar os penitentes como em castigar os relapsos. Para êle o prazer era um pecado, e a prosperidade uma desonra. Buscar a felicidade nesta vida era merecer a condenação eterna na vida futura.

Essa doutrina, dura como era, a princípio seduziu Jesus. Também êle, como João, era um rebelde. Odiava igualmente as convenções e hipocrisias dos que o rodeavam. Foi batizado no Jordão e tornou-se o principal discípulo de João Batista.

João foi preso e Jesus ficou entregue a si mesmo. Vagueou algum tempo no ermo e procurou projetar seus pensamentos contra o

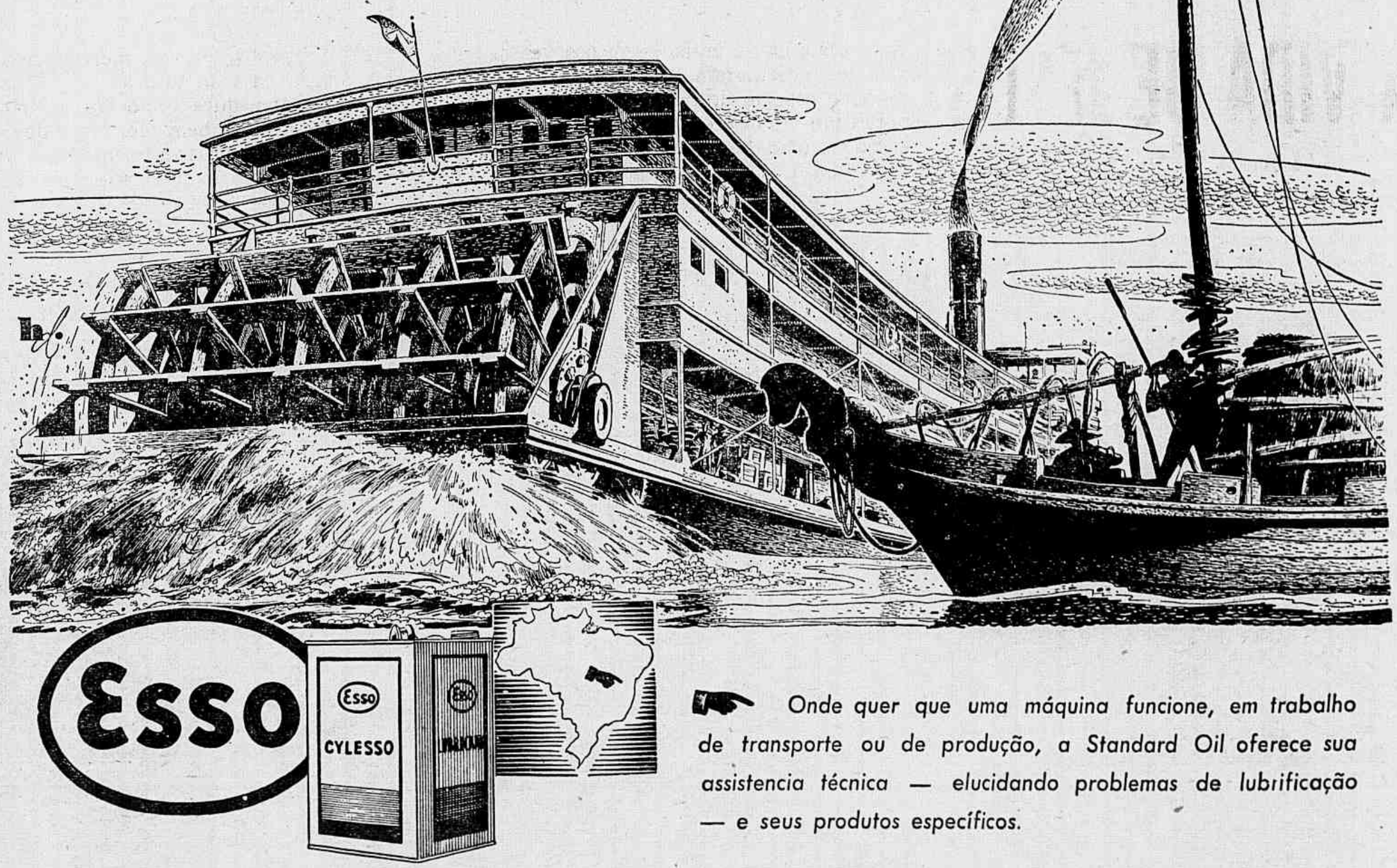
Cristo na arte — "A descida para a sepultura" — quadro de Miguel Angelo, pertencente à National Gallery, de Londres.

★ **Trabalhando com Esso, Brasil afora**

Da "Porteira do Mundo", rio abaixo, o São Francisco rasga o peito do Brasil, numa das mais uteis e movimentadas vias fluviais do continente. Por ele sobem e descem as barcaças e os valorosos "gaiolas", mensageiros do progresso, em cujo bojo, mercadorias e passageiros, valores materiais e humanos, se transportam pelo famoso "Vale das Maravilhas".

VÃO E VOLTAM À "PORTEIRA DO MUNDO"

Nesse afan de ida e volta por aquelas invias paragens — como em muitos outros misteres por outros pontos deste gigante Brasil — Esso está presente, através da variedade de seus produtos petrolíferos, como testemunha e personagem do progresso brasileiro.



Onde quer que uma máquina funcione, em trabalho de transporte ou de produção, a Standard Oil oferece sua assistencia técnica — elucidando problemas de lubrificação — e seus produtos específicos.

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★

McCann

Cristo na arte — "A adultera aos pés de Jesus" — quadro de Rembrandt, pertencente à National Gallery, de Londres.

A VIDA DE JESUS

(4 A. C. — 29 D. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela "REVISTA DA SEMANA", com a Livraria do Globo, de Porto Alegre

ESTRANHO moço aparecera em Capernaum — um carpinteiro de Nazaré, chamado Jesus, filho de José. Um dia, contava-se, o moço andava junto ao mar da Galiléia quando viu dois pescadores, Simão e André, lançando suas redes, "Vinde comigo". disse, "e eu vos farei pescadores de homens." E tal era o poder de sua personalidade, que os pescadores abandonaram o trabalho e o seguiram.

Aonde quer que fosse, entre as aldeias da Galiléia, atraía multidões de pessoas para escutar a música da sua voz. Em Capernaum, um oficial romano chegou-se a êle e pediu que lhe salvasse o filho, que jazia paralítico na cama. E Jesus disse: "Vai para junto de teu filho. Assim como creste, te seja feito." E no mesmo instante — contava o povo de Capernaum — o menino curou-se.

"Êste homem tem poderes divinos", comentavam entre êles os aldeãos da Galiléia. — Vi-o com meus próprios olhos, — disse um jovem barqueiro, — realizar um dos seus milagres. Nós íamos navegando no mar da Galiléia. De repente se levantou uma tempestade. Tínhamos certeza que o barco ia virar. Jesus dormia como se nada estivesse acontecendo. Ficamos tão assustados que o acordamos e lhe pedimos que nos salvasse. "Não temais", disse êle; e então falou aos ventos. E os ventos o escutaram, e se aquietaram.

— Que espécie de homem é êste, — perguntou um ouvinte espantado, — que até os ventos e o mar lhe obedecem?

— Alguns dizem, — sussurrou outro, — que é João Batista ressuscitado.

— E' o que Herodes Antipas acredita, — observou um terceiro.

— Mas eu — declarou o barqueiro, — creio que êle é maior que João Batista. Por minha parte, estou convencido que Jesus de Nazaré é o Messias.

II

Já aos doze anos, êle revelara a personalidade independente do investigador da verdade. Quando seus pais o trouxeram a Jerusalém, entrou em discussão com os rabinos reacionários do Templo judeu. Seu espírito inquiridor insistia em fazer passar os dogmas da tradição pelo filtro da sua razão. "Por que me procuráveis?", perguntou, quando os pais ansiosos o encontraram no Templo. "Não sabeis que me convém fazer perguntas a respeito de meu Pai?" Estranhas palavras na boca de um menino. Seus progenitores estavam acostumados a obedecer, e não fazer perguntas. "Êles não compreenderam", lemos no Evangelho segundo S. Lucas, "as palavras que lhes dizia."

O que Jesus fez nos dezoito anos seguintes, não se sabe. Mas, ao trinta anos de idade, vemo-lo deixar sua aldeia natal e errar pelas margens do Jordão, onde se reúne aos adeptos de João Batista. João era mais arrebatado e menos terno que Jesus. Não se interessava tanto em salvar os penitentes como em castigar os relapsos. Para êle o prazer era um pecado, e a prosperidade uma desonra. Buscar a felicidade nesta vida era merecer a condenação eterna na vida futura.

Essa doutrina, dura como era, a princípio seduziu Jesus. Também êle, como João, era um rebelde. Odiava igualmente as convenções e hipocrisias dos que o rodeavam. Foi batizado no Jordão e tornou-se o principal discípulo de João Batista.

João foi preso e Jesus ficou entregue a si mesmo. Vagueou algum tempo no ermo e procurou projetar seus pensamentos contra o

Cristo na arte — "A descida para a sepultura" — quadro de Miguel Angelo, pertencente à National Gallery, de Londres.

Cristo na arte — Da esquerda para direita: "Jesus crucificado" — quadro de Van Dyck, pertencente à Academia de Veneza. — "A Ressurreição", — quadro de Raphael — "A Sagrada Família", quadro de Andréa del Sarto

fundo silencioso do deserto e do céu. Então regressou à sua aldeia natal, ansioso por levar sua nova mensagem ao povo.

Mas receberam-no com pedradas e motejos. O profeta voltara à sua terra e encontrara tôdas as portas fechadas para êle. Os animais tinham os seus covís, mas o proscrito solitário de Nazaré não tinha onde reclinar a cabeça.

Afastou-se para as montanhas da Judéia. Reuniu em tôrno de si um grupo de pescadores, operários e outros infelizes que o destino atirara ao montão de lixo do desespêro. Trazia-lhes a esperança de coisas melhores. Dizia-lhes que largassem os seus fardos e o seguissem a um novo Reino. Juntos iriam de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, fundando por tôda a parte o Reino dos Céus na terra.

Eram uma confraria turbulenta. Certa vez, quando lhes foi recusada hospitalidade numa aldeia, quiseram reduzí-la a cinzas; Jesus, porém, dissuadiu-os. Deleitavam-se em desafiar as carcomidas tradições da sociedade. Se eram acusados de "profanar o sábado", respondiam que o sábado fôra feito para o homem, e não o homem para o sábado. Condenavam todos os que não queriam escutá-los; chamavam-lhes **sepulcros caiados**, rogando a Deus que os aniquilasse, como havia aniquilado os habitantes de Sodoma e Gomorra. Eram os radicais militantes da Galiléia, e Jesus o seu chefe. Jesus procurava refreá-los quando iam demasiado longe. Mas às vêzes achava difícil dominar sua própria indignação ante a estupidez e selvageria dos homens.

Jesus amava as crianças. Aonde quer que fôsse, os meninos o rodeavam, pedindo-lhe que brincasse com êles. Podemos imaginar-lhe o vulto robusto e bronzeado, caminhando pelas poeirentas estradas do país, com uma criança encarapitada no ombro, outra agarrada à sua mão, e um magote delas atrás, gritando, gesticulando, cantando as canções populares da Palestina. A chegada de Jesus a uma aldeia era sempre um dia de festa para as crianças. Fascinava os pequeninos como o Flautista de Hammelin, e êles estavam prontos a seguí-lo até os confins da terra.

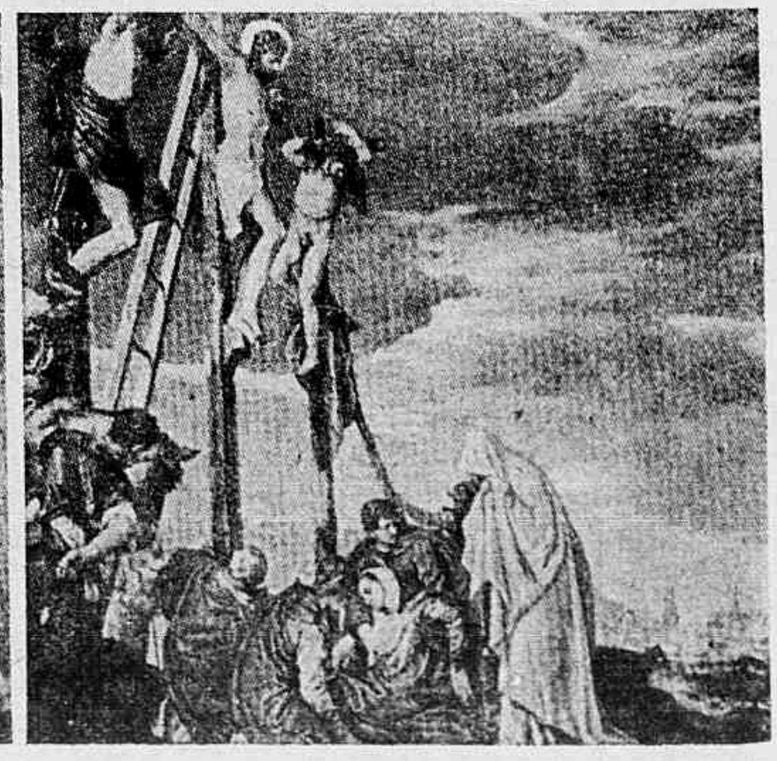
Jesus concentrava tôda sua esperança nos seus amiguinhos. Dêles era o Reino dos Céus. "Quem quer que dê de beber a um dêstes pequeninos ainda que seja um copo d'água fria apenas... de modo algum perderá o seu galardão." As crianças o compreendiam. Para elas nada havia de estranho, fantástico ou impossível nas suas fascinantes histórias acêrca do novo Reino. Ele próprio as conduziria a essa terra maravilhosa, onde nunca haveria ódio e lutas, nem desgraças, enfermidades e morte. "Lá a sabedoria de Deus será revelada às criancinhas." Quando elas se sentavam a escutá-lo, com os olhos arregalados de admiração e faces coradas pelo excitamente da imaginação, êle sentia que eram aquêles pequenos, e não os adultos, que o ajudariam a edificar um novo céu na terra.

Pois os adultos estavam corrompidos e não mais se prestavam à empresa. Cada um se preocupava em observar o argueiro no ôlho do vizinho, esquecendo a trave no próprio ôlho. A realidade lhes roera muito profundamente no coração, e a astúcia de um mundo selvagem os fizera insensíveis à fraternidade de um mundo mais brando. Quando falava no Reino aos seus seguidores adultos, interpretavam-no inteiramente às avessas. "Quando entrarmos no teu Rieno", perguntavam-lhe, "qual de nós sentará à tua direita, e qual à tua esquerda?" Também êles, percebeu Jesus, eram crianças — pobres crianças, lastimáveis, irracionais, imaturas em tudo, menos na capacidade adulta para o mal.

E ao contemplá-los e escutar suas necessidades, começou a compreender, cada vez melhor, que vivia num mundo de crianças. E compreendendo isso, não mais se encolerizava contra êles; compadecia-os. Foi o momento decisivo da sua vida "Vinde a mim, todos vós que vos afanais e gemeis sob fardos pesados, e eu vos darei descanso." Seu carácter avan-

(Cont. na pág. 96)

Cristo na arte. — Da esquerda para a direita: "Maria e o menino" — Quadro de Ticiano. — "Jesus carregando a cruz" — quadro de Veronese. — "O crucificado entre os ladrões" — Quadro de Veronese. Na página ao lado: "A Madona e o menino", quadro célebre, de Sassoferrato, pertencente à National Gallery, de Londres.



Na página ao lado: no "Salão Printemps", em Paris, os cabeleireiros servem bolos e gulodices aos pequeninos clientes. Philips, que aparece na foto, suporta até o secador, desde que tenha na mão uma torta gostosa. Em cima: uma vista de conjunto do salão de cabeleireiros inaugurado em Paris e que só atende a gente miúda. Para entrar nesse singular parque de diversões a garotada faz fila e as mamães pagam mais sem reclamar.

UMA PROFISSÃO DIFICIL:
CORTAR CABELO DA GENTE MIUDA

COMO OS CABELEIREIROS FRANCESES RESOLVERAM O PROBLEMA — A VAIDADE FEMININA COMEÇA CÊDO — "A MULHER É SOVINA DEMAIS QUANDO DÁ GORGETA" — AS APERTURAS DE UM PROFISSIONAL DA TESOURA COM O SEU FREGUÊS DE TRÊS ANOS DE IDADE — COM A PALAVRA O PEQUENINO CLIENTE

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos da KEYSTONE PRESS AGENCY

A esquerda: — "Se eu soubesse que os cavalinhos estavam ocupados eu não teria vindo", diz a tristonha Danielle. Ao centro: Há meia hora que o oficial está às voltas com a cabecinha de Jean-Pierre. Mas êle não se importa, o que êle quer é cavalgar. À direita: êste garoto é uma exceção, não houve bala, doce, divertimento que o fizesse calar. E' mesmo do "contra".

As vezes uma brincadeira como esta, de colocar um pato na cabeça do chorão, faz com que êste se cale. No "Salão Printemps" há recurso para tudo.

Esta menina veio pela primeira vez ao salão-parque de diversões e está atrapalhada com os arreios. Enquanto isso, o cabeleireiro fará o serviço.

UM barbeiro meu amigo confessou-me: — "Quando vejo entrar na barbearia um gurí de cabelo grande, pela mão do pai e, por azar, minha cadeira é a única vaga, não posso deixar de dizer com os meus botões: que pecado cometí para me acontecer uma desgraça dessa!... Cortar cabelo de gente miúda tem levado muito barbeiro ao céu. De um aos cinco anos de idade, noventa e nove por cento dos meninos e meninas detestam cortar a cabeleira e quando são levados às barbearias fazem um berreiro infernal. Há barbeiros pacientes que mandam comprar balas para os garotos e arranjam qualquer coisa para que êles brinquem enquanto a tesoura vai cortando como pode. Quando o gurí é por demais rebelde, para que não espante todos os fregueses do salão, o pai manda chamar o fígaro em casa. "Nesse caso compensa — continúa o meu amigo — porque então cobramos vinte, trinta ou quarenta cruzeiros".

A SOLUÇÃO DOS CABELEIREIROS PARISIENSES

Este ano, em Paris, certos cavalheiros que se dedicam a tal profissão resolveram experimentar uma nova idéia. Abriram uma espécie de parque de diversões a que deram o nome de "Salão Printemps". Lá dentro há de tudo que possa distrair uma criança até aos dez anos. Cavalinhos de páu, bonecas, jogos de paciência, cornetas, revistas com historietas ilustradas e uns homens amáveis que, sem parecerem, são oficiais da tesoura. As crianças sentam-se nos cavalinhos de páu, e, enquanto fingem que galopam, a máquina zero lhes vai raspando o couro cabeludo. O número de espelhos foi limitado ao mínimo, pois uma das coisas que mais assustam os pequeninos fregueses é a multiplicidade de imagens, dele e dos estranhos, que vêmos refletidas nos salões das barbearias. No salão parisiense também não se vêem à mostra tesouras, máquinas e navalhas. As crianças vêem no aço dêsses instrumentos aparelhos que lhe recordam os médicos e isso causa pânico no seu espírito.

A experiência em París deu certo. O salão está sempre cheio de gurís — o que torna o ambiente mais divertido para as próprias crianças — e os barbeiros não se queixam, pois as mamães alí pagam mais, sem reclamar.

Quando se inaugurará no Rio um salão semelhante ao de París?

CABELEIREIROS FEMININOS

Antigamente as meninas cortavam o cabelo nos salões masculinos. Hoje em dia o hábito está mudando. Com a invasão dos "permanentes" e de penteados especiais para mocinhas e garotas, as mães são obrigadas a levar as filhas aos cabeleireiros femininos. Uma penteadora de um conhecido salão de beleza do Rio contou-nos casos pitorescos.

— Nas primeiras vezes as meninas têm um verdadeiro horror ao ambiente aquí do salão. Mal entram, assustam-se com êsses enormes capacetes de aço, enfiados como instrumentos de tortura nas cabeças das freguesas. Algumas chegam a chorar quando vêem a mamãe submeter-se ao complicado aparelho. Não podem compreender como as mulheres suportam tantos martírios. À medida que vão

Os que esperam a vez, se distraem com os companheiros. O salão de barbeiro parece, por vezes, um recreio de colégio, tal a algazarra e as brincadeiras. Será que esta inovação que veio da França terá imitadores no Rio?

crescendo e a vaidade feminina vai tomando conta de sua personalidade, as garotinhas começam a suportar de bom grado todos os suplícios por que passam as mulheres adultas. Ficam sentadas debaixo do secador horas a fio, com uma resignação de espantar. Outro dia uma pequena de seis anos, moradora na zona sul, e que sempre chorava quando vinha cortar os cabelos, espantou-nos quando disse: — "Olhe, eu hoje quero fazer um "permanente". Como é isso, perguntamos, você criou coragem de repente? E ela, muito compenetrada, explicou-nos: — "O Carlinhos só quer brincar com a Zuleika, depois que aquela feiosa apareceu de permanente. Vou fazer a mesma coisa para que êle volte a brincar comigo". E a menina suportou pacientemente o aparelho, pensando talvez que a Zuleika iria se morder de inveja quando visse o seu "permanente".

A nossa informante acrescentou: — "A vaidade na mulher começa cêdo. Quando os meninos de oito ou dez anos, não querem saber de nada que os incomode, meninas com a mesma idade, são, nesse ponto, inguaisinhas às damas balzaqueanas.

COM A PALAVRA UM PROFISSIONAL DOS "BARBADOS"

Antigamente o corte de cabelo de crianças era mais barato que o dos adultos. Os barbeiros perceberam que estavam sendo logrados. Os meninos davam mais trabalho, consumiam mais tempo e amolavam muito. Por causa disso o preço hoje é o mesmo. Um barbeiro antigo na profissão vai nos contando suas "memórias":

— Eu sempre tive muita paciência com garotos. Por isso tenho muitos fregueses de três, quatro e cinco anos de idade. Quase todos me dão um trabalho enorme. Os gurís têm cada um a sua mania, quando não têm a mania de chorar o tempo todo. Um quer que lhe dê uma tesoura para recortar bonecos de papel. Outro não quer se sentar na cadeira. Ponho um banquinho em frente à pia, encho-a de água e enquanto êle sopra barquinhos de papel eu corto, como posso, o cabelo da cabecinha que não para.

— Nesses casos — perguntamos — a gorgeta compensa o sacrifício?

Manoel dos Santos olhou em volta e disse-nos baixinho:

— Quando o menino vem trazido por uma mulher, seja ela mãe ou tia, é uma miséria. Mulher, para dar gorgeta, é unha de fome. O homem, não. E' sempre mais pródigo. Eu uso até de um estratagema. Quando a "pão-duro" quer me pagar eu agradeço e lhe digo: — Pode deixar, madame, que seu marido paga depois.

Nesse momento, por uma feliz coincidência, entrou sòzinho na barbearia um menino de quatro ou cinco anos. Procurou a cadeira do Manoel e o barbeiro nos explicou:

— Esse é o Jortil, freguês antigo, desde que tinha um ano e meio de idade. Naquela época, enquanto cortava o cabelo, ficava segurando a mão do pai. Tinha um medo terrível. Mas já se acostumou. Parece até gente grande. Conversa durante todo o tempo sôbre futebol, jardim de infância e... até conta anedotas! E' um sabido de marca. O

Mary, de oito anos de idade, não tem medo da tesoura. Mas assim mesmo prefere êsse salão, onde encontra dezenas de revistas infantis.

A pequena Danielle que não teve a sorte de encontrar vago um cavalinho de páu para sentar-se, distrai-se com as brincadeiras dos outros. "Também é a última vez — disse à mamãe — que eu me sento nessa cadeira horrível!".

Enquanto o barbeiro lhe aplica uma vigorosa massagem, o jovem Bernardo está gritando para o cavalo de páu. "Ande, ande, cavalinho. A corrida está no fim".

Em cima: Jortil Menezes, o pequenino cliente de um salão do Rio e que foi entrevistado pela "REVISTA DA SEMANA", sôbre o difícil assunto de "como cortar o cabelo da gente miuda". Jortil, com apenas cinco anos, respondeu a perguntas transcendentais do repórter, inclusive conseguiu lembrar-se porque até aos três anos tinha horror aos barbeiros. Na página ao lado: uma garotinha de três anos, enquanto aguarda que os papelotes marquem o permanente, azucrina os ouvidos dos clientes. Se lhe tirarem a corneta é pior; ela chora muito mais alto.

pai manda o dinheiro do corte, oito cruzeiros, e cinco cruzeiros de gorgeta. Quando o Jortil entra pela barbearia chupando caramelos, eu já sei. Lá se foi por sua própria conta metade da minha gorgeta. Mas o pai é camarada e, quando depois eu lhe conto isso, o velho dá gostosas gargalhadas e me indeniza.

COM A PALAVRA O "FREGUÊS"

Para terminar a pequena reportagem faltava apenas ouvir a opinião de um freguês de calças curtas. Aproveitamos o menino que se sentara na cadeira do Manoel. Disse-nos o seu nome; Jortil Menezes, cinco anos de idade, aluno do jardim de infância do Campo de Santana. Fizemos-lhe uma pergunta difícil, talvez, de ser respondida. Queríamos saber porque, quando menor, tinha medo de cortar o cabelo. O garoto não se deu por achado. Botou a mãozinha na testa, como se a memória estivesse falhando, e respondeu-nos:

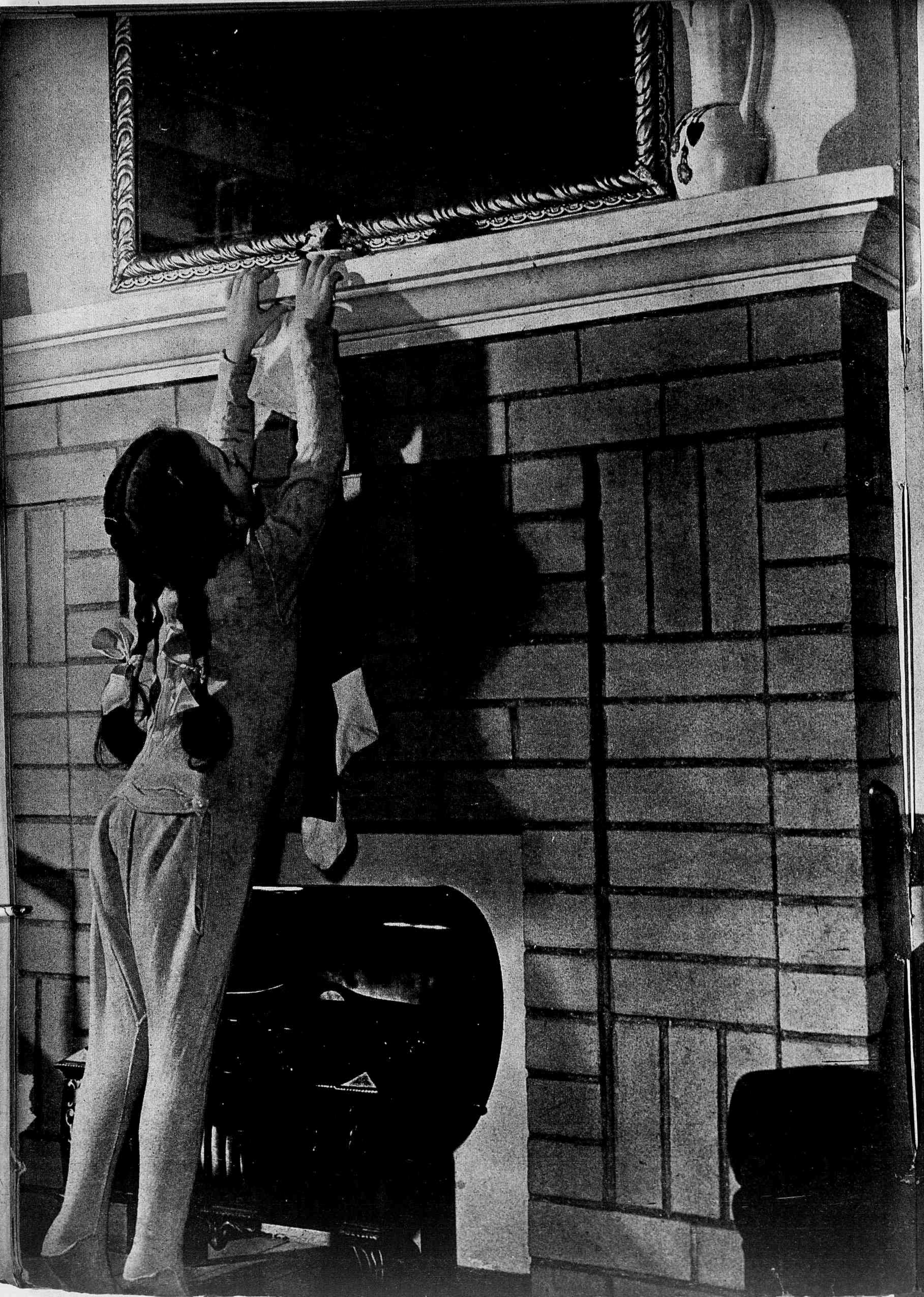
— Eu acho que era por causa dessa maquinazinha de raspar o pescoço. Uma vez ela me picou tanto a pele que eu pensei que o barbeiro ia me fazer uma operação...

Estava explicado, pelo menos naquele caso, porque o menino tivera, a princípio, ojeriza pela cadeira do barbeiro. Perguntamos-lhe se êle não acharia interessante um salão de cortar cabelo construido especialmente para a criançada, cheio de brinquedos e lhe mostramos retratos do salão da França. O gurí olhou, achou engraçado e respondeu-nos:

— Acho que isso é bobagem. Ou a gente corta o cabelo ou anda de cavalinho. Quando quero andar de cavalinho eu vou à Quinta da Bôa Vista.

O carioca desde pequeno sabe suportar com maior estoicismo os aborrecimentos da vida. Começa a treinar cedo para aflições maiores: filas, falta de casas e outras coisas.

A esquerda: o sabidíssimo Jortil protesta: — "Esta não, eu quero daquela que é mais cheirosa. Se faltar dinheiro, papai paga depois". Ao centro: expectativa e receio antes da máquina zero raspar o "côco". À direita: Afinal, a hora dolorosa, a hora do pagamento. "Seu pai não mandou cinco cruzeiros de gorgeta?", pergunta o Manoel. E o garoto responde: "Cinco cruzeiros é muita "gaita"... Você vai levar um cruzeiro por conta e olhe lá!..."



Na página à direita: Conservando a tradição do Natal, uma garota de Ottawa, na noite de Natal, pendura sua meia junto à chaminé. Ao alto: Na manhã do dia de Natal, a sra Jack Hughes observa a filha, enquanto esta desembrulha os presentes em sua residência em Ottawa.

ASPECTOS DO NATAL NO CANADÁ

NA TERRA ONDE PAPAI NOEL TEM DOIS NOMES: SANTA CLAUS PARA OS ANGLO-SAXÕES, PÈRE NOEL PARA OS LATINOS

O Canadá, terra dos flocos de neve, das geadas, dos campos de gelo e das estepes, parece propício ao cultivo das tradições do Natal. Seja como fôr, na imaginação da maioria das crianças norte-americanas é pelo Canadá que Santa Claus vem todos os anos, saindo de seu esconderijo boreal para encher as meias da criançada. Pequenas contradições não abalam a fé das crianças canadenses na milagrosa santa; o fato, por exemplo, de êle aparecer em números extraordinários nas ruas das grandes cidades, de poder ao mesmo tempo entrevistar a garotada numa loja comercial e pedir, numa esquina, donativos para o Fundo de Natal do Exército de Salvação destinados à aquisição de alimentos para os necessitados, nada disso as surpreende. Na verdade, o Canadá bem pode ser o principal centro de atividades de Santa Claus; uma importante indústria de brinquedos vem se desenvolvendo em muitas cidades canadenses; as florestas de abetos do Canadá produzem aproximadamente seis milhões de árvores de Natal por ano, das quais mais de cinco milhões são embarcadas para os Estados Unidos, para deleite das crianças que vivem ao sul das regiões de plantas coníferas.

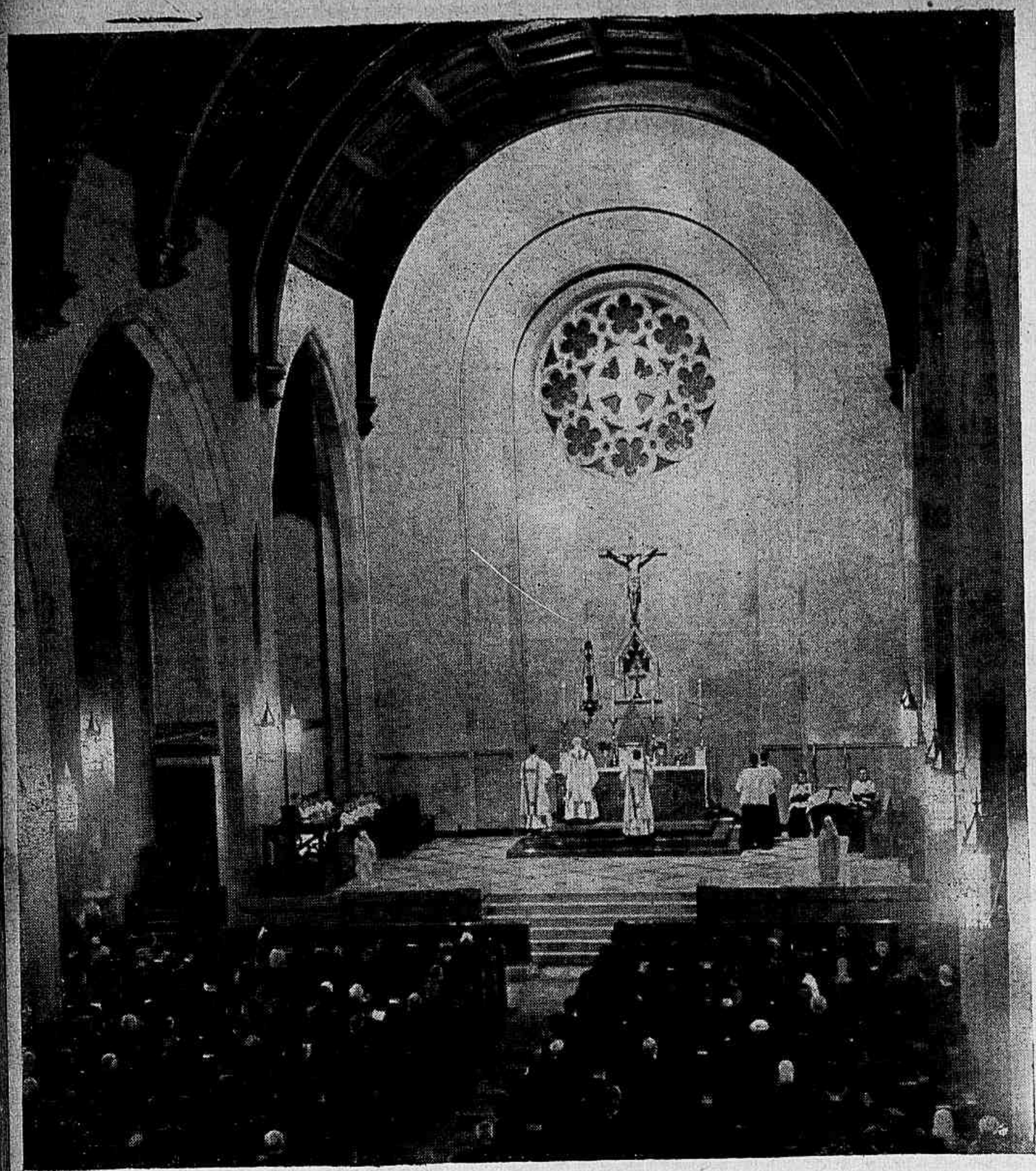
A essa terra onde florescem as fantasias de Natal, os colonizadores canadenses vindos de outros países trouxeram tesouros de folclore europeu e de costumes tradicionais. Da Inglaterra, da Irlanda e da Escócia, vieram o ganso assado, o "mistletoe" e o pudim com calda de conhaque; da velha Normandia vieram a fogueira de Natal e o Presépio. Os diferentes grupos raciais do Canadá continuam, em alta escala, a comemorar o Natal, de acôrdo com as suas respectivas tradições raciais. O grupo mais numeroso, descendente de ingleses, irlandeses e escoceses (abrangendo metade da população canadense) comemora o seu Natal mais ou menos da seguinte maneira:

Compram-se presentes para as crianças, os amigos e os membros da família, presentes êstes que são escondidos até o dia de Natal. Na noite de 24 de dezembro, as casas são ornamentadas com galhos de abetos, grinaldas de papel ou enfeites vistosos; velas acesas, de grandes dimensões, são postas às janelas; pinheiros são colocados dentro das casas, e ornamentados; cânticos de Natal são entoados pelos jovens de porta em porta; as crianças penduram suas meias para que Santa Claus, que descobriu o dom da ubiquidade, as venha encher durante a noite. A manhã do dia de Natal é consagrada a abrir os embrulhos dos presentes e, por muitos, aos serviços religiosos. Ao meio-dia ou mais tarde, serve-se o almôço de Natal. O perú, ave norte-americana, substituiu o ganso no cardápio do Natal canadense.

Os membros da população franco-canadense, quase um terço da população total, festejam o Natal de maneira um tanto diferente. Para êles, é essa mais uma festa religiosa que uma oportunidade para se fazerem presentes,

Trinchar o perú constitui o ponto culminante do dia de Natal nos lares canadenses. A fotografia da direita mostra o sr. J. Hunter trinchando o perú enquanto os filhos esperam pelo almôço.

Ao alto: Figuras representando a Natividade ornam esta árvore de Natal num lar franco-canadense, exatamente como nas "lapinhas" brasileiras. Em baixo: Esta fotografia de uma loja no primeiro andar de uma casa comercial em Ottawa mostra um aspecto do último dia de compras para o Natal. Na página ao lado: Uma velha crença nos poderes mágicos do "misticloe" reflete-se ainda hoje no costume do beijo, durante a época do Natal.



À esquerda: Missa da Meia-Noite celebrada na Igreja do Santíssimo Sacramento, em Ottawa, na província de Ontário. Em baixo: U'a multidão enche as lojas durante o período de compras para o Natal.

sendo êsse dia principalmente dedicado à celebração do nascimento do Cristo. O grande acontecimento da data é a missa da meia-noite, à qual assistem todos acompanhados de suas famílias. No campo, os trenós são de utilidade extrema, bem providos de cobertores apropriados e munidos de tijolos aquecidos cuja finalidade é impedir que se regelem os pés dos passageiros. Nos lugares especialmente escolhidos para repouso durante o inverno, é comum assistir-se à missa da meia-noite em trajes de esqui. O "reveillon" é o número que se segue no programa — uma reunião de família para a qual são convidados os amigos íntimos, e durante a qual as crianças teem permissão para permanecerem acordadas. Servem-se "hors d'oeuvres", mocotó, e, naturalmente, as tradicionais tortas de carne. O "reveillon" prolonga-se, muitas vezes, até dia claro. Deitam-se todos tarde, e o usual almoço de Natal tem lugar à tarde. Para os canadenses franceses, a troca de presentes é reservada para o dia de Ano Bom, se bem que a coleta para presentes de Natal para os pobres ainda seja levada à efeito no campo. Nas cidades, os clubes destinados à gente das fôrças armadas tomou a seu encargo, em grande parte, êsse trabalho. E' comum para jovens casais franco-canadenses anunciar o seu noivado na véspera do Natal.

Entre os grupos raciais do Canadá, entretanto, as diferenças tradicionais nos costumes de Natal estão se tornando menos definidas. Eis o que se verifica de parte a parte: cada um tira do outro aquilo que está de acôrdo com a sua maneira de pensar, e acrescenta-o aos seus próprios hábitos. Daí resulta que muitos Protestantes costumam assistir à missa da meia-noite em igrejas católicas, e que muitas famílias de origem francesa adotaram há muito o hábito de pendurar as meias das crianças na noite de Natal. E' o "Père Noel", como Santa Claus, quem enche as meias, ou talvez o Menino Jesus.

Não são, contudo, as tradições que tornam notáveis os costumes de Natal, mas as inovações, os novos sistemas que a era industrial e a vida moderna acrescentaram aos tempos antigos. A eletricidade tornou possível não sòmente iluminar a árvore de Natal da maneira a mais segura, mas também transportá-la para fora de casa. E' coisa comum no Canadá verem-se árvores de Natal plantadas na relva, adornadas de lâmpadas multicôres. A embalagem dos presentes é tarefa que exige cuidado especial, e aos poucos vão sendo criados lindos efeitos com papéis e fitas.

A mais espetacular de tôdas as inovações, cuja popularidade vai aumentando com o decorrer dos anos, é o desfile de Santa Claus patrocinado pelas lojas comerciais. Êsse desfile realiza-se nas grandes cidades do Canadá afim de que, todos os anos nos primeiros dias de dezembro, seja apresentada a estação do Natal. O desfile consiste de carros puxados a cavalo, cada um destinado a descrever minuciosamente alguma cena de livros de histórias ou de contos de fadas, tais como "Branca de Neve e os Sete Anões", ou "Chapeuzinho Vermelho". Baseados nesses tipos de ficção e fantasia, espetáculos fabulosos são criados pelos decoradores de vitrinas das lojas comerciais. O itinerário do desfile de Santa Claus é anunciado com antecedência, e as crianças, acompanhadas por seus pais ou guardiães, levantam-se cedo afim de conseguirem bons lugares ao longo do percurso, que compreende várias milhas. Os que teem sorte ocupam parapeitos de janelas, outros trepam em lampeões, em estátuas, enfileiram-se nas balaustradas ou contra as paredes. No momento em que deve passar o desfile, é coisa comum verem-se pessoas perdidas na multidão levantarem seus filhos à altura das suas cabeças, quais pequeninos periscópios. O desfile atinge o climax quando o fabuloso santo, em sua carruagem puxada por oito renas, encerra o cortejo, numa verdadeira apoteose.

Outro costume, cuja popularidade aumenta dia e dia entre os canadenses que vivem na cidade, é o de manter as "portas abertas" na noite de Natal. Os amigos vão chegando ininterruptamente, durante tôda a noite, tomam um "cock-tail" e comem uns salgados, depois vão a outros lugares. Em tôdas as casas, o rádio possibilita o prazer de serem ouvidos cânticos de Natal.

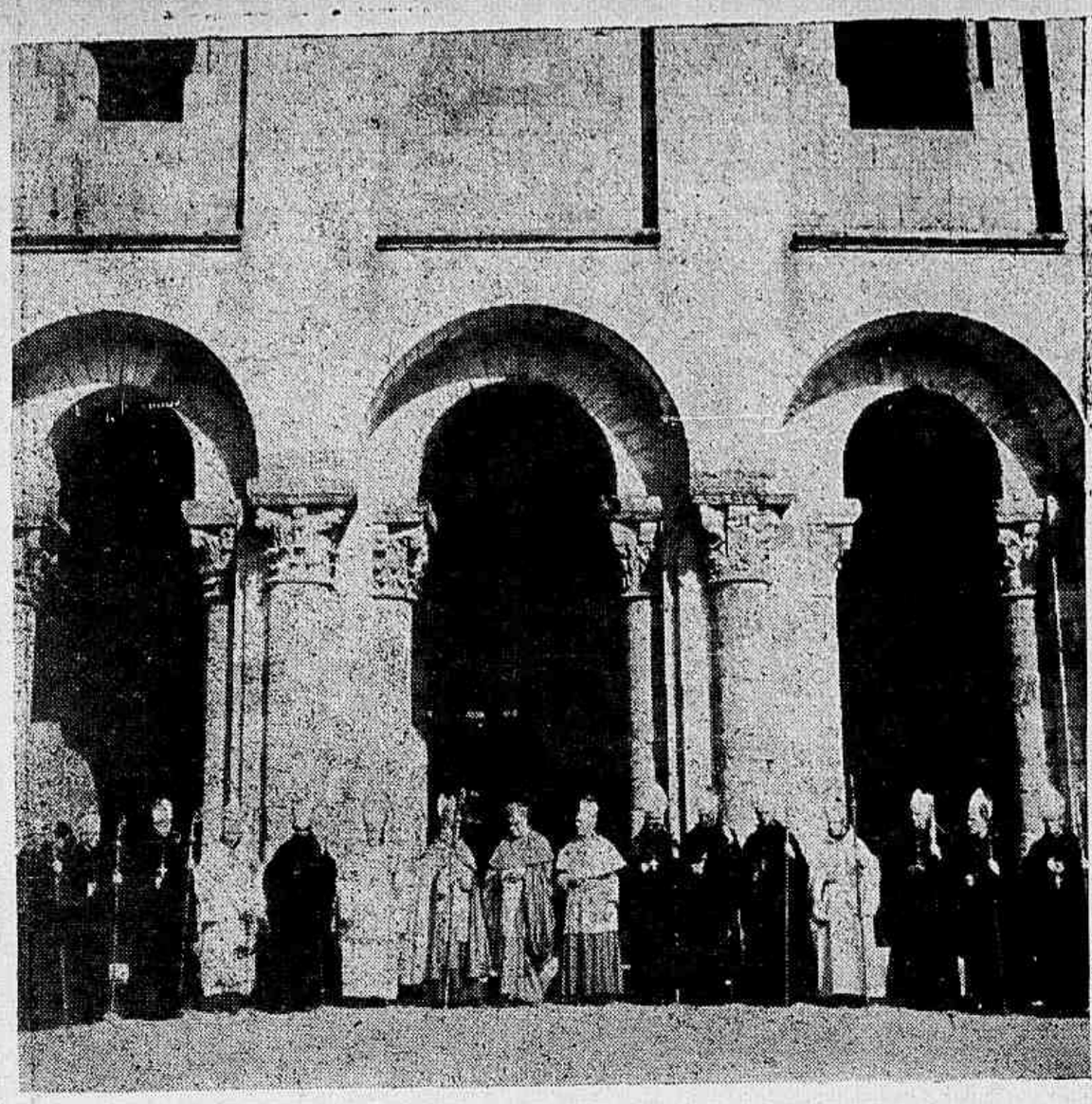
As famílias de origem inglesa continuam a celebrar o Natal até o "Boxing Day" (o dia seguinte), que é festejado dentro do espírito tradicional da data, de acôrdo com o nível social.

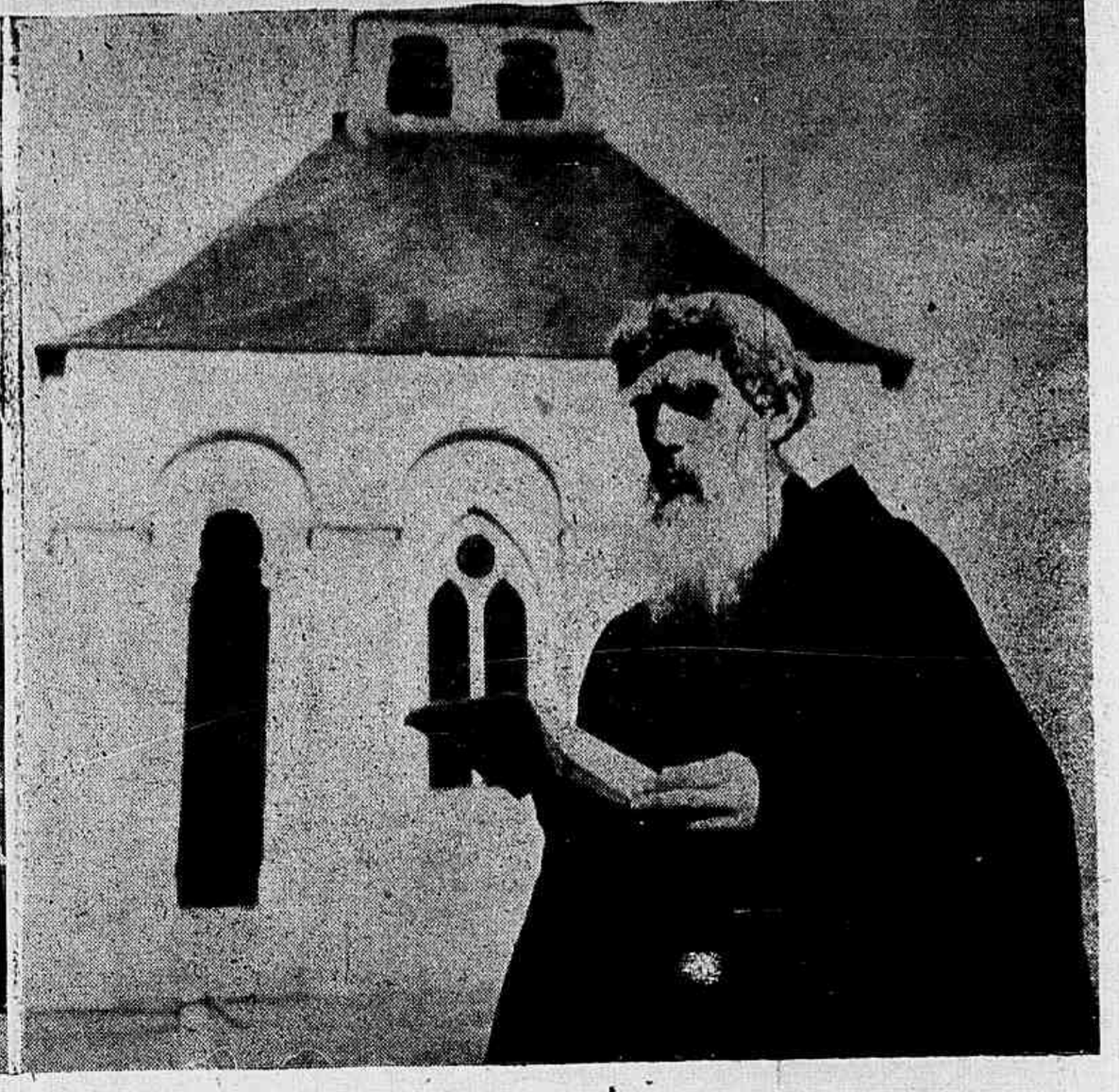
O ponto culminante das celebrações é o dia de Ano Bom, ao serem observados, à moda carnavalesca, os ritos da despedida do Ano velho e da chegada do Ano Novo. Por uma vez no ano, barulho é coisa sem importância; realizam-se numerosas festas públicas e particulares; pode-se dançar nas ruas. Algumas igrejas católicas rezam missa à meia-noite. Entre as famílias de língua francesa, o dia do Ano Bom é o verdadeiro dia consagrado à troca de presentes, e há numerosos felizardos que recebem objetos há muito cobiçados, tais como patins, esquís, trenós ou patins apropriados para o jogo de "hockey". O jantar do dia de Ano Bom assemelha-se muitíssimo ao banquete de Natal.

Os canadenses de língua francesa encerram o período de festas no dia de Reis, a 6 de janeiro, com uma comemoração mais resumida que consiste de um pequeno festim. Num bolo especial, incluem-se uma ervilha e uma fava que conferem os títulos de rei e rainha àqueles que os encontrarem.

Depois do dia de Reis, a já então empoeirada árvore de Natal é desarmada e atirada fora. Os objetos que lhe servem de ornamento são então cuidadosamente embrulhados e guardados para serem utilizados na próxima árvore de Natal.

Ao alto: Cânticos de Natal são entoados diante de uma casa em Ottawa. À direita: O Exército de Salvação é representado pela juventude de Ottawa, que se expõe aos rigores da neve para proceder a coleta de dinheiro para o Fundo de Inverno daquela organização.





Ao alto, à esquerda: O clero diante da basílica. Ao centro, de "capa Magna", Sua Eminência o Cardeal Suhard, Arcebispo de Paris. À direita, Monsenhor Grente e à esquerda, o Monsenhor Bispo de Tours. À esquerda do último, o Abade Mitré, representante da Abadia de Cassino. À direita: Um "ator" desempenhando o papel de São Bento no "Jeu des Dialogues de Saint Benoit", dado no atrio da Basilica (Fotos S.F.I.)

A CELEBRAÇÃO DO XIV CENTENARIO DE SÃO BENTO

EM SAINT BENOIT SUR LA LOIRE

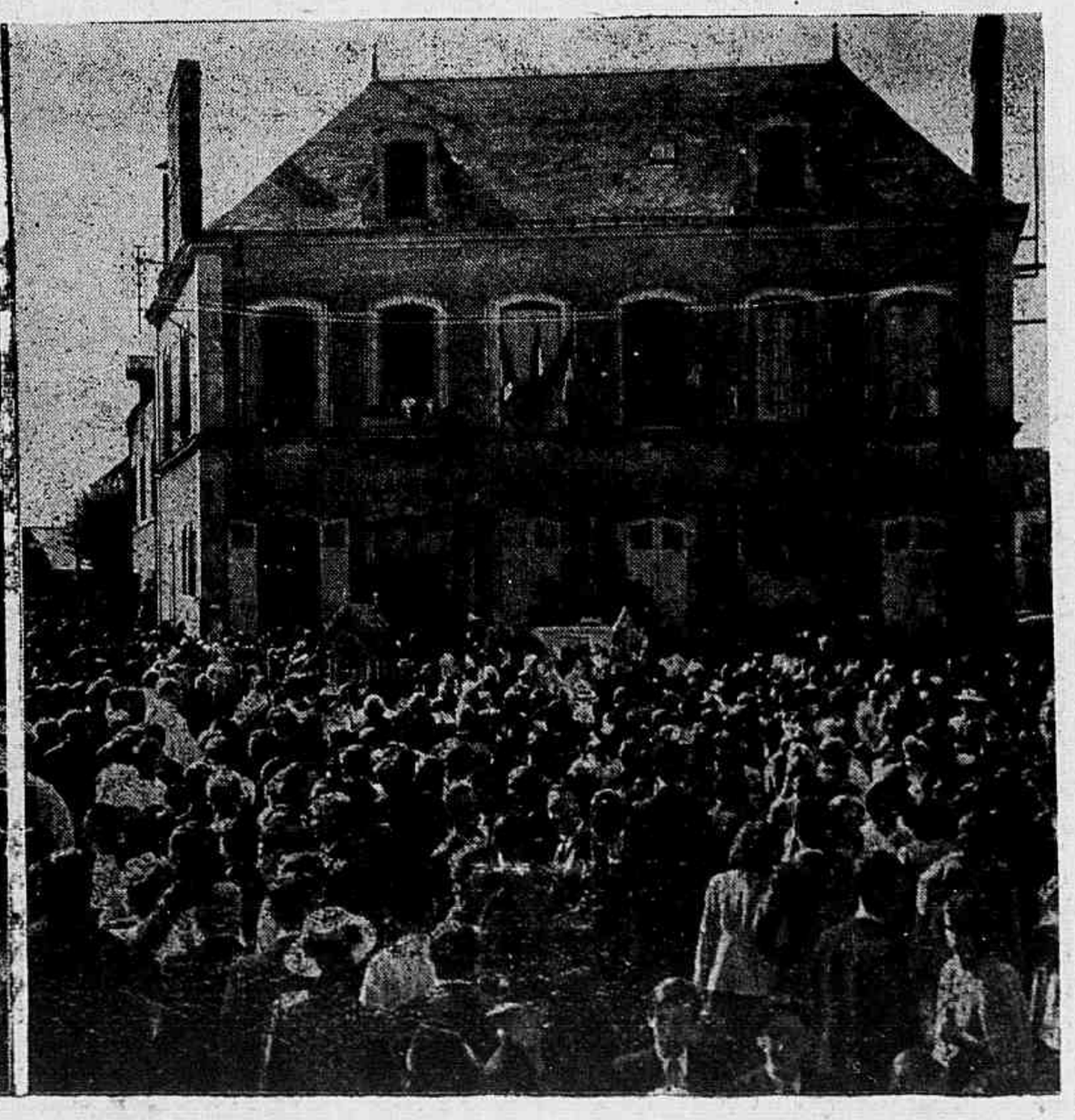
HA' quatorze séculos, no ano de 547, São Bento morria no Monte Cassino. Sua ordem monástica propagou-se rapidamente pela França, fundando-se em 661 a Abadia do Val d'Or le Fleury

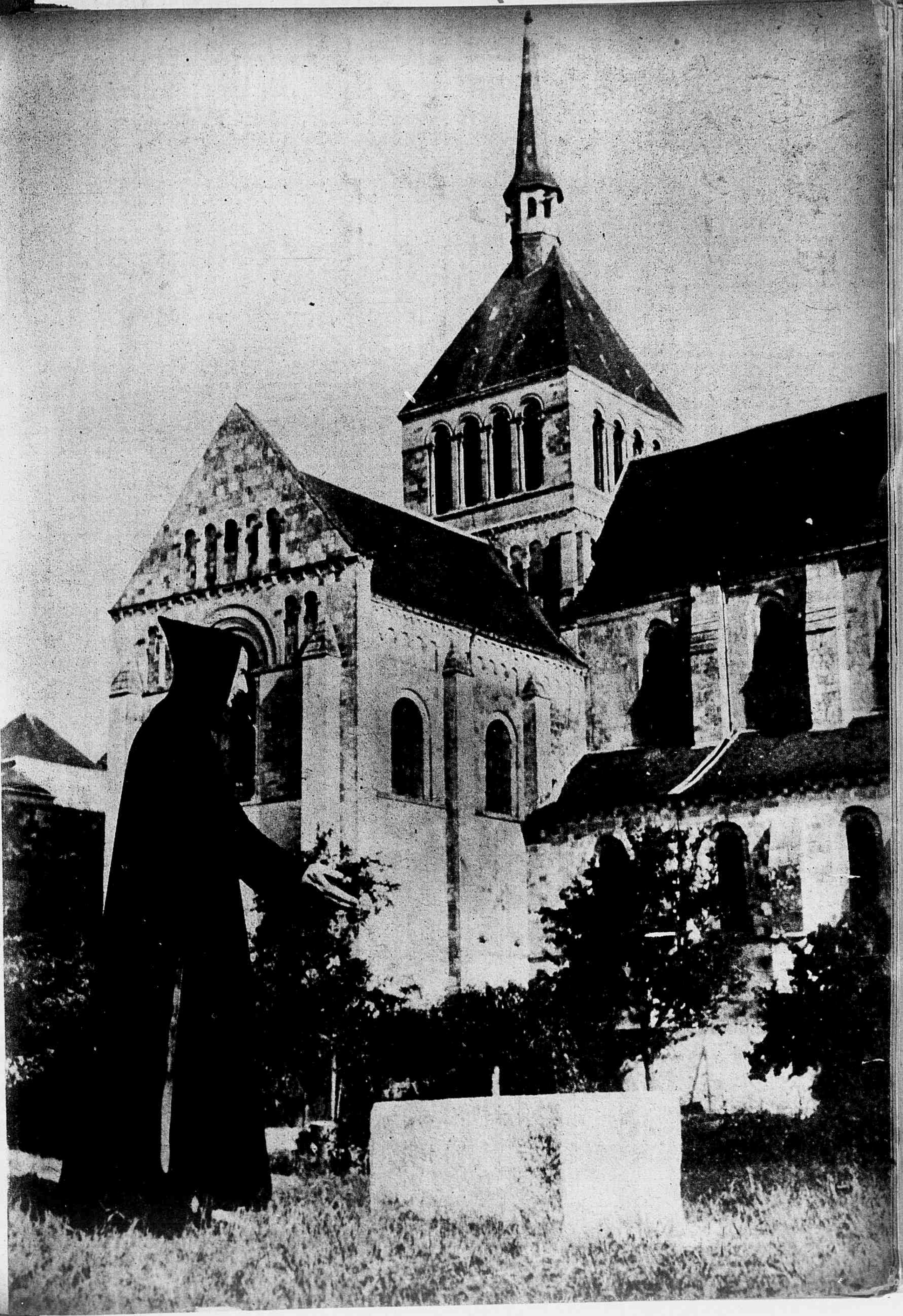
O Mosteiro do Monte Cassino foi devastado pelos lombardos 580-581, tendo fugido seus monges que se refugiaram em Roma. O Santo ficou abandonado entre as ruínas e a Abadia Fleury mandou no ano de 672-674 um grupo de monges com a missão de encontrar os restos do fundador da Ordem. A expedição encontrou êsses restos e as relíquias são desde então conservadas piedosamente na Abadia, que, mudando de nome, se chamou desde essa época Saint Benoit de Fleury.

Saint Benoit conheceu um período de grande prosperidade. Núcleo cultural, a êle afluiam sábios do mundo inteiro. Foi frequentado por 5.000 alunos. Foram alí representados os primeiros dramas litúrgicos, origem dos mistérios. Na história da Abadia registram-se também muitas desventuras: os normandos pilharam o mosteiro, o primeiro santuário foi destruído por um incêndio; mais tarde, durante a Revolução, foram igualmente destruídos edifícios completos. Mas podemos ainda admirar a magnífica Abadia romana, cuja construção feita com tôda a rapidez, apresenta, contudo, uma rara unidade de estilo.

O 14.º centenário da morte de S. Bento acaba de ser celebrado sob a presidência de Monsenhor Suhard, Cardeal Arcebispo de Paris e na presença de quinze abades e sessenta frades representando tôdas as abadias beneditinas da França, numerosas abadias estrangeiras, entre as quais Subiacco. O panegírico do Santo foi feito por Monsenhor Grente, Arcebispo-Bispo de Mens, membro da Academia Francesa. Para evocar os primeiros mistérios, fizeram-se no atrio várias representações do "Jeu des dialogues de Saint Benoit", de Monsenhor Brochet.

Na página ao lado: Lançamento da primeira pedra da futura abadia beneditina de Saint Benoit Sur Loire. Em baixo, à esquerda: Depois da Missa celebrada na basílica, a urna, contendo as relíquias de Saint Benoit, é levada em procissão através das ruas da localidade. À direita: A multidão congrega-se para ouvir a missa campal na praça principal de Saint Benoit Sur la Loire.





ESTREIOU EM LONDRES "MONSIEUR VERDOUX"

A NOVA FILOSOFIA DE CHARLIE CHAPLIN

De JORGE MAIA

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" em Londres)

★

LONDRES, novembro — Confesso que fiz "fila" para assistir à "première" de "Monsieur Verdoux". "Fila" elegante, com gente vestida de casaca, "toiletes" de baile, as joias espetaculares de Patricia Roc, e outras coisas dêsse gênero, pois, ao contrário do que habitualmente aqui sucede, para essa noite, os bilhetes não foram vendidos com antecedência, fruto talvez, das próprias inclinações democráticas de Chaplin. E devo acrescentar que uma certa emoção — a emoção de revêr o maior gênio do Cinema — se apoderou de mim, desde que o seu nome foi anunciado na tela. E ainda considero uma grande coisa o ter acompanhado a sua trajetória artística, desde a infância, quando ria das suas pilhérias ingênuas, passando pela adolescência, com "Luzes da Cidade", atingindo a fase atual do "Grande Ditador" e, agora, "Monsieur Verdoux".

"Monsieur Verdoux"... Será difícil reconhecer, sem o chapéu côco, a bengalinha, o casaco apertado, o velho Carlitos de outrora? Não. Ele é o mesmo, exatamente o mesmo. Os trejeitos fisionômicos, os gestos, as atitudes repetem aqueles nossos conhecidos, da infância do Cinema. Nada mudou, embora as suas roupas se apresentem com um talho francês, como convém ao filme". E o seu espírito? E' tão grande como outrora?

Não desejo desapontar os fãs brasileiros, mas, infelizmente, "Monsieur Verdoux" me decepcionou e entristeceu. Porque, nele, assistimos, provavelmente, à última produção de Chaplin. E isto porque o seu ciclo artístico, evidentemente, está encerrado. E está terminado porque êle não encontra mais nada diante de si. O seu gênio — continuamos a manter que se trata de um gênio — não lhe permitirá jamais sair de um impasse em que o colocou o destino. Os seus têmas sociais, profundos, não encontram mais uma base sólida para se tornarem grandes produções. O Cinema é arte escorregadia, sem a necessária estabilidade das outras Artes. E isso porque tem muito de indústria, de artifício, faltando-lhe precisamente a necessária e imprescindível pureza para ser Arte. Assim, o gênio de Chaplin esbarra em condições independentes de sua vontade, acima de suas forças. Como sair dêsse "bêco"? — eis a questão.

"Monsieur Verdoux" é um assassino, um sêr profundamente humano, casado burguêsmente, com uma espôsa paralítica há quatro anos. Antes da crise de 1929, era um modesto empregado de banco. E, enquanto viveu honestamente, fruto de trabalho, a miséria rondou a sua porta. Foi explorado sordidamente pelos outros homens, que lhe pagavam miseravelmente, enriquecendo, à sua e à custa de muitos outros sêres nas mesmas condições. Veio a crise, o banco faliu e êle, para viver, resolveu se tornar assassino profissional. Fora da lei, encontrou riqueza, prosperidade, posição. E, com tudo isso, não perdeu o seu carácter profundamente humano. Vem outra crise econômica, tôda a sua fortuna, a casa que havia comprado para a esposa, o filho, tudo desaparece no torvelinho e, depois de algum tempo, quando a ameaça dos Ditadores paira sôbre o mundo, ei-lo, novamente, num "café", em Paris, sem tostão, pronto a recomeçar a própria existência. E' quando é identificado, preso, guilhotinado. E as cenas finais são realmente belas, revelando o seu enorme sentido estético, justificando o "filme", em algumas passagens, arrastado e quase monótono, porque lhe faltam os requisitos que, no passado, constituiram sempre a sua glória e sucesso.

A tese de "Monsieur Verdoux" é que um assassino é uma coisa sem importância, comparado com ditadores, exploradores, agentes da finança internacional, que provocam guerras, deflagram conflitos, matando, não apenas meia dúzia de mulheres, porém, milhões de sêres humanos. E as suas palavras são cheias de beleza, lembrando o discurso final do "Grande Ditador", que era, realmente, uma maravilha. Ainda aqui, porém, o gênio de Chaplin tem uma fraqueza: êle que reagiu contra o "talkie", tornando-se, por muito tempo, o campeão do "silencioso", evidentemente, forma pura de arte, abusa do diálogo, num desprêzo contínuo pela fotografia. Aquilo que, ainda em "Tempos Modernos" poude ser sentido: uma preocupação constante da imagem, em detrimento da voz, nas suas últimas duas produções foi completamente esquecido. Agora, a emoção, os "gags" residem em palavras, em frases, e não em cenas, em situações, em fotografia. Não será isso, por si só, um começo de declínio?

Creio que não, pois me recuso a aceitar essa possibilidade. Para mim, Chaplin permanece como a grande figura do Cinema. Ele e David Ward Griffith, de quem revi, há dias, o "Lírio Partido", constituem as duas maiores expressões da "Sétima Arte", mas êste, forçado pela saúde, bem depressa, foi forçado a abandoná-la, enquanto aquele se manteve até hoje.

Essa permanência no tempo obrigou-o, porém, a procurar um caminho. Como todos os reais artistas, que realizam tôda a extensão dessa palavra, deveria conter um objetivo, um programa. Qual era êsse programa? Fazer rir? Talvez, quando se recorda que o fito primordial de Cervantes, Swift, Rabelais, em seu tempo, também foi fazer rir. A primeira edição de "Don Quixote" foi esgotada em algumas semanas. O mesmo poderíamos dizer do "Gargantua" e dos livros de Swift, na Inglaterra, que constituiam grandes sucessos. E ninguém poderá nos garantir si os leitores de então, de pronto, puderam sentir tudo o que de grande e profundo existia naquelas páginas. A caricatura da humanidade, só a posteridade a pôde sentir e verificar, a ponto de êsses livros serem considerados, justamente, os maiores jamais produzidos pelo espírito humano.

Chaplin, evidentemente, compreendeu isso. Das suas primeiras e despretenciosas comédias, passou a uma admirável caricatura da humanidade — a única realmente produzida pelo nosso século. O seu tipo de mendigo, o "Carlitos", não era bem o símbolo de um mundo que não se dá conta de sua miséria, de suas fraquezas, de sua mesquinhez? Era um ser essencialmente humano, quando procurava o ouro, ou quando respirava a atmosfera da grande cidade, com seus dramas, suas angustias, ou, ainda, quando sofria a opressão da máquina, do trabalho escravo. Tudo isso o levaria, fatalmente, a um "crescendo" cujo desenlace seria impossível prever. E êsse desenlace veio, finalmente, quando Chaplin anunciou o desaparecimento de "Carlitos", como atendendo a uma auto-necessidade de renovação. Nesse caso, porém, segundo penso, tratava-se não de uma renovação, mas, de declínio, de impossibilidade de prosseguir em um roteiro prèviamente traçado.

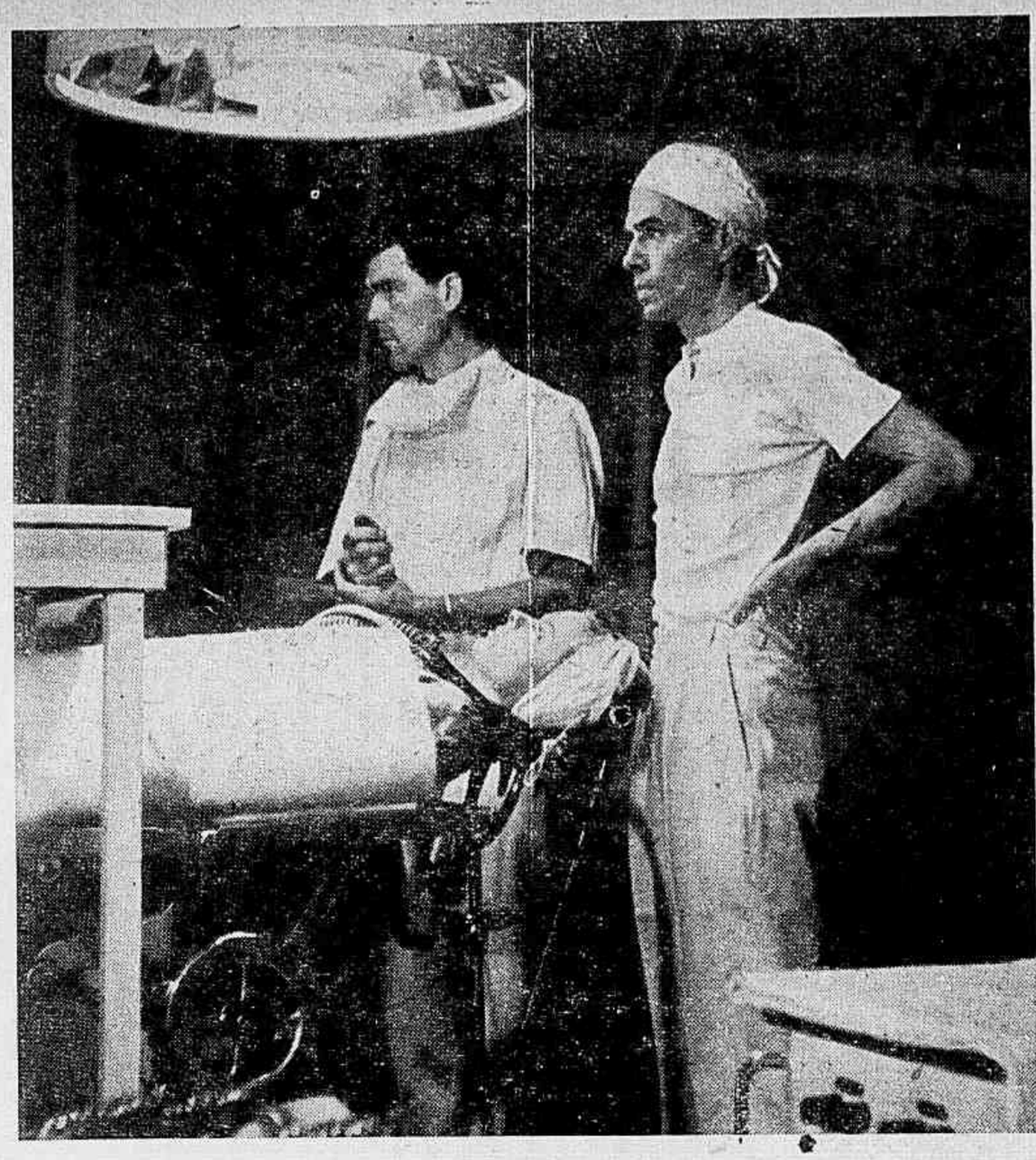
O seu drama é o de todos os grandes artistas que, um dia, refletiram sôbre os destinos da humanidade. O sentimento revolucionário, de que "aquilo" não é o ideal, porque os homens são máus, quando deveriam ser bons, porque, assim, o mundo seria melhor, é inerente a cada um deles. Baudelaire, Rimbaud, Shakespeare, todos os gênios, foram dominados por essa obsessão. Alguns, como Maiakovski, se suicidaram ao verificar a própria fraqueza diante da realidade. Não me surpreenderia, aliás, si êsse fôsse o próprio fim de Chaplin, a quem considero também um gênio. Ao certo, porém, a sua preocupação de crítica, de ironia, de caricatura, o leva a um ponto de onde não mais pode avançar. A sua obra está feita, realizada. Cada artista contém, em si, uma ou mais expressões. Estas, uma vez concretizadas, êle perde a sua razão de ser, o seu motivo de existir, no espaço. E, então, a existência no tempo torna-se um drama insuportável. E', provàvelmente, o que Chaplin está vivendo, quando sente a sua impossibilidade de avançar, porque o seu ciclo está fechado. "Tempos Modernos", bem ou mal, encerrou a sua vida artística. Faltou-lhe coragem, ali, para fixar alguma coisa de grande, de definitivo, pois seria a maior de tôdas as caricaturas da humanidade. O "Grande Ditador" era aceitável, um bom "filme" cômico, mas já um apêndice à sua obra. E "Monsieur Verdoux", nem isso. Poderia ser aceitável, seria um excelente "filme", si se tratasse de um artista desconhecido, nele estrelando. Nesse caso, saudaríamos Charlie Chaplin como uma grande "esperança" do Cinema futuro. Infelizmente, porém, êle, antes, havia produzido "Luzes da Cidade", admirável, grandioso, em todos os momentos e pormenores.

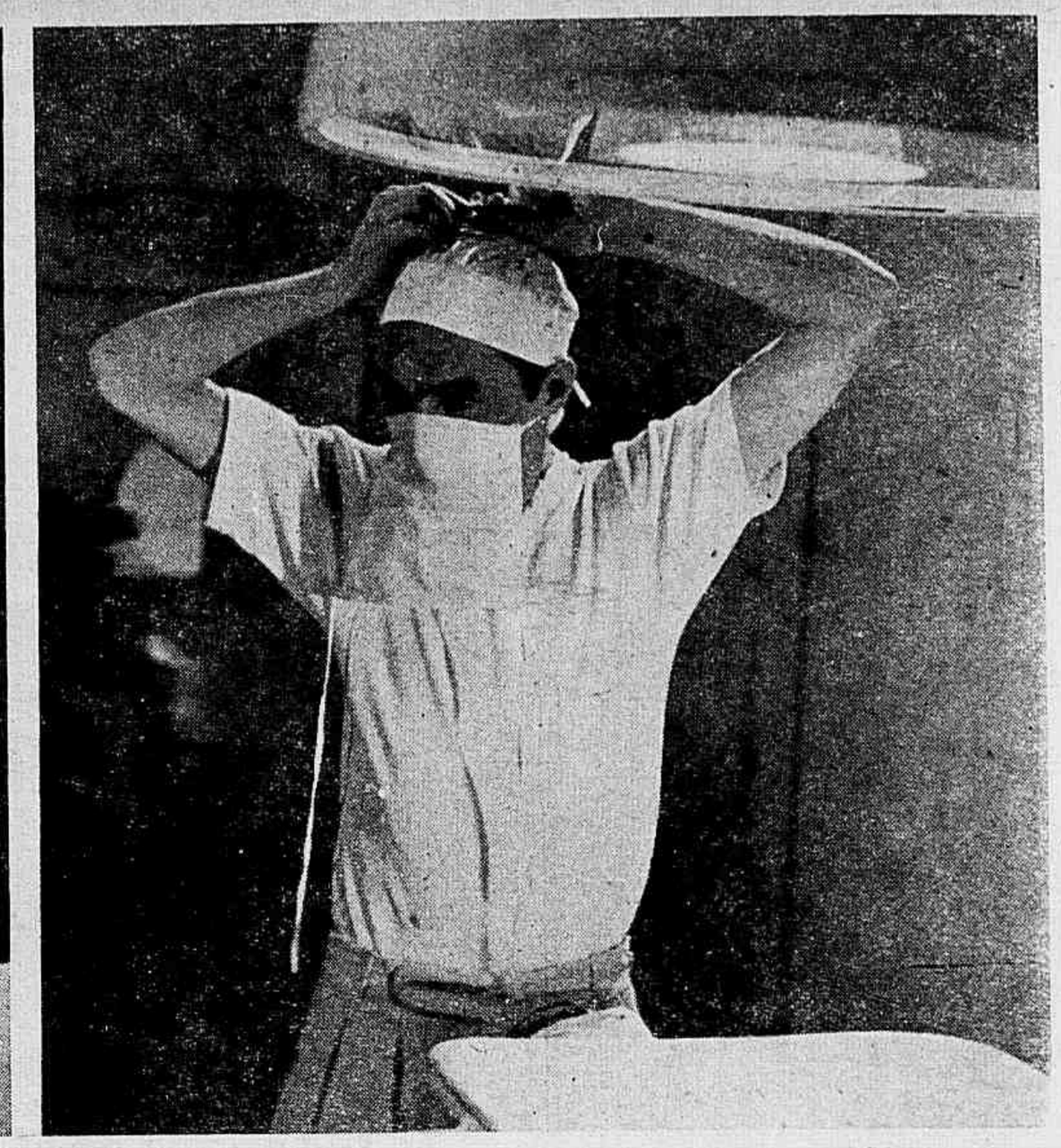
"Monsieur Verdoux", positivamente, está abaixo do "Carlitos" que conhecemos. Perdoem-me os fãs nacionais, si lhes antecipo uma pequena desilusão. Para os que não o tiverem visto anteriormente, os que não se lembrarem de seu passado, o "filme" revelará um ator de recursos extraordinários com admirável finura de espírito, algumas cenas muito engraçadas, instantes de encantadora beleza. Um grande "filme", indiscutivelmente, para qualquer outro diretor. Mas um pequeno "filme", quando se trata de Charlie Chaplin.

★

O novo Charlie Chaplin, em "Monsieur Verdoux", — filme sôbre cuja estréia na capital inglesa se manifesta o nosso correspondente especial em Londres.

MAIS UMA
CATASTROFE
UM curto circuito, uma ponta de cigarro acesa e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torná-lo inválido para o trabalho, quando não resultar na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Companhia que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.
COMPANHIA DE SEGUROS
MINAS BRASIL
Capital realizado: Cr$ 10.000.000,00
Capital realizado e reservas: Cr$22.098.019.50
Matriz: AVENIDA AFONSO PENA, 526-3.º AND. — BELO HORIZONTE
SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO
AV. 13 DE MAIO, 23 — 23.º ANDAR
EDIFICIO DARKE — Séde própria
Rede interna — 22-1844
SUCURSAIS E AGENCIAS NAS DEMAIS CIDADES DO PAIS
ENDEREÇO TELEGRAFICO "BRAMINAS"





Ao alto, à esquerda: Antes de começar a filmagem, James Mason, o médico assistente e a paciente Ann Stephens ouvem as últimas instruções do diretor. À direita: James Mason experimentando a máscara anti-microbiana de cirurgião para o último ensaio da cena operatória.

JAMES MASON, UM MESTRE DA CIRURGIA

COMO SE REALIZA DELICADA OPERAÇÃO COM UMA PELÍCULA CINEMATOGRÁFICA

ASTROS de cinema precisam ser versáteis. Podem ser chamados a interpretar um chefe de Estado num filme, um jóquei de corridas ou um famoso músico no seguinte. O público cinematográfico é um crítico implacável e o desempenho do ator tem de ser impecável. Ele precisa viver o papel e suas ações devem ser técnicamente corretas.

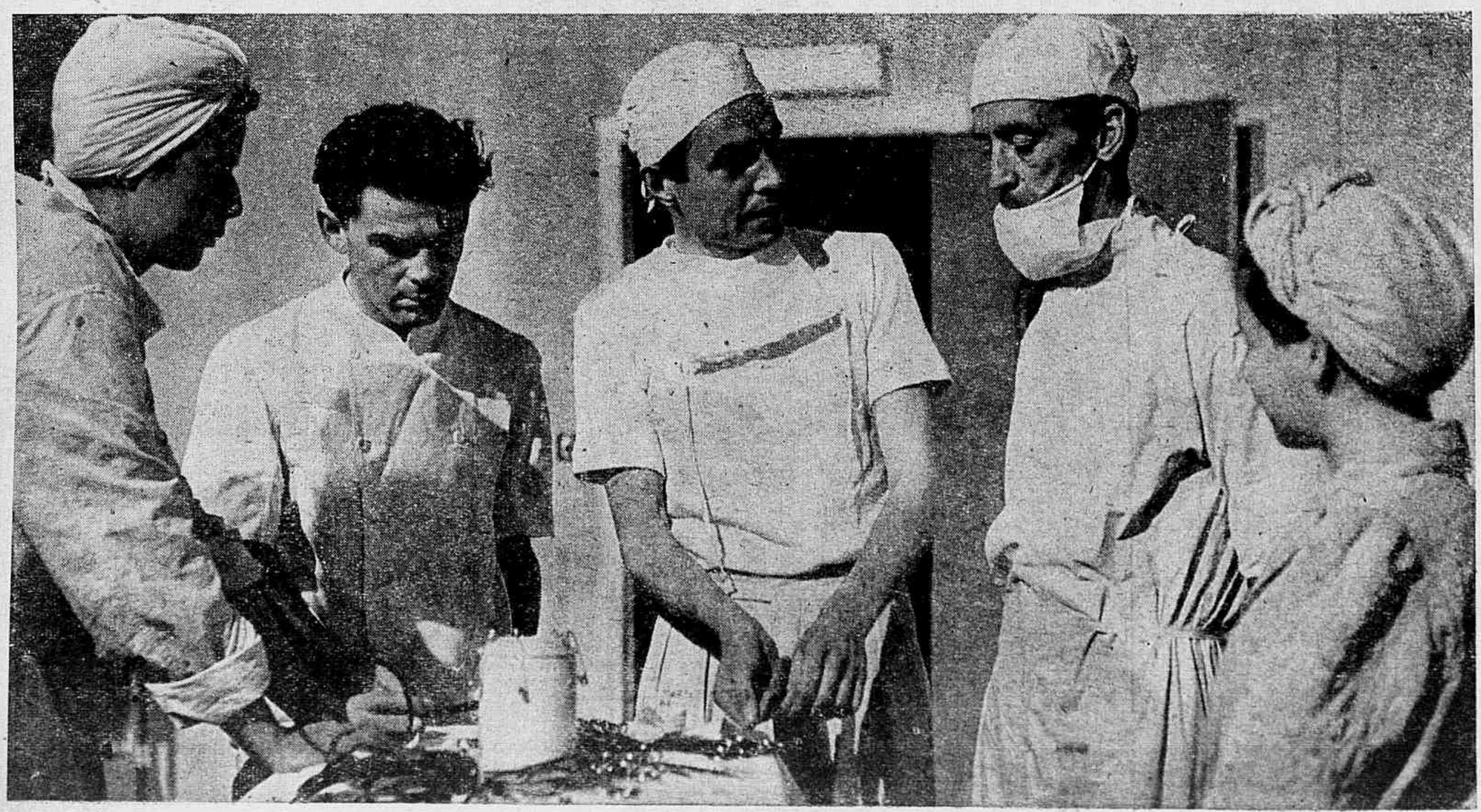
James Mason, o astro número um de Inglaterra, volta às telas na nova produção de Sydney Box, "The Upturned Glass", na qual representa o dr. Michael Joyce, eminente especialista em doenças do cérebro. Há no filme duas sequências de operações, ambas cerebrais, e antes de desempenhá-las James Mason visitou um hospital londrino onde assistiu à operação que posteriormente devia realizar diante das câmaras.

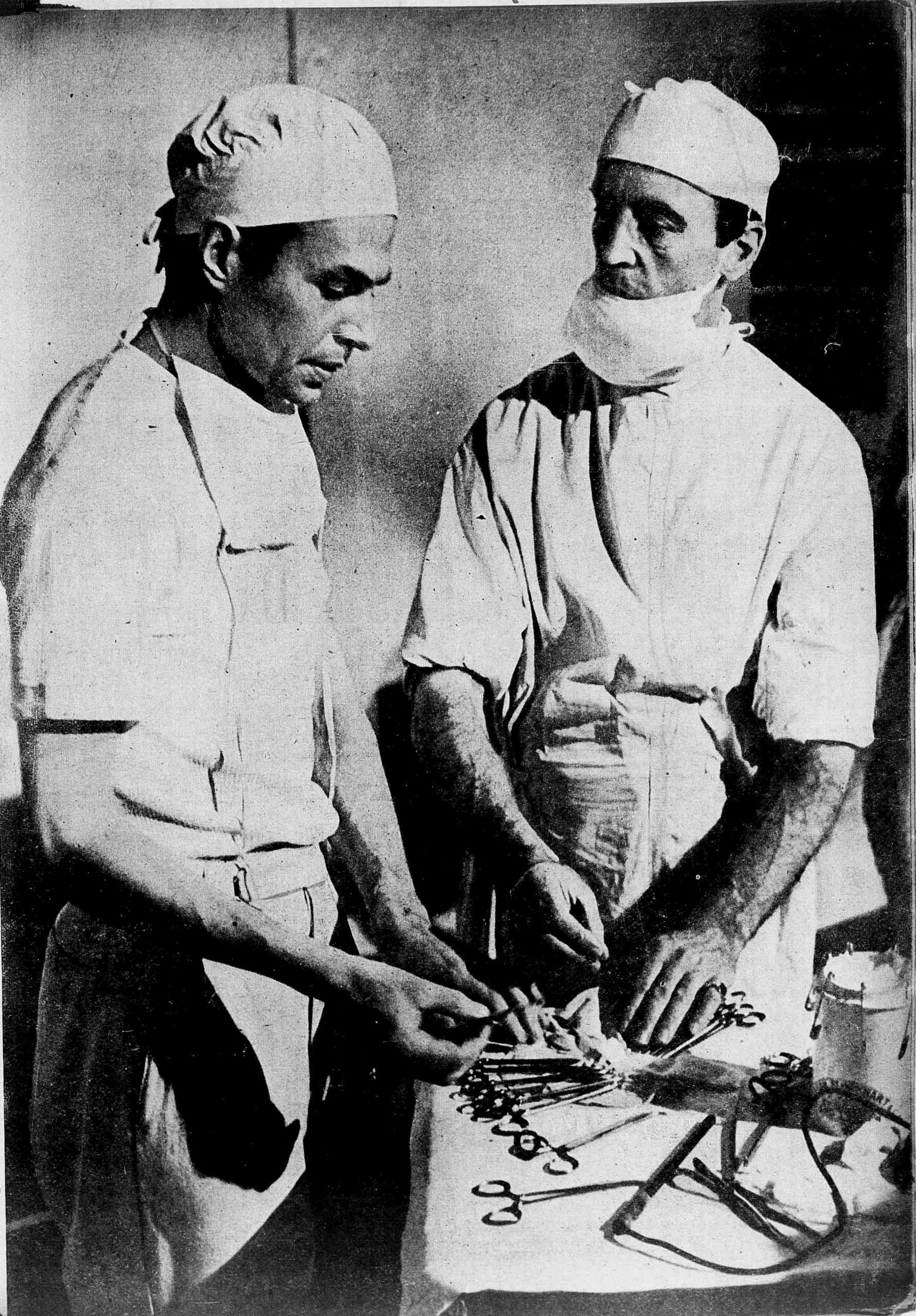
As operações foram feitas no filme sob a orientação técnica de um cirurgião especialista, que as declarou perfeitamente reais ao término da filmagem.

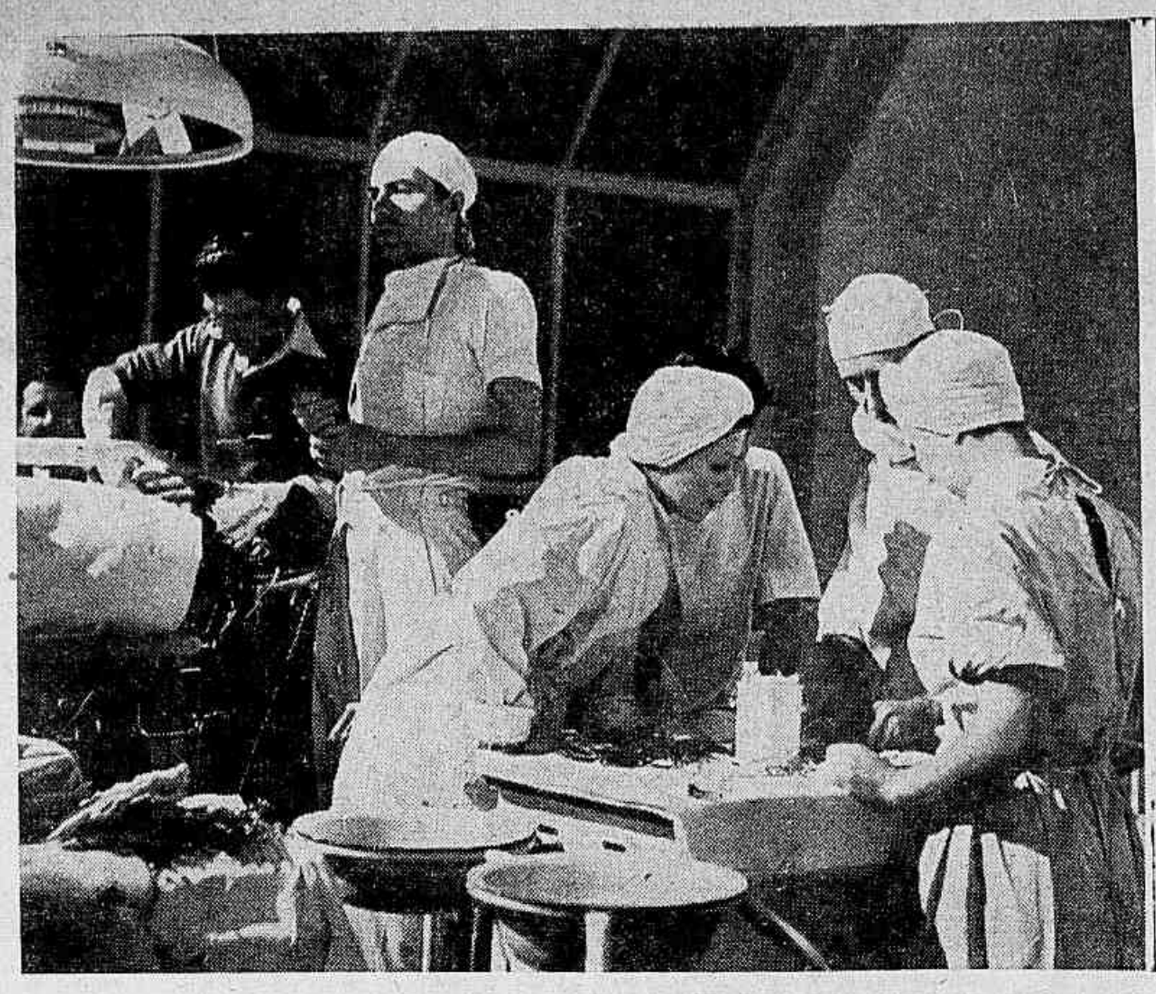
James Mason e Sydney Box trabalharam juntos no ano passado, como astro e produtor, na melhor sucedida película inglesa até hoje realizada: "O Sétimo

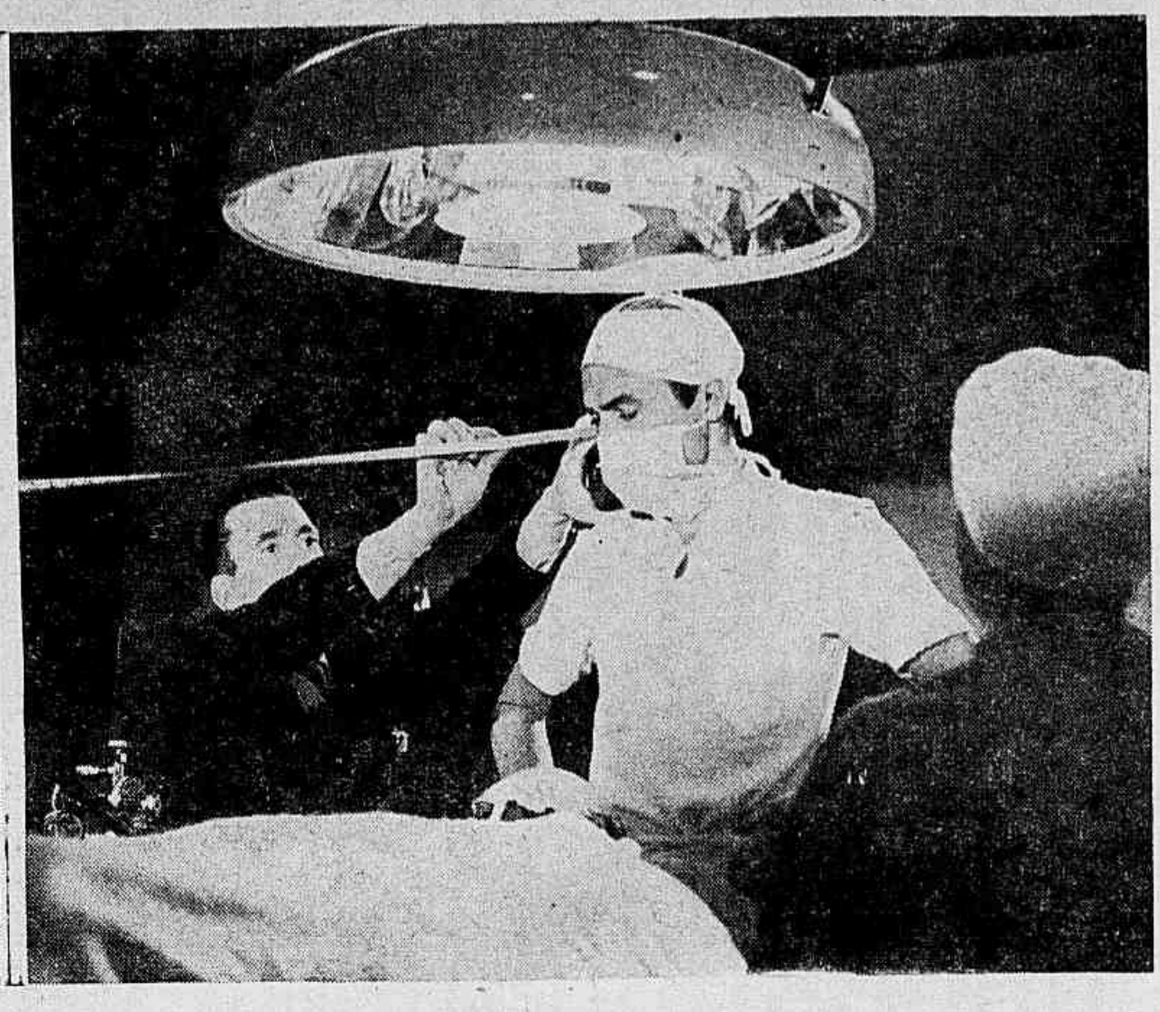
(Cont. na pág. 50)

Em baixo: James Mason faz uma pergunta a Wilfred Bowman, o conselheiro técnico. À extrema direita de Mason está a enfermeira cedida por um hospital londrino para tomar parte na sequência. Na página ao lado: Wilfred Bowman, assistente técnico da filmagem, explica a James Mason o emprêgo dos vários instrumentos necessários à operação.

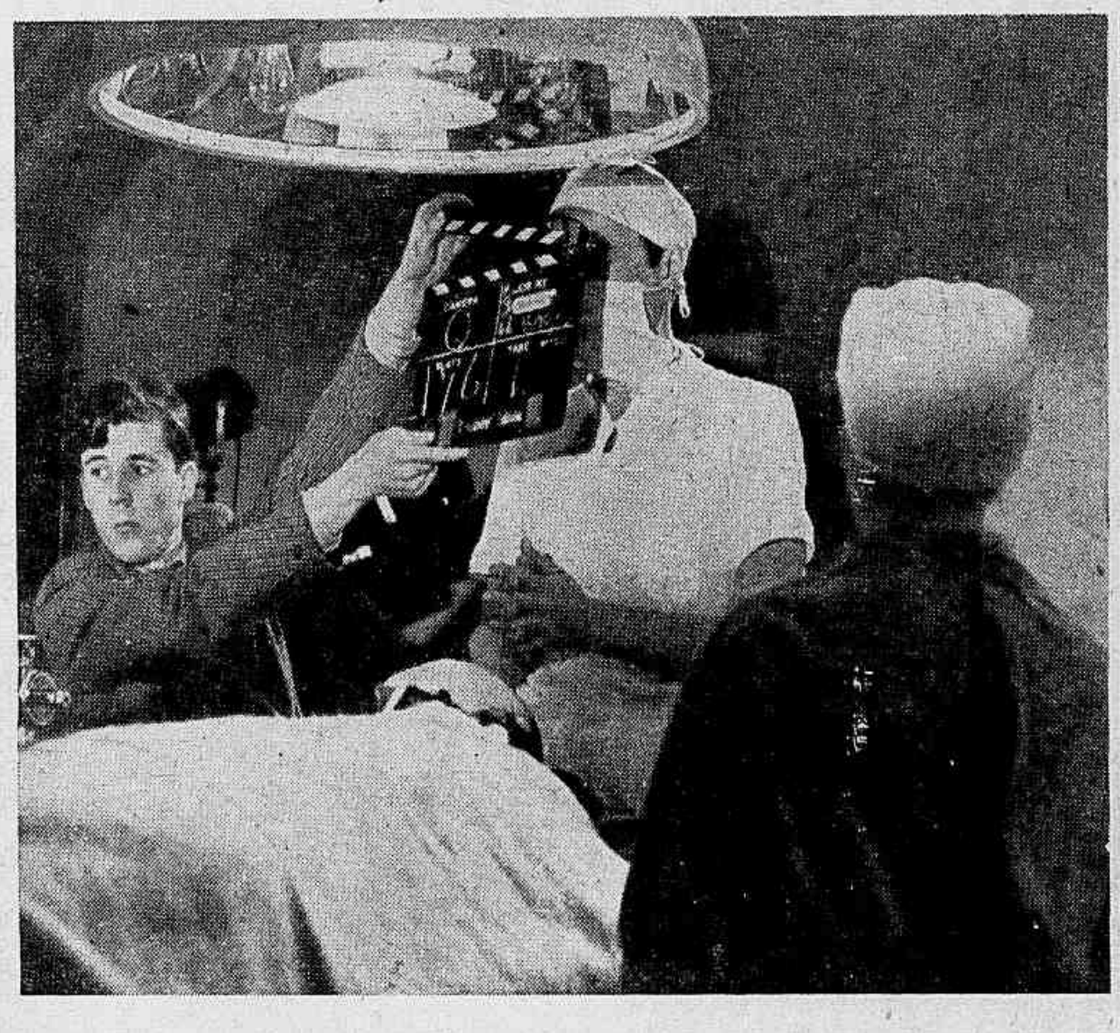


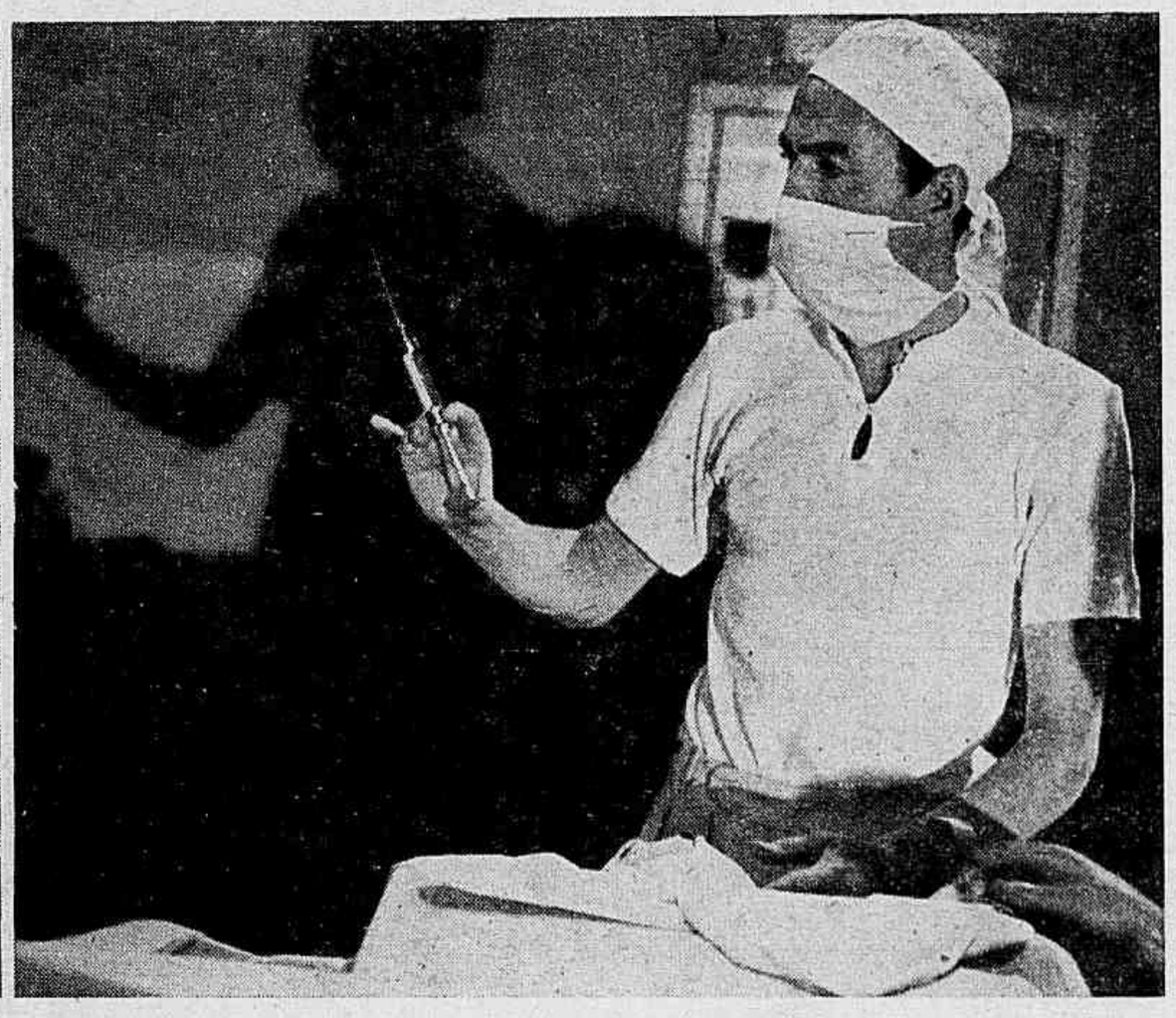




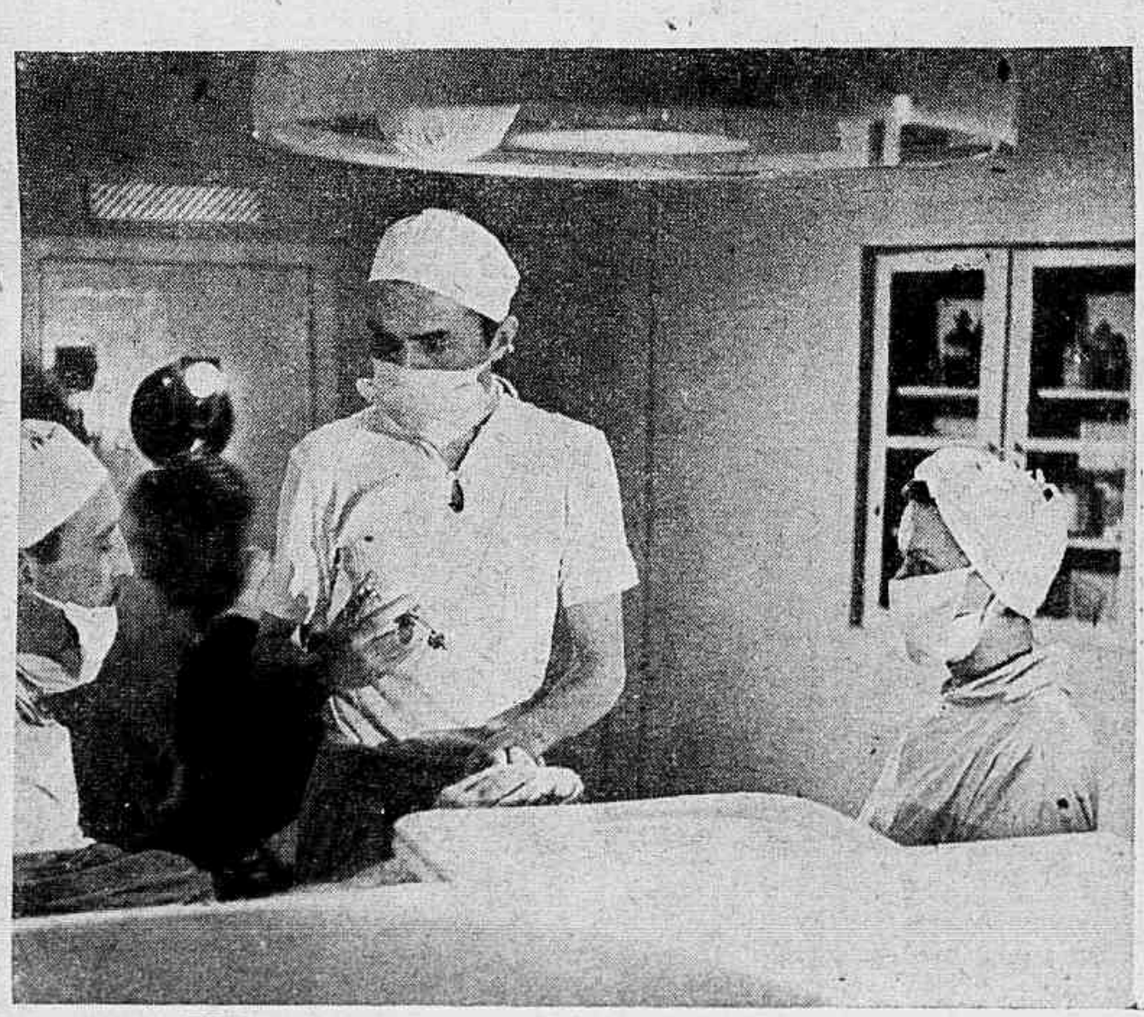


A esquerda: James Mason aguarda, enquanto um empregado ajusta a falsa cabeça a ser operada. A direita: Wilfred Bowman combina com a enfermeira e o médico assistente os instrumentos a serem passados a Mason. A direita: Antes da filmagem, um técnico do estúdio toma medidas enquanto Mason aguarda o momento da ação.

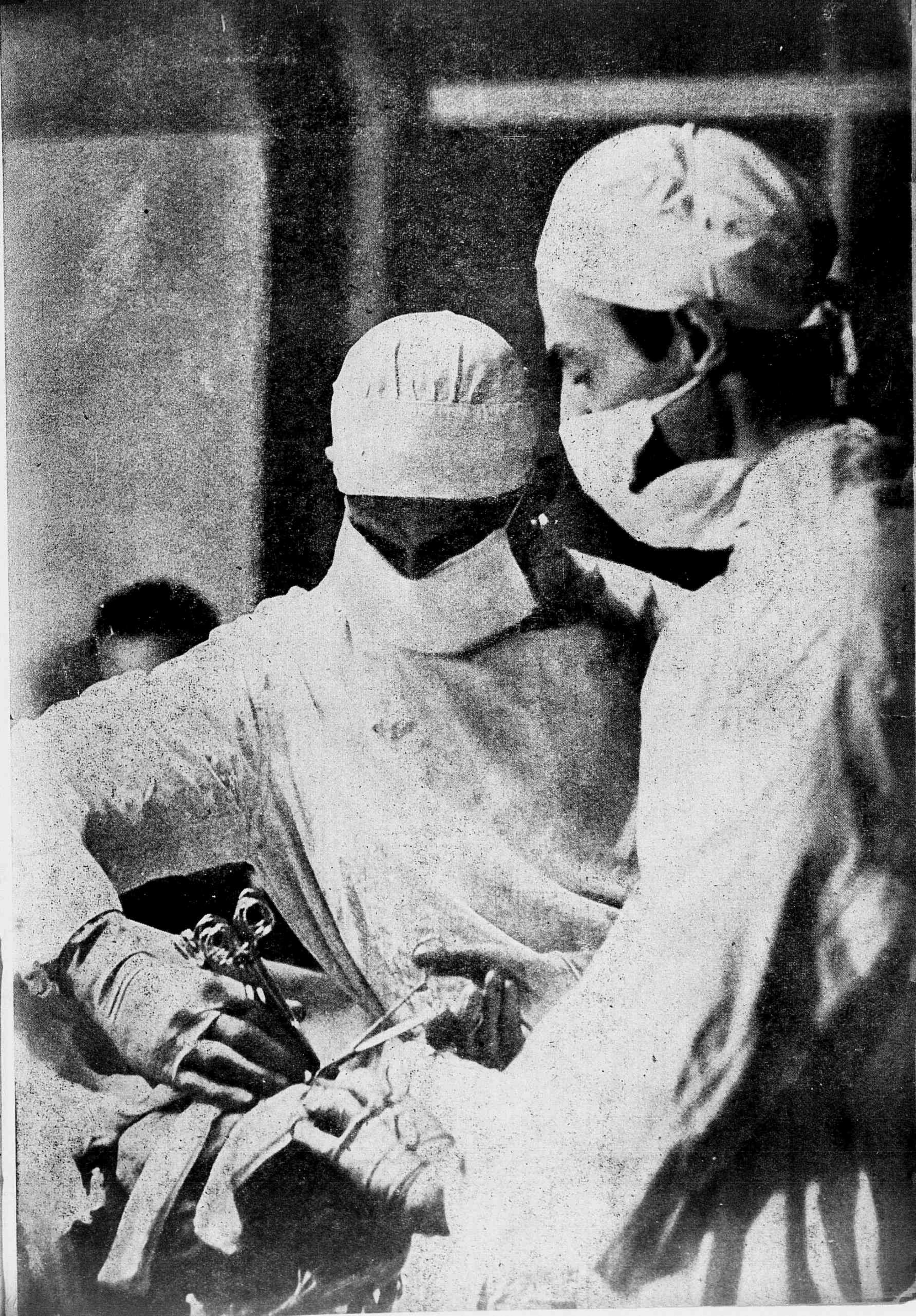




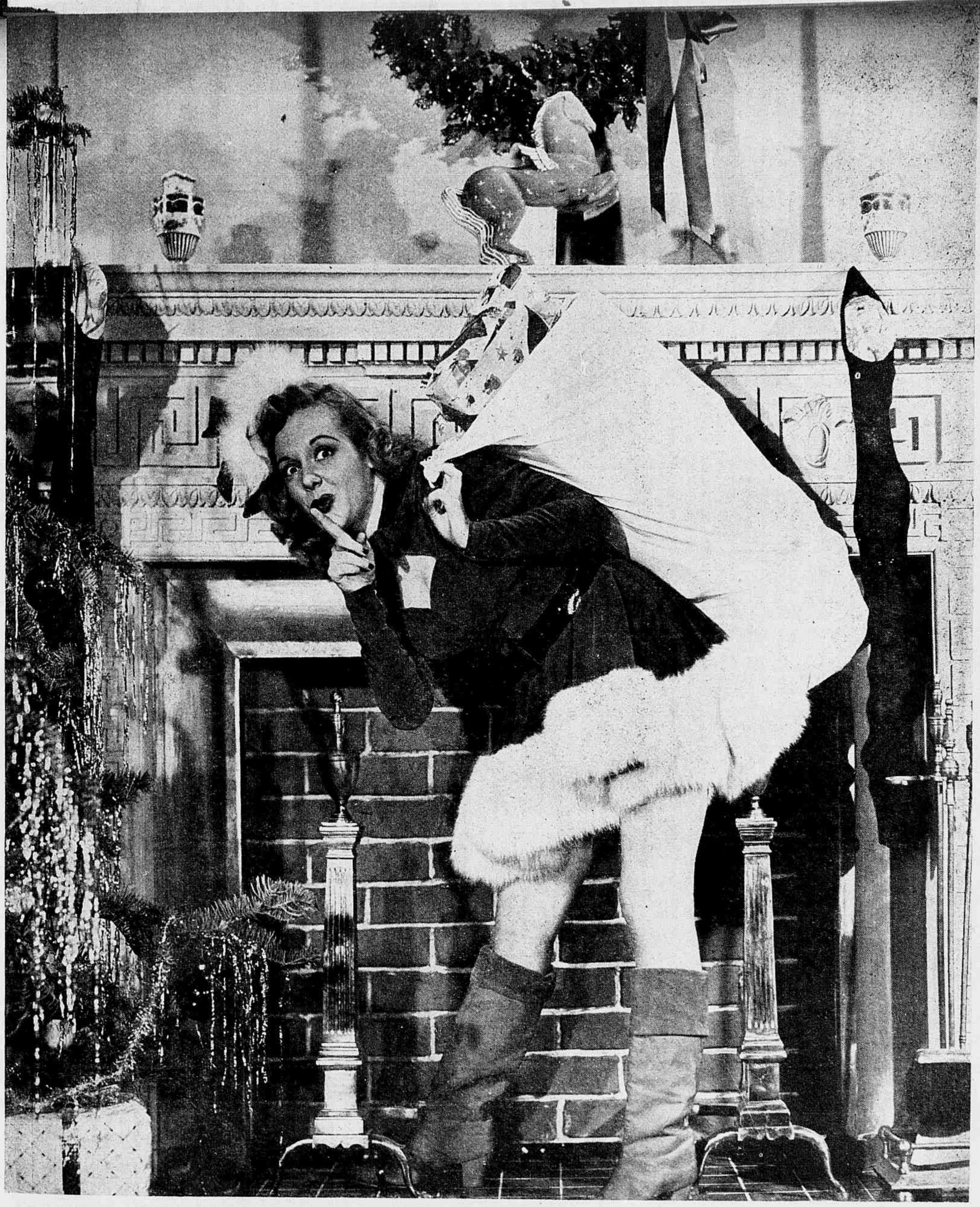
A esquerda: Numeração da cena, feita pelo encarregado, com James Mason pronto para começar a intervenção cirúrgica. A direita: Mason, como o dr. Michael Joyce, pratica o manejo de uma seringa hipodérmica a ser usada na operação que constitui uma das cenas capitais de seu novo filme feito na Inglaterra.



A esquerda: James Mason, assistido por médico e enfermeira verdadeiros que lhe dão instruções sôbre a aplicação da anestesia. A direita: Pamela Kellino (Sra. Mason), que colaborou no argumento de "The Upturned Glass" e que faz um importante papel no filme, observa a fixação da máscara no espôso, já pronto para a filmagem. Na página ao lado: James Mason, como o dr. Michael Joyce, inicia a delicada operação cerebral que salva a vida de uma jovem, cuja cabeça não está recebendo os "cortes" do cirurgião ..



Beleza e sedução
O PREPARADO QUE DÁ "IT"
... "O MAIS EFICIENTE E ACONSELHADO EMBELEZADOR DAS AMERICANAS".
CONVÉM LER COM ATENÇÃO O PROSPECTO E A BULA, QUE ACOMPANHAM O VIDRO, PARA CONHECER TODOS OS SEGREDOS DO USO
RUA OLIMPIO DE MELO, 619-A e B
TELEG. LEITEROSAS — TEL. 48-7660
Rio de Janeiro
Leite de Rosas



Símbolo de fraternidade e de estima são os presentes de Natal que, nesta época, todos nós damos a parentes e amigos. Aqui vemos Virginia Welles encantadora artista da Paramount, em uma alegoria ao Natal, tendo às costas a tradicional e inesgotável sacola de Papai Noel... E que Papai Noel que ela é!

NOS BASTIDORES FEMININOS

HA' nestes dias em que a humanidade não apenas espera a visita de Papai Noel, mas especialmente festeja o nascimento d'Aquele que pregou a Humildade, a Igualdade e a Fraternidade, uma beleza tão elevada e pura à qual não nos podemos furtar. E é essa beleza que nos leva a fazer — sugerimos a você também que o faça — exame em nossas consciências. Um exame honesto e sincero cujos resultados tenhamos coragem para enfrentar. Tudo o que fizemos durante o ano que passou, deverá ser analisado detalhadamente. E' possível que tenhamos feito muita coisa errada por não termos tido tempo de pensar4 As vezes agimos apressadamente e só tarde demais reconhecemos ter errado.

Talvez tenhamos sido um pouco egoistas; talvez tenhamos desprezado uma boa amizade; talvez não tenhamos ajudado como podíamos e devíamos, a um amigo que precisou do nosso auxílio. Talvez tenhamos prejudicado alguém com os nossos comentários levianos; talvez tenhamos sido injustas; talvez não tenhamos sido bastante gratas a quem nos estimou e nos confortou; talvez não tenhamos amado bastante... Pensemos bem em tudo o que fizemos e em tudo o que deixamos de fazer. Nem tudo estará irremediavelmente perdido.

Podemos, si existe realmente bôa vontade corrigir alguns dos nossos êrros. Podemos, por exemplo, reatar laços estremecidos, mesmo com sacrifício do nosso amor próprio e da nossa vaidade; podemos ajudar aqueles que precisam de nós, mesmo que tenhamos que sacrificar o nosso confôrto; podemos retificar opiniões levianas, mesmo que tenhamos que nos retratar; podemos, enfim, substituir a nossa antiga indiferença por um interêsse pelo próximo, e talvez, assim, sejamos mais dignas de receber tôda a beleza que existe nestes dias em que a humanidade festeja o nascimento d.Aquele que pregou a Humildade, a Igualdade e a Fraternidade...KITTY

MAU NEGOCIO

Katherine Cornell, quando ainda adolescente, foi bastante esclarecida por seu pai a respeito de como controlar o dinheiro. Querendo que sua filha soubesse governar suas finanças aconselhou-a a botar suas economias num banco sólido. Katherine, que vivia já absorvida pela idéia de ser atriz, passou pela explicação de seu pai como um passarinho, mas achou a idéia em si muito boa.

As coisas pareciam correr perfeitamente, quando Katherine chamou o pai em particular e lhe declarou gravemente.

— Papai, aquele banco que o senhor me indicou está falido.

O velho Cornell não cabia em si de assombro.

— Como é que você tem coragem de dizer isso? Um banco magnífico!

— Mas veja aqui. Mandei descontar lá um cheque meu de vinte e cinco dólares! Olha só o que êles me mandaram dizer.

E exibiu o cheque, em cujas costas estava assinalado: "Sem Fundos".

EPITÁFIO

Sôbre o túmulo do marechal Ney, sua mulher mandou escrever o seguinte: "Trinta e cinco anos de glória. E um dia de êrro."

ROMANTISMO

A princesa Barbara Nelidoff era grande amiga do czar Nicolau I e havia quem dissesse mesmo que eram amantes.

Quando o czar morreu, a princesa recusou um legado de três milhões de rublos, asseverando que tal cláusula do testamento imperial não podia deixar de ser um engano. A única coisa que aceitou foi um bracelete de ouro, guarnecido por uma estrela de safiras e com a seguinte inscrição, feita em diamantes: "Que esta estrêla ilumine tua vida".

SE A CAMELIA CHEIRASSE

Clara Morris, atriz dos palcos americanos, contava a seguinte história. Há muitos anos atrás, ela representava a "Dama das Camélias". Em determinada cena, Armand Duval devia receber dela uma camélia, como lembrança do seu amor. Quando ia chegando a hora da camélia, Miss Morris notou que a mesma não estava no seu peito, conforme devia estar. Não havia uma única flor em todo o palco. Por mais que vasculhasse os cantos, não descobria nada. Que fazer? Sôbre a mesa de jantar, estavam ainda alguns aipos. Sem vacilar um instante, tomou o coração do aipo, branco e folhudo, disfarçou, fingiu tirá-lo do colo, e entregou-o à Armand como se fôsse a camélia. E seguiu-se êste tocante diálogo:

— Leva contigo esta flor — Disse ela. — A vida de uma camelia é bem curta. E, se for guardada e acariciada, nem mesmo assim durará mais que uma tarde...

E Armand recebendo o aipo retrucou estoicamente:

— E' uma flor fria e sem nenhum aroma. E que flor estranha!

E saiu do palco rescendendo a aipo...

LOTADO

Conta-se que certa ocasião em que cantavam "Fausto", na Opera de Boston, aconteceu um acidente na maquinária do teatro. No momento em que Fausto é conduzido para o inferno, a maquina parou e o cantor ficou entalado, sem descer e sem subir, no meio do caminho. Um segundo durou a comoção do publico ao assistir aquela quebra de continuidade da representação. Mas, logo em seguida, uma velha resmungou de sua frisa:

— Até para entrar no inferno já estão fazendo fila!

PERSEGUIÇAO

Grace Moore, recentemente falecida num desastre de avião, notava que sua criada vivia a cantarolar sempre a mesma ária do "Rigoletto". Mês após mês, era aquela agonia. Um dia perguntou-lhe:

— Por que você vive sempre cantando essa ária?

— Não sei, essa música me persegue, — respondeu a criada.

— Pois deixe de maltratá-la que a perseguição terminará! — garantiu Grace.

(Seleção de L. B., especialmente para "REVISTA DA SEMANA")

CHAPÉUS QUE

DURANTE muitos anos, parece que prevalecia nos criadores de chapéus, a intenção de cobrir o rosto da mulher. O chapéu ora pendia para a frente, ora sôbre a vista esquerda, ora sôbre a direita. Repentinamente, tudo mudou: o chapéu passou a ser uma coisa minúscula, que só se mantinha na cabeça à custa de elásticos e alfinetes. De um ano para cá, no entanto, os chapéus tornaram a ser chapéus! Eles se adaptam bem à cabeça, e portanto, seu uso se tornou também mais confortável. Paris lançou então a moda dos chapéus que dão realce ao rosto. Eles deverão ser uma moldura para a beleza de um rosto feminino. Hollywood seguiu o conselho, e aqui temos alguns modelos criados pelos seus mais famosos desenhistas. Ao alto: modelo em palha dourada, véu de renda preta, enfeites

REALÇAM O ROSTO

em vermelho e verde, modêlo próprio, para qantar. Êste serve para aumentar a sua altura. E' preto, com uma faixa estreita incrustad de pedras. Um leve véu cái do alto da copa, acentuando a inspiração medieval. Criação de Kenneth Hopkins. Em baixo, da esquerda para a direita; "turbant" de extraordinário efeito guarnecido de enfeites dourados. Em "crochet" verde é esta corôa que tem uma parte ao redor do rosto, e sôbre a qual pode passar a gola de um casaco ou um colar. Uma interessante combinação de palha preta e feltro branco. Copa drapeada de maneira original. Caindo sôbre o rosto, fino véu pontilhado de pastilhas de cetim preto. O chapéu com um "ar" do Oriente. E' tipo "turbant", usado bem para trás, é executado em tecido metálico.

"MAMÃE" *

TODOS que a conhecem acabam por chama-la algum dia de "mamãe", com a mesma naturalidade que os duzentos filhos que com ela convivem. A palavra surge do fundo do coração, sem que se saiba como, sem nada artificial, romântico ou convencional.

Não é uma dessas mulheres que prodigalizam conselhos moralizadores. Sua influência surge da própria atmosfera que a envolve, da sua personalidade, da sua obra, sobretudo. Ela não explica como devem ser resolvidos os problemas. Indica tacitamente um caminho.

E' uma das mulheres mais extraordinárias que já conheci. E' uma grande mulher. Como poderia eu deixar de me referir a ela numa coluna destinada a aproximar o leitor das personalidades femininas que se destacam, na vida do país, pelas suas atividades e suas obras?

Entretanto, ela se recusa a dar entrevistas, e não gosta de ver seu nome nos jornais. Sempre repete que deseja que sua obra fale por ela e sòmente sua obra.

Respeito-a imensamente e não me arriscaria a perder a confiança que depositou em mim durante as longas palestras que já tivemos, repetindo-as aqui. Também não posso deixar de lembrá-la nesta seção que ficaria incompleta sem ela.

Por isso não publico sua fotografia, nem mesmo seu nome. Presto-lhe a homenagem da minha afeição e espero que o leitor descubra por si mesmo quem ela é. Não lhe será difícil, pois só existe uma mulher assim no Brasil inteiro.

Descobri sua obra muito tempo antes de me ter aproximado dela. Quando visitei a grande casa, o jardim fresco, as oficinas e o estúdio pela primeira vez, senti imediatamente a felicidade e que provém de uma vida livre e equilibrada. As duzentas crianças com as quais conversei eram seres felizes.

Vi meninos e meninas de tôdas as origens sociais e côres que nem se lembram que não nasceram nesta casa. A maior injustiça que se lhes poderia fazer seria de chamá-los de asilados... Não... têm uma mãe, um lar, irmãos.

Não usam uniforme, escolhem as roupas segundo sua personalidade e também escolhem a profissão de acôrdo com seus dotes. O sapateiro, o marceneiro, a costureira são tão importantes quanto a professora, o futuro pianista ou a futura advogada. As personalidades se afirmam e se desenvolvem graças à atmosfera de camaradagem e compreensão de um lar verdadeiro dirigido por uma mãe inteligente que não admite complexos.

Muitas das crianças escolheram a profissão de bailarina e o conjunto coreográfico que tanto foi aplaudido há pouco no Teatro Fenix, está atuando na Argentina e já recebeu um convite de Paris, só poderia ter brotado nesta atmosfera.

E a estrêla prepara o jantar após ter recebido os aplausos, como o marceneiro aprende inglês, como a costureira recebe uma educação geral. E são as próprias crianças que recebem os convidados e organizam as festinhas, o que é natural pois a casa não é delas? Mamãe quer criar personalidades completas, dar-lhes a todos uma boa instrução e uma base moral sérias para que, mais tarde sejam verdadeiros cidadãos do seu país e do mundo: donas de casa, companheiras e mães conscientes, homens responsáveis e ativos.

Quem conhece a casa perde seu coração nela e nunca deixa de voltar. Basta empurrar o portão. Está sempre aberto pois nada há que esconder. Peço aos meus leitores procurá-lo. Tornar-se-ão rapidamente amigos de uma obra que poderia, se fosse ampliada, resolver o problema da infância desamparada e infeliz, quer dizer da pior monstruosidade existindo num mundo que se pretende civilizado.

Quando entrei neste lar, pela primeira vez, para fazer uma reportagem, esqueci-me de tudo e permaneci com as crianças durante longas horas, pois encontrara, pela primeira vez, crianças, tendo tôdas um olhar franco, desembaraçado sem ser atrevido e, principalmente, crianças que respiravam a felicidade. Quando conheci mamãe mais tarde, prometi-lhe que penetrava nessa casa como amiga e não como jornalista.

Não podia, entretanto deixar de saudá-la. Nunca escrevi nada com mais ternura e emoção que estas linhas dedicadas a uma mãe que o Brasil pode orgulhar-se de possuir.

YVONNE JEAN

(*) A "mamãe", a quem se refere a nossa cronista, é dona Clotilde Guimarães, animadora dessa obra admiravel que é a União das Operárias de Jesus. Divulgamos o seu nome, contra recomendação expressa da nossa colaboradora, — mas não podemos ir ao ponto de violar ainda mais o recato da ilustre dama com a publicação de um retrato. Não o temos, nem os possúi qualquer outra redação desta capital.

O OLHOMETRO

FOI em maio dêste ano; a professora dissera categòricamente à mãe da criança, que a menina era incapaz de aprender a ler e a escrever; isto é, afirmara, indiretamente que a menor era uma débil mental profunda.

Muito aflita e preocupada, com justa razão, como podem avaliar, a mãe da menina procurou-me, para que a aconselhasse sôbre o caminho a seguir. Examinei o caso à luz de testes de inteligência, e verifiquei que não se tratava, absolutamente, de um retardamento mental, o indivíduo em questão poderia aprender a ler vencer todo o curso primário e até o secundário; parei aí, e deixei que o tempo falasse com mais segurança para o futuro; não se tratava, é verdade, de uma inteligência brilhante, mas de um nível mediano, apresentando dificuldades na escolaridade mais de ordem emocional.

Por que, então, a conclusão decisiva da mestra? Em que se baseara ela para tão terrível diagnóstico? O culpado de tudo era simplesmente o olhômetro.

Sabem o que seja isto? Poderá alguém imaginar que estranho aparelho possa ser o olhômetro, que classifica de débeis ou malucos todos aqueles que opõem resistências inesperadas e psicólogos amadores? Pois fiquem sabendo, que se trata apenas do ôlho humano, que, num relance de olhos, num tomar de distâncias é suficiente para que se estabeleçam os mais errôneos e avançados julgamentos. Assim como mundo se intitula médico e nos receita mesinhas para qualquer sintoma alegado, há também os psiquiatras e psicólogos de algibeira, que distribuem diagnóticos de sanidade mental e burrice a torto e a direito.

Na escola é muito comum ver-se a criança travessa e insubordinada ser tida como anormal, e dificuldades de aprendizagem, decorrentes, às vezes, de sub-alimentação ou imaturidade, consideradas como deficit mental. Estes juizos apressados e imprudentes que se fazem com a máxima facilidade prejudicam imensamente, como podemos imaginar, a formação moral e intelectual das crianças.

A menina do caso em questão, julgada pouco inteligente, ouvia os comentários travados a seu respeito e me disse textualmente, que "não dava mais para nada", numa desolada e confrangedora expressão para o seu depoimento de garota de sete anos.

Na realidade era um sêr muito tímido, inibido por uma gagueira intermitente, que lhe diminuia as possibilidades de contacto social; acrescia ainda o fato de ser uma menina pobre, com um ambiente muito limitado: não conhecia dinheiro; não sabia ver horas e várias noções da vida lhe eram desconhecidas; mas o patrimônio intelectual, virgem e inexplorada, era normal, mediano, esperando, apenas, ser desbravado pela cultura.

A criança foi colocada sob a direção de outra professora em outra turma, mudando-se as condições do ambiente afim de que não se repetisse a situação de inferioridade que vinha sofrendo; aconselhei à mãe, que ministrasse vários ensinamentos sociais à menina, mais por meio de palestras e passeios, que por imposição educativa: exercícios adequados para a gagueira foram indicados, e o resultado não se fez esperar: quatro meses depois a criança já dominava firmemente o mecanismo da leitura e escrita e sentia-se também integrada e feliz na escola.

★

Este fato, que foi trazido de início ao nosso conhecimento e que acompanhamos de perto, demonstra a necessidade premente de uma orientação educacional especializada nas escolas primárias e secundárias; orientação feita de acôrdo com os princípios científicos de hoje: estudo consciencioso do indivíduo, do meio em que vive e das condições em que atua no ambiente. Sòmente a especialização impediria as consequências desastrosas do olhômetro, porque ficaria claro que pais e mestres deveriam recorrer aos serviços dos orientadores, quando a criança estivesse em apuros, tendo sempre presente o aviso de Apeles: — "Não suba o sapateiro além do calçado."

ZOIA DE LAET

FIGURINOS VARIADOS

Na página ao lado: Para o bebê, nada mais encantador do que êste camisolão longo guarnecido de "ruches" e rendas. Accessórios iguais. Para a menininha de três anos aqui está um modêlo bem festivo. A gola é redonda, caindo sôbre os ombros. Para a festa escolar, modêlo para menina de feitio bem interessante. Em tecido estampado é êste gracioso modelinho guarnecido de renda. O primeiro é de baile. Cheio de encanto e jovialidade é êste modêlo para moçinha. Nesta página: Modêlo de grande efeito, com grandes babados na sáia. Babado também ao redor do decote e caindo em forma de mangas. Muito original êste modêlo com babados "godet". Uma audaciosa combinação de "linon" claro com renda preta. Bastante juvenil é êste modêlo feito em algodão estampado. Flores à cintura.

LIÇÕES DO SOFRIMENTO

NINGUÉM pode gostar do sofrimento, é claro, a não ser que tenha algum macaquinho no sótão. Por buscarmos tanto a felicidade, tendência natural da vida, deixamos muitas vezes, no entanto, de aproveitar as lições esplêndidas que o sofrimento nos pode dar. Fugimos tão ràpidamente a qualquer sensação dolorosa que não nos proporcionamos a oportunidade de aprender os caminhos melhores que essa dor, talvez, nos fosse revelar. Estamos tão ansiosos por felicidade que muitas vezes a situamos no gôzo de prazeres inferiores e imediatos, e não concedemos ao nosso espírito a experiência que sòmente certos sofrimentos nos podem trazer. Como não nos é permitido ser permanentemente felizes, contentamo-nos com uma rasa meia-felicidade, e perdemos a descida às profundidades amargas do sofrimento, de onde olharíamos de uma perspectiva valorizadora as alturas das alegrias já vividas e as das ainda em promessa. Quando crianças, sabemos aprender. Se vemos pela primeira vez uma chama, de labaredas fascinadoras, e nela desejamos pôr a mão, logo depois da queimadura o que fazemos? — choramos, choramos até não poder mais, pedimos a alguém que nos ponha remédio na pele queimada, e conservamos consigo a lembrança de que fogo não é para se pegar. Tôdas as vezes em que deparamos com a beleza de uma chama, daí por diante, nos limitaremos a admirá-la e a... passar o mais longe possível.

Nós, adultos, não agimos com a mesma inteligência instintiva. Queimamo-nos hoje no fogo de uma tentativa, cujo resultado só poderia mesmo ser bolhas e dores, mas não choramos nem observamos a causa da queimadura: passamos uma pomada qualquer por sôbre a ferida — em geral a pomada de um cinema, de uma festa ou de uma bebedeira — e procuramos esquecer, esquecer simplesmente a experiência desastrosa. Resultado: dali a pouco encontramos fogo exatamente igual ao primeiro que nos queimou, mas como já conseguimos nos esquecer do que aconteceu, ou soubemos atribuir a queimadura ao azar, a circunstâncias outras que não o próprio fogo, nele botamos novamente a mão e — não, não nos queimamos outra vez! Não foi nada! Esquecemos tudo novamente, indo ao cinema...

E' pena que estejamos indo sempre ao cinema, aos bailes e às bebedeiras, escondendo dos outros e de nós mesmos a mão dolorida, envolta em pomada, a mão que desejamos esquecer a todo transe. Se ficássemos um pouco em casa olhando para a queimadura, meditando sôbre a lamentável ignorância que nos fez levar mais uma vez a mão ao fogo, chegaríamos a uma compreensão muito mais profunda da vida. Perceberíamos o quanto somos fracos e tolos, o quanto precisamos de compreensão e de tolerância. E isso nos levaria a ter mais compreensão e tolerância para com os outros, tornando-nos assim mais sérios, mais justos, mais humanos. Aquele que compreende e aprofunda a sua dor sabe avaliar em tôda a extensão a imensa precariedade dos homens e das coisas: não será êle quem atire a primeira pedra.

"O sofrimento aperfeiçoa", dizem as religiões. "Aperfeiçoa apenas os que forem capazes de enfrentá-lo e compreendê-lo", dizemos nós. Sim, porque o homem comum, ao se defrontar com a dor, inesperada e aparentemente injusta, muitas vezes, se entrega à revolta e ao desespêro. Recorre às imprecações, à inveja dos que são menos infelizes, ao ódio, e, frequentemente, à ilusória libertação pelo suicídio. Podemos nos libertar pelo suicídio, sim, mas não matando o nosso corpo. Só nos suicidamos proveitosamente quando aniquilamos aquelas partes do nosso espírito que nos envergonham e que são responsáveis pelos atos que nos prejudicam. Sòmente os fortes, sòmente os que aprenderam a olhar fundo para si e para a vida, conseguem fazer do sofrimento um degráu acima na escada do aperfeiçoamento.

Ainda são muito poucos, os que sabem tirar do sofrimento as grandes lições que só êle pode dar. Os outros, em maioria, pensam apenas no que julgam estar perdendo — um amor, uma posição, uma quantia em dinheiro, a saúde. Não sabem que a única realidade para êles é êles mesmos, e que a única perda verdadeira é a de si próprios. Quando o homem sabe sofrer, se enriquece, porque melhora, purifica e eleva a sua alma — essência eterna de sua personalidade, de passagem por esta terra a caminho da Luz que a espera ao fim do caminho.

CONFIDENTE

CORRESPONDÊNCIA:

CIDINHA — Valença — Vir para o Rio não é solução. A vida aqui está horrível para quem não tem muitos recursos. Venha, mas a passeio. Temos certeza de que aí conseguirá viver muito melhor.

J. F. N. — Correias — Compreendemos a sua situação, e de coração a acompanhamos. Leia o artiguete acima. Foi escrito para você. Continúe mandando notícias.

VOCÊ poderá proporcionar à sua família uma alegre noite de Natal, organizando uma ceia farta e deliciosa onde, naturalmente, não faltará o clássico perú. Há diversas maneiras de prepará-lo e uma delas é a que sugerimos aqui. Além do perú, você poderá fazer um gostosíssimo pudim de castanhas, um bolo especial para Natal, e completar a ceia com as indispensáveis rabanadas, os figos recheiados, as amendoas, as nozes, as avelãs, etc. O vinho é indispensável nestas ocasiões, de preferência o tinto, com o qual você poderá também regar as fatias geladas de abacaxí. Enfeite bem a sua mesa e a sua sala; faça a sua arvore, por pequena que seja: embrulhe os seus presentes com papel vistoso, afim de que tudo reunido dê à sua casa um aspecto alegre e festivo. Faça tudo o que estiver ao seu alcance para que os seus se sintam felizes e, certamente com isso você também se sentirá feliz pois não há felicidade maior para uma dona de casa do que saber que os seus são felizes no ambiente que ela lhes proporciona.

*

PERÚ RECHEIADO À TURCA

Trata-se, tempera-se e prepara-se o perú. À parte cozinham-se 4 colheres das de sopa de arroz, em água e sal a ferver em seguida escorre-se, põe-se o arroz numa tijela e juntam-se-lhe 2 chícaras das de chá, de castanhas cozidas e picadas em pedacinhos, 1/2 chícara de passas lavadas e enxutas, 2 colheres, das de sopa, de nozes torradas e sem a pele e 100 grs. de manteiga. Tempera-se tudo com sal e pimenta e com êste recheio recheia-se o perú. Cose-se com um fio grosso. Unta-se todo com banha e coloca-se numa assadeira também untada, levando-se ao fôrno para assar, tendo-se o cuidado de regar de vez em quando com a banha derretida.

*

PUDIM DE CASTANHAS

Ingredientes: 250 grs. de açúcar; 200 grs. de castanhas; 150 grs. de creme de leiteria; 100 grs. de passas; 100 grs. de frutas secas; 4 chícaras das de chá, de leite, 4 folhas de gelatina branca; 1 cálice de vinho do Porto; 1 cálice de licor de cacau; 1 colher das de chá, de maizena; 1 colher, das de chá, de essência de baunilha; 8 gemas; 4 claras.

Preparação: Põe-se o açúcar e as gemas em uma caçarola e batem-se até ficarem na consistência de gemada. Juntam-se-lhe a maizena e o leite anteriormente fervido com a baunilha. Leva-se tudo ao fogo mexendo-se e quando ao levantar a colher ela ficar coberta de creme, retira-se do fogo e deixa-se esfriar. Acrescentam-se as castanhas cozidas e passadas na máquina de carne, as passas sem os caroços, as frutas embebidas no vinho; o creme de leiteria prèviamente batido com o licôr de cacau, as folhas de gelatina dissolvidas em meia chícara de água morna e as claras batidas em neve. Mistura-se tudo muito bem e despeja-se numa fôrma de alumínio forrada com papel molhado. Leva-se para gelar e depois enfeita-se com castanhas passadas em calda grossa e açúcar cristal.

*

BOLO DE NATAL

Este bolo compõe-se de três bolos de tamanho e côres diferentes. O primeiro é escuro; o segundo é branco, o terceiro amarelo. Depois de assados, colocam-se um sôbre o outro e unem-se com um glacé de frutas. Depois cobrem-se com glacê branco e enfeita-se com ramagens de glacê verde posto na máquina de confeitar e cachinhos de cerejas "confitis".

*

TORTA DE CHOCOLATE COM NOZES

Ingredientes: 150 grs. de açúcar; 150 grs. de farinha de trigo; 150 grs. de manteiga; 100 grs. de nozes descascadas; 1 chícara das de chá, de leite; 2 colheres das de chá, de fermento em pó; 5 colheres, das de sopa, de chocolate em pó e 7 ovos.

Preparação: — Batem-se os ovos com o açúcar e depois adiciona-se-lhes a manteiga anteriormente derretida; continuando-se a bater, juntam-se-lhes aos poucos a farinha peneirada três vêzes com o fermento, o chocolate, as nozes picadas, o leite. Mistura-se tudo e põe-se em duas formas pequenas untadas com manteiga. Assa-se em forno regularmente quente. Depois de assada e fria, tira-se das fôormas, cobre-se com glacê branco e enfeita-se com nozes.

FÉRIAS

Terminado êsse período de festas, você naturalmente quererá descansar. Irá a uma estação de águas, ou então preferirá repousar numa fazenda. De qualquer forma, deixará, por alguns dias, as suas "toilettes" sofisticadas, trocando-as por essas roupas simples, juvenis e alegres, completando, assim, o seu descanso. Para o seu guarda-roupa de férias, encontramos os trajes ideais.

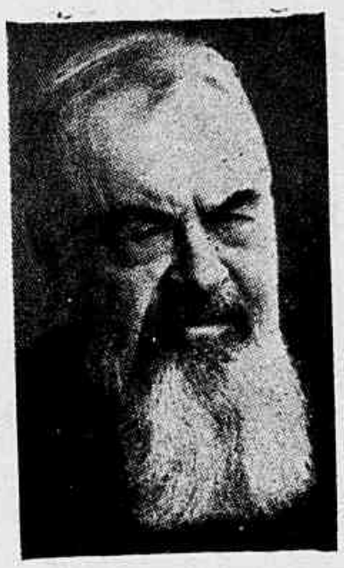
Ao alto: Jane Frazer usa uma blusa estampada, sem gola, com uma calça de panamá branco abaixo dos joelhos. Já Catherine McLeod prefere um vestido estampado simples e prático. Para êsses trajes, deve-se preferir sempre as cores vivas. Em baixo: Novamente Catherine McLeod, "estrelinha da Republic, exibindo, desta vez, um audacioso "short" duas-peças, próprio para o próximo verão. O modêlo poderá ser executado em linho estampado ou linon. Desenhos vivos e alegres, inspirados em motivos indígenas. Ao seu lado, Vera Ralston com um vestido de largas listras vermelhas e brancas.

CABEÇAS

Para as suas festas você com certeza procurará realçar ainda mais os seus encantos. O penteado é de suma importância, devendo estar de acôrdo com o seu tipo, a sua idade e com o traje que você irá vestir. Um penteado elegante é um complemento indispensável à elegância feminina, cabelos bem cuidados e penteados substituem perfeitamente os chapéus em qualquer ocasião. Aqui apresentamos às leitoras vários penteados para todos os tipos.

Ao alto: para as morenas de cabelos castanhos, é êste penteado de Jane Wyman, da Warner Bros. Seu rosto é quase triangular, seus olhos castanho-claros. Em baixo vemos quatro interessantes modêlos. Nos dois primeiros temos: outro penteado ideal para as morenas de cabelos castanhos. Marie Johnson, a nova "descoberta" da RKO tem rosto oval e olhos castanho-escuros. Tez morena, cabelos escuros, olhos verdes. Esta é Peggy Stewart, da Republic. Em baixo: Para as louras de olhos azuis, como Jacqueline White, da RKO, aí temos um penteado de ondas. Virginia Field, da Paramount, é loura, de olhos azuis. Seu cabelo é estirado para trás, formando pagem. Para completar sua "toilette" de jantar ela usa uma espécie de "turban" preto coberto com renda preta e dourada.

O humorista Tristan Bernard



Certo dia, Tristan Bernard, que acaba de morrer aos 81 anos, em Paris, foi liquidar sua conta corrente no Banco de França. Ao sair, avistando um soldado que, na sua guarita, atestava a vigilância do Poder Público pelos haveres ali depositados, disse-lhe: — "Agora, meu amigo, pode se retirar..."

Era assim a graça de Tristan Bernard, que o tornara, por consenso unânime da opinião, "o humorista nacional da França", ou, como diziam outros, "o nosso Tristan nacional".

Falava-lhe outra vez alguém de uma cidade polonesa, destruída por um terremoto. Um dêsses nomes arrevezados, em que raras vogais sossobram na invasão das consoantes.

O humorista pergunta: Como é que se chamava esta cidade antes da catástrofe?

De outra feita, aconselha um colega que se confessa estafado pelo ofício de fabricar romances sôbre romances, para defender o bife cotidiano: "Nada mais fácil, meu caro. Você manda traduzir um dos seus livros para o chinês, e depois faz vertê-lo novamente para o francês. Terá assim um novo livro". Haverá ilustração mais maliciosa — e cruel — do eterno "traduttore, traditore"...? Foi êsse o Tristan Bernard que puxou o outro, ou os outros, para o galarim da notoriedade.

Os outros? Sim. Enumeremo-los: 2.º, o autor das palavras cruzadas, distração sôrna, que êle conseguiu transformar num exercício permanente de humour. 3.º, o humorista pròpriamente dito, o auteur gai, como se dizia pelas alturas de 1900, ao lado de Courteline, Pierre Veber, Allais e tantos outros. Um humorista onde já se revelava o colecionador de ridículos e fraquezas, que desabrocharia, no teatro e na ficção, em tantas obras perdurável. Criou com elas um pequeno mundo, rico de psicologia humana, como o pequeno mundo de Duvernois — exato, veraz e divertido. 4.º, o contista, com a realização de **Amants et Voleurs**, onde sobram as pequenas obras primas. O 5.º, o literato esportivo que nos deu o romance do boxe em **Nicolas Bergère**, e bordou o automobilismo, ainda no ovo, de episódios ridentíssimos, como diria Camilo, em **Les Veillée d'un Chauffeur**. 6.º, o romancista. Cite-se em primeiro lugar as **Memoires d'un Jeune Homme Rangé** e **Un Mari Pacifique**, díptico que ficará como narração modelar da vida obscura de uma dessas personagens tímidas, oscilantes e sempre à beira do fracasso que nunca vem, a que Tristan Bernard tanto se afeiçoou. Outros romances (alguns deliciosos): **Deux Amateurs de Femmes, Féerie Bourgeoise, Paris-Secret, Hirondelles de Plage**, e outros, muitos outros. 7.º, o romancista policial, com **Mathilde et ses mitaines, Aux Abois** (estudo de mais um indeciso), etc. 8.º, o teatrólogo — Em lugar de honra **"Triplepatte"**, um doente de vontade, que saiu, nota Gourmont, dos livros de Ribot, o grande analista dessas deficiências. Temos depois **Le Petit Café** (O Café do Felisberto), que vimos interpretado por Leopoldo Fróes; **"M. Codomat"**, que solenemente casa a filha com o jovem, rico e inexperiente amante de uma linda dama de vida solta, e solenemente toma o seu lugar: a extraordinária **Ecole du Piston** (pistolão), onde se demonstra — e é verdade — que para resolver um caso complicado, um contínuo vale mais que um ministro, e um funcionário apagado que o chefe todo poderoso de uma emprêsa ou repartição; a inenarrável **"Peie do Urso"** (deve-se vender a pele do urso antes de matá-lo), e tantas outras!

Já temos até aqui oito facetas dêsse espírito proteu, dêsse infatigável trabalhador. Poderíamos anotar mais o cronista, o colaborador de tôdas as gazetas esportivas, e das grandes folhas parisiense, até do gravibundo **"Temps"**, onde publicou saborosos artigos sôbre o teatro; o autor de **"Auteurs, Acteurs, Spectateurs"**, do **"Théatre sans directeur"** e de "sketches" maravilhosos.

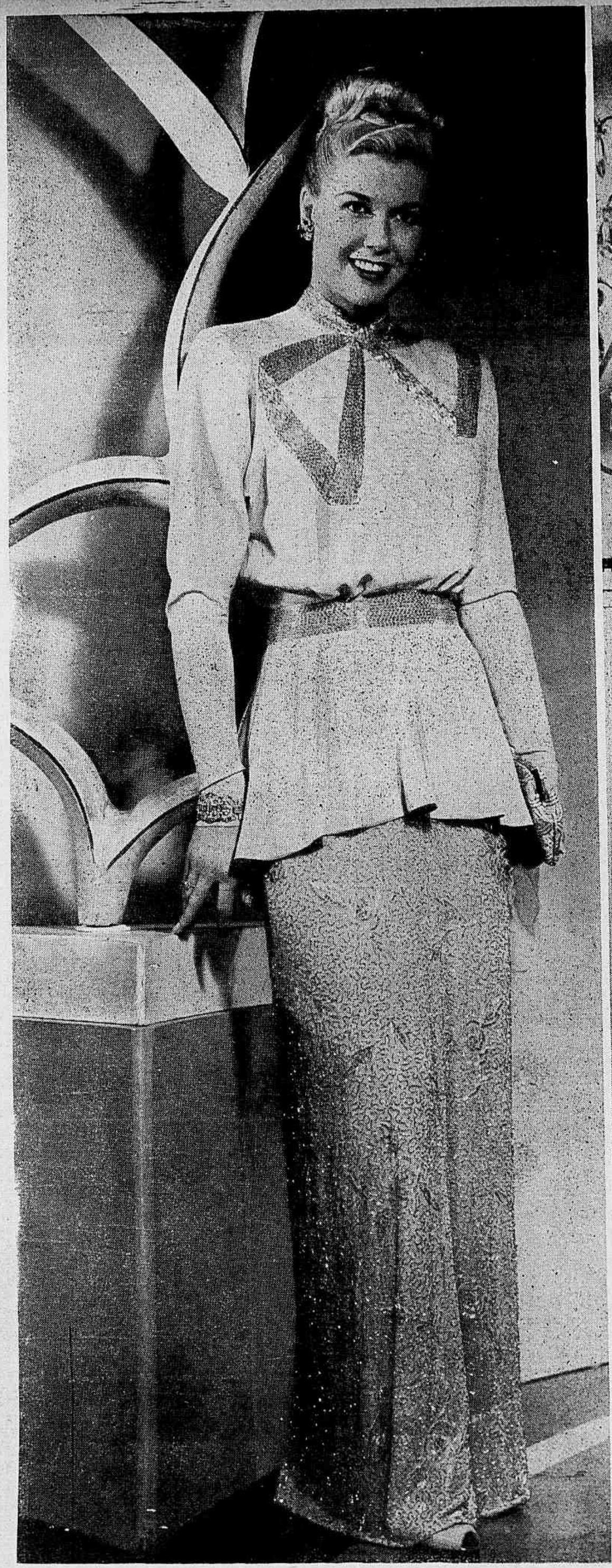
Também comentou a grande guerra mundial — a primeira. Quando veio a segunda, já estava velho. Foi preso pelos alemães, por ser judeu, e esteve num campo de concentração.

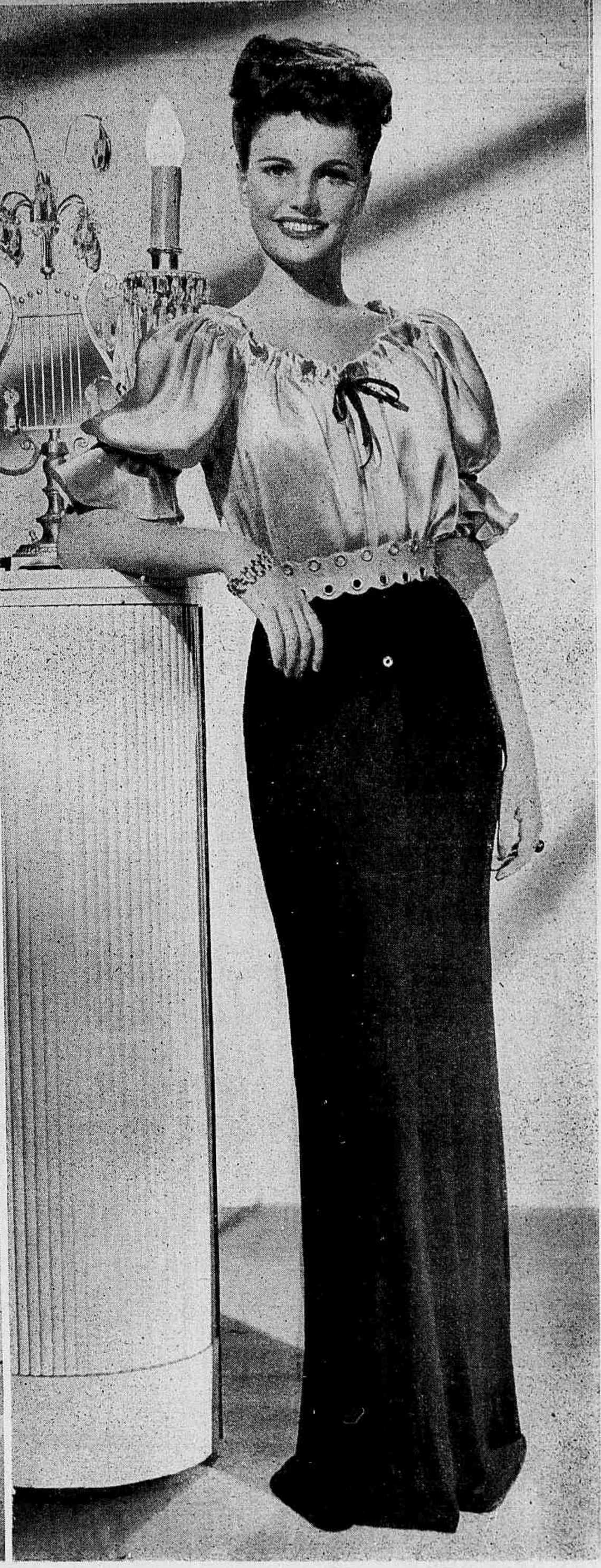
Tristan Bernard, como se viu, morreu muito velho, e ao que presumo, em pleno vigôr intelectual.

Ao completar 80 anos, foi isto em 7 de setembro de 1946, contou que o seu confrade e amigo Miguel Zamacois, nascera um dia depois dêle, em 8 de setembro de 1866, e então, quando acontecia divergirem de opinião, costumava dizer-lhe:

— Bom, você julgará melhor, amanhã, quando tiver a minha idade.

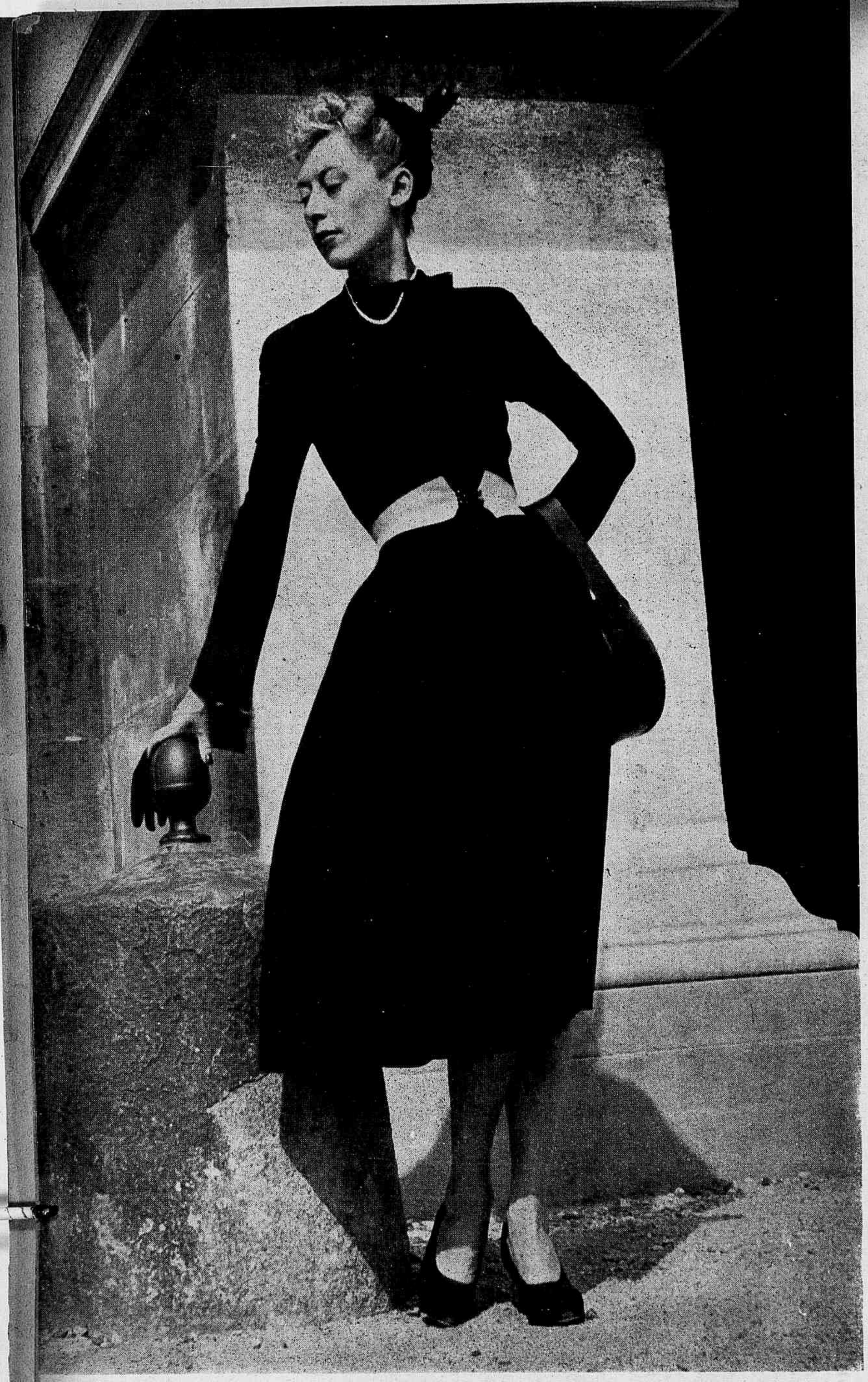
ANTONIO NORONHA SANTOS





NOITES DE GALA

Para a maravilhosa noite de São Silvestre, vocês encontrarão aqui elegantíssimas sugestões, vindas de Hollywood e apresentadas por algumas das suas mais encantadoras figuras. Ao alto, à esquerda: Agora é Doris Lay, numa criação de Milo Anderson. A sáia é de seda rosa claro, tôda bordada em missangas prateadas. O blusão é feito no mesmo tecido, com cinto, gola e grande laço na frente, formados por vidrilhos também prateados. À direita. Ainda para as mais jovens é êste modêlo de Geraldine Brooks, com sáia de jersey preto e blusa de cetim rosa. Decote redondo, laço de veludo. Cinto com ilhoses dourados. Na página ao lado, ao alto: Para as mais jovens, Dorothy Malone, da Warner Bros., sugere êste graciosíssimo modelo feito em jersey vermelho para a curta blusa e tafetá vermelho e branco para o restante da blusa e sáia. Completando, chale também em jersey vermelho. E agora: Maria Elena Marques, "estrela" do cinema mexicano, contratada por John Ford, apresenta-se aqui no seu modelo de seda estampada. O fundo é branco e as ramagens vermelhas e verdes. Em baixo. O modelo de Phyllis Calvert, da Universal-International, é feito em cassa suiça branca. Mangas "bouffante", babado godet ao redor do decote, largo babado franzido na sáia. Faixa de cetim rosa. Um "duas-peças" muito elegante de Eleanor Parker, da Warner Bros. Pregas internas dão maior amplitude às mangas "kimonos". As mangas são bordadas quase à altura do ombro. Sáia justa, aberta na frente.



ELOGIO À SOBRIEDADE

Por OLGA OBRY

(MODELOS DE MOLYNEUX)

Ao lado: vestido de tarde em lã preta com cinturão de lã beige fechado com um grande colchete dourado na frente. Pequeno chapéu de tiras de feltro preto entrelaçadas com pena preta. À direita: Modêlo de noite com grande decote e túnica embutida, de cetim azul pálido. (Modelos de Molyneux).

★

PARIS, (Pela "Panair") — Dezembro — O nome de cada costureiro está ligado nas memória daquele que se preocupam com o desenvolvimento da moda a um estilo pessoal, um certo modo de ver a silhueta feminina de interpretá-la, de imprimir-lhe o sigilo do tempo em que vivemos, como também a êste a moda imprime os seus "sinais particulares", os traços físicos com que uma época há de entrar na história. Assim a palavra "Molyneux" ficou símbolo, quase que sinônimo da palavra sobriedade... aquela sobriedade aristocrática, cheia de requintes, de achados, de imaginação, de elegância, de graça, de distinção, de tato, que caracteriza os modêlos desta casa. Como todos os modelistas parisienses, Molyneux teve que tomar posição na grande luta pela vitória da nova silhueta. Ele o fez, como sempre, com muita discreção e juizo, embora resolutamente e sem ambiguidade. Abandonou os ombros estofados e as sáias curtas, atributos da moda de ontem. Adotou a cintura de vespa, as ancas volumosas, a cava baixa que alarga os ombros sem necessidade de acentuá-los com "tarzães" e outros artifícios, a nova suntuosidade nas toiletes de noite, com grandes decotes, caudas, babados, túnicas e tecidos rígidos e ricos. Para usar êstes modêlos com a devida "allure" tornou-se imprescindível o uso do novo colete de "barbatanas", a "guêpière" que afina a cintura, ressaltando as cadeiras. Não traz, ao que dizem, desconforto algum e quem se acostumou a usá-lo não quer mais saber de outra coisa: as mulheres têm sua lógica própria, achando sempre confortável o que a moda exigir para estarem "à la page"...

Os vestidos de dia criados por Molyneux são pretos ou em tons discretos cinzentos, beige e um amarelo ocra apagado e nada vistoso. Uma nota original são os enfeites beige claro — em vez do branco — nos vestidos pretos, gola e punhos, por exemplo, ou um cinto largo, tipo "corselet", como se vê na fotografia estampada aqui ao lado. As sáias são franzidas, plissadas ou pregueadas, às vezes com largos "machos" presos na cintura e não passados a ferro, abrindo para baixo. As mangas, saindo de uma cava larga, ficam estreitas acima do cotovelo. Há bolsos volumosos e golas pequenas, rente ao pescoço, com pequenas gravatas borboleta. Os casacos de peles estão quase ausentes desta coleção embora luxuosa. Entretanto, os casacos de lã ostentam largas lapelas de pele, e, às vezes, estão inteiramente forrados de pele, lembrando aqueles de há vinte anos — 1925 mais ou menos — que davam um ar de bem estar nos dias frios do inverno europeu. Entre os modelos de noite, notamos um de túnica dupla, dividindo a sáia em três "andares". Outro, sôbre um fôrro estreito e fendido, tinha uma sôbre-sáia de renda ampla, muito armada nas ancas (bem abaixo da cintura), e descendo apenas até os tornozelos. Entretanto, o mais típico vestido de noite desta temporada é de cetim pesado, de pouco brilho, em côres claras e baças, "vieux rose", cinza pérola, ou de brochado onde se misturam os azuis acinzentados, o rosa pálido, o beige dourado. Já bastante pomposos em si, êstes tecidos exigem um feitio sóbrio e nítido, como aquele da toilette de gala que escolhemos entre muitas outras do mesmo estilo. Pequenos boleros que não atingem a cintura e têm mangas esbeltas e compridas transformam, às vezes, tais modelos de baile muito decotados em vestidos de jantar. Em resumo; a nova coleção Molyneux é, uma vez mais, um elogio da sobriedade e do bom gôsto, aliados a uma imaginação inesgotável nos pormenores, que sòmente um olhar experimentado será capaz de enxergar.

A MANCHA NÃO SE apaga

Conto de JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

(Escritor português — Autor de "PÁSCOA FELIZ" e "CASA DE RICOS")

Ilustração de ARMANDO MOURA

— "OBRIGADO, doutor, estou bem aqui. Está-se aqui bem. Doutor, eu sinto-me doente... Venho pedir-lhe um conselho, um remédio, uma palavra que me dê a calma, se a cura não é possível... Há dois anos, há dois anos que sofro... Calado, escondendo o meu remorso e a minha dor... Dois anos! Não posso mais... Onde me levará esta obsessão? Quero explicar-lhe... São dez minutos. Tem dez minutos para me ouvir? Ouça-me, então. Seja indulgente! Eu não estou louco, **ainda** não estou louco! Não se trata duma aventura imaginária. Eu tenho a prova, trago-a sempre comigo, a horrível prova do meu êrro ou do meu crime... Bem, bem, ouça-me então... Eu tinha um amigo, talvez o doutor se recorde, Norberto Maia, conheceu-o? Esse mesmo. Quém o não conheceu? Pois bem, foi êle o meu melhor, talvez o meu único amigo. Conhecemo-nos em Gand, onde fizemos lado a lado os nossos estudos — êle o direito, e eu a engenharia. Não sei bem o que nos ligou, talvez os contrastes das nossas vidas, dos nossos caracteres, dos nossos interêsses... Talvez o simples fato de nos encontrarmos numa terra estranha, que por tantos motivos nos era querida. ..Não sei. Ligou-nos depressa uma viva e estreita amizade. Êle era rico, eu era extremamente pobre. Êle gastava à larga a magnífica pensão que os pais lhe remetiam periodicamente, — eu devia procurar em pequenos trabalhos, para viver, a receita complementar do meu magro quinhão, numa herança modesta. Eu era só, sem parentes, êle sentia de longe o aconchêgo, o apoio duma família opulenta... Acabados os nossos estudos, eu tive de lançar-me ao trabalho, e regressei logo a Portugal. Êle viveu algum tempo ainda no estrangeiro, viajando e despendendo à larga o dinheiro dos pais. Era a única coisa que êle conhecia da vida prática — a maneira de gastar dinheiro. Nunca pensou a sério na existência. Não percebia nada de negócios, e nuncia pensou em servir-se do diploma que trazia no fundo duma mala, entre cartas e recordações de amor... Quando os pais lhe morreram no descarrilamento de Innsbruck, êle ficou senhor duma grande fortuna, e além disso administrador dos bens da irmã, a única irmã, que vivia na quinta da Portela, no Vouga... Era uma rapariguinha ingênua, ignorante, com os olhos fechados para os problemas do mundo e da vida. Tinha sido educada num convento, em Lérida. Assinou sempre tudo o que êle lhe deu para assinar. Ignorava por completo o destino que estavam levando os bens da herança, que não tinham chegado a partilhar. O pior dos inimigos não lhe teria gerido os bens com tanto prejuizo. Essa loucura perdulária durou quatro ou cinco anos. Viagens, roleta, negócios fantásticos, automóveis... Cinco anos, e a fortuna evolou-se.

Eu vivia numa atmosfera muito diferente, isolado no meu trabalho, entregue aos meus problemas. Ele viajava. Apesar do afastamento, a nossa mútua amizade nada perdera do seu sincero entusiasmo. Pelas suas cartas, pelas missões que êle me confiava, por informações de amigos e conhecidos comuns, eu estava ao corrente do que se passava, do ciclone que devastava a enorme herança. Mas nunca ousei escrever-lhe uma palavra de reparo a tal respeito, um conselho, uma advertência... Era talvez o meu dever e, quem sabe, teria evitado outras calamidades... Por um lado, receava talvez que os meus reparos fôssem recebidos como importunos; por outro, sabe? era talvez egoismo... Eu era pobre, doutor, ganhava o meu pão com o suor do meu rosto — e a ruina dum milionário nunca fez mal a um pobre...

Uma noite, já tarde, talvez cêrca das onze, Norberto Maia entrou inesperadamente em minha casa. Regressava de uma das suas muitas viagens, sem me ter prevenido. A sua visita inesperada surpreendeu-me; não nos víamos havia talvez dois anos. Imagine. Entrou sem me dizer uma palavra e sentou-se, quase se deixou cair num sofá, na sombra dum canto, com a cabeça entre as mãos. A sua perturbação era evidente. Levantei-me e, sentado a seu lado, interroguei-o afetuosamente.

— O que tenho a dizer-te, respondeu, é muito simples. Estou arruinado. De tudo o que herdaríos dos nossos pais, eu e a Julieta só temos a casa e a quinta da Portela. Tudo o mais está vendido, gasto, hipotecado, perdido... Sou um desgraçado. Só agora vejo onde até desci, e o que tem sido a minha loucura. Cheguei há pouco de Mónaco, onde tentei a última **chance**... Tudo perdido. E' a minha desonra e a desgraça da pobre pequena. Sou um homem sem coragem, sem rumo, abandonado... um miserável. Sinto-me incapaz do menor esfôrço, nem sequer sei pensar, arrumar duas idéias... Que é feito dos meus amigos? Aqui, não tenho ninguém. Se desapareço, meu Deus, que será dela? Pobre criança... Que loucura a minha! Deixo-a completamente só, na miséria... A quinta pouco vale. Creio que está mal tratada e dá, quando muito, para sustentar o pessoal. Francamente, não vejo outra solução para mim, senão esta: acabar!

Fez um gesto significativo. Tinha os olhos vidrados de lágrimas. Eu próprio não supusera tão extensa a sua ruina. Agarrou-me nas mãos com nervosismo e continuou:

— Ricardo, és o meu único amigo, o único homem de bem, fiel, que até hoje encontrei. Es a única pessoa a quem eu me posso dirigir... Peço-te ardentemente que, **haja o que houver**, a defendas e protejas! Sê para a pobre pequena o irmão, o amigo que eu não soube ser...

Tentei acalmar-lhe os nervos, dei-lhe conselhos, mostrei-lhe que era talvez possível reparar os erros passados, reconstruir a existência, ficar junto da irmã, trabalhar, enfim...

— Sim, sim... Mas como? em que? Eu não sei nada, não sou nada!...

— Mais do que nunca, disse-lhe eu, o teu lugar é junto de tua irmã. E' preciso prepará-la, prevení-la, ouvir o seu conselho... Não tens o direito de a abandonar, depois de a teres arruinado... Em todo o caso, **haja o que houver**, prometo não a abandonar!

Disse-lhe isto a sorrir, pois estava convencido de que nunca a minha intervenção seria necessária. O Norberto fôra sempre um egoista apaixonado pela vida, um **jouisseur**... Como havia de eu tomar a sério o seu projeto? Por muito que

(Continua na página 97)

E...
PACHECO

depois?

Conto de
HERCÍLIA LINS

Ilustração de
ARMANDO PACHECO

AQUELAS palavras tentadoras fizeram Regina perder por completo o domínio sobre si. Em vão procurava esquecê-las, ou concentrar a idéia noutra coisa. E, à noite, revirava-se na cama de um lado para outro, agitada, sem poder conciliar o sono, invadida por uma coisa estranha e indefinível.

No dia seguinte, extenuada pela vigília, não tinha disposição para comer nada. Entretanto, era preciso fazer um esfôrço, senão ia mostrar-se desfigurada. Afinal, no almôço, conseguira engolir qualquer coisa. Contudo, não vencera o nervosismo. Começou a vestir-se. Tudo caía-lhe das mãos. Irritou-se. — «Arre, que descontrôle de nervos! — disse de si para si — Mas tenho de ir assim mesmo". Iniciou o «maquillage». Nem o risco das sobrancelhas, nem o contôrno dos lábios saíram a gôsto; e toda a pintura foi retirada. Olhou-se ao espêlho. Não. Com aquela cara de cêra parecia uma defunta. Pintou-se de novo. Embora um pouco exagerada, deixou ficar assim mesmo. Consultou o relógio. Incrível. Enquanto seu coração galopava, o ponteiro marcava os minutos sem pressa alguma. Apanhou a cigarreira e dirigiu-se à varanda, de onde se descortinava a paisagem.

A natureza estava imóvel e tranquila. Nem uma núvem no céu. Nem uma viração, nem um rumor. Só Regina, a fumar cigarro após cigarro, apresentava sintomas de inquietação. Estendendo a vista por sôbre as águas límpidas e mansas da lagoa a refletirem o céu côr de anil, rememorava o «cocktail-party» da véspera, no qual Marcelo a deixara invadida pela extraordinária sensação de ansiosa expectativa...

Coisa esquisita. Se lhe perguntassem por que se modificara de modo tão repentino, com certeza não saberia explicar claramente. Fôra sempre sensata, costumava meditar nas coisas mais insignificantes. Mas a doença do amor é como certas moléstias que só aparecem tarde demais para serem tratadas.

E Regina, há meses, vinha tentando combatê-la inutilmente, desde que, sem saber como, notara estar gostando dele.

— «Eu, que não acreditava no amor, devo estar realmente apaixonada!» — dizia imaginando, com certa curiosidade e receio, como seria um encontro de amor, o qual concebia de maneira selvagem, temendo morrer de emoção, tal era a reação nervosa só em afigurá-lo na mente.

O acaso, desta vez, a apanhara desprevenida. Intrigava-se diante do poder oculto que possuía aquêle homem para fazer-lhe o coração gritar mais alto do que a razão. Fazia bastante tempo ela observava Marcelo fitando-a numa discreta adoração, durante as reuniões. Ainda assim, não seria um simples capricho masculino? A princípio, procurou evitá-lo. Agora, porém, ela ia aos «cocktails», sentindo-se feliz quando o avistava... E não mais podia prescindir de vê-lo. Um só olhar de Marcelo representava tudo para Regina. Coisa horrível era ter de ocultar-lhe um sentimento tão grande. Às vezes, em desespêro, indagava dos céus por que seus destinos não se cruzaram antes, quando êle era solteiro. Então, deixava-se vencer pela melancolia. E o barco que conduzia sua vida continuaria navegando num lago manso, se não fôsse a célebre tarde em que êle a surpreendera abstrata e só, no jardim da casa dos Gonçalves. Fazia calor lá dentro, e ela inadvertidamente encaminhara-se para ali, talvez impulsionada por uma fôrça sobrenatural, olhos fixos num ponto que somente ela via. De repente, uma voz masculina pronunciou o seu nome bem junto de si, de maneira extremamente terna. Foi como se a despertasse com uma forte sacudidela. Erguendo os olhos como se viessem de lugar longínquo, deparou com Marcelo, pálido, trêmulo, emocionado...

— «Regina... quanto esperei por êste momento! Não pos o conter por mais tempo esta paixão... Você gosta de mim, eu sei! A simpatia que sinto por você é tão grande que não pode deixar de ser correspondida. Fale... Responda qualquer coisa... Seja sincera: eu lhe sou indiferente?...» (eram as palavras dêle a perseguirem-na como a própria sombra).

Ficara muda, atônita, perplexa. Sentia-se estonteada, sem ação. As pupilas faiscantes de Marcelo pareciam magnetizá-la. Estremecera. Ele compreendeu a extensão do afeto que ela lhe devotava. E, imprimindo emoção à voz, insistiu: — «Por que irmos de encontro a uma coisa sublime que nos está acontecendo a ambos?... Você me ama! e eu ainda hei-de apertá-la com todo o vigor de meus braços. Hei-de acariciar os seus cabelos... hei-de beijar os seus olhos... sua boca...» Regina baixou os olhos com medo que êles revelassem a emoção nova, ardente, que se apoderava dela. Aquêle homem parecia ter o diabo no corpo: percebeu todo o conflito que lhe ia nalma.

Felizmente êle não lhe adivinhara os pensamentos porque, com a voz ligeiramente trêmula, ofegante, prosseguiu: — «Hei-de beijá-la, ouviu? Nem que tenha de esperar a vida inteira! Não é de hoje que nos conhecemos e saberei ter paciência para aguardar a ocasião».

Impossível continuar a ouvi-lo, mas um imã a prendia ali, imóvel como uma estátua. Atarantada, sentia-se incapaz de raciocinar. Já mal conseguia disfarçar a vibração que a vencia. Não reagira e Marcelo procurou ganhar a batalha. Tomou-lhe suavemente as mãos: — «Escute, querida... que mãos frias»... — ela tremia — «Por que tem medo de fitar-me?» — Retirou as mãos das dele, erguendo vagarosamente os olhos. Fitaram-se num doce encantamento. Foi um minuto com a duração de uma eternidade. E logo que ela descerrou as pálpebras, numa derradeira tentativa, êle deu o golpe decisivo.

A moça jamais premeditara encontrar-se a sós com Marcelo, e êste, decerto, não esperava que ela cedesse tão depressa. A própria Regina estava assombrada. O pior é que estava mesmo resolvida àquele encontro, cujo amor acreditava ia ser igual ao dos romances e das fitas de cinema.

O relógio da sala deu três horas da tarde. O coração bateu-lhe acelerado. Um relâmpago de alegria iluminou-lhe os olhos como a dizer: — «Enfim, aproxima-se o grande momento. Parece um sonho!» Realmente, apenas alguns minutos mais e estaria nos braços do único homem que lhe despertara tão viva emoção. Súbito, uma idéia entristeceu-a: — «E se houver qualquer contratempo e Marcelo não for?... Isto é impossível! Ele irá; naturalmente que irá. Como deve estar ansioso...» — e ela soltou um longo suspiro.

Agora, com um sorriso bailando-lhe nos lábios, a cada minuto olhava o relógio, cujo som ininterrupto e compassado acabou lhe chegando aos ouvidos, semelhante a uma voz oculta a dizer: — «E... depois? e... depois? e... depois?

Por uns segundos sentiu Regina algo gélido percorrer-lhe todo o corpo. Estranho! O próprio coração pareceu-lhe ter parado de modo brusco. Depois continuou sem contrôle. De fato, depois... como voltaria para casa? Depois... como seriam seus dias? Sem dúvida, cheios de amargura e preocupações. Até mesmo diante de Marcelo, quem seria ela depois? Aquêle «e depois» começou a moer-lhe... Uma angústia tremenda dominou-a. Desencontradas sensações apossaram-se dela. Ademais, valeria a pena arriscar sua reputação por um amor caloroso naquele instante mas que, talvez, um dia arrefecesse, vindo a torturá-la com indiferença e, quem sabe, até as mais cruéis palavras... Perdida nesse labirinto de idéias, ela perambulava aflita à procura da saída. Acontece que Regina não queria atender à voz da razão; era demasiado forte a atração que Marcelo exercia sôbre ela. Dificilmente poderia resistir e logo exclamou:

— «Não! Não é possível que isto venha a acontecer. Marcelo me ama de verdade e devo conformar-me com a situação que o destino nos impõe. Não posso desiludi-lo. Sim, já deve estar à minha espera...»

O coração doeu-lhe por julgá-lo mau e cruel. Teve raiva de si. Apagou o cigarro, atirando-o longe. Voltou ao quarto-de-vestir. Num gesto decisivo, colocou à cabeça o chapeuzinho que mais a favorecia, ouvindo irritada o importuno marcador do tempo. Pronto! Agora faltava apenas um pouco de perfume e a bolsa. Com os nervos descontrolados como estavam, ao retirá-la duma gaveta, esta caiu inopinadamente em cima do gato angorá que dormitava no tapete junto ao armário. Ante o violento golpe, o bichano deu um longo miado de dor, saltando como alucinado, numa desabalada carreira. O pobre animal não sabia onde esconder-se e pulava desnorteado por cima dos móveis, que entulhavam o pequeno apartamento, derrubando vasos, bibelôs e até o «cuco» ao esbarrar num carrilhão, embarafustando-se, afinal, embaixo do sofá.

Dentro do silêncio que envolvia o ambiente, aquela série de ruídos diversos atuou de modo esquisito em Regina. Ela aturdiu-se com a inesperada cena. Ao ver o relógio desmantelado no chão, suas feições contraíram-se. De novo veio-lhe a mesma expressão angustiosa. Com o coração oprimido, deixou-se ficar de olhos fixos nele, tal a assassina involuntária de um amigo ante o corpo inerte. Sentiu-se tonta. Teve impressão de que tudo à volta girava. O pequeno relógio emudecera, mas as vibrações do som continuavam a advertí-la daquela loucura. — «Deus meu... que vou fazer!?» — pensou, agoniada, sentando-se na cadeira mais próxima — Se pelo menos pudesse fazê-lo compreender que êste afeto deve ser tratado com meiguice imorredoura... Mas a incerteza... ah, a incerteza! Novamente veio-lhe o terror de ver-se desprezada de um momento para outro. Ela estremeceu. Cerrou os olhos, e pensamentos diversos espalharam-lhe maior confusão no cérebro. De repente, lembrou-se de Marcelo, alegre, amoroso, esperando-a. Ergueu-se vagarosamente. Deu alguns passos até à porta. Parou, vacilante. Era de novo a voz da consciência debatendo-se em luta de morte com a do coração. Aquêle vácuo no peito, aquêle medo incontido a triturar-lhe o âmago do sêr, aquela pequenina catástrofe que pusera em reboliço o apartamento, as idéias que lhe passavam pela cabeça como uma avalanche, aterrorizaram-na. Desesperada, correu à varanda. A quietude da natureza contagiou-lhe os nervos excitados. Anhelou por gozar a mesma tranquilidade. Como por encanto, a inquietação que a mantinha há várias horas sob intensa vibração nervosa deu lugar à mais suave calma. E, refletindo, pensou:

— «Talvez não deva quebrar o encanto dêste amor que é demasiado belo para eu suportar vê-lo um dia calcado aos pés.»

Extraordinária sensação de paz invadiu-a.

O coração, livre das inquietações, voltara a pulsar normalmente. Aliviada do fardo das preocupações, sentia a cabeça mais leve. Já não tinha as mãos trêmulas. Tirou o chapéu. Guardou-o. Começou a pôr em ordem o apartamento. Ao recolher aquilo que fôra um relógio, apertou-o com carinho de encontro ao peito, dando graças a Deus por ter-se arrependido a tempo.

AS BOAS-FESTAS DE HOLLYWOOD

(Cont. da pág. 34)

uma série de fotografias de grandes artistas da tela, selecionadas entre as inúmeras que recebemos especialmente dedicadas a esta revista. Este ano, deixamos de apresentar muitas delas, pela premência de espaço e para dar lugar a muita gente nova, recém-eleita na popularidade. Assim, um Clark Gable, uma Bette Davis, um Tyrone Power Ingrid Bergman, Greer Garson, e dezenas de outros astros e estrêlas de Hollywood ausentam-se pela primeira vez em muitos anos das nossas páginas, para ceder lugar a um Robert Mitchum, uma Geraldine Brooks, Robert Ryan, Eve Arden, Larry Parks e outros novatos, bem como à grande Joan Crawford, uma veterana que voltou com fôrça nova.

Sensibilizados pela delicadeza dos que nos saudam do reino encantado do cinema, da fabulosa Hollywood, apresentamos aqui o nosso agradecimento a astros e estrelas que nos mandaram os seus votos de Boas Festas, dirigidos também aos nossos leitores, votos que muito cordialmente retribuimos.

UM NOVO CAMPEÃO OU UM SIMPLES METEORO?

(Cont. da pág. 8)

cingindo o simbólico cinturão de ouro dos pesos pesados, a verdade é que, pràticamente, Jersey Joe Walcott é considerado o campeão "de fato" do pugilismo contemporâneo. Resta saber, agora, é se Jersey Joe Walcott não é um simples meteoro, mas um "astro" de primeira grandeza, — e se tem fôrças para repetir sua façanha, não só derrotando Joe Louis de novo, em público e raso, mas mantendo por algum tempo o título máximo se, como é bem provável, êste vier a lhe cair nas mãos... Mas essa é uma questão que só o futuro nos poderá responder — e as respostas do futuro são sempre cheias de surpresas, como nos provou o espetáculo recente no Madison Square Garden...

O Horla

(Cont. da pág. 27)

— A dêle.

Era verdade. E esta fotografia acabava de me ser entregue, nessa mesma tarde, no hotel.

— Como é que êle está no retrato?

— Está de pé, com o chapéu na mão.

Via neste cartão, neste cartão branco, como se visse num espelho.

As outras senhoras aterradas diziam:

— Chega. Chega. Chega!

Mas o doutor ordenou: "Amanhã, há-de levantar-se às oito horas; depois irá ter com o seu primo ao hotel e há-de pedir-lhe que lhe empreste cinco mil francos que o seu marido lhe pede e a quem terá de os entregar na sua próxima viagem".

Depois acordou-a.

Quando entrei no hotel, pensava nesta curiosa sessão e assaltavam-me dúvidas, não da absoluta, da insuspeitável boa fé da minha prima a quem conhecia como uma irmã, desde a infância, mas de uma possível fraude da parte do doutor. Não teria êle dissimulado na mão um espelho, que mostrasse ao mesmo tempo que o cartão? Os prestidigitadores de ofício, fazem coisas tão singulares!

Entrei pois, e deitei-me.

Era nessa manhã, pelas oito horas e meia, fui acordado pelo meu criado de quarto, que me disse:

— E' Mme. Sablé que pede para ser recebida pelo senhor, imediatamente.

Vesti-me à pressa e recebi-a.

Ela sentou-se muito perturbada, os olhos baixos, e sem levantar o véu, disse-me:

— Meu querido primo, tenho um grande favor a pedir-lhe.

— De que se trata, prima?

— Embaraça-me muito dizê-lo e contudo é preciso. Preciso, preciso, absolutamente, de cinco mil francos.

— Como? precisa...?

— Sim, ou antes é meu marido que me encarrega de os obter.

Estava de tal modo estupefacto, que balbuciava as respostas, perguntava-me se na verdade, ela não zombaria de mim de acôrdo com o doutor Parent, se não se trataria de uma farça, preparada de antemão e muito bem desempenhada.

Mas, olhando-a com atenção, tôdas as minhas dúvidas se dissiparam. Tremia angustiada, de tal modo lhe era penosa esta diligência e percebi que tinha a garganta cheia de soluços.

Como sabia que ela era muito rica, repliquei:

— Como? o seu marido não tem cinco mil francos à sua disposição? Reflita. Está bem certa que êle a encarregou de mos pedir?

Hesitou alguns segundos, como se fizesse um esfôrço para procurar na memória e respondeu depois:

— Sim... sim... Tenho a certeza.

— Êle escreveu-lhe?

Hesitou de novo, refletindo. Adivinhei o trabalho torturante do seu pensamento. Ela não sabia. Sabia apenas que devia pedir-me cinco mil francos emprestados para o marido. Assim, ousou mentir.

— Sim, escreveu-me.

— Mas quando? Não me falou em nada ontem.

— Recebi a carta esta manhã.

— Pode mostrar-ma?

— Não... não... não... continha coisas íntimas... muito pessoais... eu... eu queimei-a.

— Então o seu marido tem dívidas?

Hesitou ainda, depois murmurou:

— Não sei.

Declarei bruscamente:

— E' que não posso dispor agora de cinco mil francos, minha querida prima.

Ela então pediu num grito de sofrimento.

— Oh! Arranje-os, peço-lhe!

Exaltava-se, apertava as mãos como se orasse. Ouvia a sua voz mudar de tom, chorava, gaguejava, perseguida, dominada pela ordem irresistível que tinha recebido.

— Oh, suplico-lhe... se soubesse como sofro... preciso dêles hoje mesmo.

Tive pena dela!

— Tê-los-á daqui a pouco, descanse.

Ela gritou:

— Oh! obrigada, obrigada. Como é bom!

Continuei:

— Lembra-se do que se passou ontem, em sua casa?

— Sim.

— Lembra-se que o doutor Parent, a adormeceu?

— Sim. Lembro-me.

— Pois bem, êle ordenou-lhe que viesse pedir-me esta manhã cinco mil francos emprestados e é a essa sugestão que obedece neste momento.

Ela refletiu alguns segundos e respondeu:

— Mas se é meu marido que os pede...

Durante uma hora experimentei convencê-la, mas não consegui.

Quando ela partiu, corri a casa do doutor.

Êle ia a sair, escutou-me a sorrir. Depois disse:

— Está convencido, agora?

— Sim, não tenho outro remédio.

— Vamos a casa da sua parenta.

Encontrámo-la a dormitar, estendida num sofá, prostrada pela fadiga. O médico tomou-lhe o pulso, olhou-a durante algum tempo, uma mão estendida na direção dos olhos que ela fechou pouco a pouco, sob o esfôrço insustentável dêste poder magnético.

Assim que adormeceu disse o médico:

— O seu marido não tem necessidade de cinco mil francos. Vai esquecer que os pediu emprestados ao seu primo, e se êle lhe falar nisso, não o compreenderá.

Depois acordou-a. Tirei da algibeira uma carteira.

— Aqui tem, minha prima, o que pediu esta manhã.

Ela ficou de tal modo surpreendida que não ousei insistir. Experimentei, entretanto, avivar-lhe a memória, mas ela negou sempre com firmeza, pensou que troçava dela e esteve quase a zangar-se. Acabo de chegar a casa: mas não pude almoçar, de tal modo me perturbou esta experiência.

10 *de Julho.* — Muitas pessoas a quem contei esta aventura, fizeram troça de mim. Já não sei o que pensar! O homem ponderado diz: Talvez?

21 *de Julho.* — Fui jantar a Bougival e passei tôda a noite no baile dos barqueiros.

Na verdade, tudo depende dos lugares e do ambiente. Acreditar no sobrenatural na ilha da Grenouillière, seria o cúmulo da loucura... mas no cimo do monte Saint-Michel?... mas nas Indias?

Sofremos terrivelmente, a influência do que nos rodeia. Voltarei para casa na próxima semana.

30 *de Julho.* — Estou em casa desde ontem. Tudo vai bem.

2 *de Agosto.* — Nada de novo. Está um tempo soberbo. Passo os dias a ver correr o Sena.

4 *de Agosto.* — Há discussões entre os criados. Pretendem que partem os corpos, de noite, nos armários. O criado de quarto acusa a cozinheira, que acusa a roupeira, que por sua vez os acusa a ambos.

Quem é o culpado? Será bem esperto quem o disser.

6 *de Agosto.* — Desta vez, não estou doido, vi... vi... vi... já não posso duvidar... vi. Ainda sinto o frio que me penetrou até às unhas. Ainda sinto o mêdo que me penetrou até á medula... vi.

Passeava ao sol, às duas horas, no meu canteiro de roseiras... na álea das roseiras de outono que começam a florir.

Como parasse para olhar um "gigante das batalhas", que ostentava três magníficas flores, vi, vi distintamente mesmo ao pé de mim, a haste de uma destas rosas dobrar-se, como se mão invisível a tivesse torcido, depois quebrar-se, como se a mesma mão a colhesse.

Depois a flor elevou-se seguindo a curva que descrevia um braço que a quisesse chegar a uma bôca, e ficou suspensa no ar transparente, sòzinha, imóvel, assustadora mancha vermelha, a três passos dos meus olhos.

Meio louco, lancei-me sôbre ela para a apanhar. Não encontrei nada: tinha desaparecido. Então possuiu-me uma cólera furiosa, contra mim próprio, porque não é permitido a um homem razoável e sério ter semelhantes alucinações.

Mas, seria na realidade uma alucinação? Voltei-me, para procurar a haste e encontrei-a, cortada de fresco, entre as outras duas rosas que tinham ficado no ramo.

Então, entrei em casa, com a alma transtornada, porque estou certo, agora, tão certo como da alternância dos dias e das noites, que existe perto de mim um ser invisível, que se alimenta de leite e de água, que pode tocar nos objectos, segurá-los e mudá-los de lugar, dotado consequentemente de uma natureza material ainda que imperceptível para os nossos sentidos, e que habita como eu, sob o meu teto...

7 *de Agosto.* — Dormi tranquilo. Êle bebeu a água da garrafa, mas não me perturbou o sono.

Pergunto a mim próprio se não estarei louco. Enquanto passeava ao sol, ainda agora, ao largo do rio, surgiram-me dúvidas sôbre a minha razão, não dúvidas vagas como tenho tido até aqui, mas dúvidas precisas, absolutas. Já tenho visto malucos; conheci alguns que ficaram inteligentes, lúcidos, clarividentes mesmo relativamente a tôdas as coisas da vida, excepto a uma só. Falavam de tudo com precisão, com facilidade, com profundeza, e de repente os seus pensamentos, tocando o escolho da loucura, rasgavam-se em pedaços, espalhavam-se e sossobravam no oceano aterrador e furioso, cheio de vagas saltitantes, de nevoeiros e de tempestades a que se dá o nome de "demência".

Julgar-me-ia doido, decerto, absolutamente doido, se não estivesse consciente, se não conhecesse perfeitamente o meu estado se não o sondasse, analisando-o com uma perfeita lucidez: Em suma, não passarei, então de um alucinado que raciocina? Uma perturbação desconhecida deve ter-se produzido no meu cérebro, uma dessas perturbações que os fisiologistas, hoje, experimentam notar e precisar e esta perturbação terá determinado no meu espírito, na ordem e na lógica das minhas idéias, uma falha profunda. Acontecem fenômenos semelhantes com o sonho que nos leva através das mais inverossímeis fantasmagorias, sem que nos surpreendamos com isso, pois o aparelho verificador, o sentido de fiscalização está adormecido, enquanto que a faculdade imaginativa vela e trabalha.

Não poderá acontecer que uma das imperceptíveis teclas do meu teclado cerebral se tenha paralisado? Em consequência de certos acidentes, há homens que perdem a memória dos nomes próprios ou dos verbos, ou dos números, ou sòmente das datas. As localizações de tôdas as parcelas do pensamento, estão hoje verificadas. Ora, o que haveria de extraordinário, no facto da minha faculdade de verificar a realidade de certas alucinações, estar entorpecida, neste momento?

Pensava em tudo isto enquanto caminhava à beira da água. O sol, enchia o rio de claridade, tornava a terra deliciosa, enchia o meu olhar de amor pela vida, pelas andorinhas cuja agilidade é uma alegria dos meus olhos, pelas ervas da margem, cujo frémito é uma felicidade dos meus ouvidos. Mas, pouco a pouco, penetrava-me um mal estar inexplicável. Parecia-me que uma fôrça oculta me entorpecia, me paralisava, me impedia de ir mais além, me puxava para trás.

Experimentava essa necessidade dolorosa de regressar, que nos oprime quando deixamos em casa um doente amado e se é tomado de um pressentimento da agravação do seu mal. Então, contra a minha própria vontade, voltei, certo de que iria encontrar em casa uma má notícia, uma carta ou um telegrama. Não havia lá nada; e fiquei mais surpreendido e mais inquieto do que se tivesse tido de novo, qualquer visão fantástica.

8 *de Agosto.* — Passei ontem, uma noite terrível. Êle já não se manifesta, mas sinto-o próximo de mim, espiando-me, olhando-me, penetrando-me, dominando-me, muito mais temível assim escondido, do que se assinalasse, por fenômenos sobrenaturais, a sua presença invisível e constante.

Apesar de tudo, dormi.

9 *de Agosto.* — Nada, mas tenho medo.

10 *de Agosto.* — Nada; que acontecerá amanhã?

11 *de Agosto.* — Sempre nada; não posso mais estar em casa com êste terror e êste pensamento escondidos na alma; vou partir.

12 *de Agosto.* — 10 horas da noite — Quis-me ir embora durante todo o dia; não pude. Quis realizar êste acto de liberdade fácil, tão simples, — partir — sair no meu carro para Ruão — e não pude. Porquê?

13 *de Agosto.* — Quando se é atingido por certas doenças, todos os impulsos do sêr físico parecem quebrados, tôdas as energias aniquiladas, todos os músculos relaxados, os ossos moles como a carne e a carne líquida como a água. Experimento isto no meu sêr moral, de uma maneira estranha e desoladora. Já não tenho fôrça, nem coragem, nenhum domínio sôbre mim, nem sequer o poder de fazer agir a minha vontade. Já não posso querer. Mas alguém quer por mim; e obedeço.

14 *de Agosto.* — Estou perdido. Alguém possui e governa a minha alma! alguém comanda todos os meus actos, todos os meus movimentos, todos os meus pensamentos! Já não sou mais nada em mim do que um espectador escravo e aterrado de tôdas as coisas que realizo. Desejo sair, não posso. Não quero; e fico, desnorteado, tremente, na cadeira onde êle me fez sentar. Desejo levantar-me, soerguer-me apenas para me crer ainda senhor de mim. Não posso. Estou cravado na minha cadeira; e a minha cadeira adere ao solo, de tal modo, que não há nenhuma fôrça capaz de nos levantar. Depois, de repente, é preciso, é preciso, é preciso que vá ao fundo do jardim, colher morangos e comê-los. E vou. Colho morangos e como-os... Oh meu Deus, meu Deus, meu Deus! Haverá um Deus? Se houver um que me livre. Salvai-me! Socorrei-me! Perdão! Piedade! Graça! Salvai-me! Oh! que sofrimento! Que tortura, que horror.

15 *de Agosto.* — Ah! era assim que estava a minha prima, possessa e dominada quando me veio pedir cinco mil francos. Sofria um querer estranho, que entrara nela como uma outra alma, como uma outra alma parasita e dominadora. Irá acabar o mundo?

Mas aquêle que me governa, quem é êle, êste invisível, êste desconhecido, êste vagabundo de uma raça sobrenatural?

Então os invisíveis existem? Mas porque não se manifestam desde a origem do mundo, de uma maneira precisa, como fazem agora comigo? Nunca li nada que se assemelhasse ao que se passa em minha casa. Oh! se pudesse deixá-la, se pudesse partir, fugir e não voltar, estaria salvo. Mas não posso.

16 *de Agosto* — Hoje, como um prisioneiro que encontra aberta a porta da prisão, pude escapar-me durante duas horas. De repente, senti que estava

livre, e que Êle estava longe. Mandei atrelar depressa e cheguei a Ruão. Oh! que alegria poder dizer a um homem que obedece: "Para Ruão". Mandei parar diante da biblioteca e pedi que me emprestassem o grande tratado do Doutor Hermann Herestauss, sôbre os habitantes desconhecidos do mundo antigo e moderno.

Depois, no momento de tornar a subir para o carro quis dizer: "Para a estação" e gritei — não disse, gritei, — com uma voz tão forte que os passantes se voltaram: "para casa" e caí cheio de angústia, sôbre a almofada do carro. Êle tinha-se encontrado e retomado.

17 *de Agosto.* — Ah! que noite, que noite. E contudo parece-me que me deveria alegrar. Li até à uma hora da manhã. Hermann Herestauss, doutor em filosofia e em teogonia, escreveu a história e as manifestações de todos os sêres invisíveis que erram em tôrno do homem ou foram imaginados por êle. Descreveu as suas origens, o seu domínio, o seu poder. Mas nenhum deles se assemelha ao que me persegue. Dir-se-ia que o homem, mal começou a pensar, pressentiu e receiou um novo sêr, mais forte do que êle, seu sucessor neste mundo e que, sentindo-o próximo e não podendo prever a natureza dêste senhor, criou, no seu terror, todo o povo fantástico dos sêres ocultos, nevoentos, fantasmas nascidos do medo.

Então, tendo lido até à uma hora fui sentar-me perto da minha janela aberta, para refrescar a fronte e o pensamento no vento calmo da obscuridade. Estava uma noite linda e tépida. Como apreciaria esta noite, outrora! Não havia lua. As estrêlas tinham, no fundo do céu negro, cintilações trêmulas. Quem habita aquêles mundos? Que formas, que viventes, que animais, que plantas se encontrarão lá? Os que pensam, nesses universos longínquos, que saberão mais do que nós?

Que mais poderão do que o que podemos?

Que verão êles que nós ainda não conheçamos?

Um deles, atravessando o espaço, não virá à terra, um dia ou outro, para a conquistar, como os normandos outrora atravessaram o rio para sujeitar os povos mais fracos?

Somos tão enfermos, tão desarmados, tão ignorantes, tão pequenos, nós que vivemos sôbre êste grão de lama que roda diluída numa gota de água! Passei pelo sono, enquanto sonhava assim ao vento fresco da noite.

Ora, tendo dormido cêrca de quarenta minutos, reabri os olhos sem fazer um movimento, acordado não sei porque emoção confusa e bizarra. Primeiro, não vi nada, depois, de repente, pareceu-me que uma página do livro que tinha ficado aberto na secretária se tinha voltado sòzinha. Nenhuma aragem entrava pela janela. Fiquei surpreendido e esperei; ao fim de cêrca de quatro minutos, vi, vi, sim, vi com os meus olhos levantar-se uma outra página e cair sôbre a precedente como se um dedo a tivesse folheado. A minha cadeira estava vazia, parecia vazia; mas compreendi que Êle estava lá, sentado no meu lugar, e que lia. Com um pulo furioso, um pulo de animal revoltado que vai estripar o domador, atravessei o quarto para o agarrar, para o apertar, para o matar...

Mas a cadeira, antes que eu lá pudesse chegar voltou-se, como se tivesse fugido ao meu ataque... a mesa oscilou, o candeeiro caíu e apagou-se e a janela fechou-se como se um malfeitor surpreendido se tivesse lançado na noite, empurrando com tôdas as fôrças os batentes.

Então êle tinha fugido? Tinha tido mêdo, mêdo de mim!

Então... então... amanhã... ou depois... ou num dia qualquer... poderei agarrá-lo com as minhas mãos e esmagá-lo contra o chão

Não é verdade que às vezes os cães também mordem e estrangulam os donos?

18 *de Agosto.* — Pensei todo o dia. Oh! sim, vou obedecer-lhe, seguir os seus impulsos, realizar tôdas as suas vontades, fazer-me humilde, submisso, covarde. E' êle o mais forte. Mas há-de chegar uma hora...

19 *de Agosto.* — Sei... sei... sei tudo. Acabo de ler o seguinte na Revista do Mundo Científico. "Do Rio de Janeiro chega-nos uma notícia bastante curiosa. Uma loucura, uma epidemia de loucura comparável às demências contagiosas que atacaram os povos da Europa na Idade Média, grassa neste momento na província de S. Paulo. Os habitantes desvairados deixam as suas casas, desertam das aldeias, abandonam as culturas dizendo-se perseguidos, possessos, governados, como um rebanho humano, por seres invisíveis mas palpáveis, espécie de vampiros, que se alimentam das suas vidas durante o sono e que bebem além disso, água e leite sem parecer tocar em nenhum outro alimento.

"O senhor professor D. Pedro Henriquez, acompanhado de muitos sábios da medicina, partiu para a província de S. Paulo para estudar no local, as origens e as manifestações desta surpreendente loucura, de propor ao Imperador as medidas que lhes pareçam mais próprias à razão, estas populações em delírio".

Ah! ah! Lembra-me do belo barco de três mastros brasileiro que passou sob as minhas janelas, subindo o Sena em 8 de Maio último. Achei-o tão lindo, tão branco, tão alegre. O Sêr estava lá, vindo dessas terras onde a sua raça tinha nascido. E viu-me. E viu a minha casinha branca, também, e saltou do navio para a margem Oh! meu Deus!

Agora sei, adivinho. Acabou-se o reinado do homem. Êle veio, Aquêle que imaginava os primeiros terrores dos povos ingênuos. Aquêle que os padres inquietos exorcismavam, que os feiticeiros evocavam nas noites sombrias sem o verem aparecer ainda, Aquêle, a quem os passageiros, senhores do mundo, emprestavam tôdas as formas monstruosas ou graciosas dos gnomos, dos espíritos, dos génios, das fadas, dos duendes.

Depois das grosseiras concepções do terror primitivo, os homens mais perspicazes, pressentiram-no mais claramente.

Mesmer tinha-o adivinhado, e os médicos, há 3 anos já, que descobriram de uma maneira precisa, a natureza do seu poder antes mesmo que êle próprio a exercesse.

Jogaram com esta arma do novo Senhor, o domínio de um querer misterioso sôbre a alma humana, tornada escrava. Chamaram a isso magnetismo, hipnotismo, sugestão... que sei eu?

Vi-os divertirem-se como crianças imprudentes, com êste horrível poder. Desgraça para nós. Desgraça para o homem. Êle veio, o... o... como se chama... o... parece-me que êle grita o seu nome, e eu não o ouço... o... o... Horla... Ouvi... o Horla... é êle... o Horla... veio...

Oh! o abutre comeu a pomba, o lôbo comeu o cordeiro, o leão devorou o búfalo de cornos agudos; o homem matou o leão com a flecha, com a espada, com a pólvora; mas o Horla vai fazer do homem o que nós fizemos do cavalo e do boi: a sua coisa, o seu servidor, e o seu alimento, pelo único poder da sua vontade. Desgraça para todos.

Contudo, algumas vezes, o animal revolta-se e mata aquêle que o domou... eu também quero... eu poderei... mas preciso conhecê-lo, tocá-lo, vê-lo. Os sábios dizem, que o ôlho do animal, diferente do nosso, não vê como o nosso. E o meu ôlho não pode distinguir o novo sêr que me oprime.

Porquê? Oh! Lembram-me, agora, as palavras do monge do monte Saint-Michel: "E vemos nós a centésima-milésima parte do que existe? Olhe o vento, por exemplo, que é a maior fôrça da natureza, que derruba os homens, que abate os edifícios, desenraiza as árvores, levanta o mar em montanhas de água, destrói as falésias e atira os grandes navios contra os rochedos, o vento que mata, que assobia, que geme, que muge, já o viu e porventura poderá vê-lo? E no entanto existe".

E pensava ainda: o meu ôlho é tão fraco, tão imperfeito que nem distingue os corpos duros, se forem transparentes como o vidro...

Se um vidro não espelhado me barrar o caminho, êle atira-me para cima, como a ave que entra num quarto, bate com a cabeça contra os vidros. Além destas, mil outras coisas o enganam e extraviam.

Que há pois de espantar no facto de êle não poder distinguir um corpo novo que a luz atravessa?

Um sêr novo. Porque não? Êle tinha que vir, com certeza; porque haviamos nós de ser os últimos? Não o distinguimos como não distinguimos todos os outros criados antes de nós? E' porque a sua natureza é mais perfeita, o seu corpo mais fino e mais acabado do que o nosso, que o nosso tão fraco, tão desajeitadamente concebido, atravancado de órgãos sempre fadigados, sempre forçados como molas muito complexas, do que o nosso que vive como uma planta e como um animal, alimentando-se principalmente de ar, de erva e de carne, máquina animal exposta às doenças, as deformações, as putrefações, ofegantes, mal regulada, ingênua e bizarra, engenhosamente mal feita, obra grosseira e delicada, esbôço de ser que poderia tornar-se inteligente e soberbo.

Quase todos nós, desde a ostra ao homem, somos tão pouco neste mundo! Porque não parecerá mais um, uma vez terminando o período que separa as aparições sucessivas de tôdas as espécies diversas?

O MASCARADO PAPAI NOEL

ESTAMOS num novo Natal completamente desprovido de melodias escritas especialmente para a grande festa cristã. Vai longe a época em que os nossos compositores e fábricas de discos se interessavam pela divulgação de canções natalinas e, algumas delas, assinadas por Lamartine Babo, Assis Valente e outros, conseguiram verdadeiros êxitos populares. Atualmente, só se encontram em nossas lojas de discos gravações norte-americanas e, entre elas, "White Christmas", a velha e sempre nova melodia de Irving Berlin, está levando a dianteira na preferência do nosso público, fato aliás que se repete, também, nos Estados Unidos. As canções carnavalescas, quando já nos encontramos pràticamente às portas da grande folia, estão na ordem do dia e não se ouve outra coisa de madrugada a madrugada. Mas, o culpado pelo desaparecimento das canções que, antigamente, eram feitas para o Natal talvez seja o próprio Papai Noel. Está aí uma figura completamente desambientada em nosso meio. Não é possível aceitar-se uma figura, metida nas suas vestes tradicionais, com uma temperatura beirando aos quarenta gráus. O nosso compositor popular, dessa forma, chegou à conclusão de que Papai Noel não passa de um simples mascarado. Recebe-o, portanto, ao som das cuicas, pandeiros e tamborins. Para que recepção mais calorosa?...

F. CORREIA DA SILVA

★

THE CHRISTMAS SONG

(Merry Christmas To You)

Fox de Mel Tormé e Robert Wells

Chestnuts roasting on an open fire,
Jack Frost nipping at your nose,
Yuletide carols being sung by a choir
And folk dressed up like Eskimos.
Ev'rybody knows a turkey and some mistletoe
Help to make the season bright.
Tiny tots with their eyes all aglow
Will find it hard to sleep tonight.
They know that Santa's on his way;
He's loaded lots of toys and goodies on his sleigh
And ev'ry mother's child is gonna spy
To see if reindeer really know how to fly.
And so I'm offering this simple phrase
To kids from one to ninety-two.
Altho' it's been said many times, many ways:
"Merry Christmas to you!"

★

CHRISTMAS DREAMING

(A Little Early This Year)

Fox de Irving Gordon e Lester Lee.

I'm doing my Christmas dreaming a little early this year.
No sign of snow around;
And yet I go around hearing jingle bells ringing in my ear.
Your promise must be the reason.
The happy season is here;
So I'm doing my Christmas dreaming a little early this year.

★

CHRISTMAS ISLAND

Fox de Lyle Moraine.

I know the place to go.
How'd ja like to spend Christmas on Christmas Island?
How'd ja like to spend a holiday away across the sea?
How'd ja like to spend Christmas on Christmas Island?
How'd ja like to hang your stockin' on a great big coconut tree?
How'd ja like to stay up late like the islanders do:
Wait for Santa to sail in with your presents in a canoe?
If you ever spend Christmas on Christmas Island:
You will never stray for ev'ry day your Christmas dreams come true.

★

WHAT ARE YOU DOING NEW YEAR'S EVE?

Fox de Frank Loesser.

Maybe it's much too early in the game.
Ah, but I thought I'd ask you just the same:
What are you doing new year's, New Year's Eve?
Wonder whose arms will hold you good and tight,
When it's exactly twelve o'clock that night;
Welcoming in the new year.
New Year's Eve.
Maybe I'm crazy to suppose,
I'd ever be the one you chose;
Out of the thousand invitations you'll receive,
Ah, but in case I stand one little chance:
Here comes the jackpot question in advance,
What are you doing new year's, New Year's Eve?

★

LUCERITO MAÑANERO

Ranchera de Fidel. A. Vista.

I

Lucerito mañanero despertador de las flores
baja a decirle a esa ingrata
que sufro por sus amores.
Tú que todas las mañanas
conmigo fuiste a cantarle
dile que aunque mal me pague
yo no dejaré de amarle.

Estribilho:

Lucerito mañanero,
testigo de mi dolor,
tú que estás allá en el cielo
cuéntale mi pena a Dios.

I (bis)

Todas las noches llorando
yo le pido a Dios que vuelva
la que en los tiempos felices de amor
fué mi compañera.
Por eso quiero lucero,
lucerito mañanero
que si vuelvo a ser dichoso
testigo tú seas primero.

★

ME QUEDÉ MIRANDOLA

Tango argentino de Vicente Spina e Roberto Miro.

Después de un año atróz de soledad
volvimos a encontrarnos sin querer:
de pronto los recuerdos de otros dias
que cantaba y que reía, acudieron en tropel.
Mis labios balbucearon con temor,
los ojos le contaron mi dolor...
Mis ansias de encontrar'a fueron tantas,
que oprimida la garganta... ME QUEDÉ MIRANDOLA...!

II

Inútiles senderos fueron todos,
caminos recorridos sin vivir,
bordeados de dudas y dolores,
y solo sinsabores, aumentan mi sufrir.
Mas ya no espero nada de la vida,
ni ahora que la encuentro puede ser...
lo dice su mirada distraída,
que he matado para siempre lo que fuera su querer.

I (bis)

Aquél ensueño roto del ayer
no puede ya volver a florecer...
la tengo ante mis ojos esta tarde,
y comprendo que no hay nadie, en mi triste anochecer.
Ha vuelto sin llegar la que esperé,
la encuentro nuevamente y ya se vá.
Sabiendo que en su adiós está mi ruina.
Se alejó, y de la esquina, ME QUEDÉ MIRANDOLA...!

Porque não mais um? Porque não outras árvores, também, árvores de flores imensas, resplandecentes, perfumando regiões inteiras? Porque não outros elementos como o fogo, o ar, a terra e a água? — São quatro, apenas quatro, êstes pais — amas dos seres. Que mágua! Porque não haverá quarenta, quatrocentos, quatro mil? Como tudo é pobre, mesquinho, miserável, avaramente, dado, sècamente inventado, pesadamente feito. Onde estará a graça do elefante, do hipopótamo? A elegância do camêlo?

Mas, dirais vós; a borboleta? Uma flor que vôa. Sonho com uma, que será grande como cem universos, com asas, das quais nem sequer posso imaginar a forma, a beleza, a côr e o movimento. Mas vejo-a... vai de estrêla em estrêla, refrescando-as, embalsamando-as com o sôpro harmonioso e vivo da corrida... E os povos de lá do alto, viam-na passar extasiados e encantados.

....

Que tenho pois? E' êle, êle, o Horla, que me persegue, que me faz pensar estas loucuras. Vive em mim, transforma-se na minha alma: matá-lo-ei.

19 *de Agosto.* — Matá-lo-ei. Vi-o. Sentei-me, ontem, à minha secretária e fingi escrever com uma grande atenção. Eu bem sabia que êle viria rondar à minha volta, muito perto, tão perto, que talvez pudesse tocá-lo, agarrá-lo. E então... então como um desesperado, servir-me-ei das minhas mãos, dos meus joelhos, do meu peito, da minha fronte, dos meus dentes, para o estrangular, esmagá-lo, mordê-lo, despedaçá-lo.

E espreitava-o com todos os meus sentidos sobreexcitados. Tinha acendido os meus dois candeeiros e as oito velas da chaminé como se pudesse descobri-lo com esta claridade.

Na minha frente, o meu leito, um velho leito de carvalho, com colunas: à direita, a chaminé: à esquerda, a porta, fechada com cuidado depois de a ter deixado muito tempo aberta com o fim de o atrair: atrás de mim, um alto armário de espelho em frente do qual todos os dias, me barbeava, me vestia e onde tinha o costume de me ver, dos pés à cabeça sempre que lhe passava na frente.

Fingia escrever para o enganar, porque ele também me espiava, e de repente, senti tive a certeza, que êle lia por cima do meu ombro, que estava lá, roçando a minha orelha.

Levantei-me, as mãos estendidas, voltando-me tão depressa, que estive quase a cair. Pois bem!... via-se como em pleno dia e não me vi no meu espelho... Estava vazio, claro, profundo, cheio de luz. E a minha imagem não estava lá... e eu estava na sua frente. Via o grande vidro límpido de alto a baixo. E via tudo isto com os meus olhos aterrados: e não ousava avançar, não ousava fazer um movimento, sentindo, no entanto, que êle estava lá, mas que me escaparia do novo êle, cujo corpo imperceptível tinha devorado o meu reflexo.

Como tinha mêdo! Mas eis que, de repente comecei a avistar-me numa espécie de bruma, do fundo do espelho, como que no meio de uma toalha de água; e parecia-me que esta água, deslizava da esquerda para a direita, lentamente, tornando a minha imagem mais nítida, de segundo em segundo. Era como que o fim de um eclipse. O que me escondia não parecia possuir contornos nítidamente fixados, mas uma espécie de transparência opaca, que se aclarava pouco a pouco.

Pude enfim distinguir-me completamente, tal qual como nos outros dias, quando me olho.

Vi-o. Mas o medo ficou comigo e ainda me faz arrepiar.

20 *de Agosto.* — Matá-lo, como? uma vez vez que o não posso atingir. Veneno? Mas êle veria misturá-lo com a água: e, de resto, os nossos venenos terão efeito imperceptível sôbre o seu corpo? Não... não... decerto... Então... então?..

21 *de Agosto.* — Mandei chamar a Ruão um serralheiro e encomendei-lhe para o quarto, persianas de ferro, como têm em Paris, certas habitações particulares do rés-do-chão, por causa dos ladrões.

E além disto far-me-á também uma porta semelhante. Vão considerar-me um poltrão, mas rio-me disso...

10 *de Setembro.* — Ruão hotel Continental. Acabou-se... acabou-se... mas estará morto? Tenho a alma transtornada pelo que vi.

Ontem depois do serralheiro ter colocado a persiana e a porta de ferro, deixei tudo aberto até à meia noite, se bem que começasse a esfriar.

De repente senti que êle estava lá e fui tomado de alegria, de uma alegria doida. Levantei-me devagar e andei da esquerda para direita, muito tempo, para que êle não desconfiasse: depois tirei as botas e negligentemente calcei os chinelos; em seguida fechei a persiana de ferro e voltando tranquilamente até à porta fechei-a também com duas voltas. Tornando então à janela, fixei-a com um loquete, cuja chave guardei no bôlso.

De repente compreendi que êle se agitava à minha volta, que tinha mêdo, por sua vez, que me ordenava que lhe abrisse a porta. Estive quase a ceder; mas não cedi, e encostando-me à porta entreabri apenas o preciso para poder passar às arrecuas; e como sou muito alto a cabeça tocava o ditel. Tinha a certeza de que êle não tinha podido escapar-se e fechei-o sòzinho. Que alegria. Agarrara-o. Então desci a correr, peguei nos meus dois candeeiros do salão, que ficava por baixo do quarto, e entornei o óleo todo por cima dos tapetes, dos móveis, por tôda a parte; lancei-lhe o fogo em seguida, e pus-me a salvo, depois de ter fechado bem, com duas voltas, a grande porta da entrada. Fui esconder-me no fundo do jardim, num maciço de loureiros. Como demorava! Como demorava! Estava tudo negro, mudo, imóvel, nem uma aragem, nem uma estrêla, montanhas de nuvens que não se viam, mas que esmagavam a minha alma, tão pesadas... tão pesadas!

Olhava a casa e esperava. Como demorou! Já pensava que o fogo se tinha apagado por si, ou que êle o tinha extinguido. Êle, quando uma das janelas de baixo rebentou sob o impulso do incêndio e uma chama vermelha e amarela, comprida, mole, acariciadora, subiu ao longo do muro branco e beijou-o até ao telhado. Um clarão correu nas árvores, nos ramos, nas folhas, e um arrepio de medo, também. Os pássaros acordaram: um cão pôs-se a uivar, pareceu-me que o dia despontava. Rebentavam mais duas janelas, logo a seguir e vi que todos os baixos da casa não eram mais do que um braseiro aterrador. Mas um grito, um grito horrível, agudíssimo, dilacerante, um grito de mulher, passou na noite, e abriram-se duas mansardas. Tinha esquecido os criados. Vi as suas faces aterradas e os braços que se agitavam.

Então, enlouquecido de horror, pus-me a correr para a aldeia, gritando: "socorro! socorro! ao fogo! ao fogo!" Encontrei pessoas que já se encaminhavam para lá e voltei com elas, para ver.

A casa, agora, não era mais do que uma fogueira horrível e magnífica, uma fogueira monstruosa, que iluminava a terra tôda, uma fogueira onde se queimavam homens e onde êle ardia também. Êle, Êle, o meu prisioneiro, o Sêr novo, o novo Senhor, o Horla!

De repente o telhado inteiro, sumiu-se entre as paredes, e um vulcão de chamas jorrou até ao céu.

Através das janelas abertas sôbre a fornalha, via a cuba de fogo, e pensava que êle lá estava, naquele forno, morto... — Morto? Quem sabe?... o seu corpo?...

O seu corpo, que o dia atravessava, não seria indestrutível pelos meios que matam os nossos?

Se não estivesse morto?... Talvez só o tempo pudesse ter acção sôbre o Sêr invisível e Temível. Porque teria, então aquêle corpo transparente, aquêle corpo irreconhecível, aquêle corpo de Espírito, se devesse temer, êle também, os males, os ferimentos, as enfermidades, a destruição prematura? A destruição prematura? Todo o terror humano vem dela. Depois do homem, o Horla. Depois daquele que pode morrer todos os dias, a tôdas as horas, a todos os minutos, por todos os acidentes, veio aquêle que não deve morrer senão no seu dia, na sua hora, no seu minuto, porque atingiu o limite da sua existência.

Não... não... sem dúvida, nenhuma, sem dúvida nenhuma,... êle não morreu. Então... então... vai ser preciso que eu me mate, eu...

O LENÇO DA SANTA...

(Cont. da pág. 103)

— Por misericórdia, irmãos, passai os camelos e cavalos sôbre mim! Não vos desvieis de mim! Esmagai-me contra o pó! Eu derramei sangue inocente! Esmagai-me contra o pó!

Sulpício agarrou o cavalo de Faustina pelas rédeas e desviou-o para o lado.

— E' um pecador que deseja ser castigado — disse. — Não permitas que isso retarde tua jornada. Este povo tem costumes que lhe são peculiares e que devem ser respeitados.

O homem na estrada continuava a gritar:

— Pisai o meu coração! Deixai os camelos esmagar meu corpo e os cascos dos jumentos vazar meus olhos!

Mas Faustina não parecia ter vontade de afastar-se do miserável homem sem tentar alguma coisa em seu benefício. Permanecera a seu lado, vendo-o e ouvindo-o.

A mulher hebréia, que tanto desejava servi-la, dirigiu-lhe novamente a palavra:

— Este homem era também discípulo do Profeta — disse ela. — Desejais que eu lhe pergunte a respeito de seu Mestre?

Faustina acenou afirmativamente e a mulher curvou-se para o homem.

— Que fizestes vós, galileus, ao vosso Mestre? — perguntou. — Eu vos tenho encontrado dispersos nas estradas e atalhos, mas não O vi em parte alguma!

Vendo-se interrogado dêsse modo, o homem, que se estendera no pó, ergueu-se sôbre os joelhos.

— Que máu espírito se apossou de ti, para que me faças tal pergunta? — disse, num tom que traia desespêro. — Viste, certamente, que me estendi na estrada para ser esmagado. Não te basta isto? Precisas, também, perguntar-me o que fiz com Êle?

Como a mulher repetisse a pergunta, o homem levantou-se e, pondo as mãos sôbre os ouvidos, gritou:

— Maldição sôbre ti, que não me deixas morrer em paz!

Forçou o caminho por entre a multidão apinhada junto à porta da cidade e fugiu, dando guinchos de terror, enquanto suas vestes dilaceradas flutuavam à sua volta como se fossem negras asas.

—Está-me parecendo que chegamos é uma terra de loucos — disse Faustina, enquanto o homem fugia.

À vista dêsses discípulos do Profeta, ela sentia uma grande angustia. Poderia fazer alguma coisa pelo Imperador um homem que se cercava de loucos dessa espécie?

Mesmo a mulher hebréia demonstrava tristeza em seu olhar; e foi muito séria que falou a Faustina:

—Senhora, não retardei vossas pesquisas, breve o haveis de encontrar. No entanto, receio que algum mal lhe tenha sobrevindo, pois que os seus discípulos estão espalhados e não suportam que se lhes fale no Mestre.

Faustina e sua comitiva passaram finalmente através da porta e seguiram pelas estreitas e escuras ruas, tôdas repletas de gente.

Parecia quase impossível atravessar a cidade. Os cavaleiros seguiam lentamente e, de vez em quando, eram obrigados a parar. Escravos e soldados tentavam, em vão, abrir caminho. O povo continuava a expandir-se, numa compacta e irresistível corrente.

— Na verdade — disse a velha mulher — as ruas de Roma são calmos e agradáveis jardins, comparadas com estas!

Sulpício percebeu logo que insuperáveis dificuldades os aguardavam.

Nestas ruas apinhadas de gente é muito difícil andar a cavalo — disse êle. — Se não estás muito fatigada, eu te aconselho a descer e ir a pé até o Palácio do Governador. Não é muito perto daqui, mas, se continuamos a cavalo, não o alcançaremos antes da meia-noite.

Faustina aceitou a sugestão. Apeou-se e entregou o cavalo a um dos escravos. E, misturando-se ao povo, prosseguiram os romanos o seu caminho.

Assim, era, de fato, bem melhor. Ràpidamente alcançaram o coração da cidade e Sulpício mostrou a Faustina uma rua, um tanto vazia, que se estendia diante deles.

— Olha, Faustina — disse, — se tomarmos esta rua, ràpidamente chegaremos. Ela conduz diretamente ao ponto que desejamos.

Porém, no momento em que iam pôr em prática aquela sugestão, o pior dos obstáculos o impediu.

Aconteceu que, justamente quando Faustina começava a percorrer a rua que levava ao palácio do Governador, da porta da Justiça saiu um condenado que levavam ao Gólgota para ser crucificado. Diante dele corria uma multidão de insensatos rapazes que queriam testemunhar a execução.

Percorriam a rua em direção à colina, agitando galhos de árvore, vibrantes de entusiasmo, e fazendo ruidosa algazarra; achavam-se tomados de imensa satisfação, pois iam assistir a um espetáculo que raras vezes lhes era dado presenciar.

Eram seguidos por grande número de homens vestidos de seda, que deviam pertencer à alta sociedade de Jerusalém.

Vinham, depois, as mulheres, muitas das quais traziam as faces inundadas de lágrimas. Um bom número de pobres e aleijados arrastavam-se para diante, clamando com tal angústia que comoviam até o mais empedernido coração.

— O' Deus! — gritavam êles — salva-o! Envia teus anjos para que o libertem! Manda afastá-lo de tão horrível suplício!

Logo depois, vinham alguns soldados romanos em seus ágeis corsóis. Guardavam o prisioneiro e impediam a aproximação do povo, evitando, assim, que tentassem libertá-lo.

Seguiam-se os executores, incumbidos de impelir para diante o homem que ia ser crucificado. Êles o obrigavam a levar sôbre os ombros uma pesada cruz de madeira, o que representava um esfôrço ingente. E isso lhe era tão penoso que seu corpo se inclinava quase até o chão. Mantinha a cabeça tão baixa que ninguém lhe podia ver o rosto.

Faustina parou no princípio da estreita rua e acompanhou com os olhos os passos arrastados do homem condenado. Notou, com surpresa, que êle vestia um manto de púrpura e vinha coroado de espinhos.

— Quem é êste homem? — perguntou ela.

Um dos espectadores respondeu-lhe:

— E' aquele que tentou fazer-se imperador.

— E deve morrer por uma coisa tão pouco digna de esfôrço? — perguntou ela.

O condenado vacilava sob a cruz. Arrastava-se para diante, cada vez mais lentamente.

Os executores ataram uma corda à volta de sua cintura e começaram a arrasta-lo, a fim de o obrigar a apressar o passo.

Como, porém, puxassem com muita violência, o homem caiu e a cruz tombou sôbre êle.

Ouviu-se, então, um terrível clamor. E os soldados romanos viram-se obrigados a conter a multidão. Puxaram as espadas para impedir que se aproximasse um grupo de mulheres que tentava correr em socorro do homem caído. Os executores procuraram obriga-lo a se erguer a poder de bofetadas e açoites, porém êle não se podia mover devido ao pêso da cruz. Finalmente, dois homens tomaram o lenho e o suspenderam.

Então o condenado ergueu a cabeça e Faustina pôde ver-lhe o rosto. As faces estavam lanhadas pelos golpes dos açoites e de sua fronte, ornada pela coróa de espinhos, escorriam lentamente algumas gotas de sangue. Seus cabelos pendiam emaranhados, embebidos em suor e sangue. O queixo estava firme, mas seus lábios tremiam num esfôrço sobrehumano para reprimir um grito. Seus olhos, cheios de lágrimas e quase cegos pela tortura e fadiga, olhavam fixamente para diante.

Mas, por trás daquela face semi-morta, a velha mulher, como numa visão, percebeu outra, pálida e bela, com gloriosos e magnificentes olhos e suaves traços; e sentiu-se, subitamente, dominada por uma imensa piedade pela infelicidade e degradação daquele homem desconhecido.

— Oh! o que êles te fizeram, a ti, pobre alma — exclamou indignada e encaminhou-se para êle, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

Esquecera sua própria tristeza e ansiedade, pela tristeza e ansiedade do homem torturado. Sofria tanto que pensou sentir seu coração explodir de dôr.

(Cont. na pág. 89)

METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS

OPERA NAS SEGUINTES CARTEIRAS:

VIDA, INCÊNDIO, TRANSPORTES (MARÍTIMOS E TERRESTRES), AUTOMOVEIS, ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ:

AVENIDA RIO BRANCO, 110 -- 1.º ANDAR

PRESIDENTE:

DR. F. SOLANO C. CUNHA.

FILIAL DO DISTRITO FEDERAL

Diretor: ANGELO DA SILVA RAMALHO

CASA BRUNO
PAPELARIA E TIPOGRAFIA
LARGO DA LAPA, 34 - B

AOS SEUS
CLIENTES E AMIGOS

A CASA BRUNO TEM O GRATO PRAZER DE INFORMAR QUE RECEBEU UM VARIADO SORTIMENTO DE CANETAS TINTEIRO DE AFAMADAS MARCAS AMERICANAS, TAIS COMO:

PARKER, SHEAFFER'S E WATERMAN'S,

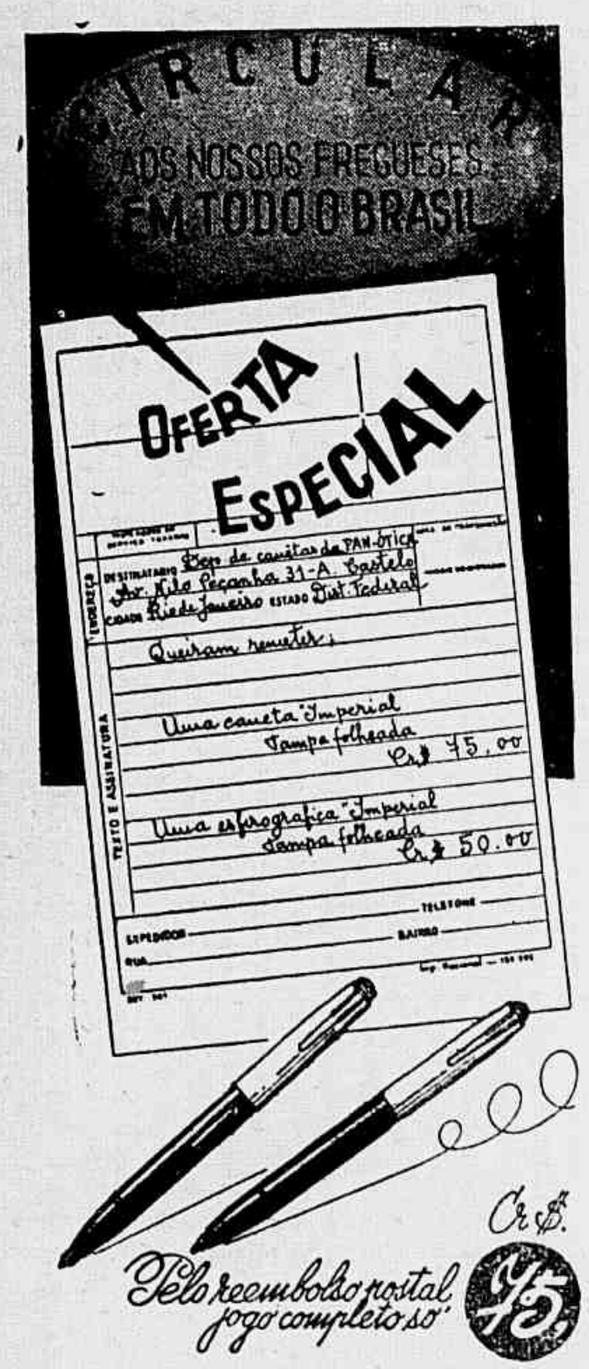
BEM COMO OS TIPOS POPULARES E ESCOLARES DA:

E. FABER e STRATTFORD

Admire-as nos mostruários da secção especialisada de canetas - tinteiro da Casa Bruno e faça a sua escolha.

CASA BRUNO
L.º da Lapa, 34-B

FILIAL:
RUA DO OUVIDOR, 165



Remetemos sem despesas as famosas "PARKER"
JUNIOR - Cr$ 150,00 — AÇO "51" - Cr$ 375,00
MAJOR - Cr$ 265,00 — FOLH "51" - Cr$ 450,00
ACEITAMOS AGENTES LOCAIS

A CANETA IMPERIAL
Departamento de canetas da
PAN — ÓTICA
Avenida Nilo Peçanha, 31 - A — Castelo — Rio

Nome .....
Rua .....
Cidade .....
Estado .....
Qual caneta? .....

"NA COVA DAS SERPENTES"

NOSSO FOLHETIM-SINTÉTICO-ILUSTRADO

Devido à premência de espaço, só na próxima semana iniciaremos a publicação de "Na Cova das Serpentes" (The Snake Pit), folhetim-sintético-ilustrado de Mary Jane Ward, que acaba de ser filmado pela 20th Century-Fox, com Olivia de Havilland e Mark Stevens nos papéis centrais.

(Cont. da pág. 86)

Ela também, como as outras mulheres, desejou correr e livrá-lo de seus algozes!

O homem, caído, vendo-a dirigir-se para êle, arrastou-se, a fim de alcançá-la. Era como se esperasse encontrar nela proteção contra os que o perseguiam e torturavam. Abraçou seus joelhos. Agarrou-se-lhe como a criança que se apega à mãe, procurando um socorro.

A velha mulher curvou-se e, apesar das lágrimas lhe descerem pelas faces, sentiu uma suprema felicidade por vê-lo vir procurar proteção em seu seio. Colocou um braço à volta dos seus ombros e, como a mãe que, antes de mais nada, enxuga primeiro as lágrimas dos olhos dos filhos, colocou seu lenço de puro e fino linho sôbre aquêle rosto, afim de secar-lhe as lágrimas e o sangue.

Neste interim, já os executores haviam suspendido a cruz. Aproximaram-se e arrebataram o prisioneiro dos braços de Faustina. Impacientes pela demora, arrastaram-no cheios de pressa. O condenado soltou um gemido, quando se viu afastado do refúgio que encontrara, mas estava incapaz de opor resistência.

Faustina, que o amparava pelas costas, quando sentiu suas debeis e velhas mãos ineficazes e viu que o levavam, sofreu como se lhe arrancassem o próprio filho e gritou:

— Não! não. Não o levem de mim! Êle não deve morrer! Êle não morrerá!

Dominou-a, então, um imenso desespêro e indignação, pois, sem respeito pelos seus gritos, os algozes o levavam. Quis correr em seu encalço. Quis lutar com os executores e libertá-lo dêles.

Mas, no primeiro passo que deu, foi tomada de fraqueza e vertigem, Sulpício tomou-a apressadamente nos braços para impedir que tombasse ao solo.

Avistando, um pouco adiante, uma pequena loja, transportou-a para lá. Não havia ali nem bancos nem cadeiras, mas o mercador, que era um bondoso homem, estendeu no chão de pedra uma grosseira manta e improvisou, assim, um leito, onde ela foi estendida.

Faustina não estava de todo inconsciente, mas prêsa de fortes vertigens, que a obrigavam a permanecer deitada.

— A exaustiva viagem que acaba de fazer, reunida ao apêrto e à algazarra desta cidade, esgotaram-na completamente — disse Sulpício ao mercador. — É bastante idosa e, apesar de muito forte, não pôde evitar que a idade a vencesse.

— Êste é um dia de tentação, mesmo para aqueles que não são velhos — disse o mercador. — O ar está tão pesado que mal se pode respirar. Não me surpreenderei se uma forte tempestade cair sôbre nós!

Sulpício curvou-se para a velha mulher.

Após tanta comoção e fadiga, ela adormecera com um sono calmo e respiração regular! Então dirigiu-se para a porta da loja e ali ficou a olhar a multidão que passava, enquanto esperava o despertar de Faustina.

VII

A jovem espôsa do governador romano de Jerusalém tivera um sonho muito estranho na véspera da chegada de Faustina à cidade.

Sonhara que estava em pé na sotéia de sua casa, olhando para baixo e observando o belo pátio, que, de acôrdo com os costumes do Oriente, era pavimentado de mármore e ornamentado com plantas raras.

(Cont. no próx. núm.)

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar êste creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

RICARDO *brilhava* EM 1927...

... e continua
brilhando EM 1947!

QUAL O SEU SEGRÊDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua côr primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!

POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raizes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante
PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

TRATAMENTO DO ROSTO E DAS MÃOS

Por profissionais competentes. Os mais finos produtos de beleza: Creme, pó, rouge, água, pasta, etc.
Rainha da Hungria

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

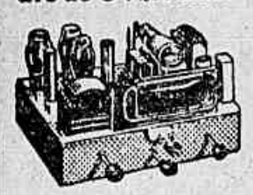
Mme. CAMPOS

Uma organização tradicional através meio século
Rua Assembléia n.º 115-1.º — Fone: 22-4685

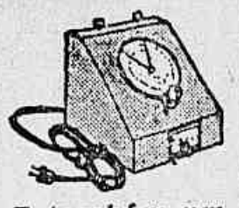
No próximo dia 20 será posto à venda o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1948.

FAÇA SUA FORTUNA ESTUDANDO RADIO

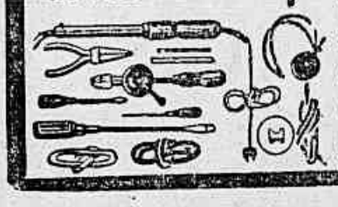
V. S. montará êste maravilhoso Rádio de 8 válvulas.



Receberá um instrumento para medir resistências, condensadores, etc.



E também um jogo completo de ferramentas.



APRENDA EM SUA CASA nas horas de folga para ser um

RÁDIO-TÉCNICO COMPETENTE

Com o novo e aperfeiçoado método prático de nosso INSTITUTO V. S. aprenderá todos os trabalhos manuais de um modo eficiente para montar e concertar RÁDIOS de qualquer marca, amplificadores, transmissores, equipos de Televisão, Cine Sonôro etc. Poderá V. S. ganhar mais dinheiro do que o custo de seus estudos, logo após de iniciá-los. Duração dos estudos, 25 semanas. Mensalidades suavíssimas. Não é preciso ter conhecimento nem preparação especial. MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO.

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR — 93
RUA AURORA, 1021 - SÃO PAULO

Snr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto com as instruções como ganhar dinheiro no Rádio

NOME .....
RUA ..... N.o .....
CIDADE .....
ESTADO .....

USEM PAPEL COUCHÉ NACIONAL KLABIN

Um produto da SEAGERS DO BRASIL S. A.
Distribuidores PAULO P. OLSEN
R. 24 de Maio, 53 - 7.º Fones: 4-1846 - 4-2173 - C. Postal 130-B
São Paulo

Petinati - S. C. 002

J. RASINA tem o prazer de cumprimentar seus distintos amigos e clientes, aos quais apresenta sinceros votos de Feliz NATAL e Próspero ANO NOVO.

JAMES MASON, UM MESTRE

(Cont. da pág. 6.)

Véu", que quebrou vários recordes em tôda a América. O autor da história, "The Upturned Glass", é John P. Monaghan, descoberto por Mason e sua espôsa na Europa, quando faziam uma excursão teatral para a Cruz Vermelha Americana. Monaghan ex-capitão das fôrças americanas, já foi reformado, e escreveu o argumento da película com o auxílio de Pamela Kellino, espôsa de Mason, que tem um importante papel no filme.

Os ensáios foram feitos sob direção médica e na filmagem tomou parte uma legítima enfermeira, dando assim um toque ainda mais real às operações. James Mason aprendeu tudo em relação ao trabalho a realizar: a ação operatória pròpriamente dita, o manêjo dos instrumentos cirúrgicos, aplicação anestésica, movimentos profissionais, e o resto foi suprido por sua arte bem próxima da perfeição. A doente operada foi a atriz Ann Stephens, mas esclareça-se que foi usada uma cabeça de massa, modelada pelas feições da jovem, que recebeu os "córtes" do dr. Mason.

James Mason foi a maior revelação dêstes últimos anos na arte cinematográfica. Tem feito sempre papéis violentos, de homens destemperados, o que aliás bem combina com o seu gênio. Habituado a bater nas mulheres, em seus filmes, êle faz questão de declarar aos jornalistas que o faz também na vida real, embora isso seja mentira. Sua espôsa, Pamela Kellino, que já trabalhou com êle em vários filmes e o repete agora em "The Upturned Glass", é legítimo "tipo Amélia". Topa tudo o que o marido faz, esteja certo ou errado, e o anima sempre a permanecer exatamente como êle é: temperamental, à "la Mason". E assim vão êles vivendo, muitíssimo felizes. Entre os filmes de Mason destacamos "O Sétimo Véu", "Malvada" e "Condenado" (Odd Man Out), atualmente em cartaz no Rio.

O QUARTO DA FRENTE

(Cont. da pág. 81)

não valho mais nada, mas Carlinhos teve de tudo, foi tratado como filho de rico. Foi numa noite que custamos pra dormir que Anita teve a idéia de alugar a sala da frente.

— Você sabe, Armando, aquela sala não serve pra muita coisa. Não somos de luxo, posso receber as freguesas na sala de jantar.

Concordei com ela, pus o anúncio no jornal. Precisávamos muito de dinheiro. Ficou nosso hóspede um senhor idoso, de boa aparência, muito delicado. Não dava trabalho nenhum, muito sossegado, êle mesmo arrumava a cama e comia em horas diferentes do nosso almôço e do nosso jantar. Sempre distraído em cima de livros, era como se não tivesse ninguém de estranho entre a gente. Esteve conosco três meses. No fim dêsse tempo se retirou pra Ribeirão Preto pra morar com uma filha casada, conforme êle disse. Contávamos certos então com aquele dinheirinho do quarto no fim do mês, tivemos que fazer outro anúncio. As despesas com o meu filho não tinham medida, atrasamos algumas prestações da casa, fiz um empréstimo com o meu patrão... A vida me parecia escura como êsses quartos de castigo que dão pavores nas crianças... Não apareceu ninguém pra ver o quarto. Três dias depois tive de anunciar de novo. De tarde quando cheguei em casa encontrei a patroa alvoroçada.

— Você não pode imaginar que coisa extraordinária! Apareceu um inquilino pro quarto, um homem muito rico e meio esquisito. Me ofereceu o dôbro do que pedi e ainda sem ter de dar pensão.

Não entendi direito, fiz Anita contar a história tôda. Ela me falou no automóvel luxuoso que parou na porta, no homem elegante que dele desceu, muito delicado e cortês. Disse que êle ficou encantado de ver criança na casa, ao contrário dos outros que tinham vindo, afagou até o rosto de Luizinha. Achou o quarto estupendo, disse que ficava com êle por seiscentos mil réis mensais.

— E não come em casa? — perguntei sentindo um frio esquisito na espinha.

— Isso foi o que eu achei engraçado — respondeu Anita — disse que queria o quarto para refúgio de algumas horas apenas... longe do barulho da cidade, que o lugar era discreto, agradável, que mandaria um decorador arrumar a sala a seu gôsto, que receberia nela uma pessoa distinta...

O sangue me fugiu e voltou depois todinho pra cabeça. Tudo ficou vermelho. A mulher me olhou assombrada, perguntando se eu não tinha tomado muito sol. Tive pena da inocência dela. Coitada da minha Anita tão pura e tão boa! Expliquei então pra ela o horror que aquele homem queria, mas a patrôa não podia entender, disse que o trabalho em demasia me estava transtornando o juizo, que um homem distinto como aquele não podia querer nada de ruim. Eu estava meio tonto, me sentei na cadeira, olhei em tôrno a minha casa tão bonita, tão arumadinha, vi na minha frente a mulher fatigada de tanta lida, envelhecida, com dois sulcos fundos nos cantos da bôca e aquele ar triste de arrancar lágrimas. Pensei que ela era uma dama, que estava muito mais alto que tôdas aquelas senhoras cintilantes de jóias que andavam nos automóveis, e que um homem miserável chegou até junto dela e jogou nela um pouco de lama com aquela proposta infame. Fechei o punho, senti vontade de esmurrar a vida e essa coisa que a gente não sabe se é destino, o que é... Isso que é como a presença de uma pessoa ameaçadora, uma fôrça que vem de cima e que esmaga... Tive vontade de esmurrar de todos os lados às cegas. Não me lembro mais o que disse mas vi Anita recuar, chegar até a parede, me olhando apavorada como se eu fôsse um louco.

★

Quando penso nesses tempos, seu doutor, parece que um véu preto cobre êsses dias. Sinto um amargo na bôca... é muita desgraça pra um homem só. Fui ver Carlinhos em São José num domingo. Achei o menino bem disposto, alegre, mas o diretor disse que êle tinha de noite uma ponta de febre, que estava fazendo pneumotórax, que por isso tinha que pagar mais cento e quarenta mil réis.

No trem de volta Anita foi falando como quem não quer, parando, às vezes, me assuntando receiosa, olhando depois pela janela vendo as sombras caírem sôbre os campos verdes, sôbre aquelas casas bonitas de telhados vermelhos que pareciam brinquedos, lá longe, empenachadas de fumaça. Foi falando, falando e o barulho do trem repetia tudo o que ela dizia, dando fôrças pras palavras. Escutar aquilo tudo sem dizer nada já não era começar a consentir? Eu estava tão cansado, tão oprimido que não tinha fôrça pra me zangar.

— Armando, onde a gente vai buscar o dinheiro que falta êste mês? Você vai fazer outro empréstimo? O quarto continua sem alugar...

O barulho do trem martelava, repetia tudo de novo, dez, quarenta vezes.

Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das antiestéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra-pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. NICOTAN, Creme Dental especial para fumantes.

— Armando, Carlinhos não tem boa roupa pro frio, eu preciso comprar...

Comprrrarrrr, comprrrarrrr, comprrrarrrr... a ferragem saoudida encompridava os erres.

— Eu guardei o endereço daquele senhor, Armando, você me perdoa mas ontem eu fui lá, disse que ia ver se convencia você e êle me prometeu pagar adiantado três meses.

Três meses... trêêêêssss meesssesss...

Quando cheguei em casa fui pra cama com dor no corpo e febre. Era uma gripe das bravas. Os ouvidos me zumbiam, parecia que eu escutava ainda o barulho do trem. Quatro dias fiquei na cama com febre alta. Anita subia a tôda hora trazendo chás, remédios... Queria chamar o Dr. Cardoso mas eu não deixei, bastava a doença de Carlinhos pra escangalhar o nosso orçamento.

Ela me fitava às vezes com uns olhos mendigos pedindo... Eu sabia bem o quê e voltava o rosto para o canto. Quando levantei perguntei pra ela se o homem tinha voltado. Ela me contou que êle passou um dia antes dizendo que tinha um apartamento em vista, mas que preferia ainda assim o nosso quarto porque a casa era mais discreta e havia crianças. Tinha também a tabuleta de costureira na porta, despistava...

Olhei bem para Anita para ver se era minha mulher mesmo quem falava essas coisas cínicas. Percebi então pelo ar decidido dela que compreendia tudo e aceitava. Ela entendeu também o meu olhar, foi explicando num modo sereno, sem revolta:

— Armando, gente pobre não pode ter certos luxos, e agora nós com essa doença de Carlinhos, com estas prestações que não esperam, estamos pobres. A gente é honesta, continua honesta... êsse quarto é como se não fosse a nossa casa. Alugamos e depois não temos nada com o que o dono faz. Queremos respeito. Ele que receba as visitas que quiser. Tem uma saída independente, nós não tomamos conhecimento.

Eu baixei a cabeça vencido, o rosto ardendo de vergonha.

★

Vieram uns homens, martelaram, pregaram cortinas... Vieram móveis. Um dia Anita me pôs na mão Cr$ 1.300,00 — três meses de aluguel.

Eu fiquei quieto desde então, não tinha mais coragem de falar, era como se a minha vida tivesse acabado. Uma noite nós estávamos jantando quando Mariazinha disse:

— Dona Maud me convidou pra ir ao cinema com ela terça-feira.

A mãe olhou com severidade, ela pareceu não compreender, perguntou ainda:

— Posso ir?

Me levantei, fui pro quarto. Quando subia a escada tinha fantasmas dançando na minha cabeça. Uma mulher pintada com cara de diabo beijava a minha filha, as duas estavam sentadas na beirada de uma cama no quarto da frente. Depois minha mulher tomava o lugar de Mariazinha, ajudava a megera a abotoar o vestido, um homem espiava tudo com um ar debochado, muito bem vestido, a calva luzindo sob o lustre de vidrinhos. Quando Anita subiu me procurando eu estava desatinado, segurei ela pelos pulsos gritando:

— Saída independente, hein? Não tomamos conhecimento. E deixa a nossa filha falar com essa mulher!

Ela quis dizer que era engano meu que Dona Maud era uma freguesa dela, mas eu tinha a certeza de que mentia e que era a mulher "distinta" que o nosso inquilino esperava quartas e sábados, a tal de Dona Maud. Fiquei como um endemoinhado, comecei a atirar coisas no chão, Anita chorava implorando — saí pra rua sem destino. Andei, andei e tudo andava comigo, as árvores e as gentes e tudo falava também, me acusando: — Você é um sujeito cínico, a sua casa é casa de "rendez-vous"... casa de "rendez-vous"...

Tomei um bonde, desci na cidade, enveredei pro bairro das rameiras. Uma mulata gorda me acenou numa janela. Entrei. Ela era pintada, sebuda e viscosa, me escorregava como um peixe pelos dedos. Eu pensava em Anita, via ela ali, deitada naquela cama e imaginava:

Família, mulher da vida... hoje é tudo a mesma coisa! E tinha prazer de misturar Anita naquela mulher, de achar até entre as duas uma certa semelhança. Qualquer coisa acabou dentro de mim nesse dia.

Depois nunca mais perguntei nada. Fazia tudo pra não pensar naquelas coisas horrendas. Fui ficando diferente. Todo o mundo me achava esquisito. Às vezes na rua dava conta de mim falando sòzinho:

— Você é um sujeito cínico, safado...

Percebia então a minha própria voz, via as pessoas me olharem admiradas. Na oficina sentia às vezes um desânimo tão grande que parava o trabalho e ficava perdido num mundo de pensamentos desencontrados. O patrão um dia falou comigo, perguntou o que tinha, porque estava diferente. Respondi que eram questões de família e fui saindo com modo brusco, com medo de afrontar aquele olhar firme de homem honrado.

Eu cheguei num ponto difícil de explicar, doutor (e o homem passava o lenço na fronte porejada de suor). Acho que foi então que eu comecei a sofrer dos nervos, porque não é natural num homem sadio essa falta de vontade, esse desleixamento em que vivi desde então.

Uma vez chegava da oficina quando esbarrei com a tal mulher no portão. Me olhou de frente e sorriu depois, baixando a cabeça num cumprimento. Já não era muito moça, tinha uns olhos doces e um rosto meigo. Quando atravessava o jardim dei com o homem. Ele pareceu mais embaraçado, disse um boa tarde sem jeito:

Entrei em casa, percebi que a mulher arrumava o quarto da frente. Fiquei sentado na sala de jantar sem acender as luzes. Imaginava Anita arrumando aqueles lençóis de pecado, arrumando os travesseiros... Fiquei espantado de não sentir nem revolta nem dor. Antigamente tudo para mim era bem dividido. Havia o Bem de um lado e o Mal do outro. Gente boa era gente boa; gente ruim era gente ruim. Tudo era claro, sem dúvidas. Lembrei a figura simples de Dona Maud, muito diferente do que eu imaginava. Um rosto sem pintura, claro, um olhar reto... E saía de casa, ia se encontrar com o amante como qualquer vagabunda, enganando o marido. E... era na minha casa que isto acontecia, êles me pagavam para isto. Novamente me espantei de não sofrer. Me levantei no escuro, e era como se estivesse vendo as mãos de Anita mexendo nos lençóis, arrumando aquelas desordens... Pensei que aquelas mãos tinham pegado meus filhos pequeninhos, tinham acariciado êles e tinham descoberto o seio que dava de mamar; alguma calamidade muito grande ia cair em cima da gente pois que eu, o dono da casa, consentia naquele horror. Então comecei a sentir um medo estranho, uma coisa que não podia explicar. Foi uma coisa que continuou depois, doutor, e que parecia que ia me deixar maluco. No princípio tinha vergonha de

PARA CABELOS BRANCOS
LOÇÃO
LEBLON
Contra Caspa, Seborréia e Queda dos Cabelos
MANIPULADO COM AS ÁGUAS RADIOATIVAS DE SERRA NEGRA
PERFUMARIA LEBLON S. A.
SERRA NEGRA

O MELHOR AMIGO DA CASA
Kem-Tone
QUALQUER UM PODE USÁ-LO
SWP
acabamento MAGICO para interiores
Tinta sintética fosca lavável
Kem-Tone
MARAVILHA!
SHERWIN-WILLIAMS DO BRASIL
TINTAS E VERNIZES

Traga a primavera à sua casa, pintando-a de cores macias e alegres — as cores que só KEM-TONE pode oferecer. Consulte um bom pintor profissional, e êle lhe dirá que com KEM-TONE, o acabamento mágico da Sherwin-Williams, pode-se pintar uma sala inteira com a máxima facilidade — e pôr tudo de volta em seus lugares antes do jantar...

Porque KEM-TONE dilue-se com água, seca em uma hora, cobre com uma demão — e não deixa cheiro de tinta! Por isso, especifique KEM-TONE, produto da Sherwin-Williams.

☆ ☆ ☆

À venda nas boas casas do ramo. Sherwin-Williams é também o fabricante de PESTROY, a bomba atômica dos inseticidas.

TINTAS E VERNIZES
SHERWIN DO BRASIL WILLIAMS
RUA ANDRE CAVALCANTE, 23 — TEL. 32-2077
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 124 - 4.º AND. - TEL. 4-6681 E 6-1229

Quem usa o que é chic subtilisa-se a si mesmo.
QUEM USA O QUE E' CHIC SUBTILIZA-SE A SI MESMO
Uma bolsa de couro, Faille ou Gros-Grain: um Par de Brincos, um Colar, um Broche ou uma Pulseira da Real Moda. Fazem Sobressair em cada Cliente Absoluto Bom Gôsto.
EM BONIFICAÇÃO REAL MODA UM PAR DE MEIAS NYLON DUPONT "51" CUSTA APENAS CR$ 32.00
DU PONT NYLON 51
Cr.$32.00
Real Moda
Uruguaiana 84

BLANC
COTTO
Um branco ALVO PARA SAPATOS!
APLICAÇÃO FACIL E ECONOMICA, SECAGEM RAPIDA. - 2 TAMANHOS.
COTTO BLANC
UM PRODUTO COTT
Um produto COTTOMAR

contar pra Anita quando sentia aqueles terrores. Me dominava. Mas depois tudo foi piorando. Saía pro serviço e no meio do caminho parava suando frio. Via o Largo e não tinha coragem de atravessar, as minhas pernas fraquejavam. Então, às vezes pegava um garotinho que ia passando e conseguia chegar do outro lado porque êle me conduzia pela mão como se eu fôsse um cego."

— Psicastenia, — murmurou o Dr. Sérgio, fitando compadecido o rosto pálido, convulsionado por um tique nervoso que arregaçava o lábio às vezes numa forma patética.

"Doutor agora eu entreguei os pontos mesmo. Estou um frangalho. Não vou mais pra oficina, não posso mais trabalhar, sou um homem liquidado. Carlinhos faz dois meses que chegou do sanatório. Veio corado com os exames de escarro negativos. Parece que arribou mesmo. Outro dia a mulher me pegou com muito jeito porque eu não queria, me levou no Dr. Cardoso, pediu um remédio pros meus nervos. Ele fez uma receitinha. Antes de mandar aviar eu mostrei ela pro patrão, êle me mandou ve o senhor, êle é um homem que sabe muitas coisas..."

O homem parou a sua narrativa, baixou a cabeça, humilde, esperando a sentença. As sombras haviam invadido o pequeno consultório. A temperatura abrandara. Dr. Sérgio procurava as palavras que devia dizer. Queria algo que levantasse o ânimo do doente, que fôsse um confôrto, uma solidariedade... Mas o Dr. Sérgio muito vivera, vira muito sofrimento e sabia como as palavras ficam ridículas diante da grandeza de certas misérias.

Lá fora o crepúsculo descera sôbre os arranha-céus, sôbre uma porção de Anitas, de Carlinhos, de Mauds e de senhores elegantes em automóveis luxuosos. Entre essa gente tôda, os pequenos jornaleiros evoluiam gritando hecatombes longínquas, que pareciam vagas, quase sem realidade, porque se passavam do outro lado do mar.

O LENÇO DE SANTA VERÔNICA

(Cont. da pág. 43)

não ser que tenha uma mensagem para um dos que, como nós, vive nestas alturas.

Enquanto assim falava, o desconhecido aproximavase.

— E' como dizes — respondeu êle. — Tomei, enganado, uma outra estrada e agora não sei que direção darei a meus passos. Se me deixasses descansar um momento e me ensinasses, depois, o caminho que deveria seguir para alcançar uma fazenda dos arredores, eu te seria eternamente grato.

Dizendo isto, sentou-se numa das pedras que ladeavam a cabana. A jovem espôsa perguntou-lhe, então se não queria participar de seu jantar, mas êle recusou com um sorriso. No entanto, era evidente que estava disposto a conversar enquanto os outros comiam. Inquiriu o jovem casal sôbre o seu modo de vida, seus trabalhos e obteve respostas francas e otimistas.

De repente, o lavrador, virando-se para o forasteiro, solicitou-lhe umas informações.

— Como vês, vivemos aqui absolutamente isolados — disse êle. — Há mais de um ano não falo a pessoa alguma, com excepção de pastores e trabalhadores de vinha, como eu. Não é, pois, natural que peça a quem vem, por certo, de um acampamento, que nos diga alguma coisa sôbre Roma e o Imperador?

Nem bem terminara o homem de falar, quando sua espôsa observou que a velha mulher lançava-lhe um rápido olhar de advertência e fazia-lhe um sinal que parecia significar: — Tem cuidado com o que dizes.

No entanto, o desconhecido, muito afável, respondia:

— Comprendo que me julgues um soldado, o que não é de todo inexato, posto que há muito tempo tenha deixado o serviço. Durante o reinado de Tibério não tem havido muito trabalho para os seus soldados, o que não im-

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
SOCIEDADE ANÔNIMA
ALFANDEGA, 50
RIO
Apresenta a seus amigos e clientes sinceros votos de FELIZ NATAL e prospero ANO NOVO.
Dezembro 1947
1947
1948

pede que êle em outras épocas, tenha sido um grande comandante. Mas já são longe os seus dias de glória. Agora não pensa em outra coisa senão em defender-se dos conspiradores. Em Roma, todo o mundo falava sôbre o fato de êle ter permitido, na semana passada, que o senador Tito fosse prêso e executado por uma simples suspeita!

— O pobre Imperador há muito não sabe o que quer — disse a moça sacudindo a cabeça cheia de piedade e desgôsto.

— Tens tôda a razão — falou o desconhecido — e uma expressão de profunda melancolia ensombrou-lhe o rosto. Tibério sabe que todos o odeiam e isso é a causa de sua demência.

— Que dizes? — redarguiu a moça. — Por que o odiariamos nós? Apenas lamentamos que não seja mais o grande Imperador do início de seu reinado.

—Estás equivocada — respondeu o outro. — Todo o povo odeia Tibério. E como poderia ser de outro modo? Ele não passa de um tirano cruel e vingativo. Em Roma pensam todos que se tornará cada vez mais contrário à justiça.

— Aconteceu, então, alguma coisa que o incite a maiores ferocidades? — perguntou o lavrador.

E sua espôsa viu que a velha, mal êle falara, fazia-lhe outro sinal de advertência, sinal que o marido não percebeu.

O desconhecido respondeu de modo gentil, mas com um singular sorriso a dançar-lhe nos lábios:

— Talvez já tenhas ouvido falar que Tibério em ninguém confia, exceto numa pessoa, a única que tem acesso junto a êle e a quem permite tôdas as verdades e franquezas. Os outros que vivem em palácio não passam de caçadores de fortuna e hipócritas, que exaltam os atos astuciosos e perversos do Imperador, como boas e admiráveis ações. Mas, conforme disse, sòmente uma havia que jàmais receiou dizer-lhe como era atualmente julgada a sua conduta. Esta pessoa, mais corajosa que senadores e generais, era a velha ama do Imperador: Faustina.

— Já ouvi alguma coisa a seu respeito — disse o agricultor. — Dizem mesmo que o Imperador lhe vota grande amizade.

— Sim, Tibério sabe premiar tanta afeição e lealdade. Trata essa pobre camponesa, vinda de uma miserável cabana das montanhas de Sabina, como sua segunda mãe. Tanto que, quando êle reside em Roma, ela vive na mansão do Palatinato, pois o Imperador deseja sempre sabê-la perto de si. Nenhuma das nobres matronas de Roma tem tanto ou mais luxo do que Faustina.

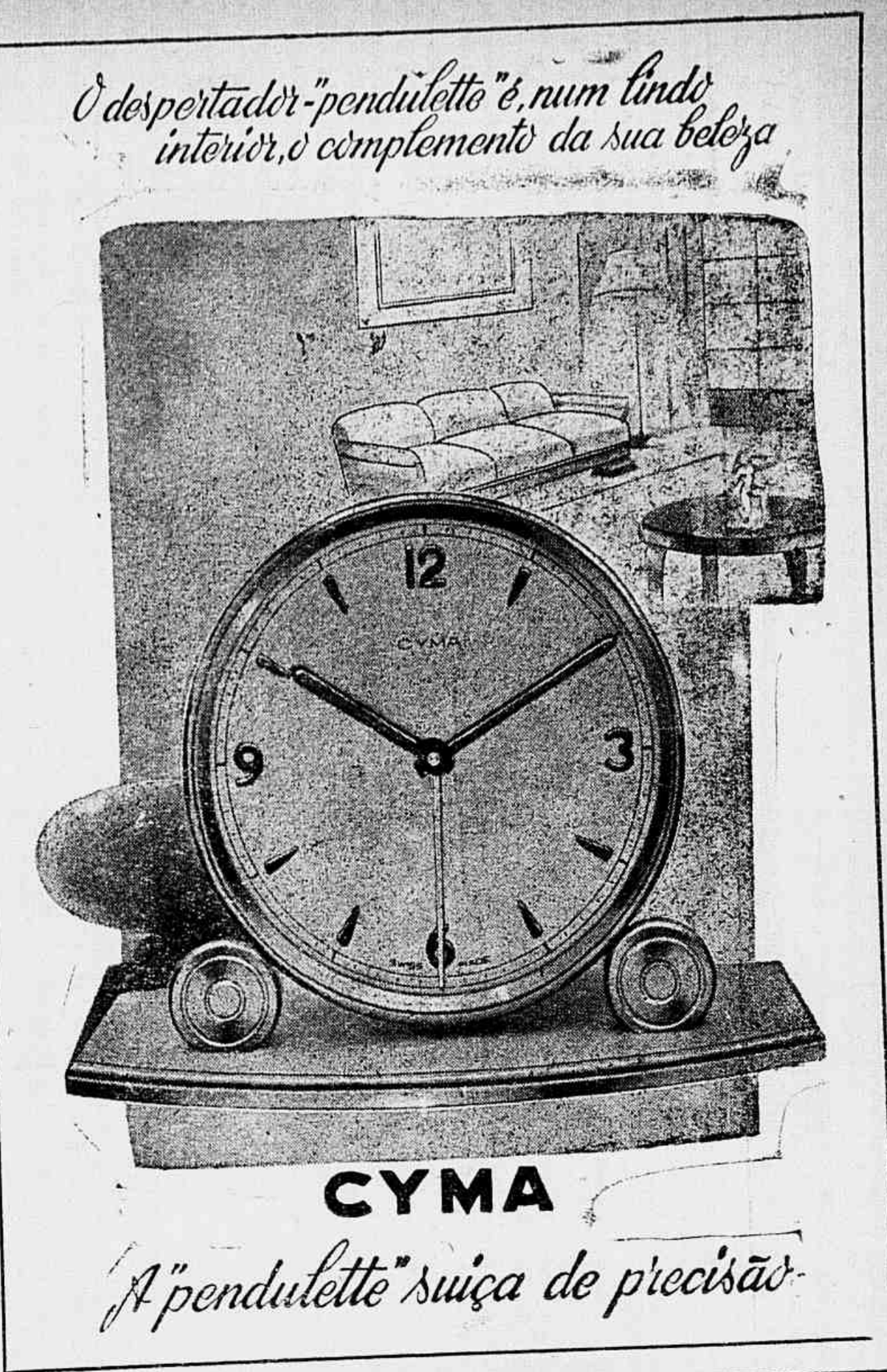
— E' levada pelas ruas em liteira e seus vestidos são tão magníficos como os de uma imperatriz. Quando Tibério vai para Capri, ela o acompanha; sua generosidade levou-o a comprar-lhe uma casa de campo, que encheu de escravos e custoso mobiliário.

— Deve ter, na verdade, uma boa vida — disse o marido.

Agora, parecia que êle ansiava por terminar a conversa. A espôsa, calada, observava a mudança que se operara na idosa mulher.

Desde a chegada do desconhecido, não tinha pronunciado sequer uma palavra. Havia perdido aquela expressão meiga e bondosa. Pousara a comida de parte, estava sentada impertigada e rígida contra o portal; olhava fixamente diante de si, com severa e dura expressão.

— O Imperador desejava vê-la muito feliz — continuou o ex-soldado. — Mas, a despeito de tantas provas de carinho, ela também o abandonou.



A velha, a estas últimas palavras, estremeceu violentamente, porém a moça pôs a mão em seu braço, acalmando-a. Então, começou a falar ao estrangeiro, com sua meiga e simpática voz.

— Não acredito que Faustina tenha sido tão feliz na côrte, conforme dizes. Estou certa de que amava Tibério como seu próprio filho.

Compreendo perfeitamente o orgulho que devia sentir pelo nobre rapaz e compreendo ainda melhor quanto deve ter sofrido ao vê-lo entregar-se, na velhice, a perseguições e crueldades. Todos os dias, com certeza, tentava aconselhá-lo, indicando-lhe seus erros. Deve ter sido terrível, pois sentia a inutilidade de seus rogos. Por fim, não pôde suportar vê-lo afundar-se cada vez mais no mal e na iniquidade.

O homem, atônito pelo que ouvia, inclinou-se um pouco; mas a mulher não lhe dirigiu um só olhar. Conservava os olhos baixos e falava calma e naturalmente.

— Talvez esta tua observação seja justa — replicou o antigo soldado. — Faustina, na realidade, não teria sido feliz na côrte. No entanto, é para admirar que ela tenha abandonado o Imperador, agora, nessa idade avançada, depois de o ter tolerado a vida inteira.

— Que estás dizendo? — perguntou o vinhateiro. — Faustina deixou Tibério definitivamente?

— Ela fugiu de Capri, ignoram todos para onde. Voltou a ser pobre como outrora. Não levou consigo um só dos seus inúmeros tesouros.

— E o Imperador não sabe, em verdade, onde ela se encontra? — perguntou a espôsa.

— Não! Ninguém teve ciência do caminho tomado. Ainda que alguns pensem e garantam que ela deve ter-se refugiado entre as montanhas que a viram nascer.

— Tibério conhece a razão do seu afastamento? — tornou a perguntar a jovem.

— Não. Ele nada sabe a êsse respeito. Não pode acreditar que Faustina o tenha deixado por lhe ter êle dito uma vez que ela o servia por dinheiro e presentes, como todos os mais. De qualquer modo, Faustina não ignora que Tibério jàmais duvidou de seu desinterêsse. Ele esperava vê-la voltar, espontâneamente, a qualquer momento, pois sabe muito bem quanto carece de um verdadeiro amigo.

— Eu não a conheço — disse a moça — mas quase posso afirmar que sei o motivo que a obrigou a abandonar o Imperador. A pobre velha viveu entre essas montanhas na maior simplicidade e amor do próximo, e, com certeza, sempre desejou voltar ao seu antigo lar. Seguramente, isto não teria acontecido se Tibério não a tivesse insultado. Mas, depois disso, ela se julgou com direito de pensar em si mesma, pois seus dias estão contados. Se eu fosse uma pobre montanhesa, agiria da mesma forma. Pensaria que, havendo servido o meu senhor durante tôda a vida, podia proceder como melhor me aprouvesse. Teria, afinal, abandonado luxo e favores reais para dar à minha alma uma sensação de honra e integridade, antes de partir para a longa jornada.

O desconhecido lançou à jovem um olhar de profunda e sincera tristeza.

— Mas deves considerar que as tendências do Imperador se tornam piores do que nunca. Agora, não há mais quem consiga acalmá-lo quando a desconfiança e a misantropia tomam posse de seu coração.

— Pensa nisto — continuou, contemplando a mulher com melancolia estampada nos olhos — no mundo não há ninguém, agora, a quem êle não odeie; ninguém a quem não despreze — ninguém!

Quando pronunciou estas palavras cheias de amargo desespêro, a velha, num rápido movimento, virou-se para êle, mas a jovem espôsa, olhando-o fixamente nos olhos, respondeu:

— Tibério sabe que Faustina voltará assim que êle o desejar. Mas, antes, ela precisa saber que seus velhos olhos nunca mais hão de presenciar, naquela côrte, o vício e a infâmia.

Todos se haviam erguido, tendo o vinhateiro e sua mulher se colocado diante da ancidã, como se a quisessem proteger.

O estrangeiro não pronunciou uma única palavra, mas deitou-lhe um rápido e inquiridor olhar. "Esta é a tua última palavra?" — traduzia êsse olhar. Os lábios dela tremeram, mas nenhuma sílaba foi pronunciada.

— Se o Imperador ama, de fato, sua velha serva, deve deixar que viva em paz os seus últimos dias — comentou a espôsa.

O desconhecido hesitou por um momento; de súbito, porém, o seu anuviado semblante se iluminou:

— Meus amigos, tudo se pode dizer de Tibério, mas há uma coisa que êle sabe melhor que qualquer outro — renunciar. Digo-vos mais: Se esta mu-

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA.

SUCESSORA DE L. B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS Ns. 28/42

★

Fundição de ferro e outros metais — Oficinas mecânicas em geral — Fogões a gás e lenha marca "Progresso" — Prensas para ladrilhos e escritório — CADEIRAS para DENTISTA Almeida Pinho — CADEIRAS para BARBEIRO. — BANCOS para JARDIM e BENGALEIROS de ferro fundido em ornatos — Importadores de: Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras - T - U e Eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos, e de aço para caldeira.

★

TELEFONES: ARMAZEM — 22-0409 — 22-1718 — 22-2748 — 22-1584
ESCRITORIO TECNICO — 42-4675
CONTABILIDADE — 22-1342 — 22-2549

COM 1947 CHEGOU O NOVO

INDÚSTRIAS NEVE LTDA. Rua Rosa e Silva, 74 — Fones 5-1811 e 5-1828 São Paulo

★ Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo KITNEVE apresenta melhoramentos valiosos e modernissimos. Consulte-nos sem compromisso, para detalhes.

"Vendas e Exposição no Rio de Janeiro"
LOJAS MURRAY S/A — Rua Rodrigo Silva, 18
CIA. AUTO-LUX IMPORTADORA — Av. Copacabana, 318-A

"ÚNICO REPRESENTANTE — A. BLUM SOBRINHO"
RUA DO CARMO, 6 - 10.º AND. — SALAS 1.009/1010
Fone 42-2455

lher, de quem tanto falamos, vier a esta cabana, recebei-a muito bem! Os favores do Imperador descerão sôbre os que a socorrerem.

Embrulhou-se no manto e partiu pelo mesmo caminho por que tinha vindo.

III

Depois disto, nunca mais o vinhateiro e sua espôsa falaram à anciã, ou melhor, a Faustina, a respeito do Imperador.

No seu íntimo, entretanto, admiravam-se de como, em tão avançada idade, encontrara fôrças bastantes para renunciar à riqueza e ao poder a que devia estar habituada. "Não é de admirar a sua firme resolução de não voltar para Tibério?" — perguntavam entre si. "E' evidente, porém, que ainda o ama. Foi, certamente, na esperança de fazer despertar sua razão e arrepender-se de seu máu procedimento que o abandonou."

— Um homem na idade do Imperador jàmais começará uma vida nova — disse o lavrador. — Quem poderá libertá-lo do desprêzo que vota à humanidade? Quem se aproximará dêle para lhe falar sôbre o amor do próximo? Sem essa ajuda, não será possível curar-se da desconfiança e da crueldade.

— Sabes que, atualmente, só há uma pessoa capaz de o enfrentar — disse a mulher. Muitas vezes penso que êste milagre se realizaria se os dois se encontrassem. Mas os caminhos de Deus não são os nossos caminhos!

A anciã não parecia, em absoluto, lastimar sua antiga vida.

Tempos depois, a jovem espôsa deu à luz um filho. Faustina passou a cuidá-lo com tal dedicação e alegria que deixou os jovens pais na ilusão de ter esquecido seus desgostos.

Todos os anos, no meio do segundo semestre, ela costumava enrolar-se no seu amplo manto cinzento e descer para Roma. Não procurava nenhum dos seus antigos amigos; ia direito ao Forum. Ali parava, em frente a um pequeno templo que fôra erigido num dos ângulos da magnífica praça.

O templo compunha-se de enorme e esquisito altar, que se erguia no centro do pátio pavimentado de mármore, sob céu aberto.

Sôbre o altar, Fortuna — a deusa da felicidade — estava entronizada; aos seus pés havia uma estátua de Tibério. Rodeando o pátio, elevavam-se as residências dos sacerdotes, os imensos depósitos de lenha e as estrebarias onde os animais aguardavam a hora do sacrifício!

As viagens da velha Faustina nunca se estendiam além daquele templo, onde se rogava pela felicidade de Tibério. Quando lançava um olhar e via que ambas as estátuas — deusa e Imperador — estavam entrelaçadas de flores; — que o fogo sagrado continuava ardendo; que a respeitosa multidão de adoradores estava reunida diante do altar e ouvia o sonoro cantochão dos sacerdotes, fazia meia volta e retornava às suas montanhas.

Desta maneira, sem interrogar nenhum sêr humano, sabia que Tibério estava ainda entre os vivos e que todos o amavam.

Na terceira vez em que empreendeu essa jornada, teve uma grande surpresa. Alcançando o pequeno templo, encontrou-o completamente vazio e abandonado. O fogo não ardia mais diante da deusa e nenhum adorador era visto ali. Um par de guirlandas, já sêcas, pendia de um lado do altar; e era tudo quanto ficara da glória passada. Os sacerdotes tinham desprezado a estátua do Imperador, que permanecia sem guardas, danificada e borrifada de lama.

Faustina voltou-se para o primeiro transeunte:

— Que quer dizer isto? — perguntou. — Tibério está morto? Temos outro Imperador?

— Não — respondeu o romano. — Tibério ainda é Imperador, mas deixamos de rogar por êle. Nossas preces já não lhe podem trazer benefícios.

— Meu amigo — disse a velha — eu vivo longe entre as montanhas aonde não chegam os acontecimentos do mundo. Queres contar-me qual foi a terrível infelicidade que caiu sôbre o Imperador?

— A mais pavorosa de tôdas as desgraças. Foi atacado de um mal jàmais visto na Itália, mas que parece comum no Oriente. Desde que isso aconteceu, suas feições mudaram, sua voz tornou-se semelhante aos grunhidos dos animais e as extremidades de seus membros estão caindo apodrecidas. Para essa doença ainda ninguém achou remédio. Todos acreditam que êle morra dentro de algumas semanas. Mas, se isso não se der, será destronado, pois um homem assim doente e em situação tão desprezível não pode mais dirigir os negócios de Estado. Compreendes, sem dúvida, que esta é uma conclusão antecipada. E' inútil invocar os deuses em seu benefício, e, mesmo, não vale a pena — continuou com um fraco sorriso — ninguém mais tem o que temer ou a esperar dele. Por que, então nos incomodarmos por sua causa?

Fez uma saudação e partiu; mas a velha continuou ali atordoada de pasmo.

Pela primeira vez em sua vida, sentiu-se como uma pessoa vencida pela idade. As costas encurvadas, a cabeça trê-

(Cont. na pág. 100)

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 - 1947

SEDE — RUA 1.º DE MARÇO, N.º 66, RIO DE JANEIRO (DF)

TAXAS DE DEPO'SITOS

Depósitos sem limite	2% a a
Depósitos populares	
Limite de Cr$ 10.000,00	4 1/2% "
Depósitos limitados	
Limite de Cr$ 100.000,00	4% "
Limite de Cr$ 100.000,00	3% "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4% "
Por 12 meses	5% "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3 1/2% "
Por 12 meses	4 1/2% "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3 1/2% "
60 dias	4% "
90 dias	4 1/2% "

Letras a prêmio (sêlo proporcional)

Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1.º de Março, n.º 66, mais as seguintes: Bandeira, Rua Mariz e Barros, n.º 44 — Botafogo (em instalação), Rua Voluntários da Pátria, n.º 449 — Campo Grande, Rua Campo Grande, n.º 100 — Copacabana (em instalação), Avenida Nossa Senhora de Copacabana, n.º 1492 Glória, Praça Duque de Caxias, n.º 23 — Madureira, Rua Carvalho de Souza, n.º 299 — Meier, Avenida Amaro Cavalcanti, n.º 95 — Ramos, Rua Leopoldina Rego, n.º 78 — São Cristóvão, Rua Figueira de Melo, n.º 360 (esquina da Rua S. Cristovão) — — Saúde, Rua do Livramento, n.º 63 — Tijuca (em instalação), Rua Desembargador Isidro, n.º 4 — Tiradentes, Rua Visconde do Rio Branco, n.º 52 e Vila Isabel, Avenida 28 de Setembro n.º 412.

Êste livro maravilhoso explica tudo!

Ensina como fazer:

TRICÔ — CROCHÊ — TRANÇADOS — TECELAGEM — PONTO DE CRUZ — CALADOS — MACRAMÉ — RENDAS — APLICAÇÕES — ACOLCHOADOS — BORDADOS BRANCOS — FILÉ — NINHOS DE ABELHA — BILROS — RÁFIA — GOBELIN — ESMIRNA — MISSANGAS — MONOGRAMAS — etc.

ENCICLOPÉDIA de TRABALHOS MANUAIS

Prezados senhores:

Peço-lhes remeter um prospecto com amplos detalhes sôbre a ENCICLOPÉDIA DE TRABALHOS MANUAIS.

Nome _____

Endereço _____

Localidade _____

Estado _____

nova edição

completamente revisada e ampliada. Um volume luxuosamente encadernado, com 800 páginas em papel gessado, 1.700 gravuras em preto, 8 páginas em côres e 14 fôlhas de moldes.

Preço do exemplar Cr$ 250,00

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO

AGÊNCIA NO RIO DE JANEIRO:
RUA ALEXANDRE MACKENZIE, 127-B

A expressão do **OLHAR**

É A SEGUNDA VOZ DA MULHER

Conserve a eloquência dos seus olhos, livrando-os dos riscos da irritação, vermelhidão, embaciamento. Algumas gotas diárias de LAVOLHO restaurarão a saúde, o brilho e a vivacidade dos seus olhos.

LAVOLHO

BENEFICIA OS OLHOS

FALTA DE ÂNIMO PARA TRABALHAR

As dores musculares e enrijecimento das articulações que roubam a eficiência no trabalho, são sinais da acumulação de toxinas e ácido úrico no organismo. ABACATEIROL, comprimidos à base dos princípios contidos nas folhas do abacateiro, normaliza as funções renais e provoca abundante diurése que facilita a eliminação das toxinas e do ácido úrico restabelecendo a normal capacidade para as atividades diárias.

ABACATEIROL O AMIGO DA SUA EFICIÊNCIA

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

SINTESE DO MOVIMENTO DO EXERCICIO: — De acôrdo com a modificação do § 6.º do art. 41 dos Estatutos, que concedeu a faculdade de estender os benefícios de empréstimos hipotecários a todos os funcionários do Banco do Brasil, esta Diretoria, levando em conta as grandes disponibilidades existentes naquela época e com o intuito de, indistintamente, tornar fácil aos colegas a aquisição de sua residência, resolveu, em sessão de 13 de fevereiro de 1946, alterar, provisòriamente, o sistema de utilização dos créditos, que passaram à disposição dos colegas mediante o pagamento da taxa de inscrição e apresentação de negócio, evitando, assim, as frequentes solicitações de permuta. Apesar de atravessarmos um período anormal, em que a valorização imobiliária se pronunciou de maneira extraordinária, o número de colegas que recorreu aos empréstimos desta Instituição excedeu às nossas expectativas, quase esgotando a verba disponível. Por êsse motivo, em fins de novembro p. passado, vimo-nos obrigados a restabelecer o regime de chamada pela ordem cronológica de inscrição na Carteira de Empréstimos, na forma do Regulamento, atendendo, de preferência, aos nossos associados, pois os demais funcionários do Banco do Brasil podem ainda recorrer ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários. E', pois, com prazer que vemos invertida em bens imóveis grande parte de nosso patrimônio, aplicação esta já aconselhada pelo atuario Dr. René Celestin. Ainda com o fim de aumentar, cada vez mais, o nosso patrimônio, adquirimos, além do terreno à Avenida Presidente Vargas, 180, onde está sendo construido um amplo edifício, os imóveis da rua Acre, esquina de São Bento, em cujo local edificaremos outro prédio, para exploração comercial. Já estão em estudo as respectivas plantas devendo as lojas serem adaptadas para instalação da Agência Metropolitana da Saúde, conforme entendimento que tivemos com o Banco do Brasil.

Passemos agora a fazer algumas considerações sôbre a situação econômico-financeira da Caixa ante o balanço encerrado em 31-12-46. Os elementos líquidos do ativo patrimonial se apresentaram no exercício findo (período de janeiro a dezembro de 1946), com o total de 187.228 milhares de cruzeiros.

A composição das disponibilidades se apresenta com saldos equivalentes a 10.482 milhares de cruzeiros, atribuídos ao numerário em caixa e em conta de depósito no Banco do Brasil S/A, sendo o restante em contas correntes devedoras. Quanto às imobilizações referentes ao terreno adquirido na rua Acre, esquina de São Bento, e pelo terreno e construção à Av. Presidente Vargas, 180, representam apenas 13% do ativo patrimonial. As verbas do passivo estão distribuidas da seguinte forma: Reservas técnicas — 175.000, Reservas de Contingência — 2.956, Fundo de Garantia — 2.765, Exigibilidades diversas — 6.015, Receitas do exercício futuro — 492, somando um total de 187.228 milhares de cruzeiros.

O total de nossas reservas representa, portanto, 96% do total do ativo. Os resultados financeiros do exercício se revelaram por um "superavit" de Cr$ 28 032.068,40, que, conforme determinação do Sr. Atuário, foi inteiramente incorporado às contas das reservas técnicas.

O total da receita do exercício foi de 33.235 milhares de cruzeiros, provenientes de 10.015 atribuidos às rendas da aplicação do patrimônio, figurando, por isso, os juros de títulos de nossa propriedade com 3.843 milhares de cruzeiros; os de empréstimos hipotecários com 5.159 e finalmente 1.513 milhares de cruzeiros dos juros de contas correntes. A receita proveniente das contribuições de associados e do Banco do Brasil S/A atingiram a 22.191.000 cruzeiros. As demais receitas ordinárias apresentaram-se com o saldo de 1.029 milhares de cruzeiros.

No balanço, as despesas atingem um total de 5.203 milhares de cruzeiros, equivalente apenas a 16% do total da renda bruta. Os gastos relativos ao pagamento de benefícios estatutários, que representaram 58% do total da despesa, foram atribuidos as aposentadorias, no montante de 1.860 milhares de cruzeiros, e às pensões, no valor de Cr$ 1.669.000,00, perfazendo o total de 3.029 milhares de cruzeiros. As despesas administrativas somaram 2.174.000 cruzeiros, sendo 1.740.000 de desembolso com as despesas de pessoal e técnicos.

PENSÕES — Durante o exercício foram concedidas 26 pensões, no equivalente de 28.617 cruzeiros mensais. As diferentes baixas atingiram o valor de Cr$ 3.021,10.

APOSENTADORIAS — Em 31 de dezembro último o quadro de aposentados contava com 79 associados, sendo o respectivo pagamento de Cr$ 139.425,00, das quase 40 aposentadorias por invalidez, 23 compulsórias, 6 por velhice e 10 ordinárias. No decurso do exercício, concederam-se 16 aposentadorias no valor total de Cr$ ..... 89.434,00, tendo havido 2 baixas por motivo de morte, que representavam a despesa mensal de Cr$ 1 690,00.

CARTEIRA DE EMPRÉSTIMOS — De um modo geral, as operações realizadas pela nossa Carteira de Empréstimos, no exercício findo, foram, como já dissemos, animadoras, ultrapassando mesmo as nossas expectativas. Comparando o exercício de 31-12-46 com os últimos balanços verificamos o vulto que os negócios têm tomado e o interêsse que despertou entre os colegas as iniciativas desta Caixa. Enquanto nos últimos nove anos os empréstimos hipotecários atingiram a verba de Cr$ 40.000.000,00, em 1946, sòmente, essa mesma rubrica cresceu de quase 30 milhões de cruzeiros.

Devido às grandes dificuldades opostas pela Prefeitura do Distrito Federal, só agora conseguimos a aprovação do projeto do Edifício à rua Araujo Gondim no Leme, estando esta Caixa em negociações para que sejam as obras iniciadas o mais depressa possível. A carteira, no decurso do exercício de 1946, concedeu empréstimos no valor total de Cr$ 52.209.104,00. Foram instaladas 15 secções prediais, em diversas agências do Banco do Brasil, contando a Carteira, atualmente, 62 Secções Prediais. No exercício, houve 708 inscrições, das quais 427 realizadas e 281 a realizar. A Carteira de Empréstimos conta, pois, desde o início de suas operações, com 2.926 inscrições. Até 31 de Dezembro foram resgatados, por antecipação, empréstimos no valor de Cr$ 279.833,50, e, por falecimento dos mutuários, Cr$ 24.764,30. A situação do Fundo de Garantia apresentou-se no Balanço com o saldo de Cr$ 2.765.218,30.

A vida de Jesus

(Cont. da pág. 46)

çava ràpidamente da maturidade humana à clemência divina. Jesus transformou-se num embaixador ambulante da boa vontade entre os homens. O profeta que pronunciou o **Sermão da Montanha** estava já muito longe do agitador que uma vez clamou a Deus para que destruísse os seus inimigos. Tende piedade da ignorância, e ensinai-lhes o que puderem aprender. Abençoai aqueles que vos amaldiçoam. Curai, como um médico bondoso, os que padecem de um máu coração — ainda que, no delírio da sua enfermidade, êles vos firam enquanto procurais socorrê-los.

O **Sermão da Montanha** representa a aspiração mais nobre do homem nos momentos de benevolência. "Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão saciados." Mas a justiça por si só não basta. O pão da justiça deve ser temperado com o maná da clemência. "Bem-aventurados os misericordiosos, porque êles alcançarão misericórdia".

Ao libertar assim da letra morta da lei o espírito vivo da clemência, Jesus declarou que se limitava a seguir a trilha dos profetas anteriores. "Não penseis que vim destruir... os profetas. Eu não vim destruir, mas dar cumprimento."

Jesus opunha-se às tradições sacerdotais da Igreja — ou, como era então chamada, a Sinagoga. Em substituição a elas, apresentava a visão profética dum Reino celestial. Purificai vossos tempos e vossas almas. Abolí os vossos velhos sistemas rituais. Introduzí um espírito novo de justiça. Substituí as vossas convenções por convicções. A convicção da justiça, da compaixão, da bondade terna, da paz. Fora com as vossas pretensões de superioridade sôbre outras nações e raças. Somos todos irmãos num mundo de aflições; somos os filhos interdependentes do nosso Pai Celeste. "Amai-vos uns aos outros." Cessai de oprimir uns aos outros na luta pelos chamados "bens" da terra. Só existe um bem, na terra como no céu — e é o coração meigo. Sêde brandos, não apenas para os vossos amigos, mas para os vossos inimigos. Pois, que é um inimigo, senão um homem de alma ferida? Mitigai-lhe as dores da ferida com o bálsamo da simpatia. "Orai por aqueles que vos perseguem." Jesus era um perito na arte da vida harmoniosa. Sabia que a agressão não era unicamente a causa, mas também o **efeito** da injustiça. O tirano é um homem que foi magoado profundamente. O opressor se tem na conta de vingador; vinga os agravos feitos, quer contra êle, quer contra os que lhe estão próximos. Tôdas as coisas geram coisas semelhantes. A erva daninha do ódio só pode nascer da semente do ódio. Como, pergunta Jesus, podeis esperar que o ódio seja banido da terra, se dais "uma pedra ao que vos pede um pão", ou "uma serpente ao que vos pede um peixe?".

Portanto, conclúi, só existe um meio de estabelecer o Reino dos Céus na terra. E aquí Jesus converte numa Verdade Aurea positiva o Preceito Aureo negativo de Zoroastro, Confúcio e Hillel. Esses profetas primitivos tinham dito: "Não faças aos outros o que não queres que te façam." Mas êle disse: "Faz aos outros o que queres que te façam." Jesus foi o profeta que transformou a justiça passiva no amor ativo.

III

Quando Jesus foi preso, quase todos os discípulos fugiram, de mêdo de serem também capturados. Embora seus inimigos clamassem pelo seu sangue, Jesus, — como Sócrates — recusou defender-se. Pedro puxou da espada e tentou resgatá-lo; mas Jesus limitou-se a sorrir quando viu isso. Aprendera a desprezar as tolas disputas das crianças, e suas armas primitivas de ferro e aço. "Embainha

O 38 é um restaurante pequeno, mas um estabelecimento de 1.ª ordem.

Os mais finos quitutes e as mais diversas bebidas, em ambiente sossegado e do maior asseio.

O 38 é a popular casa da Lapa; venha pois com o seu amigo saborear um petisco à portuguesa.

DERMEVAL J. FERREIRA

R. VISC. MARANGUAPE, 38 — T. 22-0763

RIO DE JANEIRO

PRODUTOS QUIMICOS — Para indústria em geral — Motores e Máquinas — Acidos e Anilinas

AGENTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO NORTE, SUL E CENTRO

Depósito: RUA LAVRADIO, 126 - Tel. 32-6120

E. H. WOLFF

IMPORTADOR E EXPORTADOR

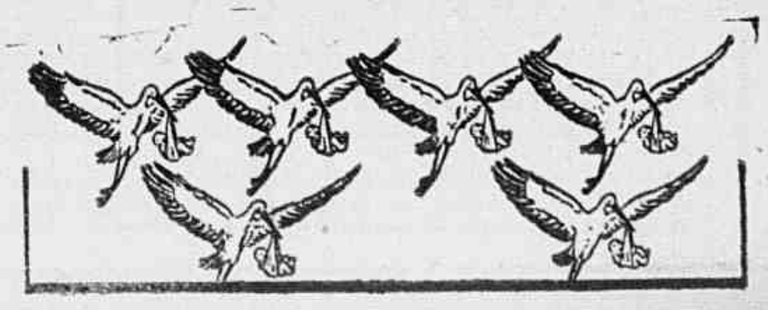
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 998 — Tels.: 43-7915 e 23-1324 — RIO DE JANEIRO

Filial: RUA DO ALECRIM, 341 — End. Teleg. "ELWO" — Caixa Postal 336 — RECIFE — Pernambuco

PARTOS, GINECOLOGIA E CIRURGIA DE SENHORAS. — TELEFONE 27-0110

Casa de saúde especializada para partos, ginecologia e cirurgia de senhoras. Tratamento de tumores pelo Radium e Radioterapia profunda. Serviço de assistência ao parto com internação e assistência médica por Cr$ 2.000,00 mediante inscrição e exame obrigatório com um mês de antecedência e sinal de Cr$ 1.000,00. Raios X diagnóstico permanente. Anestesia pelos gases. Médico permanente para atender aos casos de urgência.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA



SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

a tua espada", disse ao espantado apóstolo. "Porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão."

Estas palavras de Jesus, pronunciadas na presença dos soldados romanos, eram proféticas. Pois os romanos, embora se achassem a meio caminho da sua vitoriosa marcha de conquista, estavam marchando constantemente para a morte. Mas não deram atenção a Jesus. Pilatos o sentenciou, ordenando, de acôrdo com o costume romano, que fosse pregado numa cruz de madeira.

Juntamente com Jesus, os romanos crucificaram dois ladrões, um de cada lado. Na agonia, os outros dois praguejavam; mas Jesus perdoou.

IV

Jesus foi repelido por seus compatriotas, abandonado por seus amigos, crucificado por seus inimigos, e mal interpretado por muitos de seus adeptos. Era uma alma simples, despretenciosa. "Sou meigo e humilde de coração". Desprezava as pompas, as cerimônias, as abafadiças casas de oração. Sua igreja era o campo aberto, seu altar uma pedra à beira da estrada, sua sobrepeliz uma grosseira túnica dilacerada pelos caminhos, e seu côro uma turba de operários galileus a cantar as canções da terra natal. Estivesse hoje entre nós, e horrorizar-se-ia das intolerâncias, ódios, perseguições e crimes perpetrados em seu nome. Mais uma vez nos pediria que lhe escutássemos as palavras de ponderação — palavras tão tràgicamente necessárias hoje como há dezenove séculos. "Não amontoeis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões desenterram e roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração." E' essa avidez de vãs recompensas materiais — dir-nos-ia êle — essa exploração do homem em proveito dos seus semelhantes, essa cruel, porfiada luta de vida ou morte pelos tesouros perecíveis da terra, que tem levado as nações à destruição numa série de guerras e revoluções mundiais. Se ao menos o mundo, tendo **escutado** as palavras de Jesus, começasse a **pensar** nelas! "Todo aquêle que escuta estas minhas palavras, e as pratica, comparálo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sôbre a rocha. E desceu a chuva, e vieram as inundações, e sopraram os ventos, e fustigaram aquela casa; e ela não caiu, porque estava assentada na rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras, e não as pratica, será comparado ao homem insensato, que edificou a sua casa sôbre a areia. E desceu a chuva, e vieram as inundações, e sopraram os ventos, e castigaram aquela casa; e ela caiu, e foi grande a sua queda."

Demasiados homens e demasiadas nações edificaram suas casas éticas e políticas na areia movedica. "Escutai as minhas palavras, e **praticai-as.**" O maior dos ditames de Cristo ainda está para ser cumprido: a edificação de um templo de paz mundial sôbre alicerces de equidade. Foi com êsse propósito que "o Senhor o designou" para trabalhar entre os obstinados filhos da família humana. "Êste é o servo que escolhi; o meu bem-amado, em quem se compraz a minha alma. Porei o meu espírito sôbre êle, e pronunciara julgamento entre os gentios... e **levará a justiça à vitória, e em seu nome esperarão as nações.**"

Da justiça à esperança; da esperança à compreensão; da compreensão à paz.

(Do livro "Vidas de grandes capitães da fé").

1003

"Absoluta"...

...e confiante em si mesma,

porque ODO-RO-NO detém a transpiração das axilas durante muito tempo!

Segura de que está acima de qualquer crítica, sua atração pessoal será mais intensa e completa! Não deixe que o desagradável odor das axilas diminua o prazer de sua presença. Proteja-se com ODO-RO-NO, cuja aplicação é rápida, fácil e simples. ODO-RO-NO não irrita a pele e se conserva perfeito, no pote, por muito tempo. Uma aplicação de ODO-RO-NO protege por três dias e sua acção é instantânea. Só ODO-RO-NO é capaz de manter a sua elegância e torná-la, sempre, a mulher dominadora e... "absoluta..."

Protegendo-a, ODO-RO-NO protege também os seus vestidos, evitando o odor das axilas.

Veja e compare! Cada pote de ODO-RO-NO contém muito mais creme que qualquer outra marca.

Creme ODO-RO-NO
DESODORANTE E ANTI-SUDORAL

A MARCA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

AMANCHA NÃO SE APAGA

(Cont. da pág. 81)

o seu egoísmo lhe oferecesse como única solução o suicídio, ainda haveria nele fôrças bastantes para lhe deter a mão... Abraçamo-nos, êle agradeceu-me e, de novo, me apertou as mãos nas suas mãos que queimavam...

Eu conheci Julieta no ano em que voltara da Bélgica, durante uma curta visita que fiz aos pais do meu amigo, em Cintra. Era uma pequena pálida, magra, vagamente loura. Tinha os olhos claros, mas era tão tímida que nunca lhos pude ver de frente. Não me despertara simpatia nem curiosidade. Pareceu-me insignificante. A atmosfera do claustro não lhe deixara atingir o desenvolvimento normal da sua idade...

— Bom, disse o Norberto, se assim é, preciso absolutamente de que me prestes um serviço. Não me atrevo a expor, eu, a Julieta, a situação a que a levei. Quero-te pedir que te encarregues dessa missão. Dou-te os elementos necessários, vais à Portela...

— Pois si, mas iremos os dois. A tua presença é indispensável. Tua irmã mal me conhece...

No dia seguinte, Norberto expôs-me, com uma dolorosa minúcia, e com documentos à vista, a situação do patrimônio comum. Um fogo de estio queimara aquela seara de ouro...

Daí a uma semana, parti para a Portela.

MESSIAS MESSIAS MESSIAS MESSIAS
Verde branco • Verde tinto • Clarete • Rosado • Branco seco
Vinho do Porto
Lacryma Christi
Dry Old Port
Messsias Port
Vinho Espumante natural

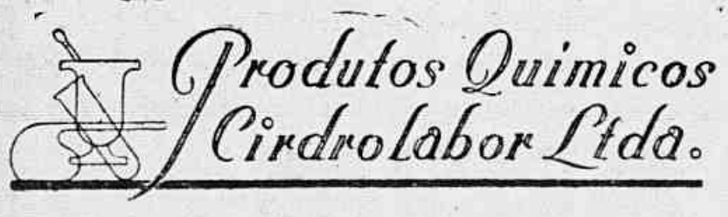
SUPERCOR

TINTAS PARA IMPRESSÃO

Rua Viuva Claudio, 247 — RIO — Tel. 49-3800

INSTALAÇÕES HOSPITALARES, ARTIGOS PARA LABORATÓRIOS EM GERAL.

CIRURGIA, PRODUTOS QUÍMICOS MATERIAL FOTOGRÁFICO E DENTÁRIO.



RUA ARMANDO SALLES OLIVEIRA, 7
TEL. 43-8235

END. TELEG. "CIDROLABOR"
RIO DE JANEIRO

Norberto, que me precedera, devia ir esperar-me à estação, a alguns quilômetros da quinta.

Fiz a viagem mortalmente aborrecido com a minha solidão, com a idéia dos dias confusos que iam seguir-se, e com a amizade que só serve para engrandecer-nos pelo sacrifício. O meu egoismo, ou talvez o meu puritanismo de homem pobre sentia-se ofendido. Atravessava-me a retina a imagem daquela pobre pequena hesitante e alourada, a quem eu ia dar um rude golpe...

Quando me apeei, não vi Norberto na estação, quase deserta. Fiquei embaraçado. A minha vontade foi sentar-me a esperar um comboio descendente, e fugir. Mas só no dia seguinte havia comunicação para Lisboa! Um fator indicou-me um velho que saía da estação e se dirigia para mim com o boné de pala na mão. Era o cocheiro da Portela e convidou-me a tomar lugar na vitória que esperava na estrada.

Pusemo-nos em marcha. «Por que razão é que êle não veio?» pensava eu. A vitória oscilava horrivelmente nas covas do macadame. O silêncio que alastrava pelos campos escorria-me para dentro da alma. As vinhas, pálidas, enlanguesciam a paisagem, davam-lhe tons de terra moribunda... Eu não perguntara nada ao velho.

Entretanto, o céu foi tomando um aspecto sombrio de tormenta iminente. Um vento desesperado esguedelhava, gemendo, os choupos e os loureiros que começavam a babar a folhagem doirada. A agitação das núvens e do arvoredo comunicava-se aos meus nervos fatigados, punha-os a vibrar dolorosamente. Diante de mim, as costas estreitas e bauladas do velho dançavam, contorciam-se comicamente a cada solavanco do carro. Mais de uma vez julguei que nos afundávamos numa cova da estrada. Mas a velha parelha lá conseguia arrancar, e os rins magros do cocheiro recomeçavam o seu bailado grotesco. Mas uma outra cova me despertava e restituia á monotonia dos guisos. A lentidão da marcha e a solidão dos sítios que íamos atravessando, acabaram por me impacientar. Bati levemente nos rins do cocheiro e perguntei-lhe:

— Então, por que não veio esperar-me o sr. Norberto?

O velho voltou-se com muito custo na almofada e contou-me que o sr. D. Norberto saíra de manhã para Lisboa, a toda pressa, por causa dum telegrama.

— Por causa dum telegrama?

Isto deixou-me pensativo. Não trocamos mais palavra durante o longo trajeto. Sucumbido de espanto, mal notei os grossos pingos de chuva que me batiam nos joelhos. Que podia significar esta súbita fuga para Lisboa?

Era o pôr-do-sol quando me apeei em frente do portão da quinta, antigo e brasonado. O ar pesava, e o céu, côr de chumbo violáceo, sugeria-me a imagem dum enforcado... A confusão das minhas idéias, o estado enervante do tempo, o isolamento do sítio, a severidade triste do cocheiro, davam-me o desejo de fugir, de tornar para trás, de não entrar naquela casa onde me esperava uma cena embaraçosa. Adivinhava-a de longe, entre o denso e sombrio arvoredo, como um estranho lugar de clausura e tristeza.

De repente, a luz do sol, vermelha e horizontal, enfiou por um rasgão das núvens bordadas de ouro e veio ensanguentar as tílias, os carvalhos e os eucalíptos da quinta. A uma atmosfera de tragédia, a luz vinha juntar não sei o que de epopéia, — um grito... Estremeci, quase arrepiado. Atrás duma rapariguinha, que carregava à cabeça a minha mala, atravessei o parque na penumbra gelada que as enormes tílias centenárias espalhavam na avenida principal, coberta de ervas mal tratadas. Uma chilreada atordoadora de pardais vinha das ramarias. Anoitecia, e a minha emoção aumentava à medida que íamos transpondo o espaço que nos separava da casa. Fiz esforços incalculáveis para me dominar, para avançar em vez de abalar a fugir, como o reclamava a minha timidez. Ouvi ladrar um cão, e uma voz gritou:

— Cala-te, «Reno»!

Chegados em frente da entrada principal, a criadinha desapareceu à esquerda, na penumbra, e eu fiquei só e embaraçado, em frente dos quatro degraus cobertos de musgo... Havia um aroma denso de flores, enauseante, não sei qual. Voltei-me e considerei a sombra que afogava o parque. A chilreada diminuia com a luz. O meu coração batia de angústia... Uma das portas abriu-se. Foi como uma alucinação... Ainda hoje duvido do que se passou a partir dêsse instante... Essa aparição nunca a poderei esquecer. Durante alguns instantes não trocamos uma palavra, nem eu fiz um gesto. Foi ela que veio ao meu encontro; vi-a sair, abeirar-se da escada, e tirei o chapéu. Tinha na frente uma mulher, uma mulher inesperada. Convidou-me a subir com um gesto cheio de graça e, apesar da luz quase extinta, pude verificar num relance a beleza do seu rosto singular — o brilho penetrante e macio dos olhos, a doçura da boca vermelha, a brancura fosfores-

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875

Séde:

RUA DO OUVIDOR, 93/95 — FONE: 43-8966

AGÊNCIAS METROPOLITANAS:

MEYER

RUA 24 DE MAIO, 1355 — Fones: 29-5538 — 49-2611 — 49-2600 — 29-5902

TIJUCA

PRAÇA SAENZ PENA, 9 — Fone 48-4015

S. CRISTOVÃO

RUA. S. LUIZ GONZAGA, 45 — Fone: 28-3895

URUGUAIANA

RUA URUGUAIANA, 7 — Fones: 22-3812 — 42-2946 — 42-3833

COPACABANA

AV. N. S. COPACABANA, 1155 — Fone: 27-6868

AGÊNCIA DE NOVA FRIBURGO

RUA ALBERTO BRAUNE, 104

Tôdas as Operações Bancárias, inclusive Câmbio

cente da epiderme... Imaginei que transpunha as fronteiras da realidade. Ao mesmo tempo feriu-me um perfume novo, discreto, e não sei que frescura... Era então aquela a insípida colegial que eu conhecera poucos anos atrás! Cumprimentamo-nos. E a sua voz, firme e suave, a sua mão que se entregou forte e lealmente à minha, apagaram por completo a imagem da rapariga insonsa de Cintra. Foi um instante decisivo. Recuperei o domínio de mim mesmo, tudo me pareceu de repente animado duma vida nova. Instalamo-nos no velho e amplo salão e Julieta explicou-me que o irmão partira a toda pressa, depois dum telegrama urgente que viera. Não havia na sua voz uma sombra sequer de desconfiança ou timidez.

— Prometeu voltar para conversarmos.

Olhou-me demoradamente. E, como eu desviasse os olhos, acrescentou:

— Deve tratar-se dum assunto muito grave...

— Por que... (Iria ela pensar que eu vinha ali para...)

— Não sei o que acho no meu irmão de diferente, de mudado... Quase o não reconheço, depois desta viagem. Fomos sempre os melhores amigos... Ultimamente, porém, tornou-se menos comunicativo, as suas cartas fizeram-se raras... E agora acho-o concentrado, mudo... E' verdade que, apesar da nossa grande amizade, que data da infância, êle nunca me falou da sua vida, das suas relações, da sua atividade...

— E' frequente, entre nós, o caso de irmãos cujas vidas são completamente alheias... Defeito da nossa educação arcaica, meio oriental, que separa em duas esferas inteiramente diferentes os rapazes e as raparigas... Há um contraste tão vivo, tão definido, entre a existência do rapaz, relativamente livre, senhor dos seus atos, iniciado desde cedo nas aventuras e malícias da vida, e a existência da rapariga, condenada à clausura do lar, aos preconceitos dum isolamento que já não é do nosso tempo...

A conversa rolou sôbre a educação e a liberdade das raparigas modernas, nos países menos enclavinhados a preconceitos. Contei-lhe casos, referi-lhe opiniões...

— Mas reparo que nem o deixei repousar. A viagem é tão fatigante! Vou deixá-lo um momento. Francisco vai-lhe ensinar os cantos da casa. Deve vir cheio de apetite!...

O jantar aproximou-nos mais. A luz dum velho candieiro de petróleo, convergindo sôbre a toalha de linho preciosamente bordada e a antiga baixela, dava um aconchêgo, uma intimidade maior à nossa companhia. Todos os perfumes do pomar da quinta se deram ali rendez-vous. Esqueci as minhas preocupações. Julieta, ruborizada, sorria-me. E eu, que vivi sempre isolado e sem carinho, trabalhando sem repouso, sentia acordar em mim a alegria, o espírito, um mundo de emoções inexprimíveis. Julieta, ao contrário do que eu supusera, tinha uma excelente cultura, feita ali, na solidão da sua quinta. Porque tivesse adivinhado que as referências ao irmão me assombreavam, ou por outra razão, quase não falou dele durante a ceia. Passamos depois ao salão velho, com retratos de família, jarrões, tapeçarias, móveis antigos, — todo o bric-à-brac das casas nobres, onde as gerações acumularam riqueza e recordações para o futuro. O velho colocou um candieiro em cima do piano e outro em cima duma mesa. Fui até uma das janelas: o céu limpara e reluzia, palpitava, como se miríades de vidas incompreensíveis o animassem. Quando olhei as estrêlas, pareceu-me que alguma coisa de escuro atravessava o espaço... Num caminho distante, um carro de bois ergueu até nos astros o seu lamento agudo. Caíra o vento, não bolia uma folha na quinta negra e silenciosa. Julieta sentara-se ao piano e pôs-se a tocar maravilhosamente. Assim me pareceu...

— Gosta de Brahms? — perguntou, folheando cadernos.

— Imenso. Gostava de tornar a ouvir as «Danças húngaras». Desde quando as não ouço tocar?

— Tenho-as. Mas só para quatro mãos.

— Ótimo! — disse eu com uma coragem nova — tocá-las-emos juntos!

— Sabe tocar? Oh, que engraçado!

Bateu as palmas com uma alegria ingênua, deliciosa numa tão bela mulher, e puxou um banco para junto do seu.

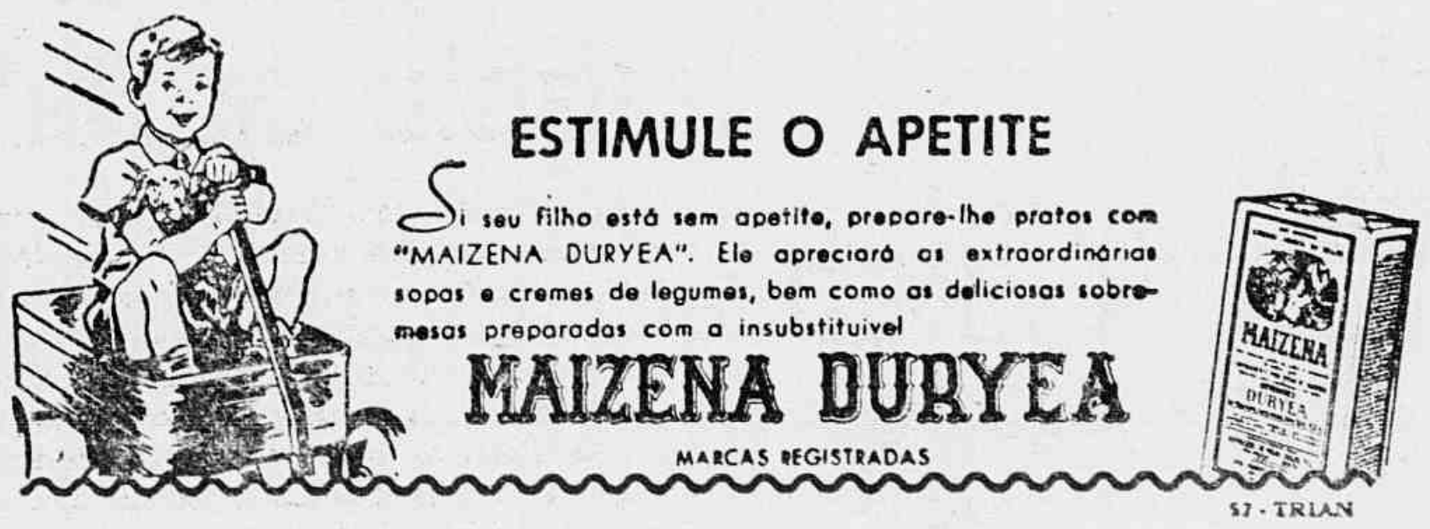
— Sente-se aqui e porte-se bem. Olhe que eu não perdôo uma falta... Sou muito severa.

— Está bem servida. Não toco desde que saí de Gand...

— Que vergonha! e não tem pejo de o confessar? Eu gostava tanto que Norberto estudasse para me acompanhar... Não sei em que os homens perdem o tempo! Prefere o «secondo»? Bem, passe então para êste lado... Sente-se, não perca tempo. Vê bem? Ora vá...

Tocamos Brahms! Eu não sei se aquilo era

(Continua na pág. 104)



MADEIRAS E MATERIAIS
PARA CONSTRUÇÃO
Albino Mesquita & Cia.
Rua D. Manoel 2 e 26
TELEFONE 42 1427
: RIO DE JANEIRO :

O LENÇO DE SANTA

(Cont. da pá. 95)

mula e as mãos débeis tateando no ar.

Desejava afastar-se, mas seus pés negavam-se a qualquer movimento. Olhou em volta procurando alguma coisa em que se pudesse apoiar.

Mas, alguns momentos depois, graças à sua inquebrantável fôrça de vontade, conseguiu readquirir tôda a energia.

Uma semana mais tarde, Faustina vagueava pelos escarpados caminhos da ilha de Capri.

Era um dia muito quente e o supersticioso terror e o desânimo, próprios da velhice, caíam sôbre ela, à medida que se adiantava pelas tortuosas estradas e atalhos da montanha que levavam à Vila de Tibério.

Quanto mais observava a mudança que se operara em tôdas as coisas, durante o tempo em que estivera ausente, mais aumentava sua angústia. Outrora, aquelas estradas da côrte estavam permanentemente cheias de gente. Eram frequentes os grupos de senadores guiados pelos gigantescos líbios, os mensageiros das províncias acompanhados por legiões de escravos, os velozes correios e os nobres convidados a participar das festas do Imperador.

Agora, porém, os caminhos e veredas estavam inteiramente desertos. Lagartos, de cor cinza-esverdeada, eram os únicos sêres que encontrava em sua passagem.

Achava-se espantada por verificar que quase tudo apresentava um aspecto de desolação e ruína. A doença do Imperador havia-se declarado há dois meses, quando muito, no entanto as ervas daninhas já se haviam insinuado por entre as fendas do pavimento de mármore. Plantas raras fanavam-se em seus ricos vasos; e aqui e ali, malévolos espoliadores, que ninguém procurava impedir, tinham derrubado a balaustrada. Porém, o que mais a impressionava era a ausência absoluta de gente. Mesmo que estranhos estivessem proibidos de aparecer na ilha, deviam ser vistos por ali os servidores, a contínua multidão de escravos, de soldados, de dançarinos e músicos, de cozinheiros e administradores; de sentinelas do palácio e jardineiros, que pertenciam à casa do Imperador.

Quando Faustina alcançou o terraço superior, avistou dois escravos sentados nos degráus da porta que dava entrada à vila.

Vendo-a, pressurosos, ergueram-se e a saudaram.

— Benvinda sejas, Faustina! — exclamou um deles. — Bendito os deuses que te enviaram para dissipar essa tristeza.

— Que significa isto, Milo? — perguntou Faustina. Por que está tudo deserto? Tibério não se encontra mais em Capri? No entanto, tinham-me assegurado justamente o contrário.

— O Imperador dispensou todos os escravos por suspeitar que um de nós lhe envenenara o vinho, e provocara com isso o horrível mal de que está acometido. Teria afastado, também, a Tito e a mim, se não tivéssemos recusado obedecer a tal ordem, pois, como sabes, tôda a nossa vida foi dedicada ao serviço do Imperador e ao de sua mãe.

— Não falo só dos escravos — disse Faustina. — Onde se encontram os senadores e os marechais de campo? Onde estão os íntimos amigos do Imperador e os lisonjeiros caçadores de fortuna?

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

TÃO COMPLETA!...
Nem parece uma refeição de pic-nic!

Ah!... é uma refeição com
Malzbier da Brahma

É certo!... Mesmo uma "refeição ligeira" tem seu prazer e valor nutritivo redobrados com Malzbier da Brahma!... Malzbier da Brahma possue alta concentração de malte. E, por isso, compensa a falta à mesa de um ou outro alimento. É tambem a cerveja preferida em todos os lares por ser ligeiramente dôce e de baixo teôr alcóolico. Complete e equilibre o valor nutritivo do seu lanche, almoço ou jantar com a saborosa Malzbier da Brahma. Exija sempre Malzbier da Brahma.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA — P. ALEGRE

RIO ELEGANTE
ALFAIATARIA
SOUZA & CHAPETA LTDA.
EX'MIO CONTRA-MESTRE H. W. CHAPETA
Corte Londrino
AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202 — TELEFONE 43-3234

ANGELO SANTUCCI
TINTAS PARA IMPRESSÃO
DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO DAS TINTAS DA
SUN. CHEMICAL CORPORATION — NEW YORK
RUA DO SENADO, 10 — Telefone 22-4869

— Tibério não deseja mostrar-se a estranhos — disse o escravo. — Sòmente o senador Lúcio e Marcos, o comandante de sua Guarda de Honra, vêm aqui todos os dias a fim de receber ordens. Ninguém mais se aproxima dele.

Faustina subiu os poucos degraus e entrou na vila. Diante dela ia o escravo, a quem, durante o caminho, perguntou:

— Que dizem os médicos da doença de Tibério?

— Nenhum deles conhece o tratamento dêsse mal. Não sabem se fulmina ou mata lentamente. Mas, uma coisa eu te posso assegurar, Faustina Tibério não tardará a morrer, se continuar a recusar todo o alimento por medo de ser envenenado. Um homem doente não pode permanecer desperto, dia e noite como faz o Imperador, temendo que o assassinem durante o sono. Se lhe mereces a mesma confiança de antigamente, talvez consigas obrigá-lo a dormir e comer alguma coisa. Dessa maneira, poderás prolongar-lhe a vida por muitos dias.

O escravo conduziu Faustina através de inúmeros corredores e pátios, até um terraço onde Tibério tinha o hábito de permanecer para bem admirar a maravilhosa paisagem formada pela linda baía e o imponente Vesúvio.

Chegando ao último degráu, avistou uma criatura hedionda cujo rosto, entumecido e disforme, lembrava mais um animal feroz do que um homem.

Suas mãos e pés estavam envoltos em brancas ataduras o que não impedia que dedos e artelhos se mostrassem meio apodrecidos. As roupas estavam amarrotadas e sujas.

Era evidente que aquêle ente desprezível não podia andar, mas sòmente arrastar-se. Estava estendido, com os olhos fechados, perto da balaustrada, na extremidade do terraço, e não fez, sequer, um movimento à aproximação de Faustina e do servo.

A velha ama murmurou ao homem que a conduzia:

— Milo, como pode uma tal criatura permanecer aqui no terraço privado do Imperador?! Apressa-te em afastá-la!

Apenas pronunciou estas palavras, viu o escravo, que se inclinava até ao chão, diante daquela miséria humana: dizer:

— César Tibério, afirma os deuses me permitem a felicidade de te trazer boas novas.

E voltou-se para Faustina. Porém, retrocedeu aterrado e não pôde pronunciar mais nenhuma sílaba.

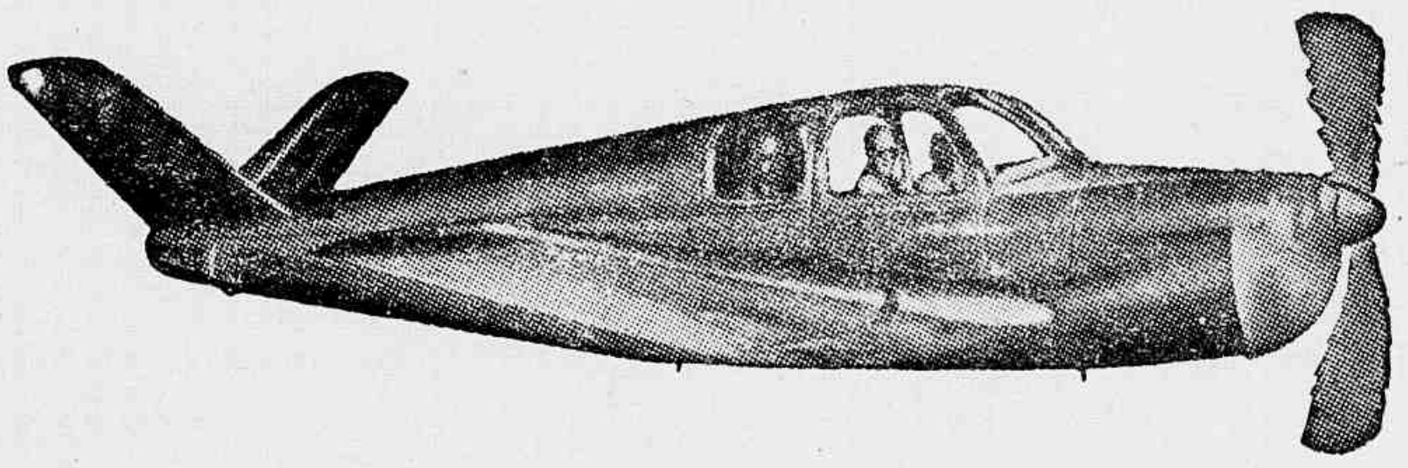
Ele não observara o que se passara com a orgulhosa matrona, tão forte que todos esperavam vê-la atingir a idade das sibilas.

Naquele momento, as fôrças e a altivez haviam-na abandonado e o escravo tinha diante de si apenas um velho destroço de mulher, de olhos esgazeados e mãos trementes.

Faustina, por certo, ouvira dizer que o Imperador sofrera uma horrível mudança; no entanto, nem por um momento deixara de pensar nele como um homem forte, tal como o vira pela última vez.

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

BEECHCRAFT
Bonança
Consagrou-se em todo o Brasil



Payares 120-47

O uso cada vez mais intenso do Beechcraft Bonança no Brasil tem comprovado o seu alto rendimento e todas as qualidades que o fizeram o avião preferido em sua classe:

☆ *Grande velocidade: 277 km/hora de cruzeiro, com 70% da potência* ☆ *Grande raio de ação: 1200 quilômetros, com 4 pessôas, tanques cheios e bagagem* ☆ *Grande capacidade: 454 quilos de carga útil* ☆ *Grande economia Apenas 35 a 38 litros de gasolina por hora.* ☆ *Confôrto e segurança: Construção inteiramente metálica, trem de pouso escamoteável, equipamento completo inclusive rádio transmissor, receptor e gonio.*

DISTRIBUIDORES GERAIS NO BRASIL:

CIA. CARNASCIALI INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Rua Visconde de Inhaúma, 65 - Tels.: 3-7434 e 43-1013
Endereço Telegráfico CARNASCIALI - Rio de Janeiro

MESSIAS MESSIAS MESSIAS MESSIAS
Verde branco • Verde tinto • Clarete • Rosado • Branco seco
Vinho do Porto
Lacryma Christi
Dry Old Port
Messsias Port
Vinho Espumante natural

DERMOFLORA

Saponete antisséptico, preparado exclusivamente com plantas medicinais. Indicado nas irritações da pele, comichões, frieiras, eczemas, etc.

Produto da FLORA MEDICINAL
Fórmula do
DR. MONTEIRO DA SILVA

★

Licenciado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica

★

J. Monteiro da Silva & Cia.

Rua 7 de Setembro, 195
Rio de Janeiro
À venda em tôdas as Farmácias e Drogarias

Alguém lhe dissera que aquela moléstia progredia lentamente e que levava anos para transformar uma criatura atacada por ela. Ali, porém, atuara com tal virulência que em dois meses tornara o Imperador irreconhecível.

Aproximou-se cambaleante de Tiberio. Não podia falar: manteve-se silenciosa ao lado dele e chorou.

— Voltaste, Faustina? — disse o doente, sem abrir os olhos. — Imagino-te aqui bem perto e sei que choras. Mesmo assim, não ouso olhar, tanto receio uma desilusão.

Então, ela sentou-se ao seu lado, ergueu a pobre cabeça e a colocou sôbre os joelhos.

Tiberio continuou estendido, sem olhar. Uma sensação de doce repouso, porém, o envolveu, e, imediatamente, mergulhou num pacífico sono.

V

Algumas semanas depois, um dos escravos do Imperador chegou à isolada cabana das montanhas da Sabina.

A tarde adiantava-se; o vinhadeiro e sua espôsa, na soleira da porta, admiravam o pôr do sol.

O escravo abandonou a estrada, dirigiu-se ao casal e o saudou. Depois, tirou do cinturão uma pesada bolsa e a colocou na mão do lavrador.

— Faustina, a velha que recolheste com tanta compaixão, envia-te isto — disse o servo. — Ela te pede que com êste dinheiro adquiras um vinhedo próprio e construas tua casa, que deve ser mais acessível do que os ninhos das águias.

— Então Faustina ainda vive? — perguntou o marido. — Nós a temos procurado por despenhadeiros e nos pântanos. Quando vi que não regressava, julguei que tivesse encontrado a morte nestas terríveis montanhas.

— Não te recordas — interveio a epôsa — de que eu não podia acreditar que ela houvesse morrido? — Não te disse que voltara para o Imperador?

O marido concordou. — Estou muito satisfeito por isso ter acontecido, não somente porque Faustina voltou à riqueza antiga, o que lhe permite ajudar-nos em nossa pobreza, como, principalmente, pela alegria que deve ter sentido Tibério.

O escravo, cumprida a missão, quis afastar-se imediatamente, afim de alcançar os quarteirões mais populosos antes da noite; mas o casal não o permitiu.

— Nós te guardaremos aqui conosco até amanhã — disseram êles. — Não te deixaremos partir sem ouvir de ti tudo que aconteceu a Faustina. Por que voltou para junto do Imperador? Como se realizou a entrevista. Estão contentes, agora que se encontram novamente reunidos?

O escravo acedeu àquelas solicitudes. Seguiu-os para dentro da cabana e, durante a refeição da noite, contou-lhes tudo sôbre a doença do Imperador e a volta de Faustina.

Quando terminou a narrativa, viu o homem e a sua espôsa sentados, imóveis e silenciosos, como assombrados. Seus olhos pensativos estavam fixos no chão, como para disfarçar a emoção que os dominava.

Finalmente, o homem levantou-se e disse para a mulher:

— Não acreditas que isto tenha sido decretado por Deus?

— Sim — respondeu ela — foi seguramente para isso que o Senhor nos mandou cruzar o oceano e vir até esta isolada cabana. Por determinação Sua, a velha mulher veio até nossa porta.

Ouvindo estas palavras, o vinhateiro voltou-se de novo para o escravo.

— Amigo! — disse — levarás uma mensagem a Faustina. Repete-lhe isto, palavra por palavra! Eu, o teu amigo, o trabalhador de vinhas das montanhas de Sabina, te saúdo. Tu viste a minha jovem espôsa. Não te pareceu bela e de saúde robusta? Pois esta mesma mulher sofreu uma vez a enfermidade que agora aflige Tibério.

O escravo fez um gesto de surprêsa mas o vinhateiro continuou com grande enfase.

— Se Faustina não quiser acreditar nas minhas palavras, dize-lhe que nós vimos da Palestina, na Ásia, uma terra onde essa moléstia é comum. Ali a lei é severa e afasta os leprosos das vilas e cidades, obrigando-os a viver em catacumbas ou nas grutas das montanhas.

Conta a Faustina que minha mulher nasceu de pais leprosos, numa dessas grutas. Enquanto foi criança, era forte e sadia, mas, chegando à adolescência, atacou-a essa horrível enfermidade.

O escravo inclinou-se, disfarçando um sorriso, e disse:

— Como podes esperar que Faustina acredite numa coisa dessas? Ela viu tua mulher em tôda a sua beleza e robustez. Demais, sabe muito bem que não há remédio para tal doença.

O homem replicou:

— Seria melhor para ela se me desse crédito, pois êste fato foi testemunhado. Ela pode mandar inquirir em Nazaré na Galiléia. Muita gente confirmará esta minha declaração.

— Porventura realizaram os deuses um milagre para curar tua mulher? — perguntou o servo.

— Sim, foi como dizes — respondeu o vinhateiro.

— A uns pobres enfermos relegados ao deserto, chegou um dia uma auspiciosa notícia.

"Vinde ver! Um grande Profeta levantou-se em Nazaré, na Galiléia. Está possuído pelo Espírito de Deus e pode curar os vossos males estendendo, apenas, a mão sôbre vossas cabeças!"

Mas, os enfermos, integrados na sua miséria, não julgaram verdadeira uma tal notícia.

— Ninguém nos poderá curar — disseram êles. — O tempo dos profetas já vai longe; agora ninguem será capaz de livrar ao menos um de nós desta infelicidade!

— Porém, havia entre êles uma virgem que sentiu a verdade tocar seu coração. Abandonou os companheiros e seguiu em busca da cidade de Nazaré, onde morava o Profeta. Um dia, quando atravessava uma extensa planície, encontrou um homem de elevada estatura, semblante pálido e cabelos escuros, que caiam encaracolados até os ombros. Seus negros olhos tinham o brilho das estrelas e atraíam-na para êle. Antes de o alcançar, a virgem gritou "Não te aproximes de mim, que estou imunda; porém, dize-me onde poderei encontrar o Profeta de Nazaré!" Mas, o homem continuou a caminhar na sua direção, como se não a tivesse ouvido. Parou junto dela e perguntou: — Por que procuras o Profeta de Nazaré?

— Procuro-O para que coloque sua mão sobre a minha cabeça e me cure dêste mal.

Então, o homem, erguendo os olhos ao céu, levantou a mão e a colocou sôbre a fronte da virgem.

— Que benefício me trará tua mão sôbre minha testa? E's, por acaso, profeta?

Êle sorriu levemente e disse:

— Vai até a cidade que fica no sopé da montanha e mostra-te aos sacerdotes!

A virgem enferma pensou então:

"Ele zomba de mim porque acredito que alguém me possa curar. Não saberei por êle o que tanto desejo."

E afastou-se. Poucos momentos depois, viu um homem que, indo à caça, cavalgava através do campo. Quando o teve ao alcance da voz, gritou:

— Não te aproximes de mim, que estou imunda. Mas, dize-me onde encontrarei o Profeta de Nazaré!

— Que desejas do Profeta? — perguntou o homem cavalgando lentamente para ela.

— Desejo sòmente que coloque sua mão sôbre mim e me cure desta enfermidade.

O homem aproximou-se mais.

— De que doença queres tu que Êle te cure? — disse. — E' evidente que não necessitas de médico!

— Pois não vês que estou leprosa?! Nasci de pais enfermos, numa gruta da montanha.

Mas o homem continuou a aproximar-se daquela que estava bela como um anjo e louça como um botão de rosa.

— Tu és a mais linda virgem da Judéia! — exclamou.

— Também tu me escarneces! — disse ela tristemente. — Sei que o meu rosto está disforme e que minha voz se assemelha ao grunhido das feras.

Ele a olhou profundamente e respondeu:

— Tua voz ressoa como os regatos na primavera, quando murmuram entre os seixos e tua face está tão lisa como se estivesse coberta de macio cetim.

Neste momento, êle cavalgava a tão pouca distância, que ela podia ver seu rosto refletir-se nos brilhantes ornamentos de sua sela.

— Olha e compreenderás — disse êle.

A jovem inclinou-se e viu, com imensa surpresa, que sua pele estava macia como uma asa nova de borboleta.

— Que é isto que eu vejo? — gritou ela. — Êste não é o meu rosto!

— Sim, é o teu rosto! — respondeu-lhe o cavaleiro.

— Então, minha voz não é áspera? Não se assemelha ao barulho que fazem os carros quando passam sôbre as pedras das estradas?

— Não, ela ressoa como a cítara quando vibra doces melodias — disse o cavaleiro.

Ela voltou-se e apontou para a estrada.

— Conheces o homem que acaba de desaparecer atrás daqueles dois carvalhos? — indagou ansiosa.

— E aquele por quem há pouco perguntavas. E' o Profeta de Nazaré!

A virgem cruzou as mãos trêmulas sôbre o peito, ergueu para o céu o belo rosto inundado de lágrimas e exclamou:

— O' Tu, sagrado Sêr! O' Tu, Mensageiro do Poder de Deus! Tu me purificaste!

O cavaleiro colocou-a, então, na garupa de seu cavalo e levou-a à cidade que ficava ao pé da montanha e à presença dos sacerdotes e anciãos, aos quais referiu o grande acontecimento. Êstes a interrogaram minuciosamente; porém, ao ouvirem que a jovem havia nascido no deserto e de pais leprosos, não quiseram considerá-la curada.

— Volta à tua antiga moradia. Se estás doente tens de continuar lá até o fim de tua vida. Não podes ficar na cidade e contaminar a todos nós com essa horrível enfermidade.

Então, ela lhes disse:

— Mas eu estou curada; o Profeta de Nazaré colocou sua mão em minha fronte!

A estas palavras, êles exclamaram:

— Quem é êste que tem poder para purificar os que estão imundos? Tudo isto não passa de uma mistifcação de máus espiritos. Vai-te daqui, antes que atraias sôbre nós a destruição!

Não querendo reconhecê-la curada, proibiram-lhe a entrada na cidade e decretaram que todo aquele que lhe desse abrigo seria também considerado imundo.

Ouvindo essa sentença, a virgem voltou-se para o homem que encontrara no campo:

— Que fazer, agora? Devo voltar para a companhia dos leprosos no deserto?

Porem, o homem, levando-a novamente na garupa de seu cavalo, disse:

— Não, não mais voltarás para as cavernas dos leprosos; viajaremos, atravessaremos o mar em busca de outras terras, onde não existam leis para imundos ou purificados. Então, êles...

Quando o vinhateiro chegou a êste ponto de sua narrativa, foi interrompido pelo escravo, que se erguera.

— Não precisas acrescentar mais nada. Rogo que te levantes e me indiques o caminho, tu que tão bem conheces as montanhas, para que, esta noite e não amanhã, eu empreenda a viagem de regresso. Não devo perder um minuto

afim de mais cêdo levar ao Imperador e a Faustina essas boas novas.

Depois de indicar o caminho ao escravo, o vinhateiro voltou à cabana e encontrou sua mulher ainda acordada.

— Não pude dormir — disse ela. — Estou pensando no encontro daqueles dois: Um que ama tôda a raça humana e outro que a odeia! Um tal encontro é capaz de aniquilar a terra!

VI

A velha Faustina achava-se na Palestina, em caminho para Jerusalém. Ela não permitira que a missão de procurar o profeta e o trazer para a ilha de Capri fosse confiada a outro que não ela. Dizia, pois, a si mesma: "O que vamos pedir àquele estrangeiro é uma coisa que não podemos persuadi-lo a fazer por lisonja, fôrça ou suborno. Mas que talvez nos conceda se alguém caindo a seus pés, lhe contar em que horrível situação se encontra o Imperador. Quem pode fazer uma súplica sincera por Tibério senão aquela que sofre com a sua infelicidade, tanto quanto êle?"

A esperança de salvar Tibério tinha restituído a mocidade à velha mulher. Ela fez, sem dificuldade, a longa viagem, por mar, até Jopé; e na jornada até Jerusalém, não quis usar liteira, preferindo seguir a cavalo. Parecia resistir à exaustiva cavalgada tão fàcilmente como os nobres romanos e os soldados e escravos que a acompanhavam.

A viagem de José para Jerusalém encheu-lhe o coração de alegres e gloriosas esperanças. Era primavera e a planície de Sharon, que atravessaram no primeiro dia de viagem, parecia um garrido tapete de flores. Mesmo no segundo dia, quando chegaram às colinas da Judéia, as flores não os abandonaram. Tôdas aquelas multiformes colinas que divisavam eram plantadas com árvores frutíferas, que atingiam agora a época da floração. Enquanto os viajantes lentamente passavam, podiam observar os botões vermelhos e brancos dos damasqueiros e das ameixeiras e as novas folhas das vinhas, que rebentavam dos troncos escuros com tal vigor que parecia que os olhos podiam acompanhar-lhes o crescimento.

Mas, não sòmente as flores e o verde primaveril tornavam agradável a viagem: sentiam, ainda, maior prazer em observar a multidão que, naquela manhã, seguia também para Jerusalém.

De todos os caminhos e veredas dos isolados outeiros; de todos os remotos cantos da planície, surgiam peregrinos.

Alcançando a estrada que levava a Jerusalém, aqueles grupos, que surgiam, incorporavam-se à multidão, com grandes demonstrações de prazer.

Montado em um pesado camelo, viajava um ancião; seguiam-no, a pé, seus filhos e filhas, seus genros, noras e todos os netos.

Era uma família tão numerosa que reunida, formaria uma pequena cidade.

Uma vovozinha, já muito debilitada para andar, era levada nos braços de seus filhos; e, impando de orgulho ela se deixava transportar por entre a alegre multidão, que respeitosamente se desviava.

De fato, era aquela uma manhã capaz de inspirar alegria mesmo ao mais desanimado. Por certo, o céu não estava claro, mas coberto por uma delgada neblina esbranquiçada; porém, nenhum dos peregrinos se lamentou por estar empanado o brilho esfuziante do sol. Sob êsse céu enublado, o perfume dos rebentos novos e das flores entreabertas não embalsamavam o ar como de costume, nem ousavam elevar-se acima dos campos e estradas. E naquêle belo dia, de leve neblina e suaves aragens, que lembrava o sossêgo e a calma da noite, parecia comunicar à apressada multidão algo de si mesmo, tanto que êles seguiam solenes, porém felizes, cantando a meia voz velhos hinos ou tocando antiquados instrumentos que lhes eram familiares e que ressoavam como zumbidos de mosquitos e trilos de grilos.

Quando a velha Faustina entrou a cavalgar por entre aquêle povo, sentiu-se contagiada por tanta alegria e entusiasmo. Meteu as esporas no cavalo e disse a um jovem romano que cavalgava a seu lado:

— Sonhei a noite passada com Tibério; ele me implorava que não retardasse a viagem; ao contrário, cavalgasse sem descanso para Jerusalém. Tenho a impressão de que isto é um aviso que os deuses me enviam para que não me descuide de lá chegar por esta linda manhã.

Justamente no momento em que assim falava, chegou ao cimo de elevada montanha e, deslumbrada pelo espetáculo a que assistia, parou.

Diante de seus olhos estendia-se um largo e profundo vale todo cercado de ondulantes outeiros; no entanto, na parte mais escura e sombria da planície elevava-se uma maciça montanha, que, orgulhosa, ostentava em seu cume a bela Jerusalém.

Porém, a pequena cidade, que, com suas muralhas e torres, surgia bem no centro do rochedo liso e nu, assemelhando-se a uma preciosa corôa ofertada à Natureza, parecia nessa manhã mais suntuosa do que nunca. Todos aqueles outeiros que jaziam a seus pés, estavam adornados com vistosas e variegadas tendas, à volta das quais um enxame humano se agitava.

Era evidente que todos os habitantes dos arredores se dirigiam a Jerusalém; devia ser ocasião de alguma festa santa tradicional e imponente. Aqueles que viviam mais distantes já ali se encontravam e haviam levantado suas tendas. Os que vinham dos arredores, seguiam apressados pelos caminhos, ansiosos por chegar. E em tôda a estrada que contornava a elevada rocha podia-se ver aquela procissão que lembrava um ondulante mar de brancas vestes, donde se elevavam aos céus alegres e religiosas melodias.

Por algum tempo, a velha mulher observou aquela ardorosa multidão e a longa fileira de tendas levantadas. Depois, dirigiu-se ao jovem romano que cavalgava a seu lado, dizendo-lhe:

— Verdadeiramente, Sulpício, a nação inteira deve ter vindo a Jerusalém.

— De fato, está me parecendo isso mesmo — respondeu o romano, escolhido por Tibério para acompanhar Faustina, por ter vivido muitos anos na Judéia. — Êles celebram agora a grande "Festa da Primavera"; nessa época, todo o povo, sem exclusão de velhos e crianças, vem a Jerusalém.

Faustina refletiu por um momento.

— Estou satisfeita de chegar a esta cidade no dia solene em que seu povo se reune — disse ela. — Isso demonstra que os deuses protegem nossa viagem. Julgas provável que aquele a quem procuramos, o Profeta de Nazaré, tenha vindo a Jerusalém para essas festividades?

— Creio que sim, Faustina — respondeu o romano. — Êle aí deve estar. Isto é, sem dúvida, um decreto dos deuses! Forte e vigorosa es tu; contudo, podes considerar-te afortunada se não tiveres necessidade de fazer a longa e exaustiva viagem até a Galiléia.

Dirigiu-se, então, a um grupo de forasteiros e perguntou-lhes se tinham conhecimento de que estivesse em Jerusalém o Profeta de Nazaré.

— Nós o temos visto sempre aí por esta época — respondeu alguém. — Seguramente deve lá estar, pois é um santo e virtuoso homem.

Uma mulher que ouviu a resposta, estendeu a mão e apontou uma colina que estava a leste da cidade:

— Estais vendo, lá distante, aquela colina coberta de oliveiras? — disse. — E' ali que os galileus costumam erguer suas barracas e onde podereis colher informações seguras sôbre êsse que procurais.

Continuaram a viajar, descendo por sinuosos caminhos, para o fundo do vale; depois, cavalgaram em direção à montanha de Sião, afim de alcançar a cidade que coroava o seu tope. A mulher que os informara seguia a mesma direção.

A escarpada e ascendente estrada era aqui e ali resguardada por espesso paredão, onde mendigos e aleijados se sentavam indolentemente.

— Olhai — disse, de súbito a mesma mulher, apontando para um dos mendigos — aquele é galileu! Lembro-me de tê-lo visto entre os discípulos do Profeta. Ele vos pode dizer onde se encontra o Nazareno que procurais!

Faustina e Sulpício dirigiram seus cavalos para o homem que lhes fôra indicado. Era um pobre velho de forte barba cinzenta. O rosto era bronzeado queimado pelo sol. Não esmolava; ao contrario, sua atitude era de quem se entregava a pensamentos que deviam ser angustiosos, pois estava alheio a tudo quanto se passava à sua volta.

Não ouviu Sulpício, que lhe dirigia a palavra, obrigando-o, por isso, a repetir muitas vezes esta pergunta:

— Meu amigo, foi-me dito que tu és galileu. Peço-te, portanto, que me informes onde poderei encontrar o Profeta de Nazaré!

Afinal o galileu teve um ligeiro sobressalto e olhou à sua volta, confuso. Mas, compreendendo que a pergunta lhe era dirigida, sentiu-se tomado de colera e terror.

— De quem estais falando? — explodiu êle. — por que me perguntais a respeito dêsse homem? Nada sei. Não sou galileu.

A mulher hebréia juntou-se, então, à conversa.

— Pois eu te tenho visto em sua companhia — protestou ela, e depois:

— Nada receies e conte a esta nobre dama romana, que é amiga do Imperador, onde terá probabilidade de encontrar o Profeta.

A irritabilidade do homem bronzeado cresceu de súbito.

— Estão todos loucos hoje? — gritou. — Estão possessos por algum máu espírito para a cada momento me perguntar por êsse homem? Por que não me acreditam quando lhes digo que não conheço o Profeta? Não vim do seu país. Nunca o vi.

Sua irritação atraiu a atenção de um casal de mendigos, sentado no paredão, a seu lado, que imediatamente entraram a contestar tal afirmativa.

— Sem dúvida que eras um dos seus discípulos — disse um deles. — Nós todos sabemos que vieste com êle da Galiléia.

Então o homem levantou os braços ao ceu e gritou:

— Não pude hoje tolerar Jerusalém por causa dêste homem e agora nem mesmo entre mendigos encontro paz! Por que não me acreditam quando lhes digo que nunca o vi?

Faustina fez um movimento de ombros e continuou seu caminho.

— Vamos adiante! — disse. — O homem está louco. Não pode elucidar-nos.

E continuaram a subir a montanha.

A velha romana estava apenas a dois passos da porta da cidade, quando a mulher hebréia que tinha procurado ajudá-la a encontrar o Profeta, gritou-lhe que tomasse cuidado.

Num movimento rápido, Faustina puxou as rédeas e viu, bem junto às patas de seu cavalo, um homem estendido no meio da estrada, onde o perigo era maior. Sòmente por milagre não fôra êle esmagado pelo povo e pelos animais.

Deitado de costas, olhava para cima com olhar baço. Não se movia, apesar de os camelos passarem bem rente a êle.

Estava pobremente vestido e coberto de pó e lama. Trouxera uma grande porção de pedras e as colocara sôbre si mesmo, como para se esconder e ser mais fàcilmente esmagado.

— Que significa isto? Por que está êste homem aí estendido? — perguntou Faustina.

Naquele momento o homem começou a gritar para a multidão:

(Cont. na pág. 88)

O Creme Rugol simplifica extraordinàriamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cútis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...

Quase tôdas as imperfeições da cútis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.

Aplique Rugol tôdas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME RUGÓL

Mantem em segrêdo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

NÚMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO PARÁ

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 58

BELÉM

"CREME DE MILHO LUX"

EM PACOTES DE 1K. E 1/2K.

EXCELENTE ALIMENTO PARA CRIANÇAS E ADULTOS

PRODUTO DO

"MOINHO DA LUZ"

PEDIDOS PELO TELEFONE 23-5936

O QUE TODAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras; elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — O n.º 1 ou o n.º 2. O n.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O n.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um Regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo; não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

A MANCHA NÃO SE APAGA

(Continuação da pág. 99)

Brahms! Nunca toquei tão mal na minha vida. Rimos imenso com os meus erros, e ela perdoou-mos todos. Tinha-a tão perto de mim, que lhe distinguia o bater das artérias na garganta. Mas era como se nos separa se o Himalaia. Como eu desistisse de tocar, ela propôs uma volta pela quinta. Era o seu hábito. E acrescentou que não me dispensava de a acompanhar, enquanto ali estivesse. Eu sentia-me contente de poder esquecer o que ali me trouxera. Ela foi à janela e disse:

— Não está frio. Eu volto já.

Andava com a leveza duma alvéola. Fiquei só, perdi a noção do tempo. Tudo aquilo transpunha a minha realidade e eu abandonei-me a um bem-estar vagamente amoroso.

Quando voltou, trazia pelos ombros um chaile admirável, que dava um relêvo maior às suas formas. Saímos. O frio da noite, penetrante e sêco, reanimou-me. Habituado à luz, não conseguia distinguir formas na escuridão da quinta. Ela guiava-me, rindo das minhas hesitações de citadino. Debaixo dos nossos pés a areia das áleas estalava; outras vezes era a erva ou a folhagem morta que nos ensurdecia os passos. Ao meu lado, eu distinguia apenas o vulto claro de Julieta, como um pouco de névoa condensada... Afeito às trevas, caminhei mais sereno, junto dela. Demos o braço.

— Sabe que me espanta e me causa inveja a solidão em que vive...

— Sim?... Na verdade, pode dizer-se que vivo só... Os dois velhos que me servem e a pequenita que viu, e é sobrinha deles, são as únicas pessoas que entram na minha intimidade. As únicas pessoas vivas...

— **Vivas?...**

— Sim, aqui os mortos circulam em toda a parte, livremente.

— Como, crê no espiritismo?!

— Não; mas creio na perpetuação dos desejos, do amor, dos hábitos, de tudo o que forma a nossa alma. Veja...

Paramos e, entre as árvores, ela apontou-me o solar.

— Diga-me se esta casa, onde durante quatro séculos a vida se agitou, pode considerar-se deserta... A essência da vida não abandona as coisas a que uma vez se prendeu: a vida é uma aspiração de **eternidade...**

Com efeito, a casa, repousada na sombra da noite e do arvoredo, parecia abrigar existências, guardar castos segredos; por detrás das suas janelas cerradas, havia noivas que sonhavam com o seu cavaleiro, velhas avós de cabelos alvos, fiando ou discorrendo contas de rosários entre os dedos trêmulos e engelhados. As paredes transpiravam calor de vidas... Julieta riu-se e continuou:

— Aqui fico de guarda ao silêncio, aos mortos, ao passado... Não importa, o isolamento é bom... Quem não teme a sua consciência não receia estar só...

— Isso é de Pascal.

— Sério? Então devo ter razão.

Decerto, o isolamento é uma prova de coragem perante nós mesmos... No entanto, a vida é tão profundamente sugestiva, e tem aspectos tão agradáveis!

— O agradável e o desagradável dependem de nós. O bem e o mal estão em nós. Onde se encontra um homem, encontram-se todas as contradições... A moral e a mitologia andam conosco por toda parte. O isolamento é, na verdade, um exercício permanente de coragem, porque é nele que todas as fôrças da nossa alma desencadeiam a luta — as más e as boas...

Olhei, surpreendido, o vulto feminino donde vinham estas estranhas palavras, que a educação no convento inspirara talvez.

— Os meus companheiros preferidos são a Rosa, que me conta as suas histórias, e o «Reno»...

Gritou alegremente:

— «Reno»! «Reno»!

O cão ladrou.

— Vou soltá-lo. E' muito meu amigo e muito manso ao pé de mim. Não tenha medo! E' um bom gigante!

O seu vulto claro sumiu-se entre as árvores. Eu fiquei imóvel como a estátua dum sátiro num bosque... Daí a pouco um monstro negro veio aos pulos até junto de mim, farejando. Recuei um passo, atemorizado: era o «Reno», um lobo prussiano, enorme. Atrás dele reapareceu o vulto claro de Julieta.

— E' o meu companheiro de passeios.

Retomamos em silêncio o nosso caminho.

— Às vezes, lembro-me com saudades do meu convento — disse ela. — Como a vida era sim-

MESSIAS MESSIAS MESSIAS MESSIAS

Verde branco • Verde tinto • Clarete • Rosado • Branco seco

Vinho do Porto Lacryma Christi

Dry Old Port Messsias Port

Vinho Espumante natural

Sinclair and Valentine Co. New York

Tintas para impressão e todos os demais artigos para artes gráficas.

★

REPRESENTANTES:

Ehlermann & Cia. Ltda.
Rua Teófilo Otoni, 134
Telefone 23-0759
Rio de Janeiro

Comercial Gratex
Rua Aurora, 427
Telefone 4-5942
São Paulo

CASA OLIVEIRA LEITE

O maior mercado de louças, cristais e utensílios para cozinha: atacado e varejo
32 — PRAÇA MONTE CASTELO — 32
(ANTIGO LARGO DO ROSARIO)

ples e alegre! No entanto, hoje, não seria capaz de suportá-la... Como nós mudamos!

Durante alguns minutos falou-me do convento, das cartas que Madre Teresa lhe escrevia, das amigas mortas e dispersas. A firmeza da sua voz cristalina e suave surpreendia-me.

Como é que, no isolamento, aquela vida se mantinha encantadora e fresca? Não haveria um desejo naquela alma, um estremecimento na carne? Mas nem desejo, nem capricho — nem renúncia, tampouco — transpareciam na voz de Julieta. E eu curvava-me inquieto sôbre a sua alma, como sôbre uma flor admirável, mas sem perfume... O seu braço apoiava-se levemente no meu, sem uma pressão, sem coquetismo. E, no entanto, uma irresistível atração me aproximava dela. Adiante de nós, o «Reno» seguia, cabisbaixo. A certa altura, Julieta declarou que era tempo de voltarmos. Aquiesci, conquanto o meu desejo fôsse prolongar indefinidamente aquêle passeio.

Despedimo-nos, e o criado velho conduziu-me ao quarto, que ficava no primeiro andar. Percorrendo os frios corredores, senti no coração a garra duma angústia inexplicável. O ar parecia-me mais denso, como se o tempo e a imobilidade lhe tivessem dado maior coesão. O quarto tinha a atmosfera fria dum cárcere. Ao entrar, assaltou-me a vertigem que sentimos quando tomamos consciência dum pensamento absurdo, e a solidão apoderou-se outra vez de mim.

O candieiro, na mesa da cabeceira, alumiava frouxamente as paredes brancas, nuas, e a colcha da cama, de seda adamascada. Despi-me vagarosamente, sem vontade, sob o domínio da estranha e poderosa impressão que produzira em mim aquela rapariga. Os seus olhos continuavam a olhar-me, nos meus ouvidos revivia a sua voz nítida e calma, que contrastava com a irradiação poética do corpo...

De repente, relembrei o meu amigo: por que se ausentara inesperadamente? Censurei-me o havê-lo esquecido por completo e tive remorsos, um mal-estar sombrio. Por que estávamos os dois, ela e eu, quase sós naquela grande casa? (Os criados ficavam num anexo). Quanto tempo iria durar uma situação embaraçosa para mim?... Apesar da frescura e da graça de Julieta, da sua coragem perante o cenário do passado, a casa entristecia-me. Tive sempre um íntimo terror das coisas que se foram, irreparáveis...

Deitei-me e, durante duas longas horas, os meus olhos galgaram em vão as páginas dum livro. Oprimia-me um silêncio a que não estava habituado. O silêncio perturba mais do que o rumor, põe a descoberto a maquinaria complicada do nosso pensamento... Abandonei o livro e inspecionei o quarto, os móveis, as paredes, e acabei por fitar um crucifixo que pendia do espaldar da cama. Através de muitas gerações tinham-se volvido para êle muitos olhares suplicantes, agradecidos e angustiados. Alguma coisa dessas vidas passadas teria ficado presa àquela cruz... Pensei nos corpos que naquele leito teriam sofrido, amado, conhecido a luz, e agonizado... Eu próprio, estendido, imóvel, em silêncio, me sentia tocado pela asa da morte, e um suor frio umedeceu-me a testa. O meu relógio batia desesperadamente à cabeceira. Uma angústia tumular pesava-me no peito. Era inadmissível (não lhe parece?) que o contacto daquela rapariga houvesse turvado o meu espírito de negros pensamentos. Admiti, no entanto, êsse pretêxto... O amor passara, até então, na minha vida, a um plano de inferioridade. E êste mundo de sentimentos reprimidos acordava, subvertendo-me as idéias, a razão... A mulher culta, sensível, perturbante, que me aparecia em vez da colegial insípida e obtusa que eu esperava, abalara-me os nervos.

Despeitado comigo mesmo, apaguei a luz e embrulhei-me hermeticamente na roupa, disposto a adormecer. Tinha frio. Perfeitamente imóvel, esperei que o sono viesse apagar-me os pensamentos. Mas não. O tempo corria com um vagar desesperador e eu não podia conservar-me na mesma posição. As imagens ardiam-me na retina. De repente, o ar arrefeceu à minha volta e eu estremeci de novo. O cão uivou. Ergui a cabeça e pus-me à escuta. O uivo repetiu-se, longo e triste, como uma voz que chorasse, traspassando a noite solitária... Erguia-se lúgubre, estrangulado, insistente. Os cabelos, embora eu não fôsse supersticioso, puseram-se-me em pé. Enterrei a cabeça na almofada, tapei os ouvidos àquela voz de mau agouro. E nisto, — tive a sensação duma presença viva... (Não repare, doutor; os olhos enchem-se-me de lágrimas cada vez que recordo êsses minutos). As roupas tornaram-se leves sôbre o meu corpo, leves como se alguém as estivesse erguendo. Tive a impressão, o frio, a vergonha da nudez. Segurei os cobertores fortemente contra mim, cobrindo os olhos, com receio de ver... Tiritava de frio, e de medo, provavelmente. E o receio de encontrar perto de mim um corpo estranho era tão poderoso, que não me atrevia a fazer um movimento. O cão uivava, uivava horrivelmente, como uma sereia pedindo auxílio. Durante uma pausa dos uivos, uma porta bateu com fôrça no rés-do-chão, abalando a casa. O sangue pulsava-me loucamente nas artérias e as lágrimas corriam-me pela cara. Era medo o que eu tinha, doutor, era medo! Oh, um medo tal, que até hoje nunca me abandonou...

Então desencadearam-se os ruídos mais extraordinários: um relógio de música (que eu ainda não ouvira) deu três horas, logo em seguida quatro e depois cinco, alucinado. E a melodia, um velho minueto, endoidecia-me, como se as figurinhas do seu tempo tivessem regressado do túmulo para um baile de fantasmas. Dum extremo ao outro do corredor, num vai-vem atarefado, uns sapatinhos de mulher batiam passos impacientes, e alguém arrastava pesados objetos. Novamente o relógio, com o seu timbre irônico, trêmulo e antigo, encheu de riso a escuridão. O cão não cessava de uivar desesperado, como se o assaltasse uma alcatéia no meio das trevas. Através da casa perpassavam ais. Muito leve, um rumor de asas palpitou no meu quarto e roçou-me o lençol. A presença misteriosa intimidava-me... Por momentos julguei que tudo serenava, e destapei a cabeça; mas uma pancada violenta, no corredor, pôs-me em sobressalto; dir-se-ia que alguém fendia a golpes secos uma porta fechada. Fiz um esfôrço enorme sôbre mim mesmo, e sentei-me na cama.

— Quem anda aí?

A minha voz surpreendeu-me, como quando sonhamos alto e acordamos. O ar estava opaco! Risquei dois, três, cinco fósforos para acender o candieiro. As mãos tremiam-me... Nova pancada, mais violenta, e depois um rumor insuportável de surdas correrias, decidiram-me. O cão uivava sempre, e o relógio, tresloucado, tocava o minueto num tom agudo. Tirei o revólver da mala, enfiei o sobretudo e de candieiro na mão saí ao corredor. Parecia que um espírito infernal se apossara da casa. O sobrado, as portas, as velhas paredes produziam rumores estranhos. E bafos, alternadamente cálidos e frios, roçavam-me na cara e nos cabelos, arrepiando-me de pavor. Mas os uivos do cão foram-me parecendo mais raros, surdos e longínquos, e, à medida que avançava, os rumores afastavam-se diante mim. Tinha receio de caminhar — e caminhava... Para onde? Cheguei próximo da escada principal e perguntei para baixo:

— Alguém chama? Quem anda aí?

As vozes acalmavam-se, e depois duma pausa pareceu-me ouvir umas risadas confusas que lembravam o ruflar de asas de pombas, — ou soprcs de vento no telhado. Logo em seguida ouvi uma pancada tão forte, que só por milagre não larguei o candieiro.

— Não (disse comigo mesmo), eu nunca tive medo, nem mesmo dos vivos... Para diante!

Desci resolutamente as escadas, acompanhado pela sobrenatural «presença». Passos muito leves percorriam agora os corredores e as salas. Os fechos das portas estalavam à minha passagem. Ergui o candieiro acima da cabeça e procurei alguma coisa, um vulto, uma realidade... Só as lufadas me roçavam pelo rosto. Na verdade, não sei dizer para onde ia, nem por que ia. Caminhava ao acaso, para afrontar os fantasmas, nos corredores quase desconhecidos... De repente vi luz através da frincha duma porta. Antes de poder tomar uma resolução, Julieta estava diante de mim, embrulhada num enorme casaco de peles e segurando uma palmatória. Tinha os olhos dilatados, embelezados de espanto; os cabelos revoltos, a boca entreaberta. Perguntou-me num grito:

— Que é isto, meu Deus? o que se passa?...

A sua fisionomia, mais expressiva ainda sob o domínio do terror, fez-me esquecer os meus próprios receios. Guardei o revólver rapidamente e aproximamo-nos um do outro.

— Mas o que há, meu Deus? Eu não entendo nada... O senhor ouve? Que é isto? O «Reno» a uivar, a uivar... Oh, que horrível noite!... E' impossível dormir... E a casa, a casa! Nunca isto se deu, é a primeira vez... O senhor tem andado a pé?

— Não, ergui-me agora mesmo...

Tremia visivelmente. Pedi-lhe que se acalmasse; éramos com certeza vítimas duma alucinação...

— Mas os dois! respondia-me ela, fitando-me aterrada.

O seu olhar, porém, desvanecia em mim todo o medo. Tomei-lhe um braço e aconselhei-a a ir sentar-se no salão, até que tudo tivesse passado. Obedeceu-me docilmente. Fomos sentar-nos os dois, lado a lado, num vasto canapé «império» do grande salão, sob o olhar frio dos avós. A vela e o candieiro, acesos, não iluminavam toda a casa, cheia de sombras e de recantos obscuros. Através das vidraças das janelas entrava a cintilação bizarra das estrêlas. Junto do meu, o seu corpo delgado, tépido, longo, estremecia de frio e de terror. Os rumores desabavam sôbre a casa — e o medo aproximava-a de mim. Insensivelmente, enquanto eu lhe murmurava ao ouvido palavras tranquilizadoras, o meu braço direito rodeou-lhe o busto. Nunca, doutor, uma voluptuosidade mais estranha, mais dolorosa, mais profunda, verdadeiramente diabólica, se apoderou dum homem. Eu via um abismo junto de nós dois, — mas a vertigem da queda alucinava-me, atraía-me... Havia dentro de mim a veemência duma paixão pura e um desejo animal. No meio da agitação sobrenatural da casa, percebia que o meu desejo tinha o quer que fôsse de torpe ou de incestuoso... Mas não importa: corria-me fogo nas veias. O meu braço apertou-a contra mim, cada vez mais; o seu busto flexível, onduloso, entregava-se ao abraço com uma graça tímida, infantil. De repente, como o medo a ferisse mais fundo, escondeu a cara no meu ombro, junto da minha. Senti os seus cabelos admiráveis tocarem-me e, enquanto as suas mãos se prendiam febrilmente a mim, o aroma tépido, embriagador, da carne acabou de me transtornar. A vela, consumida, apagou-se. Não sei que palavras lhe dizia, certamente, mais do que de ternura ou de exortação à calma, de paixão. Ela chorava? E' possível. Assim me pareceu a certa altura. Mas o seu corpo estremecia, deixando-me adivinhar que a volúpia se entornava, também, nas suas veias... Tudo nos deve ter esquecido. Não sei como, as nossas bocas uniram-se num beijo. As mãos dela prendiam-me fortemente a cabeça, acariciavam-me o rosto e o pescoço com um nervosismo quase feroz. A chama do meu candieiro palpitou e extinguiu-se também. Ficamos na sombra. Estávamos sós. Pela janela entrava sempre o olhar trêmulo e multicor dos astros...

Foi assim o nosso noivado, sob o domínio do sobrenatural...

Quando voltei a mim, entrava pelas janelas a luz de cinza da madrugada. A cabeça de Julieta, adormecida, repousava no meu ombro. O manteau deixava-lhe a descoberto os ombros admiráveis e o comêço do seio agitado pela respiração. Um sossêgo e um silêncio extraordinários enchiam a casa. Doíam-me os membros e tinha frio. Abriguei-a melhor e ela suspirou nos meus braços. A minha situação era horrível... Que tinha eu feito? Intimamente rogava a Deus que me libertasse, de qualquer maneira, daquela tortura, — mesmo pela morte. Entretanto a luz foi aumentando suavemente e eu pude vê-la melhor. Os longos cílios fechados tinham deixado escapar algumas lágrimas que lhe corriam devagar pela cara... A luz reanimava as coisas. Desejei apertá-la ao meu coração, beijá-la. Ao meu desejo, à minha ternura por ela misturava-se não sei que terror obscuro que a noite fantástica me deixara nos nervos... Mas de repente Julieta ergueu as pálpebras e o seu olhar encontrou-se com o meu. Ia talvez sorrir... Ergueu-se aterrada, e fugiu com um grito, deixando-me só, desconcertado. Cautelosamente subi até ao meu quarto, que a madrugada inundava duma luz fria e triste. Deitei-me em cima da cama, repassado de sofrimento e, sem saber como, dormitei de leve. Quando acordei, o sol batia nas vidraças; ouvi um canto de aves, nalguma árvore próxima, e essa música encheu-me de ternura. Ergui-me, decidido a dar uma solução aos estranhos acontecimentos dessa noite, vesti-me rapidamente e desci ao rés-do-chão. Julieta não saíra ainda do quarto e eu, muito embora desejasse vê-la imediatamente, resolvi aproveitar o tempo estudando o que iria dizer-lhe. O sol entrava alegremente pela casa, e a quinta, cheia de frescura e de vida, incitava-me a um passeio. «Iremos os dois», pensei eu. E tudo me pareceu simples, resolvido.

O criado entrou, trazendo numa bandeja o pequeno almôço e o correio: jornais, algumas cartas, um telegrama... Um telegrama? Que podia aquilo significar?

— A menina costuma ler o correio no salão...

— Em todo o caso, o telegrama... Pode ser urgente. Leve-lho antes ao quarto.

O velho obedeceu-me. Apoderou-se de mim uma grande agitação. Não toquei nos jornais nem no almôço. Uma expectativa dolorosa distendia-me os nervos... De repente, — um grito. Ouço um grito e ponho-me de pé. Ouço passos, alguém que tropeça, uma porta que se abre, agora, mais perto, alguém que corre no corredor... E o velho entra, desvairado, aflito...

— Senhor, depressa, o telegrama...

Não quero ouvir mais. Precipito-me no corredor. Uma desgraça acaba de cair sôbre nós... Relembro estas palavras: «Haja o que houver... Haja o que houver...». Entro no quarto de Julieta. Vejo-a estendida no tapete, junto da cama, agitada por uma crise de nervos, amarrotando um papel... Consigo tirar-lho dos dedos enclavinhados, abro-o, e leio com espanto:

Norberto ferido gravidade arma de fogo.

Aqui tem o doutor o telegrama, a prova. Assina-o um amigo dele — **Antonio Basto**...

Por instantes duvidei de mim, do telegrama, dos meus olhos. «Haja o que houver... Haja o que houver...». Julguei que endoidecia. Lia e relia as palavras fatais, irrecusáveis... Norberto suicidara-se, com certeza. Julieta caíra em síncope. Julguei que eu próprio ia perder os sentidos, que um pêso horrível me ia esmagar... e olhei as minhas mãos: **Estavam tintas de sangue**... Rubras, rubras de sangue!

Um terror sem limites apoderou-se de mim. Empurrei o velho, a criada, a rapariga, que vinham entrando no quarto e fugi, fugi sem olhar para trás...

Abandonei-a como um miserável.

Nunca mais, doutor, **nunca mais** tive um só momento de tranquilidade... Não tornei a saber dela. Sei apenas que êle morrera naquela mesma noite... Mas não quis mais ouvir falar em tal... Doutor, eu estou doente, que tenho eu? que tenho eu?»

Mostrou-me a palma das mãos, cuidadas e brancas, onde se distinguia o traçado azul das veias, e disse com uma voz surda e velada, cheia dum terror muito meu conhecido:

— «Veja, veja, doutor, a mancha não se apaga... Aqui está ela novamente, aqui está ela a crescer, a alastrar... A mancha não se apaga! a mancha não se apaga!...»

NATAL (Continuação da pág. 11)

. . . . . .

Mas isto havia acontecido há muito tempo. Naquele instante ela nem sabia explicar o motivo por que se encontrava embelezando a sua árvore de Natal, como se nada tivesse acontecido, como se sua existência fosse ainda aquêle esplêndido dia de sol, cujo céu azul e bonito prometia somente prazeres, suaves alegrias, vontade doida de cantar, os lábios dizendo a todo o momento, docemente, voluptuosamente:

— «Eu te amo, eu te amo...»

— «Eu te amo, mais que nunca, para toda a vida, para toda a vida, ainda» — disse para si mesma Maria de Lourdes, enquanto suas mãos apertavam com mais fôrça aquela última estrêla prateada.

Por onde andaria êle agora? Naquele instante, em que teimosamente continuava preparando tudo para os dois, como nos outros tempos, onde estaria Fernando? Em que se fixariam aquêles olhos graves, que nas outras vésperas de Natal pousavam com tanta ternura nos seus próprios olhos? O que diria aquela boca saudosa e querida, que naquele primeiro Natal lhe tinha dito: — «Se eu fosse um menino e acreditasse ainda em Papai Noel, pediria a êle que te desse a mim, para toda a vida». Lembrava-se ainda da sua resposta, que era uma pergunta: — «Como um brinquedo? Olha que os meninos pedem, às vezes, brinquedos que depois estraçalham...».

— «Mas eu não te quero assim, quero-te como minha companheira, minha camarada, para o sol e para a chuva, para os bons e os maus dias. Chinela, compreendes?»

Maria de Lourdes ainda conservava nos lábios o sabor do beijo trocado naquele momento, em que, mais que nunca, suas almas pareciam se terem fundido uma na outra.

Chinela... Se ela compreendia... O termo exprimia bem aquêle amor sem egoismos, aquela situação de completo à-vontade, que lhes proporcionava em todos os instantes um imenso bem-estar.

Terminada a árvore de Natal, ela ocupava-se agora em apanhar do chão caixas vazias, bocados de algodão e, maquinalmente, olhou à volta, para ver se estava tudo em ordem.

Queria seu apartamento bem arrumado e bonito. Nem ela sabia por que. Talvez porque, naquela noite, pela primeira vez desde que se tinha verificado o rompimento, uma doida e imprecisa esperança começava a crescer em seu coração.

Numa noite de Natal, Fernando não lhe havia dito: — «Esta é uma festa que sempre passaremos juntos; ainda que esteja no fim do mundo virei para teu lado, aconteça o que acontecer...»?

Tinham brigado, é verdade, há três meses não se viam, mas Maria de Lourdes chegara à conclusão de que aquela fôra a mais tola briga do mundo, e só não o procurara por não saber o seu destino, e não por um orgulho que seu coração, cheio de amor, não podia ter.

Mas Fernando sabia que ela estava dentro do mundo que só aos dois pertencia, e seu coração de mulher lhe dizia, naquela noite, que êle a amara de mais, que tinham sido sempre muito felizes, para que tudo acabasse daquela maneira. A amizade deles era obra de Deus, era alguma coisa de muito puro e definitivo, para que pudesse um dia terminar para sempre.

Seus lábios, tristes e inexpressivos desde que Fernando partira, tiveram um ligeiro estremecimento e um sorriso começou neles a brincar, enquanto seus olhos se tornavam brilhantes e o seu coração se alvoroçava. Muito rápido, trocou o vestidinho leve por outro mais bonito, arranjou os cabelos, arrumou-se o melhor possível e não esqueceu de botar um pouco de perfume atrás das orelhas, no lugar onde sabia que êle a beijaria primeiro.

Para dominar os seus nervos e o seu íntimo, pegou num livro, na esperança de se distrair. Mas depressa voltou a Fernando, aos momentos vividos, ao tempo bom de sempre. Fechou os olhos e deixou-se ficar jogada naquela poltrona onde êle sempre se sentava, enquanto um delicioso torpor ia tomando conta de todos os seus pensamentos, de todas as suas reações. A paz e a confiança voltavam ao seu coração, êsse coração que tantas noites passara em claro, dominado pela angústia e pela incerteza, por todo êsse grande sofrimento que a saudade e a ausência de Fernando lhe traziam. Dormiu e sonhou, então: — Papai Noel entrava pela porta, trazendo o seu companheiro pela mão e, maldosamente, o velhinho foi logo dizendo: — «Trouxe-o somente para que você o veja um instante. Vou levá-lo de volta... Já que não sabem compreender a vida e um simples arrufo os separa, não é justo que se unam novamente... O amor não é como presente de Natal, que eu posso trazer todos os anos, bobinha. Um verdadeiro amor é difícil. Tolo o que, possuindo-o, não sabe guardá-lo. Você não soube, por isso levarei Fernando de volta...».

Maria de Lourdes acordou, sobressaltada e aflita, sentindo alguma coisa de môrno e macio em seu rosto, uns lábios trêmulos e ansiosos que a beijavam, na semi-escuridão, onde os enfeites da árvore de Natal tremeluziam misteriosamente..

Fechou os olhos, percebendo que as lágrimas começavam a brotar, e, tateando, apertou com fôrça as mãos queridas que procuravam as suas.

Sonhara, não com Papai Noel, mas com a sua própria consciência. E ela, que nunca jurava, fez questão de um juramento sagrado perante essa mesma consciência: — Nunca mais deixaria que alguma coisa, pequena ou grande, se interpusesse entre ela e o seu grandalhão, o seu companheiro.

Os lábios de Fernando, apertados contra os seus lábios, tornavam desnecessárias quaisquer explicações.

Êle estava ali. E era Natal, de novo.

Como sinos bimbalhando, numa louca, voluptuosa alegria, as batidas descompassadas de seu coração pareciam ir dizendo, como outrora, como sempre: — Eu te amo... Eu te amo...

RENOVAR... o Natal é próprio para renovar **também** a sua casa, começando pela forração, o que dará um realce extraordinário aos móveis e às cortinas. O seu Natal será, assim, mais alegre e mais feliz.

MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

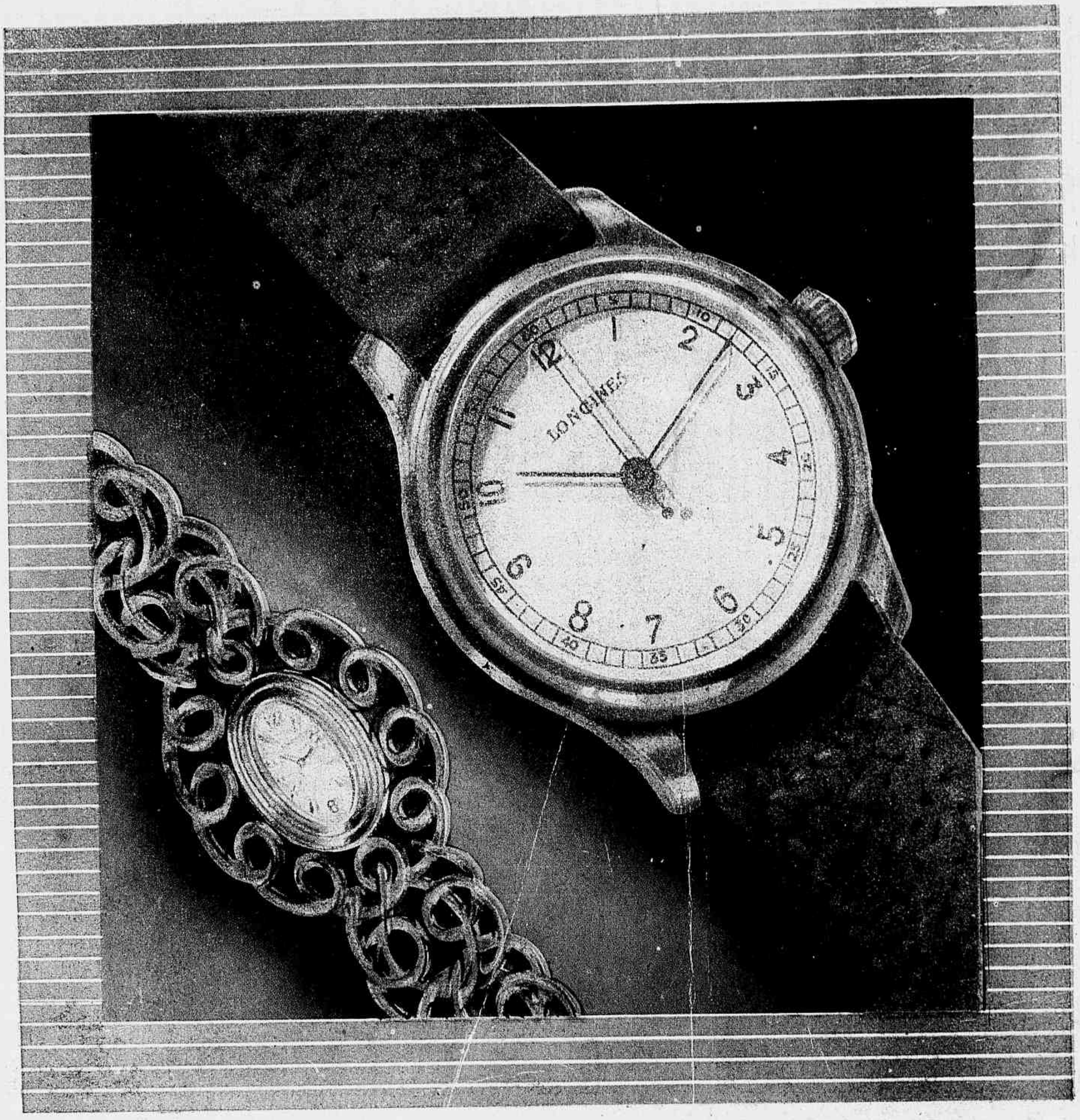
Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos.

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES

CASA MARCA UNES REGISTRADA

Fundada em 1912

65 - DIA DA CARIOCA - 67 - DIC



Precisão e Requinte...

Demonstre agora, no Natal, o seu afecto por alguém que você estima ... Ofereça-lhe um LONGINES – quer seja simples ou luxuoso-que satisfaz sempre ao seu possuidor. Sua rara elegância, a par de uma precisão comprovada através de mais de 80 anos, fazem dessa glória da relojoaria suiça o mais valioso e ambicionado presente.

LONGINES

10 GRANDS PRIX

17 RUBIS

Std 2.107